



UMA NOIVA
em meu
caminho

JENNIFFER ALVES





UMA NOIVA
em meu
caminho

JENNIFER ALVES

UMA NOIVA
em meu
caminho

CONJUNTO



Sumário

[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da Autora](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimento](#)

[Leia também](#)



Você se casaria com um desconhecido após descobrir a traição do seu noivo?

Sofia Martin herdeira de uma Multinacional, descobre da pior forma que estava sendo traída pelo homem que amava, fazendo-a tomar a decisão mais idiota de toda sua vida.

Michael é filho do presidente do Moto Clube The Sanches, mas um roubo milionário coloca em risco sua vida e de sua família. Com a dívida e a cabeça a prêmio, ele precisa de dinheiro e principalmente recuperar o que lhe foi tomado, mas nunca imaginou que a solução dos seus problemas, apareceria vestida de noiva com um pedido de casamento.

Sofia e Michael são de mundos diferentes, porém, com corações quebrados pela traição, crescendo assim uma atração capaz de superar todas as barreiras impostas pelo destino. Uma história recheada de mistério, segredos e suspense que te fará se apaixonar e se envolver a cada página.

Copyright © 2020 Jenniffer Alves

Capa: E.S Designer

Imagens usadas: pt.pngtree

Revisão: Carina Barreira

Diagramação: Jenniffer Alves

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra através de qualquer meio — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Uma obra de Jenniffer Alves

Redes Sociais:



Jenniffer Alves



autora jenniffer alves



Autora Jenniffer

Dedicatória



Dedico esse livro à minha amiga Mariana que embarcou em mais uma aventura comigo, juntas e sem nenhum roteiro, construímos essa história eletrizante praticamente sem nada em mente.

Dedico também a Carina Barreira por sempre estar disposta a me ajudar, com sua visão aguçada e surtos incríveis durante a revisão demos vida a esses dois personagens.



Aviso:

O livro contém algumas cenas de suspense e assassinatos, para quem é mais sensível pode sentir um pouco de desconforto, mas nada que atrapalhe sua leitura.

E lá vamos nós para mais uma aventura, né?

Uma noiva em meu caminho nasceu de repente, sem nada em mente, queria tanto ler um livro de casamento de conveniência que decidi escrever um do jeitinho que gostaria de ler.

Michael e Sofia conquistaram meu coração de uma forma que nem sei explicar. Eu tinha em mente uma história água e açúcar, aquelas bem fofas e gostosinhas, mas acabou indo por um caminho diferente.

Se preparem porque você encontrará muitas cenas fofas, risadas, suspiros, aflição e tensão com uma história eletrizante e viciante.

Espero que goste, aproveite cada segundo da leitura e depois me conte tudo o que achou de Sofia e Michael.



Uma das coisas que prezo em minha vida é a lealdade e a amizade, o que torna isso muito difícil de encontrar no mundo onde o dinheiro lidera. Sempre vivi em uma bolha de vida perfeita, rodeada por pessoas que aparentemente não se importavam com dinheiro, acreditei que talvez gostassem de mim do jeito que sou. Porém, nada disso é real, mentiram e me enganaram, me apunhalaram pelas costas deixando um vazio em meu peito.

Se eu não tivesse o império que tenho, será que eu seria mais feliz? Será que as pessoas olhariam para dentro de mim em vez dos vários dígitos presentes na minha conta bancária?

Pensei que tudo era demais para mim, dinheiro, noivo, amigos, uma vida resolvida, planos e sonhos, mas de uns anos para cá, tudo está ruindo aos poucos, mostrando a verdade oculta por trás das mentiras e falsidade.

Estou longe de ser perfeita, tenho defeitos, inseguranças, medos e dores, ainda tenho muito o que aprender, mas quem me vê acha que tudo é impecável, divino... que tenho a vida dos sonhos... puro engano, quem acredita que o dinheiro é tudo nessa vida está muito enganado.

Dinheiro não compra felicidade, não compra o amor... Nada disso é comprável e sim conquistado. Dei tudo de mim, meu coração, minha lealdade e amizade, mas sabe quando você percebe que nada disso foi o suficiente e

que tudo foi em vão?

É o que sinto agora!

Abaixo a cabeça e aliso o vestido de noiva que por anos foi um sonho meu e da minha mãe. Sua saia de princesa e corset em pérolas nos fisgou no primeiro dia em que coloquei no corpo, naquele dia... olhando para aquele espelho acreditei estar fazendo a coisa certa, que estava casando com o homem ideal, e que iria viver meu conto de fadas.

Mais uma vez tudo foi uma ilusão... uma mentira.

Fecho os olhos enquanto lágrimas escorrem por meu rosto, a dor esmaga meu coração, tirando todo o ar dos meus pulmões. Sinto facas perfurando minha alma e nunca me senti tão sozinha em toda a minha vida.

Minha mãe era apaixonada por casamentos, não podia saber de um que já arrumava um convite para comparecer, me carregando com ela, e em todas as cerimônias ela chorava... Sempre dizia que de todos os dias especiais, o casamento era o mais importante deles, pois, marcava o começo de uma nova vida... o começo de uma família.

Inclino para frente abraçada ao meu corpo, reprimindo o choro e evitando fazer barulho para que não me ouçam... que não percebam que estou vendo e escutando tudo.

David entrou na minha vida de repente, quando encarei aqueles olhos azuis eu me senti sendo fisgada por ele, por seu sorriso e jeito gentil. Eu ainda era uma menina descobrindo o mundo, cheia de sonhos e planos que fui deixando de lado por começar a amar aquele homem sedutor que parecia ter olhos somente para mim.

Não demorou muito para nos envolvermos, quando completei 16 anos ele me pediu em namoro, jamais recusaria. Foi o dia mais feliz da minha vida, meu coração quase saiu pela boca e me senti a garota mais sortuda do mundo.

Ao longo dos anos a ligação entre nós, foi aumentando, tivemos alguns desentendimentos, mas nada que impedisse de pedirmos desculpas um para ao outro e seguir em frente. Entretanto, meu pai nunca foi de acordo com nosso relacionamento, por muitas vezes acreditei ser por ciúmes. Por ser filha

única, papai não estava preparado para deixar seu tesouro sair de suas mãos ainda mais sendo tão nova.

Não vou mentir ou ser hipócrita em dizer que nunca brigamos por David, e hoje me arrependo... por não ter dado ouvidos ao meu pai.

Quando David me pediu em casamento, pensei que o mundo era pequeno demais para suportar o que estava sentindo, minha mãe ficou nas alturas, ela era apaixonada por meu noivo, mas meu pai... ele não aceitou. Foram dias de discussões.

David já não estava mais aguentando tanta implicância, até que um dia papai deu uma trégua, se aproximou de David, deu um cargo alto na empresa e aceitou nosso relacionamento, tudo parecia se encaixar, até que... não pude mais escutar a voz dos meus pais.

Engulo as lágrimas e deslizo até o chão, reprimindo a dor dilacerante em minha alma. Sempre soube que a traição é algo doloroso, mas nunca a senti antes... até nesse momento. Foram seis anos... seis anos dando tudo de mim em um relacionamento de mentira. Inspiro fundo e coloco as mãos em meu rosto, meu corpo estremece devido ao choro silencioso.

— Falta tão pouco... — A voz arrastada dele é como sentir meus ossos se quebrando lentamente.

— Eu não quero que faça isso, mesmo sabendo que é necessário. Estou com muita inveja dela, nesse momento. — Camila resmunga enquanto David a beija.

— Tudo isso vai acabar, só espere mais um pouco. — Comprimos meus lábios trêmulos. — Ela é idiota demais para desconfiar de alguma coisa.

— Você precisa fazer o que tem que ser feito. — Camila diz com um suspiro. — Não vejo a hora de nos livrarmos dessa mosca morta.

— Nós iremos, em breve. — Ela solta uma risada baixa.

— Você me ama, David?

— Com toda a minha alma. — Balanço a cabeça, incapaz de acreditar que isso não é um pesadelo... que isso é real.

Quanta ironia... Estico meus lábios em um sorriso indignado, como

pode tudo ruir assim tão de repente? Eu tinha tantos planos... melhor, meus planos eram todos com David, mas ele soube me manipular e me iludir com maestria. Sua voz mansa, mãos carinhosas, seu sorriso sedutor foi minha perdição...

Dói tanto amar alguém que não dá a mínima para você e que por anos te enganou e mentiu... Eu fui tão cega!

Onde eu errei? Será que não fui o bastante? Um barulho me congela, eles não podem descobrir que estou aqui. Inclino para o lado e olho pela fresta da porta do banheiro. Eles estão vestindo suas roupas. Camila está com um vestido longo da cor verde folha cheio de pedrarias que realça seu corpo perfeito e David ajeita seu terno branco, aquele que eu o ajudei a escolher para esse dia que até minutos atrás era o momento mais feliz da minha vida.

Eles voltam a se beijar e segundos depois saem da sala, me deixando sozinha. Espero mais alguns segundos antes de cair no choro. Não posso acreditar... se não me amava porque me enganar dessa forma? Eu dormia com esse homem quase todos os dias, quantas vezes ele transou comigo depois de ficar horas com sua amante? Quantas vezes dormiu comigo, pensando nela?

Meu celular vibra me tirando do tormento da minha alma, encaro o aparelho caído no chão sem coragem de me mover. Respiro fundo quando ele toca pela terceira vez, estico e o pego com as mãos trêmulas, atendo a ligação.

— Sim...

— *Onde você está?* — Leticia pergunta. — *Você está quase atrasada.*
— Seu tom é de preocupação.

— Estou... — Limpo a garganta e inspiro. — Estou me arrumando.

— *Ainda?*

— Noiva demora para se arrumar. — Retruco, limpando meu rosto.

— *Certo, mas...* — Fecho meus olhos. — *Está tudo bem, Sofia? Sua voz está estranha.* — Encosto a costa da mão em meus lábios, impedindo que escute meu choro.

— Só estou triste por meus pais não estarem aqui neste dia.

— *Eles estão em seu coração, garota.* — Engulo as lágrimas e com dificuldade me levanto.

— Leticia?

— *Sim?* — Mordo meu lábio inferior.

— O que você acha de mim? — Ela fica em silêncio por alguns segundos.

— *Bom... você é legal, gentil e generosa.* — Responde com a voz vacilando. — *Você me ajudou muito quando precisei.*

— Você é minha amiga?

— *Colegas sim, amigas não.* — Rebate, com um pouco de impaciência. — *Esse tipo de amizade é profundo demais.*

Fico calada, Leticia é de longe minha melhor amiga, do grupo em que pertencemos ela é a mais distante de mim e um pouco excluída, talvez seja por não conseguir se encaixar em um mundo diferente do seu.

— É... — Balbucio. — Leticia?

— *Fala.*

— Se eu não fosse... milionária, você seria minha amiga? — Me encaro pelo espelho, a maquiagem está um pouco borrada e meus olhos castanhos estão devastados.

— *De certo que não.* — Sua sinceridade de algum jeito me conforta, ela nunca mede suas palavras. — *Preciso de dinheiro você sabe, e ganhei um emprego por isso, então se fosse pobre, não estaria perto de você.*

— Você me assusta. — Murmuro.

— *A cerimônia está prestes a começar, só falta a noiva.*

— Você consegue ver meu advogado?

— *Espere um momento...* — Mordo meu lábio inferior. — *Sim, consigo.*

— Me passa para ele, por favor.

— *Só um instante.*

Saio do banheiro à procura das minhas coisas e quando acho, apanho a maleta de maquiagem e volto para o banheiro, coloco o celular na pia e ativo o viva voz, tentando dar um jeito no meu rosto borrado.

— *Sofia?* — A voz de Eduardo navega por meus ouvidos, sinto-me querer quebrar novamente, mas me seguro.

— Edu, preciso que me tire uma dúvida.

— *Claro Sofia, qual a sua dúvida?*

— É sobre o testamento. — Engulo em seco e encaro o pincel de blush.
— Para que eu possa administrar minha herança, tenho que estar casada, certo?

— *Exato!*

— Isso inclui alguma ressalva, algum termo ou regra?

— *Não, apenas que você deve estar casada e cumprir seis meses de casamento.*

— Ou quando completar 23 anos?

— *Sim.*

— Porque meus pais fizeram isso? — Pergunto com um pouco de raiva, Eduardo respira fundo do outro lado da linha.

— *Eles acreditavam que, seis meses é um tempo satisfatório para ter certeza de que o homem que está com você irá amá-la.* — Suspiro, voltando a retocar a maquiagem.

— Eles fizeram isso por causa do David?

— *Seu pai nunca foi com a cara do seu noivo, Sof.*

— Mas isso inclui outra cláusula?

— *Não, somente essas duas regras.* — Umedeço meus lábios, olhando fixo para a torneira. — *Você só terá acesso a sua herança quando se casar ou fizer 23 anos, mas tem que permanecer casada durante seis meses, senão você perde tudo.*

— Certo. — Respiro fundo e me endireito. — Obrigada, Eduardo.

— *Por nada.*

— Pode fazer um favor para mim?

— *Claro.*

— Preciso de uma hora e meia. — Volto a me encarar. — Você consegue?

— *É seu casamento, você quem manda.*

— Certo, me espere nesse tempo.

— *O que pretende fazer, Sof?* — Saio do banheiro e seguro a maçaneta da porta que dá acesso ao salão de festas.

— Arrumar um novo noivo. — Finalizo a ligação e abro a porta, determinada a fazer a maior idiotice de toda a minha vida.



Seguro a saia do vestido e caminho pelas ruas atrás de algum lugar onde eu possa encontrar um noivo. Era o sonho de minha mãe que eu casasse nessa igreja por achar ela linda, o que é verdade, sua decoração parece um castelo, porém, o bairro onde se encontra é mais afastado e um pouco perigoso.

San Diego tem vários lugares que são comandados por gangs, mas nunca deparamos com homens desse tipo, acho que como estamos sempre com seguranças espalhados ao redor da igreja, mamãe acreditou que nada de ruim iria acontecer. Ela, meio que gostava de se aventurar.

Alguns carros e pessoas passam e me lançam olhares estranhos, se perguntando o que uma noiva faz andando pelas ruas às seis da tarde de um sábado. Vejo também alguns homens esquisitos e com roupas largas me encarando do outro lado da rua, meu coração acelera, mas ignoro tudo ao meu redor e continuo caminhando.

Aonde quer que meus pais estejam, eles devem estar enlouquecidos pelo que estou prestes a fazer. Entro em uma ruela mais afastada, não conheço nada desse bairro, mas ele deve me levar para algum lugar onde eu possa encontrá-lo.

O que irei fazer poderá colocar minha vida em risco, posso muito bem

acabar me casando com um psicopata, um lunático ou qualquer um que seja perturbado o suficiente para me machucar, porém, nesse momento, qualquer um é melhor que David.

Tenho a opção de cancelar o casamento, mas não posso pensar nisso, porque a Multinacional precisa de mim e não deixarei que outro a comande, ainda mais se estiver nas mãos da justiça ou... na de David. E tem todos os funcionários da Martin que precisam de mim, não posso deixá-los na mão. Então, preciso me casar, querendo ou não.

Ergo a cabeça e congelo, estava com a mente tão longe que nem prestei atenção por onde andava. Engulo em seco, encarando o Moto Clube barra pesada à minha frente.

Já ouvi muito falarem deles, do quanto são perigosos e temidos, mas pensei que eram... uma invenção, embora eu já os tenha visto andando pela cidade, nunca dei muita importância para isso.

Agarro mais o tecido do meu vestido quando encaro os olhos dos homens sentados nas suas motos, fumando, bebendo e me olhando. Eles são extremamente tatuados, alguns mais que os outros. Dois deles tem cabelos compridos e barba, um é careca, e todos estão vestindo roupas de couro.

Meu corpo estremece quando um deles faz uma piada sobre mim, fazendo todos gargalharem. Engulo em seco, talvez aqui... Olho para trás em busca de alguma saída. Acho que aqui não é um bom lugar, volto a olhar quando um deles começa a caminhar em minha direção. Prendo a respiração prevendo um caminho sem saída.

O motoqueiro que vem ao meu encontro está vestido com uma jaqueta, seus cabelos são compridos e tem um olhar frio, parecendo aqueles homens da montanha ou das cavernas, deixando-me ainda mais nervosa.

Ele para diante de mim, seus olhos escuros navegam por meu corpo e em seguida estampa um sorriso em seus lábios delineados. Encaro seu rosto e prendo a respiração percebendo o quanto é lindo, alto, forte e, ao mesmo tempo, assustador.

— Uma noiva em fuga? — Sua voz grossa me dá arrepios.

— Não... — Respondo com nervosismo, ele inclina a cabeça para o

lado, me olhando com atenção, sua mente deve estar cheia de perguntas. — Você é... dono daqui?

— Você quer dar uma passeada? — Olho por cima do seu ombro e pondero seu convite.

— Eu posso? — Ele solta uma risada.

— Se você quiser ser alvo... de fantasias sujas, acho que pode sim. — Solto a saia do meu vestido e limpo as mãos trêmulas no tecido.

— Entendi...

— O que você entendeu? — Comprimo meus lábios e fito seu rosto.

— Que não é um bom lugar para eu entrar e... comprar uma bebida.

— Ótimo, agora se vire e volte para seu conto de fadas. — Faço uma careta.

— Meu conto de fadas não está muito legal. — Retruco, lançando um sorriso inocente. — Estou à procura de algo.

— Aqui só vai encontrar homens loucos para arrancar esse vestido e...

— Ok, não precisa entrar em detalhes. — Corto-o, mordo meu lábio inferior. Volto a olhar por cima do seu ombro, será que... — Você tem namorada?

Ele franze a testa e me lança um olhar esquisito, tentando assimilar se eu realmente perguntei isso. Fitando-o com mais atenção, ele não parece ser um psicopata, está sendo gentil comigo e talvez ele possa...

— Arthur? — Ele olha para trás quando um homem barbudo e barrigudo grita. — Temos um problema.

— Porra... — Arthur volta a me olhar. — Vai embora, aqui não é lugar para você, princesa. — Ele me dá as costas e entra no Clube, sendo seguido pelos outros que estavam aqui fora.

Coloco a mão no peito e solto a respiração, ele é intenso... Sem me importar com seu aviso e ignorando-o, me aproximo das motos, fascinada por sua beleza, algumas são lindas e outras são bem esquisitas.

Nunca me interessei por motos, mas essas são bem diferentes. Sorrio ao

me imaginar em uma delas, dirigindo por uma estrada em uma tarde acompanhando o pôr do sol, sentindo o vento bater no meu rosto e os cabelos voando enquanto o coração bate livre sem um destino em vista.

Agora entendo porque dizem que os motoqueiros são almas livres. Olho para porta do Clube, afasto das motos e subo o pequeno lance de escadas, talvez aqui seja o lugar onde encontrarei um noivo. Esfrego as mãos e inspiro, tomando coragem para entrar e enfrentar todos aqueles homens.

Eu sei, isso é burrice! Esses caras aqui mexem com contrabando, tráfico e uma porrada de ilegalidades, são criminosos e perigosos. Sei do perigo que estou me metendo, porém, preciso me casar, e se o destino me trouxe aqui, então é aqui onde eu o encontrarei.

Quando estou prestes a passar pela porta, uma conversa me chama atenção, dou um passo para trás. Desço os degraus e caminho em passos lentos em direção ao barulho, me escondo quando avisto dois homens em uma conversa nada amigável.

— Porra, como você pode deixar que isso acontecesse? — Arthur pergunta furioso para o homem diante de si, não consigo ver seu rosto, apenas suas costas.

— Eu não sei, droga! — Ele bagunça seus cabelos. — É tudo uma merda, eu não pude fazer nada!

— Você está fodido, Michael. — Artur diz, exasperado.

— Não tive culpa cara. — Michael soca a parede. — Eles roubaram toda a carga, foi planejado, eles sabiam o que estávamos transportando.

— Merda... — Me escondo quando Arthur olha em minha direção. — E agora?

— Eu não sei...

— Olha, eu acredito em você, sei que, nunca faria algo do tipo, mas... só quatro pessoas sabiam desse transporte. — Uma mulher passa pela rua e me encara esquisito, ofereço-lhe um sorriso, ela desvia o olhar e segue seu caminho.

— Temos um rato. — Michael constata em uma voz sussurrada. — Porra, não há outra explicação.

— Vamos dar um jeito.

— Como? — Olho para eles. — Como vamos dar um jeito se é a minha cabeça que eles querem? — Arthur fica calado.

— Tem outra coisa. — Arthur entrega um celular a Michael. — Sinto muito cara, é uma puta desgraçada.

Não consigo ver a reação de Michael, mas pela forma que Arthur falou, não é nada bom.

— Você contou algo a ela? — Michael devolve o celular a Arthur sem dizer nada. — Desgraça Michael, agora está explicado.

— Não foi ela, cara!

— Ah não? — Arthur empurra seu ombro, mas ele não se move. — Você é um puto desgraçado.

Michael abaixa a cabeça e Arthur fecha os olhos, se controlando para não estourar. De alguma forma me sinto como Michael, vendo meu mundo ruir sem poder fazer nada. Foi assim quando perdi meus pais, e assim, ao descobrir a traição do meu noivo.

São situações que não temos controle, tudo se torna uma bolha de problemas, como se um encorajasse os outros a se revelarem. Logo a paz vai embora dando espaço aos tormentos, as dores e decepções.

— Preciso pensar. — Michael diz depois de longos segundos de silêncio. — Preciso de um tempo.

— É bom você já ir pensando, você não sabe a encrenca que se meteu. — Arthur se afasta e entra no clube, deixando Michael sozinho.

Ele soca a parede, parece estar tão derrotado. Ele se vira e encosta na parede, deixando sua cabeça abaixada e seus ombros caem, como se tudo isso fosse pesado demais para ele suportar.

Me afasto de onde estou e me aproximo dele em passos lentos, receosa em puxar conversa nesse momento. Engulo em seco e desço meus olhos por seu corpo. Vestido com uma jaqueta de couro, calças jeans e coturnos, sua masculinidade espalha por todos os lados e sua postura é de um homem perigoso. Penso que mesmo que tivesse em volta de pessoas engravatadas,

todos perceberiam que ele é de outro mundo.

— Eu acho que tenho uma solução. — Ele levanta a cabeça ao escutar minha voz, seus olhos escuros se fixam nos meus, minha pulsação acelera quando fito seu rosto... Sua pele é bronzeada, seus cabelos castanhos com tons dourados, estão um pouco bagunçados, sua barba está aparada, ressaltando sua beleza sobrenatural.

Michael me encara com intensidade, seus olhos parecem assustados, o que não é para menos, deve estar achando que está sonhando, afinal, uma noiva parada na sua frente com uma solução em mãos não acontece todos os dias.

— Eu estou morto? — Franzo a testa, seus olhos navegam por meu corpo, depois ele olha para os lados e de volta para mim.

— Não entendi.

— Eu também não. — Comprimo meus lábios, ele continua me encarando como se estivesse sonhando. — Um anjo talvez?

— Ah... não, não. Sou real. — Lanço um sorriso sem graça, ele inclina a cabeça. — É só um vestido de noiva e acho que um anjo não apareceria desse jeito.

— Então como apareceria? — Dou de ombros, olhando para trás quando escuto barulho de motor de moto.

— Sei lá, nunca vi um.

— Então o que faz uma noiva parada na minha frente? — Volto minha atenção a ele. Michael cruza os braços.

— Estou aqui para te dar uma solução. — Seus lábios se esticam em um sorriso lento.

— Uma solução?

— Acredito que nós dois estamos no mesmo barco, então o que irei propor pode ser a solução para nossos problemas e...

— E? — Abaixo meus olhos e encaro minhas mãos.

— Olha Michael...

— Você sabe meu nome?

— Escutei. — Digo, umedecendo meus lábios. — Sei que isso pode parecer loucura, mas eu preciso fazer isso e se nós nos ajudarmos, poderemos sair dessa, juntos. — Ele ergue as sobrancelhas, é visível sua confusão. Michael deve estar achando que sou perturbada da cabeça e... talvez eu seja.

— Você fugiu do seu casamento e quer ajuda para se esconder? — Nego com a cabeça.

— Não estou fugindo, eu vou me casar hoje.

— Ótimo, que bom, então o que faz aqui?

— Para te fazer um pedido.

— Que pedido? — Me aproximo dele, Michael franze mais a testa e desencosta da parede um tanto incomodado com a minha aproximação, respiro fundo e fixo meus olhos nos seus.

É a maior loucura da minha vida, ele tem perigo e problema estampados na testa e... bem, é lindo. Preciso arriscar, ele está com problemas e tenho que usar isso a meu favor, não tenho outra alternativa. Respiro fundo, limpo a garganta e permito que minhas palavras saiam pela minha boca.

— Você aceita se casar comigo, Michael?



Minha vontade nesse momento é gargalhar, não posso estar escutando isso, essa garota está perturbada. Ela me encara e o que me impressiona é a determinação em seu olhar, não parece que está brincando.

Quando penso que minha vida não pode piorar, uma noiva extremamente linda e visivelmente perturbada, aparece em meu caminho com um pedido de *casamento* depois de eu ter perdido uma carga valiosa, e descobrir que minha namorada está me traindo com meu inimigo.

Sério que estou ouvindo isso? Aposto uma grana que ela fugiu de algum hospício, mas seu vestido está impecável e é perfeito. Franzo a testa, encarando a garota diante de mim. Seus olhos castanhos estão... tristes, seu rosto delicado está pálido e ela parece estar assustada, ao mesmo tempo que está tomada por coragem.

Umedeço meus lábios e olho para suas mãos agarradas na saia do vestido. O que aconteceu? Sua garganta move, no seu pescoço há um colar, que dou minha vida se isso não vale no mínimo dez mil reais.

— Eu sei que pareço uma louca...

— Você é louca! — Afirmo, ela inspira e seu peito sobe e desce em uma respiração acelerada. Tudo nela exala dinheiro, mas é sua beleza que me deixa hipnotizado.

— Eu preciso que se torne meu noivo e se case comigo. — Ela levanta a cabeça e me olha com mais determinação ainda, uma risada insiste em sair, mas me seguro.

— Precisa?

— Você perdeu uma carga, que certamente é contrabandeada ou é drogas, imagino que seja cocaína. Já assisti muitos filmes e séries para saber qual é a carga que vocês negociam. Aparentemente você descobriu estar sendo traído por sua namorada, então isso nos coloca na mesma estrada. Você está encrencado e posso te tirar dessa, apenas precisa me dar seu sim. — Ela se cala, ofegante. Arqueio uma sobrancelha, impressionado com sua ousadia.

— Isso quer dizer que sou um criminoso?

— Você é! — Ela confirma. — Mas posso te ajudar a consertar suas merdas.

— Minhas merdas?

— Eu sou rica, muito rica mesmo... extremamente rica. — Seus olhos desviam dos meus por alguns segundos. — Se você se casar comigo, posso te dar dinheiro, tipo... dez mil dólares por mês.

Solto uma risada, que merda essa garota está dizendo?

— É sério, Michael! — Fito seu rosto, meu nome saindo de sua boca desperta algo novo em mim. — Dez mil, posso te dar dez mil.

— Você quer me comprar?

— Sim, quero sim! — Balanço a cabeça, reprimindo a gargalhada. — Preciso de seis meses, depois assinamos o divórcio e você está livre. — Aliso meus cabelos, ela acompanha meu movimento com os olhos.

— E quer que eu aceite?

— Você se casa comigo, eu te dou dez mil por mês. Isso totaliza sessenta mil dólares.

— Para ficar casado com você?

— Sim, Michael! — Ela estala seus dedos com nervosismo. — Mas você pode fazer o que quiser, não vou ser chata, preciso apenas que fique

casado comigo e que possamos... bem, comparecer em compromissos de família e tudo mais, coisa que marido e mulher fazem.

— Um casal faz muitas coisas... — Sorrio com malícia, ela me encara, seus olhos brilham e retribui o sorriso, fazendo meu coração bater mais forte.

— Você poderá fazer isso que está em mente com outras, não comigo.

— Serei um marido infiel?

— Então você aceita? — Solto uma risada e umedeço os lábios. — Não seremos um casal de verdade, só de mentira, você não vai ser infiel.

— Por que eu?

— Como falei, você está na merda e estou aqui para te tirar dessa.

— Eu não estou à venda. — Ela me fita.

— Qual é Michael, são sessenta mil dólares, se for converter em real dão mais de 357 mil. Não pode ser tão ruim assim. — Ergo as sobrancelhas, me divertindo com toda essa situação.

— Tem certeza?

— Sou boazinha. — Ela me lança um sorriso inocente.

— Você está delirando.

— Não estou não. — Olho para o chão. Será que isso é real?

— Michael? — Olho para trás quando Arthur me chama, ele se aproxima e a encara. — Você aqui ainda?

— Pois é... — Ela murmura sem graça.

— Você conhece essa louca? — Pergunto, Arthur dá de ombros.

— Ela estava parada na frente do clube, pensei que estava perdida.

— Não estou.

— Noiva em fuga?

— Também não. — Responde, tirando uma risada de Arthur, ele se aproxima de mim.

— Ele já ficou sabendo, quer parte do pagamento. — Fecho meus olhos com raiva.

— Quanto? — Aperto o maxilar, temendo o valor.

— Dezoito mil até amanhã, ou então...

— Porra...

— Precisa arrumar essa grana, cara. — Arthur me encara preocupado.
— Não quero enterrar mais um irmão.

— Eu consigo o dinheiro.

— Como?

— Apenas fala para ele que terei o dinheiro, ok? — Arthur respira fundo, assente e nos deixa sozinhos de novo.

Olho para a garota parada diante de mim, ela contorce seus dedos com ansiedade. Talvez ela esteja certa, essa noiva parada à minha frente pode ser a solução dos meus problemas, só preciso me blindar do seu sorriso e olhar inocente, porque da mesma forma que pode ser minha salvação, ela poderá ser a minha perdição.

— Vinte e cinco mil. — Ela arregala os olhos. — Não sou barato.

— Dezoito mil.

— Vinte se quiser me ter. — Ela morde o lábio inferior e desvia os olhos, pensativa.

— Certo, vinte mil todo mês na sua conta.

— Preciso do primeiro pagamento amanhã no máximo. — Ela balança a cabeça.

— Você o terá.

— Seis meses?

— Sim, apenas seis meses. — Respiro fundo, esfrego meu rosto e tomo a decisão mais idiota de toda a minha vida.

— Eu aceito sua proposta. — Ela congela, seus olhos lacrimejam, mostrando o quanto meu sim é importante. — Aceito me casar com você.

Ela coloca as mãos na boca e se vira, tentando esconder as lágrimas que escorrem por seu rosto.

— Meu nome é Sofia Alves Martin. — Ela se vira e estende a mão.

— Michael Castro Sanches. — Seguro sua mão trêmula, ela abaixa a cabeça e força um sorriso.

— Nosso casamento é daqui trinta minutos na Diocese Católica Romana de San Diego, e a festa será no salão. — Sofia solta minha mão. — Depois iremos para minha casa...

— Sua casa?

— Seremos um casal, temos que morar juntos. — Ela respira fundo e me fita. — Meu... noivo estará no altar, então quando eu me aproximar, você toma minha mão, pode ser?

— Você tem um *noivo*? — Me arrependo de ter aceito, essa garota é problema.

— Nada do que precise se preocupar. — Assegura. — Explico depois, apenas faça como combinamos.

— Certo...

— Pode arrumar um padrinho e chamar seus amigos, a festa é de gente rica, eles vão gostar. — Sofia dá um passo para trás e sorri para mim. — Te espero na igreja, ok?

— Estarei lá.

— Promete? — Assinto, colocando as mãos nos bolsos.

— Nunca quebro minhas promessas.

— Ok... — Uma lágrima solitária cai de seu olho antes dela se virar e sair apressada.

Não faço ideia do que está acontecendo ou do que acabei de fazer, não tive como recusar essa proposta. Engulo em seco, esfrego meu rosto e me viro, Arthur me encara com os braços cruzados. Respiro fundo, sentindo meu coração bater mais forte que o normal.

— Arrumei a grana.

— Ah é? — Estalo a língua e o encaro.

— Você aceita ser meu padrinho de casamento?



De volta à sala de espera, encaro minhas mãos trêmulas sem acreditar no que fiz, se é certo ou errado, não há mais volta, irei até o fim.

Eduardo entra na sala e se senta à minha frente, ele segura minhas mãos, fecho os olhos e me permito chorar mais um pouco. Meu coração está doendo demais e tudo recai em meus ombros, a morte dos meus pais, a responsabilidade das empresas e a traição das duas pessoas que pensei que me amavam.

— Vai ficar tudo bem! — Eduardo assegura, nego com a cabeça, porque sei que não vai ficar.

— Eles me esfaquearam, Edu. — Encaro meu primo, de toda a minha família, ele é o único que se importa comigo, vejo seu amor em suas atitudes.

— Sinto muito. — Ele abaixa a cabeça, decepcionado por sua irmã ser a responsável por tudo. — Você tem certeza do que está fazendo?

— Não, mas não posso deixar David como presidente.

— Você tem a opção de não se casar.

— E deixar com que o juiz dite quem irá administrar meu dinheiro? — Edu comprime seus lábios. — É só por seis meses, vai ser rápido. — Asseguro, tentando convencer a mim mesma.

— Deveria ter me contado antes, Sof.

— Eu precisava fazer isso sozinha. — Digo, limpando as lágrimas. — Estou cansada de ser vista como menininha indefesa e inocente, não sou assim.

— Eu sei...

— Ele falou alguma coisa?

— Quem? — Edu franze a sobrancelha.

— David e Camila.

— Não, só estão preocupados com seu atraso. Leticia comunicou a todos que houve um problema com seu vestido. — Assinto, apertando suas mãos.

— Eu queria tanto que eles estivessem aqui. — Edu me puxa para seus braços.

— Eles estão, Sof, em seu coração. — Meu corpo estremece quando o choro intensifica. — Precisa se recuperar, entrar naquele altar e se casar com esse cara que não faço ideia de quem seja.

— Você não vai gostar dele. — Confesso, me afastando. — Ninguém vai.

— Todos olham para seu dinheiro, claro que não vão gostar. — Respiro fundo e enxugo meu rosto.

— Mas é sério, você não vai gostar dele. — Edu me olha desconfiado. — Preciso que me arranje vinte mil dólares antes da festa acabar.

— Vinte mil? — Assinto. — Não sei se consigo esse dinheiro agora.

— No cofre tem a quantia que precisa. — Edu suspira, meneando a cabeça.

— Você contratou um marido? — Abaixo a cabeça e acaricio sua mão com meus dedos.

— Ele está em uma situação que me favoreceu.

— Você escolheu um problema.

— Melhor que David. — Eduardo suspira e deixa seus ombros caírem.

— Se arrume, está na hora de enfrentar seu destino. — Ele se levanta e deixa a sala.

Muitas coisas irão mudar daqui para frente, seja para pior ou para melhor, eu não sairei daqui como antes. Mas não deixarei que me enganem, mesmo me casando com um homem que nunca vi em toda minha vida, me reerguerei e serei feliz, porque a minha felicidade será a melhor de todas as vinganças.



Parada em frente à porta da igreja, sinto meu coração bater acelerado. Olho para os lados em busca de algum sinal de Michael, mas não há ninguém, além dos fotógrafos.

Eduardo me lança um olhar preocupado, preciso entrar agora e acabar com tudo isso. Leticia se aproxima e me entrega o buquê de rosas-vermelhas, engulo em seco e solto um suspiro longo.

— Sof, desista dessa loucura, apenas entre e cancele tudo. — Edu segura meus ombros.

— É burrice, garota. — Olho para Leticia, ela não me deixou por nenhum momento desde que voltei.

— Não vou desistir.

Fecho meus olhos, respiro fundo e encaro Eduardo com determinação. Aceno de leve com a cabeça, ele se afasta e segundos depois escuto a marcha nupcial. Leticia resmunga, eu ignoro.

As ondas da música percorrem meu corpo, nunca pensei que teria tanto nojo desse momento. Ódio e dor se misturam, dou um passo à frente, depois outro e mais outro...

Uma lágrima escorre por meu rosto quando meus pés tocam o tapete

vermelho, analiso a decoração da igreja, tudo foi planejado com carinho por minha mãe antes de morrer. Os convidados me observam, pessoas importantes, familiares, funcionários, amigos da faculdade e meu noivo.

Em um momento penso que tudo o que vi naquela sala, dele aos beijos com minha melhor amiga não passou de um pesadelo... sim, com toda certeza é um pesadelo, e foi tão real que estou confundido com a realidade, mas... ao olhar para Camila, seus olhos fervendo de raiva e o sorriso forçado me dizem a verdade, que nada é ilusão.

Como eu pude ser tão burra?

Volto a olhar para os lados em busca de Michael, ele prometeu que viria, que se casaria comigo, será que desistiu? Aperto com mais força o buquê, não posso culpá-lo por não comparecer, então terei que enfrentar o que está à minha frente.

Cada passo é uma dor dilacerante em meu coração, a traição pesa a cada segundo. Queria dar meia volta e ir embora daqui, sinto vontade de gritar, dizer o quanto isso está me destruindo, que estou sendo esmagada aos poucos...

Minhas lágrimas transbordam, muitos diriam que estou emocionada demais por estar realizando um sonho, mas essas lágrimas são de raiva e de dor.

Paro em frente ao altar, Leticia e Eduardo estão me olhando, quero tanto poder pedir para que me tirem daqui, dessa palhaçada, dizer que tudo isso está me machucando mais do que posso suportar.

Edu abaixa a cabeça, incapaz de fazer alguma coisa, pois, já tomei minha decisão. Leticia me dá um aceno de leve, um gesto de coragem. Engulo em seco e encaro David que vem ao meu encontro.

Seus olhos azuis-claros se fixam nos meus, se não tivesse descoberto suas mentiras, talvez eu tenha acreditado que ele realmente está emocionado. David estende a mão, não consigo desgrudar meus olhos dos dele.

— Sofia? — Ele me chama baixinho, olha para os lados, lançando sorrisos para os convidados. — Ei... — Dou um passo para trás quando tenta segurar meu rosto, seu sorriso desaparece.

— Por quê? — Minha voz sai sussurrada, ele franze a testa.

— O que foi? — Ele pergunta, gesticulando para que a música continue para abafar nossa conversa. — Aconteceu alguma coisa, amor?

Meus lábios se esticam em um sorriso sombrio, David engole em seco, incomodado com minha reação.

— Amor, é? — Murmuro. — Meu ovo...

— O quê?

— *Amor é meu ovo!* — Minha voz eleva, ele não faz ideia do que estou falando. — Eu te odeio seu idiota de merda, estúpido, desgraçado... — David me encara em confusão.

— Você está falando português, amor. — Solto outra risada, ele é tão... porra...

— Você me ama? — Pergunto em inglês agora.

— Claro, estou aqui por você.

— Mentiroso de merda. — Volto a xingá-lo em português.

— Sofia...

— Se você me ama, David, — me aproximo dele — por que estava transando com Camila na igreja... no dia do nosso casamento? — Ele congela, estalo a língua e suspiro. — Como vai me explicar?

Encaro seus olhos que adquirem um brilho de desespero, seu plano foi por água abaixo e acabo de derrubar sua máscara de bom moço.

— Você enlouqueceu? — Diz, segurando meus ombros. — Está louca, Sofia? Eu nunca faria isso, quem te contou essa barbaridade?

— Eu vi com meus próprios olhos. — Afasto suas mãos de mim. — Escutei com meus próprios ouvidos.

— Você se confundiu...

— Vou te dar um aviso. — Seguro sua gravata e o puxo até seu rosto ficar centímetros do meu. — Saia dessa igreja se você não quer que sua reputação seja manchada, porque apesar de tudo, eu ainda te respeito e te amo. Então, David, recolha sua dignidade e saia dessa igreja sem olhar para

trás.

— Não faz isso... — Pede com olhos lacrimejando. — Eu te amo mais que tudo nessa vida, Sofia, foi só... foi um erro e quando eu a vi entrando por aquelas portas, vestida com esse vestido percebi a burrada que cometi.

— E quer que eu acredite? — David fica me encarando, nunca mais vou ser capaz de acreditar em suas palavras de novo. Ele suspira.

— Eu te amo...

— Eu também, David. — Confesso, fecho meus olhos por alguns segundos. — Por isso que estou te pedindo para sair daqui.

— Olha, eu errei...

— Vai embora!

Solto sua gravata, levanto minha mão, a música para e a igreja se silencia. David fica me olhando por longos segundos, ponderando se vai ou permanece. Ele está em uma posição difícil, os convidados são importantes demais para seus negócios... para nossos negócios.

— Espero que não se arrependa disso. — Fala amargurado, engulo a emoção e o choro.

— Eu não vou. — Ele assente, olha para os lados e passa por mim, esbarrando com força em meu ombro.

Cochichos e murmúrios começam a tomar conta de toda a igreja, meus ombros pesam e reprimo o choro. Sinto-me envergonhada, eu que serei julgada, aos olhos de todos eu fui abandonada no altar por simplesmente não ser capaz de gritar com toda força que ele me traiu.

Estou tão derrotada... sozinha e... levanto a cabeça quando ele para à minha frente, seus olhos escuros se prendem nos meus, são reconfortantes. Toda a igreja se cala quando ele estende a mão.

— Desculpe o atraso. — A voz de Michael estremece meu corpo, ele ainda está com as mesmas roupas, só que sem a jaqueta, deixando à mostra seus braços tatuados.

— Eu pensei...

— Nunca quebro minhas promessas. — Sussurra, ele segura meu rosto

e limpa minhas lágrimas. — Vamos fazer isso, ok? — Assinto, sei que é por causa do dinheiro, mas de alguma forma isso me deixa... mais forte.

— Ok! — Respiro fundo e dou a mão a ele, que me segura firme.

Levanto meu olhar e encaro o Padre diante do altar que nos encara de forma horrorizada.

— Estamos todos reunidos aqui para celebrar o casamento de Sofia Alves Martin e David... — O padre se cala quando Michael levanta a mão, calando-o.

— Michael Castro Sanches. — Lanço um olhar em direção ao Eduardo, ele está pálido.

— Estamos todos reunidos aqui para celebrar o casamento de Sofia Alves Martin e Michael Castro Sanches... — O Padre continua, fecho os olhos e abaixo a cabeça. — Eles escolheram um ao outro como sua família, e hoje estão celebrando o amor que já começou e que vai continuar crescendo ao longo dos anos. O casamento é a união, é a caminhada rumo a um futuro, que envolve abrir mão do que somos, separados, em prol de tudo o que podemos vir a ser, juntos...

Tudo uma mentira, sinto vontade de rir dessas palavras que não tem nenhum significado, estou me casando com um homem que não conheço, um cara todo errado que está aqui por dinheiro.

Limpo meu rosto, não quero mais chorar por causa de David, olho para o lado, na parte mais isolada, vejo-o encostado na parede com braços cruzados, assistindo de camarote sua derrota.

Quero poder rir da sua cara, da sua incapacidade de dizer algo, porque além desse casamento, é sua reputação que está em jogo, para ele isso é mais importante do que lutar por mim.

Camila se aproxima dele, seus olhos estão fixos nos meus, ela diz algo, segura seu braço, mas ele se desvencilha com brutalidade. Não faço ideia do que se passa em sua mente, talvez raiva por estar perdendo sua fortuna por um homem errado ou... com toda certeza deve estar sentindo a dor da traição, e é isso que todos estão achando.

Sofia Martin trocou seu noivo no altar e se casou com um marginal.

Grande bosta!

Desvencilho meus olhos dele quando Michael puxa de leve minha mão, olho para ele que me fita com atenção. Abaixo a cabeça envergonhada demais para encarar qualquer pessoa.

— Sofia e Michael, vocês já foram muitas coisas um do outro, amigos, companheiros, namorados, noivos. — Solto uma risada baixa, nunca fomos nada, *senhor Padre*. — Agora, com as palavras que vocês estão prestes a trocar, vocês passarão para a próxima fase.

Michael me gira, seus olhos me analisam, não vou desistir nessa altura do campeonato, vou continuar.

— Pois, com estes votos, vocês estarão dizendo ao mundo: “este é meu esposo”, “esta é minha esposa”. — Umedeço meus lábios, voltando a ficar nervosa. — Michael Castro, é de livre e espontânea vontade que você aceita Sofia Martin como sua companheira em matrimônio?

Michael fica me encarando por longos segundos, seus olhos vacilam um pouco e sei que está pensando se tudo isso vale a pena. Ele morde o lábio inferior e meneia a cabeça. Prendo a respiração com medo dele...

— Aceito. — Meu corpo inteiro relaxa. Ele disse *sim*!

— Sofia Martin, é de livre e espontânea vontade que você aceita Michael Castro como seu companheiro em matrimônio?

Inspiro fundo e abaixo a cabeça, se meus pais estivessem vivos nada disso estaria acontecendo. Se eu tivesse escutado meu pai quando me falou que David não me amava e queria apenas meu dinheiro... talvez tudo tivesse sido diferente.

Olho para trás, David dá um passo à frente, meu coração dispara desesperado para que ele... lute por mim, mas ele apenas balança a cabeça e me olha enojado, desvio meu olhar e volto a encarar Michael, que observa David.

— Eu... aceito. — Minha voz sai embargada, Michael inspira fundo.

— Assim sendo, por favor, deem-se as mãos e preparem-se para dar e receber os votos de amor, que estão entre os maiores presentes da vida. — Suas mãos grandes envolvem as minhas, ele me acaricia com os dedos, como

se estivesse me reconfortando.

Engulo em seco e suspiro, minha garganta fecha em busca das palavras certas. O Padre aproxima o microfone e encaro os olhos de Michael.

— Sei que tudo isso é... um grande problema, mas prometo não ser chata e fazer com que tudo passe logo, e que não o deixe frustrado. Você pode contar comigo para o que precisar, Michael, eu devo isso a você. — Aperto suas mãos, tentando controlar o choro. — Obrigada... por estar aqui. — Sussurro, ele inspira fundo antes de começar a falar.

— Tentarei fazer com que isso não se torne pesado demais para você. — Assinto, ele me lança um sorriso fraco. — Vamos fazer dar certo.

— Tá! — Murmuro em resposta.

— E agora as alianças. — O Padre diz e olha além de mim, mas as alianças era responsabilidade de David. Michael solta minha mão e tira do seu bolso um par de alianças e entrega ao padre, olho para ele em questionamento.

— Achei que iria precisar. — Diz com um sorriso travesso, que acaba me deixando paralisada com as fisgadas que sinto no peito.

— As alianças são símbolos físicos do compromisso de um casal e de sua ligação emocional e espiritual. Elas são consideradas um círculo perfeito, sem começo nem fim. — Michael volta a segurar minhas mãos. — Sofia e Michael, que estas alianças sejam um lembrete visível de seus sentimentos um pelo outro por toda vida. Ao olhar para elas, lembrem-se que vocês têm alguém especial com quem compartilhar suas vidas. Lembrem-se de que vocês encontraram um ao outro, e um no outro, e de que nunca mais andarão sozinhos.

Nosso olhar se encontra, a cada palavra sinto meu coração bater mais forte. Nada disso é verdade, o homem que está diante de mim não me ama, não temos uma vida e é tudo um plano, mas mesmo assim, sinto algo nascer dentro de mim, não sei explicar o que é.

— Sofia Martin, eu te dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser minha esposa e minha melhor amiga. — Michael engole em seco, como se as palavras estivessem pesadas demais para serem ditas. — Receba-

a e saiba que eu... te amo. — Ele coloca a aliança em meu dedo.

— Michael Sanches, eu te dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser meu esposo e melhor amigo. — Inspiro e coloco a aliança em seu dedo, lágrimas escorrem por meu rosto, e assim como as dele, minhas palavras são pesadas demais. — Receba-a e saiba que eu te amo.

Michael entrelaça nossas mãos, comprimo meus lábios, reprimindo o choro, a dor... a desolação.

— “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” (1 Coríntios 13:4-7)

Fecho meus olhos absorvendo o versículo que diz como um soco em meu estômago, que David nunca me amou e me respeitou, apenas me enganou por todo esse tempo. Não há mais volta, agora é seguir em frente e fazer que isso valha a pena.

— Sofia Alves Martin e Michael Castro Sanches ninguém além de vocês mesmos detém o poder de proclamá-los esposo e esposa. Porém, vocês nos escolheram como anunciante desta boa nova. E assim, tendo testemunhado sua troca de votos diante de todos que estão aqui hoje, — respiro fundo e encaro Michael — é com grande alegria que eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Ficamos encarando um ao outro, ele esperando permissão e eu... bom, nunca fui beijada por outro homem a não ser por David. Fecho meus olhos e assinto de leve, volto a abri-los quando sinto as mãos de Michael em meu pescoço, ele me olha com intensidade e se aproxima.

— Vamos ser convincentes. — Murmura, sua respiração se mistura com a minha, seu corpo se cola ao meu e seu cheiro... inspiro seu cheiro e fecho meus olhos quando seus lábios tocam os meus.

Sinto a pressão sanguínea aumentar quando me puxa pela cintura, colando mais meu corpo no seu. Tudo ao meu redor desaparece quando sua língua toca a minha, é como se já houvesse uma ligação entre nós, sinto algo se acender... uma faísca dentro do meu coração ao sentir seu sabor.

Levo as mãos em seus cabelos, sentindo-me especial... mesmo com toda essa situação caótica. Mas seu beijo... seus lábios... eles me deixam emocionada. Não sinto tristeza enquanto estou envolvida em seus braços, sinto-me... protegida, como se nada fosse me afetar enquanto eu estiver em seus braços.

Michael desvencilha nossos lábios e o silêncio é substituído por aplausos, embora tudo seja uma farsa, por um momento pensei ser... real.

Encaro seus olhos e ele os meus, sua respiração está acelerada e a minha pesada. Não sei o que acabou de acontecer entre nós, mas isso não é um bom sinal, pois acabo de descobrir que esse homem desconhecido que se tornou meu marido nunca mais deixará a minha vida.

Ele é um grande problema e não sei se um dia conseguirei resolvê-lo, porque o que acabo de fazer... o que acabamos de fazer vai mudar totalmente o rumo da nossa história.

Estou preparada e não recuarei, mesmo que me doa... que me destrua, eu vou lutar pelos meus objetivos e descobrir o que está por vir nessa minha nova caminhada.



Se sou louco? Sim, muito louco em estar fazendo isso. Depois que Sofia deu as costas após eu ter aceito sua proposta no clube eu me arrependi, pensei em não vir.

Entretanto, não restou outra alternativa, Sofia é a minha única saída, pelo menos parte dela. Encaro seu rosto, ela está com o olhar fixo na pista de dança, mas sua mente está em outro lugar.

Algo em mim se partiu quando eu a vi plantada no altar, tão destruída. Naquele momento, mesmo sem conhecê-la, dei graças aos céus por ter tomado essa decisão. Meus olhos recaem em seus lábios, aquele beijo... porra, foi muito bom.

Limpo a garganta e me remexo na cadeira, chamando sua atenção. Ela me olha e franze a testa.

— É uma merda tudo isso, não é? — Inclino de leve a cabeça e observo a pista de dança, com vários convidados dançando.

— Nem tanto. — Minto.

— Michael, não minta. — Sofia beberica sua cerveja e aponta para a mesa do outro lado, onde está meu irmão e seu melhor amigo. — Eles parecem estar se divertindo um bocado. — Diz com sarcasmo, olho para eles

e comprimo meus lábios, suas caras fechadas e rabugentas dizem o quanto estão odiando toda essa festa, aqui não é nosso lugar.

— Você não é daqui, de onde é?

— Sou brasileira. — Revela se recostando. — Nascida no interior de Goiás, viemos para San Diego quando meu pai decidiu expandir seus negócios.

— Que tipo de negócios?

— Somos uma multinacional focada nos animais. — Ela sorri. — A Martin tem uma rede de petshops, clínicas veterinárias e fábricas de alimentos para animais. — Sofia cutuca meu braço com seu dedo. — Por isso que estou disposta a te dar tanto dinheiro.

— E eu disposto a viver com você. — Ela ri, desviando os olhos de mim.

— Não serei um fardo.

— Eu sei.

— E você Michael, qual sua história? — Respiro fundo, encarando a garrafa de cerveja.

— Uma história nada agradável, é melhor que você não saiba. Minha história... meu mundo não é bonito, Sofia, então vamos ficar com apenas a sua, tudo bem? — Ela me encara por alguns segundos, então sorri e assente.

— Tudo bem, Michael.

— Você fala muito meu nome. — Arqueio uma sobrancelha.

— É bonito, *Michael*. — Sorrio de leve. — Leticia está me chamando, já volto. — Ela se levanta e caminha ao encontro da sua amiga.

Fico observando-a, ela não está mais com seu vestido de noiva, trocou por um vestido mais curto e leve, deixando-a ainda mais bonita. Desvio meus olhos dela quando um homem senta no seu lugar. Seu rosto jovem e pinta de galã não deixa dúvidas que é alguém importante.

— Eu nem sei o que dizer. — Resmunga, sua voz sai cheia de preocupação.

— Se apresentar seria um bom começo. — Ele me encara, dou um gole na cerveja.

— Sou Eduardo Martin, advogado e primo de Sofia. — Por isso que está tão assustado.

— Muito prazer, sou Michael Sanches.

— Como ela te encontrou? — Pergunta se inclinando na mesa.

— Apareceu em frente ao meu moto clube.

— Clube de marginais. — Umedeço meus lábios e sorrio de lado. — Eu sei que é por causa de dinheiro e minha prima... droga, ela é louca!

— Devo concordar.

— Eu já estou com seu dinheiro, você só precisa ficar casado com ela durante seis meses e depois que tudo isso acabar, suma da vida dela, ok? — Batuco meus dedos na mesa, fitando seu rosto.

— Feito.

— Michael, certo? — Assinto. — Não se esqueça que tudo isso é uma farsa, não se apegue à minha prima.

— Por que está me dizendo isso? — Eduardo esfrega seu rosto.

— Ela é... cara, essa garota é incrível, não se apaixone por ela.

— Isso nunca passou pela minha cabeça. — Retruco, incomodado com essa conversa.

— Não é questão de cabeça e sim do coração. — Ele esfrega seus lábios e solta um suspiro longo. — Só não se apegue e se fizer algo com ela, eu te coloco na cadeia, ouviu? — Sinto meu sangue esquentar.

— Uma ameaça?

— Sim, Michael. — Eduardo confirma com determinação. — É uma ameaça, sou advogado, lembre-se disso. — Então ele levanta e se afasta, deixando suas palavras batucarem na minha mente.

Contrariado com essa conversa, analiso todo o salão decorado com rosas-vermelhas e brancas, lustres dando um ar sofisticado e as mesas decoradas com cristais, garçons andam de um lado para o outro, distribuindo

bebidas e comidas. Inclino na mesa, alguns convidados me lançam olhares receosos e curiosos. Sofia dispensou os cumprimentos e outras comemorações como a dança dos noivos.

Respiro fundo, Arthur se senta ao meu lado e Lyman do outro, não digo nada, apenas espero seus julgamentos.

— Pelo menos tem mulheres gostosas para admirar. — Lyman fala quebrando o silêncio da mesa.

— Já tem o dinheiro? — Assinto para Arthur.

— Precisamos arrumar o restante. — Digo, dando um gole na cerveja e observando Sofia de longe.

— O que fará com a Stephanie? — Abaixo meus olhos, fiz de tudo para não pensar nessa mulher até agora.

— Eu não sei. — Não tiro a razão dela ter me traído, nosso relacionamento estava uma merda, brigávamos o tempo todo, sei que fui o culpado dela ter ido para os braços de outro, mas mesmo assim dói.

— Acha que ela já sabe? — Lyman pergunta, balanço a cabeça de um lado para o outro sem saber a resposta.

— Ninguém sabe da merda que Michael está fazendo e se ela souber, vai cair em cima. — Resmungo Arthur.

— Stephanie me traiu, não tem o direito de achar ruim.

— Mano, essa não é a primeira vez que ela te trai e você perdoa. — Lyman fala.

— É diferente agora...

— Sim, porque você está casado, mas tudo é uma mentira. — Meu irmão diz estalando a língua. — Não está levando isso a sério não né?

— Precisamos do dinheiro dela. — Falo com raiva. — Senão estamos fodidos, sabe como Fuentes resolve as coisas? — Arthur suspira, balançando a cabeça. — Precisamos recuperar aquela carga, assim minha cabeça não fica a prêmio.

— Tem alguma ideia de como faremos isso? — Nego com a cabeça.

— Não faço ideia, mas vou pensar em algo.

— Seu pai sabe? — Lyman pergunta, esfrego a testa.

— Arthur conseguiu esconder esse detalhe.

— Não vai durar muito tempo, porque se nosso pai souber que essa carga foi roubada, vai te esfolar vivo. Há anos que tenta um acordo com Cortez e a única oportunidade que tem, seu filho fracassa.

— Vamos dar um jeito.

— Sim, iremos. — Arthur murmura, ranzinza.

— Tenho uma ideia. — Olho para Lyman. — Precisaremos usar a Stephanie, se foi ela, saberemos encontrar a carga. Então acho que Michael terá que continuar com ela.

— Não vai ser difícil, não é, Michael? — Arthur arqueia uma sobrancelha, fecho os olhos por alguns segundos.

— Claro que não. — Concorde, rangendo os dentes e me detestando por gostar tanto dela.

— Ótimo. — Arthur se levanta. — Estou caindo fora, não aguento ver essas pessoas cheias de não me toque.

— Já vão? — Arthur olha para trás ao escutar a voz de Sofia.

— Sim, estamos indo. — Ela sorri sem graça.

— Eu acho que vamos também. — Fito seu rosto. — Quer ir Michael?

— Aproveitem mais, afinal, é o casamento de vocês. — Arthur diz com sarcasmo, Sofia o encara e franze a testa.

— Não gostei do seu tom, Arthur. — Ela diz, tirando um sorriso do meu irmão.

— Estou caindo fora. — Ele me lança um olhar frio e se afasta com Lyman logo atrás.

— Ele está bravo...

— Você quer ir? — Sofia dá de ombros, olhando para os lados.

— É difícil manter a máscara da mentira, não sou boa com isso. — Ela

estende a mão em minha direção, eu a encaro. — Vamos embora!

— E por que dar a mão? — Levanto meus olhos, ela aperta seus lábios e eu sorrio.

— Força do hábito. — Ela começa a recolhê-la, mas eu a impeço ao segurá-la.

— Vamos embora! — Sofia sorri, me guiando para fora do salão.

Paramos em frente ao seu carro, um Bentley Flying de luxo da cor vinho que custa meu fígado. Eduardo desencosta dele e estende uma mala em minha direção e eu a pego.

— Seu dinheiro. — Diz com frieza, ele olha para Sofia. — É uma grande burrice. — Eduardo solta a respiração abruptamente e se afasta, mas não antes de se despedir da sua prima com um beijo na testa.

— Você está de moto, certo? — Ela me pergunta, destrancando seu carro.

— Sim.

— É só me seguir, não é tão longe daqui.

— Preciso passar em um lugar antes. — Sofia fica me olhando, então pega seu celular.

— Seu número, *querido esposo*? — Sorrio e falo meu número, ele apita logo em seguida. — Prontinho, te espero lá.

— Certo. — Ela entra e dá partida, se afastando.

Caminho até minha moto, digito o número de Fuentes, braço direito de Cortez e aguardo que atenda.

— *Tienes el dinero?*

— Estou com seu dinheiro, o restante te darei assim que finalizar a venda da carga.

— *No complica las cosas, no nos gusta perder el tiempo.*

— Estou te dando uma garantia.

— *Te espero en la playa de la Jolla.*

— Gracias. — Agradeço, coloco o capacete e arranco com a moto pelas ruas de San Diego em direção a região de La Jolla.

Encontro-o sentado em um banco de frente para a praia. Fuentes traga um cigarro enquanto me espera. Passo por seus seguranças armados e coloco a mala ao seu lado, ele não me olha.

— *Espero que esto no sea una señal de que algo salió mal.* — Engulo em seco. — *Cortez odia hacer negocios con ciclistas, no nos decepciones.*

— Está tudo sobre controle. — Ele assente e gesticula para que um dos seus homens se aproxime.

— *Asegúrate de que el dinero sea real.* — O capanga me olha com desconfiança, inclina e abre a mala, verificando as notas.

— *Si, Fuentes.* — Ele fecha a mala e se afasta.

— *Cortez espera recibir el resto a tiempo.* — Fuentes levanta a cabeça e me encara.

— *No rompimos nuestra palabra.* — Asseguro, ele sorri e me dispensa com um aceno.

Dou um passo para trás antes de me virar e caminhar de volta para minha moto, quando chego até ela, apanho o celular e ligo para Arthur.

— Feito. — Revelo quando atende.

— *Ótimo.* — Diz, finalizo a ligação e encaro o mar.

Se eu não encontrar essa carga e não pagar Cortez, todo o clube será atacado e sabe-se lá quem sobreviverá. Esfrego meu rosto, frustrado com isso, eu avisei para não negociarmos com os Mexicanos, ainda mais com o chefe de um cartel, é loucura.

Inspiro fundo, odiando meu pai por ser tão ambicioso. Olho para a tela do celular, o ponto azul pulsa dizendo que minha nova casa e minha esposa me espera.

Não sei qual de nós dois foi mais imprudente nessa história. Seu mundo lindo e perfeito é diferente do meu, que é sujo e ilegal. Não me orgulho da vida que eu levo, mas tem coisas que não conseguimos nos livrar, eu nasci aqui, como filho do presidente de um Moto Clube o que todos esperam é que

eu seja igual.

Inclino no guidão da moto, sem acreditar que estou usando uma garota para resolver meus problemas, mas agora não tem volta, preciso da grana e principalmente encontrar essa maldita carga. Então por enquanto ficarei ao seu lado, bancando o esposo e pegando seu dinheiro...

Me jogo para o lado quando tiros são soados. Deito no chão e coloco as mãos em cima da cabeça para me proteger, minha moto é bombardeada por balas de metralhadoras. Depois de alguns segundos intermináveis, os disparos cessam, levanto a cabeça e olho na direção dos tiros.

Fuentes me encara com um sorriso, enquanto seus capangas apontam as armas em minha direção, a moto está destruída. Levanto com agilidade e me afasto quando gasolina vaza e instantes depois ela explode.

Engulo em seco com o coração disparado, meu olhar se cruza com o de Fuente... olhos escuros e frios. Ele leva o cigarro à boca e mais uma vez, sorri.

Levo as mãos à cabeça sem acreditar no que acabou de acontecer. Encaro minha moto em chamas com a respiração acelerada. Fuentes sem dizer nada, se vira, entra em seu carro e vai embora. Isso foi um aviso, ele sabe que tem alguma coisa de errado e se eu não o pagar, receberei uma punição muito pior do que essa.

Se eu não encontrar essa carga, estarei ferrado.



Estar em casa nunca me deixou tão sozinha como agora. Quando meus pais morreram, David ficou quase todos os dias aqui comigo, praticamente morávamos juntos.

Olho em volta, sinto-me um ratinho em meio a uma cidade gigante, perdido e sem rumo... sem saber o que fazer. Nunca tive coragem de abandonar essa casa, porque aqui ainda tem memórias vivas dos meus pais. David não gostava daqui, embora eu insistisse que aqui era o melhor lugar para formarmos nossa família, acabei cedendo e aceitando ir morar em outra casa para construirmos novas histórias.

Respiro fundo, coloco os cotovelos nos joelhos e sustento meu queixo nas mãos à espera de Michael, sentada na escada em frente à porta de entrada. Ele disse que tinha algo para resolver, mas isso já faz horas, será que ele... não vem?

O silêncio começa a me incomodar, apesar de eu amar a quietude, hoje queria ter um pouco mais de barulho, uma distração para que minha mente não fique pensando em David e em como ele destruiu tudo o que construímos durante anos.

Engulo o caroço que se formou na garganta e limpo com a mão uma lágrima solitária que cai do meu olho. Não vai adiantar eu ficar plantada aqui

encarando a porta, visto que ele não aparecerá. Solto um suspiro e me levanto.

A campainha toca, levando meus batimentos às alturas. Engulo o nervosismo e corro até à porta, destranco-a e a abro, dando de cara com Michael, escorado na parede com a cabeça baixa. Ele está com a mala na mão. Sinto meu coração acelerar ao vê-lo.

— Oi. — Michael levanta a cabeça e fixa seus olhos em mim.

Por que tudo o que faz é em câmera lenta?

Seus lábios esticam em um sorriso sutil, limpo a garganta e retribuo o sorriso.

— É aqui? — Pergunta, desencostando da parede.

— Bem-vindo a sua nova casa, Sanches. — Abro mais a porta e me afasto, dando passagem para que entre.

— Isso é um palácio, não uma casa. — Olho para os lados, minha casa é enorme, mas não era assim quando meus pais eram vivos, parecia que ela era até pequena. Ele fecha a porta e coloca a mala no chão.

— Meus pais eram um tantinho exagerados. — Seus olhos navegam pela sala. — Fique à vontade, ok? — Michael me olha com atenção. — É bem grande a casa. Tem piscina, academia na parte superior, tem um monte de quartos e tem área para churrasco. Você gosta de churrasco, Michael?

— Sim. — Responde, sem desviar os olhos de mim.

— Temos empregadas, três faxineiras e uma cozinheira. — Gesticulo para que ele me siga. — Magali está conosco desde que... bem, desde que nasci. Ela é super tranquila e é um amor. Magali mora aqui. — Inclino no balcão da cozinha, assistindo Michael analisar o local.

— Ela está aqui agora?

— Não, porquê... — Baixo a cabeça e encaro minhas mãos. — Ela foi buscar suas coisas.

— Aonde?

— Na casa em que eu e David iríamos morar. — Michael abre a geladeira e apanha uma garrafa de cerveja.

— Você gosta mesmo de cerveja... — Diz, fico observando-o dar um gole na sua bebida.

— Ah sim! Sou apaixonada. — Ele coloca uma garrafa na minha frente, já aberta. Agradeço sem graça e dou um gole, sentindo seu sabor um pouco amargo na boca.

— Então vocês não iriam morar aqui?

— David não gostava daqui, dizia que tinha lembranças demais.

— Dos seus pais? — Assinto, rodando a garrafa.

— Enquanto ele queria esquecer, eu queria continuar sentindo meus pais presentes e essa casa é tudo o que me sobrou deles. — Pigarreio quando as emoções começam a tomar conta de mim.

— O que amamos não pode ser esquecido. — Levanto meu olhar, seus olhos estão fixos nos meus, às vezes fico incomodada com a intensidade que ele me olha, é sempre... no fundo dos meus olhos.

— Você pode trazer seus amigos aqui, sua família, que eu não me importo. — Mudo de assunto, desviando de seus olhos. — Afinal, essa casa também é sua.

— Não, não é.

— Claro que é! — Afirmo, voltando a fitá-lo. — Você é meu esposo agora, acredito que tenha direito.

— Ah! É? — Balanço a cabeça, ele continua me olhando, remexo um pouco incomodada.

— Para Michael! — Advirto, encarando a garrafa, menos ele.

— Parar com o quê?

— De ficar me olhando assim.

— Assim como? — Levanto a cabeça.

— Ficar me olhando de forma tão... intensa. — Ele sorri e desvia o olhar.

— Está certo...

— Tem um problema. — Digo, andando em direção à porta lateral. —

Magali é brasileira, nunca conseguiu aprender o inglês, mas se usar o tradutor de voz, acho que tudo dará certo.

— Não é um problema. — Paro na beira da piscina, Michael analisa o lugar parecendo hipnotizado com a beleza do jardim e de como ele é iluminado. — Falo espanhol, então é mais fácil entender o português.

— Sêrio? — Ele me olha.

— Tentei aprender o português uma vez, mas não deu muito certo, embora eu entenda muitas coisas, minha pronúncia não é muito eficaz. — Ergo as sobrancelhas, o que mais ele sabe?

— Você vai amar Magali.

— Será que ela vai me amar? — Dou de ombros, dando um gole na cerveja antes de abrir a porta da academia.

— Apesar do seu jeito meio que... assustador, por causa das tatuagens e tudo mais, você é legal.

— Legal? — Ligo a luz, Michael assobia impressionado.

— Seu irmão vai gostar, ele é bem fortão, né!?

— Ele gosta de malhar. — Responde, andando pela academia.

— Você também, mas ele é bem gigante. — Ele ri, se virando para mim de longe.

— O que mais esse palácio tem de interessante?

— Seu quarto. — Michael dá um gole na cerveja, passa a língua em seus lábios e me lança um sorriso de canto. — Quer ver?

— Nosso quarto é?

— Seu quarto!

— Bem, eu não me importaria em dividir a cama com você. — Reviro meus olhos, rindo do seu jeito safado.

— Eu também não, Michael. — Ele arqueia uma sobrancelha. — Para de ser bobo!

— Vamos lá, mostre-me nosso quarto. — Meneio a cabeça enquanto caminhamos de volta para dentro de casa. Subimos as escadas até o segundo

andar, sigo até o quarto perto do meu e abro a porta.

— Aqui está, é o melhor de toda a casa. — Ele entra e analisa o cômodo, vai até a janela e fica observando a parte da piscina e do jardim.

— Perfeito. — Revela, voltando a me olhar.

— Fico feliz que tenha gostado. — Falo, recuando um passo. — Vou te deixar descansar, o dia de hoje foi bem cheio.

— Boa noite, Sofia. — Ele recosta na parede, encarando o lado de fora através da janela.

— Michael? — Ele me olha. — Obrigada...

— Pelo que?

— Por estar à venda. — Michael ri, meneando a cabeça.

— Eu também te agradeço.

— Pelo...?

— Por ter me comprado. — Ficamos encarando um ao outro por longos segundos, incapazes de desconectar nosso olhar.

— Qualquer coisa é só me chamar. — Aviso, quebrando a tensão que se formou.

— Boa noite.

Saio do meu quarto e fecho a porta, sentindo meu coração bater acelerado. Entro no meu, deixo a garrafa de cerveja na cômoda e me sento na cama com uma foto minha e de David de frente para o mar.

Em segundos sou invadida pela dor de novo. Ele me traiu, nem ao menos impediu que eu me casasse com outro... com um desconhecido. Quão importante eu sou para ele? Fecho meus olhos e permito que as lágrimas escorram.

David era tudo para mim, deixei de lado tantas coisas por ele e permiti que meu mundo girasse somente ao seu redor. Não sei mais quem são meus amigos, nem ao menos sei o que é ir em uma festa de amigas, porque ele nunca... nunca gostou, dizia sempre que eu era comprometida e nada disso era legal.

Deito-me encolhida enquanto choro. Hoje, percebo que não me conheço, não sei o que é viver e aproveitar sem ficar com a mente batucando com medo de David não gostar. Os fins de semana eram todos em casa, ele nunca me levava a lugar nenhum.

Hoje entendo, ele queria me excluir do mundo para que pudesse me manipular e ter poder sobre mim, mas não acontecerá de novo. Ergo a foto e começo a rasgá-la, assim como fez com nosso relacionamento.

Jogo os pedaços no chão e me aconchego debaixo das cobertas. Amanhã será um novo dia, um recomeço para Sofia Martin e mais uma vez eu choro, não por David, mas por saudade dos meus pais, desejando com todo fervor que estivessem aqui comigo, me ajudando a passar por esse momento turbulento. E é com eles em minha mente que consigo pegar no sono.



Preparo o café e coloco-o em uma caneca, meu celular toca pela quarta vez, não atendo, pois, sei que é David e não estou no clima de escutar sua voz e suas desculpas.

Com a caneca fumegante, sigo em direção ao quarto de Michael, torcendo para que ele esteja dormindo ainda. Rodo a maçaneta e suspiro aliviada, ele não trancou a porta.

Me aproximo dele com passos silenciosos e me sento do seu lado. Ao sentir minha presença ele sobressalta e me olha assustado, sorrio, Michael solta a respiração e relaxa na cama ao me reconhecer.

— Bom dia. — Ele assente, esfregando seu rosto.

— O que faz aqui? — Pergunta com a voz rouca, estendo a caneca.

— Te trouxe um café, eu que fiz. — Michael se senta e me olha desconfiado, seus cabelos estão desgrehados.

— Café? — Ele pega a caneca, receoso. — Está envenenado?

— Para Michael! — Ele dá de ombros, bebericando o café.

— Por que disse? — Abaixo os olhos, sem coragem de dizer o real motivo.

— Uma promessa... — Sussurro, Michael remexe na cama.

— Que tipo de promessa? — Olho para ele e comprimo meus lábios.

— Uma bem besta.

— Gosto de promessas bestas. — Umedeço meus lábios e meus olhos descem por seu peito nu, sua barriga tem vários gomos e... merda, ele é muito lindo.

— Meu pai sempre acordava minha mãe com uma caneca de chá, porque ela não gostava de café. — Desvio meus olhos, sentindo-os queimar. — Era todos os dias desde que se casaram, mesmo brigados, meu pai levava seu chá. — Observo Michael tomar seu café, com olhos fixos em mim. — Então quando eles morreram três anos atrás, prometi que iria continuar a fazer o que ele fazia. Levaria café todos os dias para meu esposo, para eu ser a primeira a lhe dar bom dia.

Michael fica me encarando pela borda da caneca, engulo em seco. Ele deve estar achando isso ridículo.

— Como é meu esposo agora, pensei... bom...

— Nada disso é real. — Michael murmura, assinto e me levanto.

— Sim, verdade. Desculpa vir aqui te acordar e contar essa coisa idiota, é que...

— Não é idiota. — Ele me corta, me devolvendo a caneca vazia. — Gosto muito de café. — Congelo, aperto a caneca enquanto fito seu rosto, então quer dizer que...

— Gosto de fazer vários tipos de café, com leite, creme de leite, cappuccino e muitos outros... é muito legal, então vou fazer sempre um diferente e... bem... eu... vou te deixar se arrumar e vou descer. Magali está preparando a mesa, aí te apresento, você vai gostar muito dela. Eu preciso te deixar e...

— Sofia, respira. — Mordo meu lábio inferior.

— É que, disparo a falar quando fico nervosa, feliz, ansiosa...

— O tempo todo, confessa. — Solto uma risada sem graça, encarando seus olhos.

— É... — Aceno em despedida e saio do seu quarto.



— O que foi, meu amor? — Pergunta Magali quando chego à cozinha.

— David nunca gostava dos cafés que eu fazia. — Digo, colocando o restante na mesma caneca que Michael bebeu. — Sempre criticava, não vou tirar a razão dele, mas sabe Magali?

— O quê? — Ela me encara com atenção.

— Nunca experimentei para saber se é bom ou ruim. — Ela ri, levo a caneca à boca e sinto o gosto horrível do café. Faço uma careta e engasgo, volto a encará-la.

— Isso é horrível, Magali. — Ela cruza os braços, me encarando.

— E o que seu *esposo* disse?

— Não disse nada! — Jogo o café pelo ralo. — Nem careta ele fez.

— Ficou sem graça.

— Capaz...

Me afasto da cozinha e pego meu livro em cima do balcão e corro até o sofá, me jogo nele e abro na página onde parei. Fico inerte na história e nem reparo quando Michael se inclina e assopra em meu rosto.

Sobressalto de susto, ele segura o livro antes dele cair em meu rosto. Olho para ele, Michael está com os cabelos molhados e bagunçados propositalmente, em seus dedos há anéis, inclusive nossa aliança. Ele está vestido com roupas escuras que lhe dá um ar mais sombrio.

— Acabou? — Pergunta, me despertando.

— Acabei com o quê?

— De me analisar. — Seu sorriso acelera as batidas do meu coração.

— É porque você está bonito. — Comprimo meus lábios, pegando meu livro de sua mão. — Você vai sair?

— Hoje é dia de encontro com os caras do Moto Clube. — Assinto, me sentando.

— Venha, vou te apresentar a Magali. — Me levanto e ando até a cozinha. — Maga, está aí?

— Sim, amor. — Ela aparece limpando as mãos no pano de prato e fica imóvel ao encará-lo.

— Maga, esse é Michael Castro Sanches, meu... esposo.

— Prazer, senhor...

— Apenas Michael. — Ele diz com um português pesado.

— Fala português? — Magali pergunta, descendo os olhos por seu corpo.

— Pouco. — Michael estende a mão, ela aceita. — *Necesito ir ahora.*

— Tenha um ótimo dia. — Magali diz, olho para ela, antes de seguir Michael para fora.

— O que vai fazer hoje? — Ele pergunta ao sair pela porta, Michael para em frente a uma moto diferente da que estava antes, fico tentada em perguntar, mas evito para não achar que sou curiosa.

— Meus domingos são recheados de séries e leitura, nunca fico entediada.

— Por que não sai com suas amigas? — Ele pergunta, montando na moto.

— Elas estão presas nas séries e nos livros. — Michael fica me olhando por alguns segundos.

— Se divirta, ok?

— Pode deixar, querido esposo. — Ele sorri, balançando a cabeça.

— Tchau!

Ele coloca o capacete e liga o motor da moto que vibra todo meu interior. Michael me encara por alguns segundos, balbucio um *tchau* antes dele partir.

Com um suspiro longo, volto para dentro e encontro Magali me encarando com um olhar indecifrável. Fecho a porta, engolindo em seco.

— Sabe quem é esse?

— Barra pesada. — Ela meneia a cabeça.

— Ele pertence a uma gangue de motoqueiros, uma das mais temidas de San Diego, sei disso porque minha amiga mora perto deles e eles vivem passando de moto pelas ruas. Ela diz que eles não são brincadeira. — Abaixo a cabeça, o que vou dizer se ela está certa?

— Eu sei...

— David é um filho da puta, ele que te botou nessa situação. — Meu queixo treme. — Mas eu também acredito em destino, se esse homem apareceu na sua frente é para algo melhor do que estava vivendo.

— Estou pagando Michael para se manter casado comigo.

— Então vai até o fim, amor. — Assinto, ela respira fundo. — O que se faz aqui, se paga aqui. David vai ter o que merece.

— Eu ainda o amo...

— Você é forte, não chore por um homem que nunca te amou.

— Certo. — Sorrio.

— O que vai querer de almoço? — Pergunta se virando e voltando para cozinha, sigo-a saltitando, porque hoje será o dia em que passarei comendo sem que tenha alguém me controlando... sem David me criticando por comer demais.



Fico observando Magali preparar uma torta de frango para nós. É tão incrível vê-la preparar a comida, a paixão que tem é surreal. Minha mãe amava passar o tempo com ela, cozinhando vários pratos quando nossos parentes vinham do Brasil nos visitar.

Escuto a campainha, olho para trás com o coração apertado. Será que é Michael? Mas ele acabou de sair, não tem nem meia hora...

— Ah! Maga, deve ser Michael, ele não tem a cópia das chaves. — Falo, tentando convencer a mim mesma. Vou até à porta com as mãos trêmulas e quando a abro, encontro David parado com cara de poucos amigos. — O que faz aqui?

David entra, esbarrando em meu ombro. Olho para suas roupas e percebo que nunca tinha reparado com o quanto elas são sem graça. Fecho a porta e cruzo meus braços.

— Vim em busca de explicações. — David se vira para mim, prendendo seus olhos azuis nos meus.

— Ah é? Eu que te devo explicações? — Ele dá um passo à frente, eu dou um para trás, sua feição está estranha.

— Você estava me traindo com aquele motoqueiro, não estava? — David dá mais um passo, recuo, mas sou barrada pela parede.

— E você com a Camila! — David range os dentes. — Diz o ditado que chifre trocado não dói.

— Você me trocou por aquele marginal, Sofia? — Ele para diante de mim, aperto meus braços com as mãos trêmulas e levanto a cabeça para encará-lo nos olhos.

— Não terá mais dinheiro, não é David? — Ele estreita os olhos. —

Não poderá dar o golpe do baú, porque foi estúpido demais ao transar com sua amante na sala onde eu estava me arrumando para me casar com você. Em uma *igreja*, David! É deplorável!

— Você não tem o direito de abrir a boca quando você dava a buceta para aquele motoqueiro. — Descruzo meus braços e o empurro com força, mas ele não se move. Estou fervilhando de ódio de suas palavras

— Você me respeita, David. — Ele ri friamente. — Porque em nenhum momento te desrespeitei.

— Não? — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Você me deixou, Sofia, no *altar*! — Balanço a cabeça. — Sabe o quanto isso me destruiu? Sabe o quanto me senti humilhado?

— Pensasse antes de me trair.

— Foi uma vez... apenas uma vez. Eu nunca quis a Camila, ela... foi apenas uma aventura para descobrir o quanto eu te amo.

— Mentira, David. — Ele coloca a mão em meu rosto.

— Eu te amo... você é tudo para mim, amor. Eu só te peço uma segunda chance, todo mundo erra e eu cometi um dos meus maiores erros. — Lágrimas escorrem por seu rosto, minhas pernas bambeiam.

— O problema, David, — limpo meu rosto molhado — é que traição não tem perdão.

— Sofia...

— Vai embora, David! — Ele fica me encarando, em seguida fecha os olhos e aperta os lábios.

— Vou te fazer mudar de ideia, vamos continuar com nossos planos...

— Estou casada agora, não me procure mais. — David acaricia meu rosto, limpando as lágrimas que escorrem.

— Por favor... — Ele aproxima o rosto do meu. — Me perdoa, meu amor, juro que irei mudar. Foi um erro, Sofia. — Fecho meus olhos quando seus lábios tocam nos meus. — Eu *te amo*.

Entreabro meus lábios, sua língua toca na minha, mas o beijo é frio e... será que ele beijou Camila antes de vir aqui? Afasto-o e limpo meus lábios

com as costas da mão, sem coragem de encará-lo.

— Vai embora, David. — Ele soca a parede, me assustando.

— Pensei que você era diferente. — Diz entre dentes. — Nunca imaginei que fosse tão... suja. — Encaro seu rosto sem conseguir dizer nada. — Tenho vergonha de um dia ter me relacionado com uma adúltera. — David me lança um olhar enojado, partindo de vez meu coração. — Meu Deus! Como fui estúpido em confiar em você. Seus pais devem estar com vergonha de você, tanto quanto eu estou.

— Não toque no nome dos meus pais...

— E o que você vai fazer? — Engulo em seco, reprimindo o choro. — Tenho nojo de você Sofia. Nojo de um dia ter te tocado e te beijado.

David dá as costas e sai pela porta, minhas pernas enfraquecem, escorrego até o chão e me encolho, chorando por tudo o que me falou. Nunca fui tão humilhada em toda a minha vida sem eu ter feito nada.

Ele que me traiu, não eu. Então por que me sinto tão... culpada?

Coloco as mãos na cabeça, sentindo meu estômago se contrair com a força do choro. Magali se aproxima e me pega nos braços, mas nada me conforta, não alivia a dor que estou sentindo... a dor de ter sido destruída de novo.



Entro no escritório do meu pai e encontro Arthur recostado na parede com os braços cruzados. Meu pai, um homem alto, barbudo e cheio de tatuagens, aponta para que me sente na cadeira em frente à sua mesa.

Seus olhos escuros me avaliam com cautela. Sento-me e lanço um olhar em direção ao Arthur, ele arqueia uma sobrancelha.

— Algum problema, pai? — Pergunto, estranhando o comportamento deles.

— Consegui a atenção dos Evil Angels.

Inclino sobre a mesa, curioso para saber como meu pai conseguiu, porque os Evil Angels são intocáveis, apesar da fama de violentos e sanguinários, ninguém sabe o que acontece lá dentro do Moto Clube.

— Como?

— A carga será vendida para eles. — Aperto os dentes e recosto no assento, evito olhar para Arthur. — Será recebida por Angel.

— Eles são perigosos demais, é arriscado. — Discordo da decisão, engolindo meu nervosismo.

— Eles já aceitaram. — Meu pai acende um charuto. — Assim que recebermos o dinheiro, passaremos a parte para Cortez.

Respiro fundo, abaixo a cabeça e ranjo os dentes. Porra...

— Eu sei que você perdeu a carga, moleque. — Ergo a cabeça, tentando disfarçar a surpresa. — Mas sei também que vai recuperá-la e honrar a irmandade The Sanches.

— Fiz tudo como combinado, mas... alguém me sacaneou. — Digo com raiva. Meu pai apenas assente, soltando a fumaça do charuto.

— Não quero desculpas e sim ação. Você tem três dias, e quando recuperar levará direto para Angel no local marcado por eles no dia da entrega.

— Feito. — Meu pai ergue a cabeça quando a porta abre abruptamente, fecho os olhos com um suspiro e sinto um tapa forte na nuca.

— Seu moleque estúpido. — Encaro minha mãe, ela está furiosa. — Você não fez isso, fez?

Olho para Arthur, ele dá de ombros sem se importar. Inspiro fundo e assinto. Minha mãe me dá outro tapa e me olha ainda mais furiosa. Seus cabelos azuis, corpo tatuado e roupas de couro dá um ar assustador, acredito que de todos os integrantes do M.C, ela é a mais perigosa.

— Tive que fazer.

— *Tive que fazer!* — Repete minhas palavras fazendo uma careta. — Viesse até nós, não fazendo uma coisa tão estúpida como essa.

— Desculpa. — Deixo meus ombros caírem, ela suspira e olha para meu pai.

— Sua aliança sumiu? — Ele assente e mordo meu lábio inferior. — Você pegou nossas alianças?

— Precisava para me casar. — Mamãe bagunça seus cabelos e aponta para Arthur.

— Você deixou seu irmão fazer uma idiotice dessa?

— Não sou babá! — Retruca, mas logo se arrepende quando minha mãe joga um porta-retratos em sua direção, acertando em cheio sua cabeça. Ele resmunga e pede desculpas.

— Paguei vinte mil dólares para Fuentes...

— Que explodiu sua moto? — Ela rebate, com as mãos na cintura. — Céus, se ele tivesse te acertado? Eu estaria enterrando mais um filho. — Baixo a cabeça.

Marlon morreu três anos atrás depois de confrontar um moto clube rival, levou três tiros na cabeça, deixando toda a família desestabilizada. Depois desse dia nunca mais fui o mesmo, eu estava lá e assisti sem poder fazer nada.

— Quem é ela? — Umedeço meus lábios, não quero contar... não quero levar meu mundo até Sofia. — Se não me contar, sabe que vou descobrir.

— Sofia Alves Martin. — Revelo, receoso.

— Deve ser muito rica para te pagar essa quantia todo mês. — Minha mãe se aproxima do meu pai e senta em seu colo enquanto digita no computador.

Depois de alguns segundos, ela ergue os olhos e os prendem nos meus, vejo surpresa e incredulidade. Mamãe umedece os lábios e enterra seu rosto nas mãos.

— Céus, Michael... — Solto um suspiro longo, me sentindo acuado. — Essa garota... não é do nosso mundo, ela é... praticamente uma princesa.

— Ela está me dando dinheiro para me manter casado, é apenas por seis meses. — Minha mãe prende seus cabelos azuis em um coque bagunçado e aguarda eu contar a história, as palavras saem da minha boca.

— Não podia desperdiçar essa chance. — Meu pai apaga seu charuto, contrariado.

— Por que não veio até nós?

— Porque ele é um ‘cuzão’. — Arthur diz.

— Cala a boca, Arthur! Quando for para falar, te darei permissão. — Minha mãe o repreende com olhos fixos em mim. — Não sei o que faço com você, uma merda atrás da outra, Michael.

— Sinto muito, estava...

— Se você tratar mal essa garota, eu te capto, ok?

— Nunca faria isso. — Digo, ela se levanta me olhando com decepção.

— Sabe o que significa um casamento para os The Sanches? — Assinto sem dizer nada. — Casamento é algo que levamos muito a sério, a irmandade é sua família e quando se casa, sua namorada vira uma Ladie. Uma de nós, Michael.

— É uma farsa, mãe, nada é real.

— Casamento é real, filho da puta. — Reprimos a dor do seu tapa no meu ouvido, ele zumba por alguns segundos. — Traga-a para a confraternização dos The Sanches no próximo domingo. — Olho para ela com os olhos arregalados.

— Sem chances.

— Sim, ela é uma Ladie, quero ela aqui.

— Porra mãe, não torna isso mais difícil. — Me levanto, alterado. — Ninguém pode saber.

— Por quê?

— Por causa da Stephanie. — Arthur revela, suspiro mais uma vez, desviando dos olhos escuros da minha mãe. Meu pai apenas assiste, ele nunca tem coragem de confrontar minha mãe quando ela está com raiva, parece sentir até medo dela.

— Espera! — Minha mãe ergue a mão e estreita os olhos. — Explica.

— Descobri que ela está dando o rabo para Jason Hayes do The Devils e desconfiamos que ela tenha lhe falado sobre a carga. — Arthur para ao lado do meu pai, como se estivesse se escondendo da fúria da nossa mãe.

— Você contou? — Ela me pergunta, rangendo os dentes. — Só três pessoas sabiam da carga além de nós. Tenho certeza que Jakie, Casper e Mark não trairiam a irmandade, mas não boto a mão no fogo por aquela garota, Michael.

— Eu a amo, não consigo guardar segredo da mulher que dorme comigo. — Minha mãe solta uma risada.

— Enquanto dorme com você está dando para outro. — Ela olha para meu pai. — Não acredito que temos um filho tão estúpido desse jeito.

— Tenha calma Araci. — Papai tenta acalmá-la, o que a deixa ainda

mais nervosa.

— Faz o que tem que fazer. — Diz ela se aproximando de mim como uma serpente prestes a dar o bote. — Descubra onde está essa maldita carga e traga sua esposa para a confraternização no fim de semana que vem, ok?

— Certo. — Engulo em seco e saio da sala, meu coração está tão acelerado que preciso de ar...

— Ei, mano! — Arthur me chama quando saio, e inspiro fundo, enchendo meus pulmões de ar.

— Você é um merda de um fofoqueiro. — Olho para Arthur, ele levanta as mãos em redenção.

— Cara, você conhece nossos pais, não dá para esconder. — Assinto, respiro mais fundo e volto a encará-lo.

— Preciso de uma bebida. — Passo por ele e entro no bar, peço uma bebida, fitando a madeira do balcão e escutando as conversas dos membros do M.C.

— Como foi a primeira noite com sua *esposa*? — Meu irmão pergunta com sarcasmo se inclinando no balcão do bar. Boris, nosso ‘barman’, coloca duas garrafas de cerveja na nossa frente, me cumprimentando com um aceno de leve.

— Dormi no meu quarto e ela no dela. — Respondo sem muita animação.

— E aí, já tem o lugar? — Sorrio, balançando a cabeça.

— Sim, já tenho o lugar. — Arthur aperta meu ombro e comprime os lábios.

— Ela chegou. — Revela, se afastando.

Olho para trás e a vejo caminhar em minha direção, seus cabelos cor de rosa, roupas de couro e tatuagens nos braços fazem meu corpo estremecer, não de amor como me sentia antes, mas de raiva e mágoa.

Engulo em seco quando ela sorri, seus olhos azuis se prendem nos meus, comprimo o desejo de agarrá-la, porque apesar de tudo, eu ainda gosto dela.

— Oi, meu amor. — Viro-me, recebendo-a em meus braços, seus lábios colam nos meus e... merda, sinto todas as barreiras se racharem.

— Oi! — Ela me olha com ternura.

— Estava com saudades, você sumiu e não atende o celular. — Acaricio seu rosto, ela usa tanta maquiagem e sombra escura que esconde sua verdadeira beleza.

— Estava resolvendo algumas coisas, mas agora está tudo certo. — Ela pega minha cerveja e dá um gole.

— Ah, é? — Assinto. — Então está livre hoje?

— Sou todo seu, mas tenho algo para te mostrar. Vem comigo? — Stephanie meneia a cabeça e me beija antes de me acompanhar.

Meu coração ainda bate forte por ela, mesmo que tenha me traído, inúmeras vezes, sempre acho que o culpado sou eu, por não lhe dar tanta atenção devido aos negócios do M.C.

Stephanie enlaça minha cintura e deita a cabeça no meu ombro enquanto ando pelas ruas de San Diego. Não sei o que acontece comigo, sempre volto para ela, achando que tudo será diferente.

Estaciono a moto e desço, ela fica encarando o galpão um pouco detonado. Stephanie me lança um olhar confuso, tiro as chaves do meu bolso e sorrio alegre.

— Está um pouco detonado, mas depois de uma boa reforma, ficará ótimo. — Abro as portas e entro com ela logo atrás.

— O que é isso, Michael? — Paro no meio do galpão e afasto meus braços do corpo, meu sorriso começa a doer minhas bochechas.

— Será minha loja de motos. — Olho para os lados, já imaginando cada coisa em seu lugar.

— Michael? — Viro-me alegre, mas ao fitar seu rosto indiferente, meu sorriso começa a morrer aos poucos. — Sério?

— Não gostou?

— Olha... — Stephanie ergue as sobrancelhas e faz uma careta. — Isso... Ah! Michael, isso não dá dinheiro. Sério que você quer ser um

mecânico de motos?

— Os caras precisam de alguém para cuidar das motos deles. — Ela respira fundo.

— Podemos ganhar muito mais dinheiro do que com uma loja de motos. — Comprimo meus lábios, sinto a mágoa sufocar meu peito, desvio meus olhos, incapaz de encará-la.

— Você sabe que eu não faço isso, Stephanie. — Sinto sua mão em meus ombros.

— Você já deu o primeiro passo, conseguiu vender a carga, então é só arrumar outra. — Fecho meus olhos ao sentir seus lábios no meu pescoço. — São milhões de dólares, Michael, não migalhas que ganhará abrindo uma loja.

— Certo. — Murmuro, sentindo algo se quebrar dentro de mim, ela para na minha frente.

— Esquece isso e vamos construir nosso lugar, tenho planos.

— E qual seria? — Pergunto, ela sorri com malícia.

— Te conto depois, mas antes...

Stephanie cola seus lábios nos meus, seu beijo sedutor faz com que eu esqueça o que acabou de dizer. Enlaço sua cintura, prensando-a contra a parede, suas mãos entrelaçam meus cabelos com força. Minha respiração acelera com desejo de tê-la, até que o toque do seu celular quebra o clima. Afasto-me, ela sorri e vai para longe atender a ligação.

Volto para minha moto e a espero, encarando o lugar que aluguei para montar aquilo que eu sempre sonhei. Pensei que ela ficaria feliz com essa conquista e não decepcionada como ficou. Naquele momento eu senti meu chão cedendo sob meus pés.

Respiro fundo quando ela caminha em minha direção.

— Desculpa, mas tenho que ir. — Ela me dá um beijo na boca. — Já chamei um Uber. — Assinto, ela volta a me beijar enquanto espera. — Está tudo bem? Está tão distante...

— Estou bem.

— Ficou magoado por que eu disse a verdade? — Minto balançando a cabeça.

— Nada disso. — Digo sorrindo e beijo novamente sua boca.

— Eu te amo, tchau. — Se despede quando o Uber chega, quando ela se afasta, volto a olhar para o galpão, uma conquista que pelo visto será só minha.

Pego meu celular e disco o número de Arthur.

— Está atrás dela?

— *Sim, está nas minhas vistas.* — Responde.

— Você acha que ela roubou a carga?

— *Tenho certeza.* — Diz, vou até as portas do galpão e as desço, trancando-as.

— Fique de olho.

— *Ok!* — Ele desliga.

Monto na moto de Lyman e volto para o Clube. Não sei até onde Stephanie pode ir, mas sei que ela é capaz de fazer qualquer coisa por poder. São seis anos convivendo com ela para suspeitar que é culpada pelo roubo da carga.

Ela sempre diz querer ser alguém grande, não apenas membro de um Moto Clube, isso me incomodava bastante durante nossas conversas e planos para o futuro.

Chego no M.C, mas fico na moto, encarando o lugar movimentado e cheio de motoqueiros conversando e bebendo, há várias mulheres presentes, muitas fazendo a alegria dos solteiros.

Suspiro sentindo falta dele, Marlon era a alegria daqui, sempre fazia as melhores confraternizações, sem ele... tudo parece sem graça. Ligo a moto e dou meia volta, me afastando do meu lugar para voltar à minha nova casa, onde há uma esposa me esperando.



— Bom dia... — Sento ao seu lado na cama e lhe entrego seu café quando se ergue um pouco.

Michael dá um gole sem fazer nenhuma careta, embora eu saiba que está horrível mesmo sem ter experimentado, ele nunca contesta ou reclama, deixando-me bem intrigada.

— Que horas são? — Pergunta, recostando a cabeça na cabeceira da cama. Ele fecha os olhos, aguardando minha resposta.

— São seis da manhã.

— E já está arrumada? — Michael percorre meu corpo com seus olhos castanhos, arqueando uma sobrancelha.

— Estou prestes a tomar uma decisão muito importante, e acho que vai ser bem conturbado meus dias daqui para frente. — Ele desencosta da cabeceira com um semblante curioso.

— Nunca é fácil tomar uma decisão, seja ela qual for.

— Sim, mas acho que está na hora. Não sou mais filhinha de papai e...

— E? — Abaixo a cabeça e encaro minhas unhas pintadas de vermelho.

— Quero me tornar importante, fazer alguma coisa mais útil, do que

apenas ficar recebendo todo mês os lucros da empresa. Quero ocupar minha mente e me sentir importante... quero dar continuidade ao que meus pais construíram. — Olho para Michael. — Você entende?

— Se é isso o que quer, vai em frente. — Solto a respiração e mordo meu lábio inferior, será mesmo que estou fazendo o certo? — Você foi capaz de se casar com um desconhecido todo errado, não pode ser tão pior que isso, ou pode? — Dou uma risada me levantando, fito seu rosto.

— Acho que não.

— Boa sorte. — Seu cabelo desganhado o deixa... tão sexy, mais despojado e relaxado.

— Obrigada. — Inspiro fundo e ando até a porta, mas paro, me virando para ele. — Como você consegue?

— Consigo o quê? — Ele dá outro gole no café, segurando a caneca com as duas mãos.

— Gostar do meu café, porque eu sei que está horrível, Michael, mas nem uma careta você faz.

— Tem um segredo. — Diz, me encarando com intensidade.

— Qual é? — Ele sorri de lado.

— Foi feito por você.

Meu coração acelera de repente quando suas palavras atingem meus ouvidos, sinto-me gelada e surpresa com o que acabou de dizer. Não consigo falar ou até mesmo pensar, estou engasgada e a única coisa que faço é me virar e sair do seu quarto.

É ridículo me sentir assim com suas palavras, porque sei que foi brincadeira, afinal, tem apenas quatro dias que nós nos conhecemos, e essa conexão que sinto é apenas carência...

Sim... isso mesmo, é carência por ter sido traída!

Respiro fundo e coloco a mão no coração, sentindo meu peito subir e descer com rapidez, preciso me acalmar... apenas respire Sofia...

Entro no meu carro e mais uma vez inspiro fundo. Suas palavras ainda batucam na minha mente, entretanto, nesse instante, elas se misturam com

sentimentos de medo. Engulo em seco, dou partida e sigo em direção à matriz da multinacional Martin, aqui em San Diego.

Depois de vinte minutos dirigindo e tentando a todo custo me acalmar, chego ao meu destino. Há alguns seguranças e funcionários à minha espera. Nunca me acostumei com essa recepção que sempre acontecia quando meu pai visitava as empresas.

Desço do carro com a ajuda de um dos seguranças, ajeito meu vestido azul colado até os joelhos e fito o rosto de cada funcionário que me espera em frente à empresa. Eles se curvam com um leve cumprimento enquanto entro. Todos me oferecem um *bem-vinda dona Sofia*, assim que passo por eles.

Respiro fundo, pois, não estou aqui como filha ou apenas uma herdeira, mas sim como a dona de um império que meu pai construiu. Jane, secretária do atual presidente, se aproxima e anda ao meu lado com uma agenda na mão.

— É uma satisfação tê-la aqui conosco hoje, dona Sofia. — Olho para ela de soslaio, sem parar de andar.

— Bom dia. — Digo, entrando no elevador. — Estão todos aqui?

— Assim como foi ordenado, dona Sofia.

— Apenas Sofia, Jane.

— Claro. — Ela sorri sem graça, retribuo com simpatia.

Inspiro discretamente para não demonstrar meu nervosismo e me encaro pelo espelho do elevador. Meu rosto está com uma maquiagem leve, realçando meus traços, o batom rosa bordô me deixa com um ar mais delicado. Ajeito meus cabelos curtos e castanhos, eles estão ondulados do jeito que gosto.

Viro o rosto quando as portas são abertas, com o barulho do meu salto agulha, caminho pelos corredores até a sala de reunião. O silêncio me dá vontade de rir, a apreensão de todos é surreal. Acredito que seja o efeito da dona da multinacional estar presente.

As portas da sala de reuniões são abertas por Jane, entro e encaro todos os presidentes das dez filiais espalhadas pelo mundo, sentados a uma grande mesa, todos de ternos e gravatas, as mulheres com terninhos e vestidos

discretos, os que não puderam comparecer, me olham atentamente pelo vídeoconferência. Meus olhos varrem todos eles, até recaírem em David e Camila, depois em Eduardo e Leticia.

Sorrio quando eles se levantam. Me encaminho até meu lugar no topo da mesa e me sento ereta, inclino-me, vendo-os se ajeitarem em seus lugares.

— Bom dia a todos. — Eles retribuem, me olhando com atenção. — Primeiro quero agradecer a presença de todos vocês, sei que foi difícil largarem seus trabalhos para comparecerem a essa reunião, então peço desculpas por essa convocação repentina.

— Se estamos aqui, é porque é algo importante. — Diz Telma, presidente da filial no Brasil.

— Acredito que todos já devem estar cientes de que eu me casei. — Eles lançam um olhar para David, ao meu lado direito.

— Todos nós desejamos muitas felicidades, senhorita Sofia. — Dexter me parabeniza, sorrio agradecida. Ele é o CEO da filial de Nova York, a quarta mais lucrativa de todas.

— Agradeço. — Cruzo as mãos em cima da mesa e encaro cada um dos meus presidentes por alguns segundos antes de informar as novas mudanças. — Com esse casamento pude ter o total controle das empresas novamente, por isso a convocação para essa reunião. Algumas coisas vão mudar e preciso de vocês nessa nova caminhada. — Aponto para Eduardo, no fim da mesa. — Meu advogado está presente e qualquer dúvida recorrente ao meu testamento, ele esclarecerá.

Olho para David e depois para Camila, ambos me encaram desconcertados, eles não esperavam essa minha postura. Aposto que acharam que eu ficaria encolhida chorando e me se escondendo do mundo. Erro deles por acreditarem que eu não me reergueria, ainda mais depois de uma traição.

— Como única dona da multinacional Martin, estou retirando David Daley da presidência desta empresa.

— O QUÊ? — Todos são pegos de surpresa, David está embasbacado e sem reação, apenas o encaro com raiva.

— Acredito que ele não seja mais capaz de estar nesse cargo. — David

abre a boca, pasmo. — Esse é um cargo de extrema confiança, e atualmente não confio mais nele.

— Não? — Seus olhos navegam pela mesa, seu rosto está pálido e sinto uma pontada de arrependimento, posso estar fazendo isso por vingança, mas... essa é minha empresa, poxa!

— David está na presidência há três anos, sabe de tudo em relação à empresa. — Camila o defende, tirando a pitada de arrependimento que sentia por ele. — Acredito não ser um bom momento para trocarmos de presidente.

— Qual seria o melhor momento, Camila? — Ela engole em seco, mas não responde. — Você é diretora de Marketing, certo?

— Sim. — Confirma, receosa.

— Bom, sinto muito, mas a partir de hoje você será responsável pelo R.H.

— O quê? Não... não pode ser! — Camila se inclina, solto um suspiro. — Trabalhei e subi de cargo com meu suor, dando tudo de mim, eu mereço estar aqui.

Não, sua idiota, você subiu de cargo trepando com meu noivo e esse filho da puta que te deu essa posição. Respondo em pensamento. Seus olhos escuros se prendem nos meus, chocados com minha atitude.

— A questão aqui é a *confiança*, e isso, já não tenho mais em vocês! — Fico encarando-a, querendo a todo custo quebrar seus dentes, mas desvio quando a raiva toma conta de mim.

— Você não pode fazer isso. — Contesta David, sorrio.

— Eu sou a dona da Martin, é claro que posso. — Retruco, com confiança. — Mas não estou te demitindo, você ficará como diretor de vendas, já que Alfred irá comandar a filial de Los Angeles, seu potencial é muito importante para com a empresa, não podemos desperdiçá-lo. — Ele range os dentes.

A sala recai em um silêncio incômodo, alguns dos presidentes se remexem desconfortável, David apenas respira fundo e desvia os olhos de mim.

— Alguém tem alguma objeção? — Pergunto, encerrando o assunto.

— Quem ocupará os cargos vagos? — Pergunta Guilherme, presidente da filial no Colorado.

— Leticia será a nova diretora de Marketing. — Anuncio, ela fica congelada sem acreditar.

— *Eu?*

— Você é mais que uma secretária executiva, tem uma visão no setor incomparável. Estava de olho em você há algum tempo, então você ocupará o lugar de Camila. Meus parabéns. — Ela assente, incrédula.

— Muito obrigada por essa oportunidade.

— E quem será o novo presidente? — Pergunta Miles, olho para o CEO da filial do Texas, sem coragem de revelar a pessoa.

Estou dando um passo muito importante, será arriscado, mas não deixarei qualquer um administrar minha empresa, a qual meus pais tanto trabalharam para fazê-la prosperar. Visando sempre o bem-estar dos animais e de seus proprietários, fazendo o possível para empregar mais e mais pessoas.

Inspiro fundo e me levanto, olho para cada um e revelo quem será o novo presidente.

— Eu.

Todos me olham surpresos, David e Camila ficam ainda mais pálidos, despertando um prazer incomparável em meu coração. Eles acharam que iriam rir da minha cara? Que iriam me apunhalar pelas costas sem haver consequência? Estavam enganados, agora receberão ordens minhas, como dona e CEO da multinacional Martin.

— Você? — Camila pergunta, incrédula.

— Eduardo, por favor. — Gesticulo para que meu primo apresente toda a papelada que aprova meu cargo.

— A única coisa que impedia Sofia Martin de assumir todo o controle da Martin era o casamento não realizado ou apenas quando completasse 23 anos, que seria no próximo ano. — Ele diz, entregando as cópias do meu

testamento para os presidentes. — Porém, agora como está casada, a Multinacional está em suas mãos, podendo assim fazer qualquer tipo de transição, mudança e ordens recorrentes às empresas, principalmente por ser a única dona. — Edu volta a se sentar.

— Estou lhes dando satisfação por ter grande respeito por vocês, que dão duro para manter a Martin ativa, ajudando no crescimento. — Eles assentem, inspiro fundo e sorrio. — Alguma objeção?

Meu coração bate acelerado quando eles se levantam e me parabenizam, sinto a emoção tomar conta de mim. Não queria ser presidente da Martin, não fazia parte dos meus planos, mas ninguém é tão melhor do que eu para assumir o lugar que meu pai ocupava antes de David.

— Pois bem! Damas e cavalheiros, recomendo que cancelem todos os compromissos do dia, porque passaremos o dia em reunião. — Olho para David, ele recosta no assento com os olhos fixos em mim e com um semblante frio.

Ignoro e foco nas minhas propostas, em saber tudo o que está acontecendo nas empresas, traçando estratégias para trazer mais lucros. E durante horas mergulho no meu trabalho, esquecendo da dor da traição, pois, sentada nessa mesa, sou apenas a CEO e David um funcionário, nada mais do que isso.



A última reunião encerrou às sete da noite, estou esgotada e mal consigo colocar meus pés no chão, muito menos raciocinar com clareza, mas apesar disso, estou feliz por ter assumido meu lugar.

Inspiro fundo e escorrego na cadeira quando fico sozinha na sala de reunião. Fecho meus olhos, tentando relaxar um pouco.

— CEO Sofia Alves Martin... — Sussurro, com um sorriso gigantesco.

— Que orgulho...

— Sof? — Cerro os dentes quando escuto a voz de David, sinto um arrepio na espinha quando ele para diante de mim.

— Já tirou suas coisas da sala da presidência? — Pergunto, olhando para seu rosto.

— É por vingança, não é? — Umedeço meus lábios e me inclino, pego uma garrafinha de água para manter minhas mãos ocupadas, evitando colidir na sua cara.

— Por que eu me vingaria de você?

— Por tudo o que aconteceu. Eu sei que errei, Sofia, mas você tem que me perdoar. — Dou um gole na água, escondendo o ranço que sinto dele.

— Eu te perdoo David. — Digo, por fim. — Juro que estou sendo sincera. — Ele sorri de leve.

— Então...

— Não estou fazendo isso por vingança. — Corto-o, ficando ereta na cadeira. — Perdoar não significa que tudo vai ser como era antes. A confiança foi embora, deixando apenas a mágoa. — Me levanto, ficando mais perto dele. — É como papel, David, quando você amassa uma vez, ele nunca volta a ser o que era antes.

— Sofia, estou tão arrependido... — Ele segura minha mão e me puxa para mais perto. — Eu te amo e não estou aguentando ficar longe de você.

— Eu sei. — Seguro seu rosto. — Não te tirei do cargo por capricho meu, mas quero cuidar dos negócios do meu pai, por isso fiz o que fiz.

— Você está diferente. — Seus olhos brilham, observando meu rosto. — Está mais... linda.

— Você vai me ver todos os dias por aqui, então espero que possamos separar o pessoal do profissional. — Tento me afastar, mas ele enlaça minha cintura, colando meu corpo no seu.

— Me desculpa pelas palavras que eu disse a você, fui um estúpido de merda, mas estava sendo movido pela raiva. — Fecho meus olhos com força, assinto, aceitando suas desculpas e me afastando dele.

— Sou casada agora, David, vamos manter as boas lembranças no passado, pelo menos não estrague isso.

— Nós dois cometemos um grande erro. Sei que você não ama aquele marginal e que seu coração pertence a mim, então nos dê uma segunda chance. — Seus olhos estão suplicantes, mesmo que no fundo eu queira esquecer tudo, não dá, porque ainda dói.

— Até amanhã, David. — Digo, pegando minhas coisas. — Espero você na nossa reunião para acertar todos os detalhes do seu novo cargo.

— Sof... — Ele se cala, olhando por cima do meu ombro, olho para trás, Camila está parada na porta com as sobrancelhas franzidas e as mãos em punho.

— Preciso ir. Boa noite! — Despeço, deixando David para trás, passo por Camila sem lhe dirigir nenhuma palavra.

— Sério, David? — Escuto sua voz alterada, mas bloqueio, indo em direção ao meu carro.

Quando chego em casa, solto um suspiro longo, retiro minhas sandálias, fazendo careta ao colocar meus pés no mármore do chão. Eles estão doloridos demais. Largo minhas coisas na mesa de centro e me deito no sofá, muito cansada.

— Você chegou?

— Não, ainda estou lá. — Respondo Michael com diversão, ele ri e se aproxima de mim.

— Como foi? — Fecho meus olhos sentindo minha cabeça explodindo de dor.

— Exaustivo, mas foi melhor do que imaginei.

— Qual a novidade? — Sinto suas mãos em um dos meus pés e sobressalto, olho para ele que me encara com curiosidade, relaxo meu corpo quando começa a massagear meu pé direito.

Michael está vestido todo de preto como sempre, anéis nos dedos e jaqueta de couro, parece ter acabado de sair do banho. Reprimo a vontade de inspirar seu cheiro, sua barba está um pouco mais curta e aparada, seus

cabelos bagunçados propositalmente o deixam ainda mais lindo.

— Sou a nova CEO da Martin. — Michael ergue as sobrancelhas, admirado.

— Meus parabéns, CEO Sofia Martin. — Ele me lança um sorriso sexy, orgulhoso e... feliz, fazendo meu coração palpitar com mais força.

— Obrigada, querido esposo. — Michael fica me olhando por mais alguns segundos. Ele começa a massagear meu outro pé, o alívio é tão grande que suspiro de prazer.

— Está orgulhosa?

— Sim. — Falo, fechando meus olhos. — Muito orgulhosa, acho que meus pais devem estar muito felizes agora.

— Não tenha dúvidas.

Fico calada com os olhos fechados, aproveitando cada toque dele em meus pés, me sentindo cada vez mais relaxada.

— Michael?

— Hum...

— Obrigada pela massagem.

— Quando quiser, é só me pedir. — Sorrio, sentindo-me cair no sono.

— Você é muito bom com a massagem.

— Sou bom em várias coisas. — Sua voz rouca navega por meus ouvidos, estremecendo meu corpo.

O silêncio recai novamente tão reconfortante, que desejo que nunca mais acabe, pois, ao lado dele parece que tudo é mais... leve... e ao mesmo tempo intenso.

Michael continua massageando meus pés, até que caio no sono, sentindo suas mãos grandes, firmes e suaves em minha pele...



Chego no lugar onde marcamos exatamente a uma da manhã. Olho para Arthur e Lyman encostados nos carros, ambos vestidos de preto.

— Tem certeza? — Pergunto ao me aproximar, coloco as mãos no bolso do moletom, querendo uma resposta diferente.

Meu irmão me lança um olhar irritado.

— Cara, já era. — Diz, fazendo meu coração apertar. Um nó se forma na garganta.

— Tem que ser agora. — Lyman informa, desencostando do carro. — Fiquei sabendo que a carga vai ser vendida amanhã, senão pegamos ela hoje, acabou para gente, Michael.

— Como soube? — Pergunto um pouco desconfiado.

— Alex me informou, ele é muito amigo de um dos caras de Jason.

— Você entra, Michael — Arthur fala, estendendo uma pistola, — pega o caminhão e vai para o encontro com os Evil Angels. Não para por nada, estaremos logo atrás. — Guardo a arma atrás das costas e meneio a cabeça.

Minutos depois, Arthur para em frente a uma casa afastada da cidade. O caminhão com a carga se encontra na garagem dos fundos, porém, há um

problema.

— O que faremos com os seguranças? — Olho para o lado e vejo Arthur colocar um silenciador na pistola, meu coração acelera. — Você não...

— Não tem outra alternativa. — Esfrego meu rosto.

— Você enlouqueceu? — Pergunto, alterado. — Esses putos são da pesada, mano. Se Jason souber que matamos seus homens, virá com tudo, não somos páreos para ele.

— Você tem um plano melhor? — Trinco os dentes com impaciência, voltando a encarar a casa.

— Vou entrar escondido, pegar o caminhão e sair, você cuida dos que vierem atrás de mim, mas não os matem. — Abro a porta.

— Quem te garante que você vai conseguir?

— Eu! — Fecho a porta e coloco o capuz, inspiro fundo e caminho discreto em direção à casa, mantendo-me no escuro para não ser visto.

Engulo em seco, tento controlar a todo custo meu nervosismo enquanto ando sorrateiramente pela propriedade. Há dez guardas espalhados, mas nenhum tão perto da garagem como deveria estar, parecem tranquilos em relação à carga.

Encosto as costas na parede ao lado de uma janela e escuto vozes abafadas. Meus olhos navegam pelo lugar em busca de perigo antes de espiar para saber o que está acontecendo dentro da casa.

Quando meus olhos se fixam no casal, meu chão desaba e sinto um calafrio percorrer meu corpo enquanto assisto Stephanie... porra... Minhas mãos tremem de ódio ao vê-los transando em uma cama.

Começo a sentir repulsa e meu estômago revira de nojo, como pude acreditar em suas palavras? Como pude ignorar tantas provas jogadas na minha cara? Céus... porque ainda beijei essa mulher?

Minha garganta se fecha, me afasto da janela e me inclino para frente, prestes a vomitar, mas isso não acontece. Apenas fecho meus olhos e inspiro fundo. Não há tempo para me entregar a esses sentimentos... não quando tenho uma carga para pegar de volta.

Engulo a bile, olho para os lados e tento esquecer da cena que presenciei naquele quarto, das mãos de Jason percorrendo o corpo tatuado de Stephanie, minha namorada, a mulher que... merda, nem sei se amo essa garota mais.

Me afasto de onde estou e continuo com o plano. Olho para os lados quando avisto o caminhão, dou um passo à frente, mas volto rapidamente e colo as costas na parede quando escuto passos. Prendo a respiração, na espera do capanga de Jason passar, sem que note minha presença.

Ele passa segurando uma metralhadora, engulo em seco e rezo aos céus para que não olhe para trás. Depois de segundos intermináveis ele se afasta o bastante para eu sair de onde estou e correr até o caminhão.

Solto o ar e agacho, olhando para todos os lados. Abro a porta com cuidado e entro com agilidade, abaixo rápido quando um dos capangas aparece na minha visão. Tento controlar a respiração ofegante antes de me erguer e olhar para fora. Começo a procurar pela chave, mas não a encontro. Terei que fazer uma ligação direta.

Inclino, seleciono os fios certos e ao perceber que estou seguro, ligo o caminhão. O barulho do seu motor enche a noite, não perco tempo ao pisar no acelerador e arrancar com ele. Por ser um veículo um pouco grande, tenho dificuldade de acelerar. Vejo os capangas correrem em minha direção, passo por eles e entro na estrada de chão, escutando disparos, gritos de ordens e balas impregnando a lataria do veículo.

Meu coração bate ao perceber que estou sendo seguido por três carros. Acho que não foi uma boa ideia ter feito isso, roubar o cara que me roubou... não é uma escolha sábia.

Piso no acelerador e seguro firme o volante quando um dos carros bate na lateral do caminhão, cerro os dentes e jogo o caminhão em sua direção, tentando ganhar tempo, pois preciso aguentar só mais um pouco...

— Merda... — Xingo quando um deles me ultrapassa e dirige na minha frente, em seguida freia de uma vez e piso no acelerador, colidindo com seu carro, ele roda e capota pela estrada, saindo do meu caminho.

Olho pelo retrovisor a tempo de ver o capanga sair de dentro do carro, volto a prestar atenção à minha frente. Quando estou quase no fim da estrada,

dois carros ligam os faróis; um do lado direito e o outro do lado esquerdo. Eles aceleram e passam por mim, indo em direção aos capangas de Jason, inspiro aliviado e entro na rodovia.

Relaxo no banco ao perceber que não estou mais sendo seguido. Dirijo com tranquilidade e calma para não chamar atenção. As lembranças voltam com tudo, a imagem dela na cama de outro deixa meu coração angustiado, embora ela não tenha só me traído, mas a irmandade inteira, não sei se terei coragem de contar isso a todos, principalmente por causa do seu pai, que é o melhor amigo do meu.

É uma droga tudo isso... soco o volante com raiva e cheio de mágoa. Tive a chance de terminar com ela no primeiro momento em que descobri que estava me traindo, talvez se eu tivesse acabado com tudo antes, não teria chegado a esse ponto.

Depois de vários minutos dirigindo, entro em uma estrada de chão afastada da cidade e paro quando avisto vários motoqueiros bloqueando a rua. Engulo em seco, desligo o motor, confiro a pistola nas costas e desço do caminhão.

De repente o ar muda, o vento fica mais frio e meu corpo mais tenso, enquanto encaro cada um dos Evil Angels. Eles são os motoqueiros mais barra pesada de toda a América, todos os integrantes são ex-detentos, perturbados demais para viver na sociedade e ninguém que conheço ousa se aproximar deles.

Ergo minhas mãos em sinal de paz, cada um está segurando uma arma, vestem couro e são tatuados, alguns são mais velhos que outros, mas nenhum menos perigoso. Engulo em seco e me aproximo, sentindo cada olhar de desconfiança, se eu fizer um único movimento errado, estou morto.

— Sou Michael Sanches — paro em uma distância segura — do The Sanches. Eu trouxe a carga como combinado.

Um motoqueiro grande e musculoso dá um passo à frente, seus olhos escuros se prendem nos meus. Ele inclina a cabeça, está me avaliando com cuidado, sinto-me prestes a ser devorado por uma matilha de lobos.

— Alguém te seguiu? — Ele pergunta sem desgrudar os olhos de mim.

— Estou sozinho. — Ele me avalia por mais alguns segundos antes de levantar dois dedos e inclinar para o lado esquerdo.

Olho por cima do seu ombro quando noto uma movimentação, todos abrem caminho enquanto uma mulher se aproxima, meus olhos descem por seu corpo. Ela está vestida com um top de couro, calça de couro e botas, seu corpo é tatuado, subo meus olhos e os fixo em seu rosto delicado, seus olhos são azuis. Seus cabelos platinados dão um toque perfeito para sua pele branca como neve.

Todo seu poder vem do simples fato de ser a líder do Moto Club Evil Angels. Pouco se sabe dela, Angel é um mistério, tanto quanto seu clube, e ninguém sabe como ela conseguiu essa liderança. Todos acreditam que ela matou o antigo líder e os que não a aceitaram, recrutando assim seus próprios homens.

Dizem também que um dia ela já foi uma mulher normal, mas que isso foi tirado dela, transformando-a no próprio demônio.

— Estou aqui em nome de Maison Sanches. — Anuncio, tentando disfarçar meu nervosismo.

Angel parece me ignorar ao passar ao meu lado sem dizer nenhuma palavra. Ela para em frente ao baú do caminhão, vê o cadeado e me lança um olhar frio.

— Eu não tenho as chaves. — Esclareço, me aproximando também, mas sou barrado pelo cara grandalhão de antes.

— Não se aproxima. — Avisa.

Um dos motoqueiros se aproxima de Angel com uma ferramenta nas mãos que não consigo descobrir qual é devido à distância, segundos depois o cadeado cai no chão e Angel abre as portas do baú cheio de quilos de cocaína.

Ela pega uma barra da droga e com um canivete, rasga um pedaço do plástico, enche seu dedo indicador de pó e o coloca na boca, em seguida entrega para seu motoqueiro que começa a testar a pureza da cocaína.

— De onde veio? — Pergunta, com a voz gélida.

— México. — Ela assente e fecha as portas do baú após ter a

confirmação de que a cocaína é pura.

— Me surpreende ser tão pura.

— Meu fornecedor a produz na Bolívia. — Angel acena para seus motoqueiros sem dizer mais nada, eles trazem dez malas e as colocam na minha frente.

— Quer testar se a grana é falsa? — Sua voz sai em desafio, é fácil ela me matar aqui e ficar com tudo, já que estou sozinho, mas a questão é, se terei a ousadia de desconfiar da sua palavra.

— Confio em você. — Angel umedece seus lábios, me encara por alguns segundos antes de virar e gesticular para irem embora.

Um dos seus homens entra no caminhão, dá partida e arranca, se afastando com as motos logo atrás. Solto a respiração e fecho meus olhos, escutando os barulhos dos motores ficarem mais distantes. Abaixo a cabeça e encaro as malas, agacho e as abro.

— Porra... — Xingo com o coração disparado. — É muita grana. — Esfrego a barba, um pouco transtornado.

Escuto barulhos de pneus e olho para o lado. Arthur desce do carro e assovia quando vê o dinheiro.

— Despistamos eles. — Diz, se agachando.

— É muita grana, Arthur. — Minha voz sai assustada. — É dinheiro demais e... fácil.

— Não foi fácil. — Ele fecha as malas. — Você foi roubado, quase baleado e quase morto por esses caras do Angels, que são doentes.

— Já imaginou se os federais descobrem? — Apanho duas malas e as coloco no porta-malas do carro.

— Não vão descobrir.

— Então é isso? — Arthur me lança um olhar confuso.

— Está feito. — Diz, colocando as últimas malas no carro. — Temos a grana do Cortez e os nove milhões da dívida com Los Diables. — Ele fecha o porta-malas e me olha. — Pronto.

— *Pronto?* — Balanço a cabeça. — Olha a porra da grana que ganhamos traficando cocaína, isso não vai parar, Arthur, são 20 milhões de dólares. Amanhã pode ser 30 milhões, vai ser um ciclo sem fim.

— Era isso ou a gente morria. — Fecho meus olhos, controlando o tremor no meu corpo.

— Marlon morreu traficando essa merda.

— E nos deixou uma dívida que não conseguimos pagar. — Arthur fala com impaciência. — Três anos nosso Clube vem sendo ameaçado e ainda não conseguiremos quitar todas as dívidas.

— Não quero fazer parte disso.

— Do que você não quer fazer parte?

— Não me tornarei um traficante de drogas, Arthur. — Meu irmão fica calado por alguns segundos, sei que não tivemos outra alternativa, mas temos a chance de parar. — Se entrarmos, não haverá volta.

— Nosso clube está falindo...

— Tenho o dinheiro da Sofia, esses vinte mil dólares vão nos ajudar. — Ele solta uma risada fria. — Traficar não é a solução.

— É fácil dizer isso, não é? — Arthur se altera e me lança um olhar furioso. — Você nunca precisou sujar as mãos, porque nossos pais sempre o defenderam por ser o filho mais novo, então não diga que há outra solução quando você não faz ideia do que está acontecendo. — Arthur fecha os olhos, controlando sua raiva.

— Eu entrei nessa para limpar nossa barra...

— Não, Michael, — ele me corta — você entrou nessa porque se sentiu inútil em relação ao clube e ainda perdeu a porra da carga por confiar demais naquela vadia de merda. — Abaixo a cabeça, evitando uma discussão maior.

— Temos a grana.

— *Temos a grana.* — Desdenha minhas palavras. — Temos Jason agora, acha que ele vai nos deixar em paz?

— Temos um milhão para reerguer a irmandade. — Arthur bufa, encaro-o com desconfiança. — O que você está me escondendo, cara? — Ele

me olha, uma sombra passa por seus olhos escuros.

— Agora você está casado com uma mulher podre de rica, mora em um palácio e ainda recebe por isso, não tem que se preocupar com nada.

— Me vendi para uma mulher que nunca vi na vida para salvar nossa pele, Arthur. — Ele sorri de lado, um sorriso sem humor.

— Você faz ideia da fortuna que está nadando? — Arthur me olha. — Se você... mano, se você ficar viúvo, todo aquele império é seu.

Suas palavras me atingem em cheio, deixando meu corpo inteiro congelado. Fico encarando-o fixamente, sem acreditar que teve a coragem de dizer isso. Arthur passa a mão na sua sobranalha esquerda, percebendo que falou merda.

— Você não falou isso, certo? — Arthur desvia do meu olhar.

— Vamos para casa. — Ele abre a porta do carro para entrar, mas eu impeço ao segurar com força seu braço.

— Retira o que acabou de dizer.

— Foi só um pensamento. — Ranjo meus dentes, não foi um pensamento e sim uma ideia.

— Se acontecer alguma coisa com Sofia, eu acabo com você, me ouviu? — Arthur desvencilha e ajeita sua jaqueta.

— Foi apenas um pensamento.

— Joga esse pensamento no rabo, porque se eu ouvir você falando isso de novo, juro por Deus que arranco seus dentes no soco, Arthur.

— Defendendo sua esposa, Michael? — Sua voz sarcástica me deixa ainda mais furioso.

— É um aviso. — Dou um passo para trás, encarando o olhar arrependido do meu irmão.

— Aonde você vai? — Pergunta quando dou as costas.

— Vou para casa. — Digo, caminhando na escuridão.

— É perigoso Michael, ainda mais com os homens de Jason à sua procura. — Ignoro, coloco o capuz e continuo caminhando.

Escuto Arthur amaldiçoar antes de arrancar com o carro na direção oposta. Meu coração ainda continua acelerado devido as suas palavras que batucam minha mente, o que ele disse... Céus, o que está acontecendo com meu irmão?

Sinto meu coração apertar só de imaginar Arthur indo pelo mesmo caminho que Marlon. O clube não era assim anos atrás, pode ter sido um erro ter me afastado tanto depois da morte do meu irmão e de algum jeito, sinto uma culpa por ter deixado chegar a esse ponto.

Inspiro fundo o ar da madrugada e caminho com os pensamentos longe, pensando no passo que darei amanhã e no que farei para tirar meu irmão dessa vida, que só tem um único fim, a morte.



Mal preguei o olho essa noite, na verdade, nem dormi pensando em Stephanie e no Arthur. Encosto na moto e cruzo os braços, observando os caras do M.C conversarem. Arthur se aproxima e estende uma garrafa de cerveja, olho para ele através dos óculos escuros, ele inspira fundo.

— Desculpa pelo que falei. — Pego a garrafa, ainda chateado. — Você já falou com ela?

— Não, mas ela mandou mensagem, respondi que iria vê-la mais tarde. — Dou um gole na cerveja, encarando Thierry Russel, pai de Stephanie.

— Como se sente?

— Uma merda, cara. — Fito a garrafa, sentindo-me acabado com tudo isso.

— Você vai contar aos nossos pais? — Balanço a cabeça.

— Preciso conversar com Stephanie primeiro. — Arthur chuta de leve o pneu traseiro da moto, parecendo querer dizer alguma coisa.

— Percebi que dormiu em casa e não no palácio. — Ele me observa com os olhos estreitos.

— Precisava pensar. — Beberico a cerveja, não fui para casa de Sofia por sentir vergonha demais pelo que fiz e por ter visto a mulher que gosto me

traindo, porém, às vezes acho que não tenho o direito de sentir raiva da Stephanie, afinal, foi eu que não cuidei do nosso relacionamento e me casei por dinheiro.

— Você já falou para Sofia da confraternização de amanhã? — Comprimo meus lábios. — Nossos pais estão levando esse casamento muito a sério, Michael.

— É um saco!

— Você deveria ter pensando nas consequências antes de ter aceitado... — Meus lábios se esticam em um sorriso irônico, Arthur xinga baixinho.

Resolvo não responder, porque ele sabe muito bem porquê aceitei me casar com uma mulher desconhecida.

— Nosso pai já chegou? — Pergunto, sem olhar para meu irmão ao meu lado e tentando controlar o incômodo que estou sentindo dele ao estar perto de mim. Estou com tanta raiva que sinto que vou explodir a qualquer momento.

— Ainda não. — Assinto, colocando a garrafa vazia em cima do banco da moto. — Você vai mesmo arrumar confusão? — Olho para ele, irritado.

— Você acha que irei arrumar confusão? — Arthur aperta os lábios. — Eu vou conversar.

— Certo. — Ele pega minha garrafa vazia e aponta para trás de mim. — Você tem companhia. — Olho para trás e fecho meus olhos com força.

— Droga... — O oficial Brandon desce da viatura e me chama, inspiro fundo e vou até ele.

Brandon coloca os óculos escuros e recosta na viatura. Ele é um cara alto, negro e sem espaço para brincadeiras, é um dos responsáveis pela ronda nessa região, sempre com os olhos focados nos Moto Clubes, buscando encontrar nossas sujeiras.

— Oficial Brandon.

— Michael. — Ele cruza os braços, sei que por trás dos óculos ele está me avaliando.

— Algum problema?

— É para ter algum problema? — Umedeço os lábios, odeio quando ele faz isso.

— Você está aqui, certo?

— Soube por alguns boatos, que semana passada teve um tiroteio na região de La Jolla e que uma moto acabou explodindo. — Brandon inclina a cabeça para o lado, tira os óculos escuros e olha por cima do meu ombro. — Trocou de moto, Michael? — Sua voz sai sarcástica, porque ele sabe o que aconteceu, só quer a confirmação.

— Não fiquei sabendo. — Minto, Brandon sorri.

— Estou de olho em você. — Diz, recolocando os óculos. — Estou sentindo uma movimentação estranha, espero não ter que te algemar, Michael.

— Estou limpo, oficial. — Brandon estica os lábios, parecendo desconfiado. — Troquei de moto, vendi aquela.

— Entendo... — Ele desencosta e abre a porta da viatura. — Fiquei sabendo que se casou, meus parabéns.

— Como soube? — Brandon sorri.

— Só não sei se ela foi sortuda ou azarada. — Ele estala a língua. — Até mais Michael, estou de olho em você.

Brandon se afasta com a viatura, quando está longe o bastante, solto a respiração. Como ele descobriu sobre meu casamento? Apenas minha família sabe disso, a não ser...

Sinto meu celular vibrar no meu bolso, mas ignoro quando meu pai chega, meu coração acelera, pondero em deixar isso para lá, mas não há outra alternativa, não posso deixar minha família se afundar ainda mais do que já está.

Inspiro fundo e vou atrás dele, pronto para enfrentar o inferno se for preciso para manter minha família lúcida e longe de perigo.



Não foi tão agradável, a conversa que tive com meu pai. Maison é um homem ignorante que só aceita sua opinião. Quando coloca algo na cabeça, ninguém tira. Isso evoluiu para uma briga nada prazerosa, um começou a jogar coisas na cara do outro... um atacando o outro, até que desisti, e sai batendo a porta escutando os berros do meu pai.

Arthur, fofoqueiro como sempre, estava a todo momento atrás da porta, escutando nosso bate boca, quando dei de cara com ele, meu desejo era de espancá-lo até ficar sem seus dentes. Seu olhar de “*eu avisei*” me deixou ainda mais furioso.

Estaciono a moto perto do Pier de La Jolla, pego as malas e caminho de encontro com Fuentes, sentado no banco com seus seguranças em volta. Coloco as malas no chão e ergo minhas mãos quando um dos seus seguranças me revista, ele me libera e me sento ao lado de Fuentes, que fuma seu charuto despreocupado.

— *San Diego es muy hermosa.* — Diz, sem me olhar. — *Aparentemente recibiste mi pago a tiempo.*

— Foi o combinado.

— *Eres un buen chico, pero no pareces encajar.* ^[1] — Ele me encara, soltando a fumaça do charuto em meu rosto, trinco os dentes de raiva. — *No entres en este mundo, Michael.*

— Você me dizendo isso? — Arqueio uma sobrancelha, Fuentes sorri, inspira e volta a encarar o mar.

— *Viví mucho para dar este consejo, este mundo no tiene nada que ganar ... simplemente se pierde, Michael.* ^[2] — Fuentes bate de leve em meu joelho e me encara. — *Vete mientras haya tiempo, porque una vez que entras*

en este mundo, nunca más te vas, a menos que te maten. ^[3]

— Vou manter isso em mente. — Digo com sinceridade, ele balança a cabeça.

— *Fue bueno hacer negocios contigo, espero no verte en este mundo, Michael.* — Solto a respiração, e me levanto.

— Não verá. — Fuentes me encara por alguns segundos, antes de desviar o olhar.

— *Buena suerte en la vida, chico.*

— *Gracias, Fuentes.*

Viro de costas e saio andando de volta para minha moto, aliviado por ter ocorrido tudo bem. Olho para trás, Fuentes continua do mesmo jeito, parecendo fascinado pelo mar. Coloco o capacete e monto na moto com a promessa de nunca mais fazer negócios com seu cartel.

Dirijo pelas ruas, sentindo o vento gelado da noite, mas longe de me sentir livre. Paro em frente à casa da Stephanie, tiro o capacete e me inclino na moto. Não acredito que tudo isso está acontecendo...

Fecho meus olhos, controlando meu coração acelerado antes de bater à sua porta. Coloco as mãos no bolso da calça e espero por ela. Escuto seus passos pesados... cada passo é uma dor em meu peito. Engulo em seco e levanto a cabeça quando Stephanie abre a porta.

Seus lábios esticam em um sorriso gigantesco, só não sei se é sincero, mas faz meu coração acelerar e minhas barreiras baixarem. Ela estica os braços e contorna meu pescoço, sou invadido por seu cheiro e calor. Stephanie cola seus lábios nos meus, enlaço minhas mãos em seus cabelos cor de rosa e aprofundo o beijo, sentindo seu sabor que tanto... adoro.

— Oi meu amor. — Diz, mordendo meus lábios. — Senti sua falta.

— Estou percebendo. — Aperto sua cintura e a trago para mais perto, sentindo de repente saudades de... ser amado.

— Eu tentei fazer algo para gente, não sei se ficou bom. — Ela se afasta e entra para dentro da casa, eu a sigo.

Stephanie está usando um short curto, deixando suas pernas torneadas e

tatuadas à mostra e uma regata preta, realçando a cor dos seus cabelos que estão de um rosa mais intenso.

— Você já jantou?

— Preciso conversar com você, Stephanie. — Ela me olha com as sobrancelhas franzidas, percebendo a mudança na minha voz.

— Vamos comer primeiro? — Pede, fazendo um bico, respiro fundo e assinto. — Como foi seu dia? Você está com uma moto diferente.

— Acabei de comprar. — Stephanie comprime os lábios e olha para panela em cima do fogão.

— Você não me contou... — Murmura, seu semblante muda de alegre para triste e isso me parte.

— Ei... — Me aproximo e a abraço por trás, inspiro seu cheiro. — Me perdoa...

— Pelo quê? — Fecho meus olhos por um instante.

— Fui um péssimo namorado, sempre deixei nosso relacionamento de lado. — Stephanie se vira e me encara.

— Você se afastou quando seu irmão morreu, Michael. — Assinto, colocando seus cabelos atrás da orelha. — Você mudou...

— Eu sei...

— Você me deixou de lado. — Fito seus olhos cheios de mágoa.

— Me desculpa. — Encosto minha testa na sua. — Mas não justifica o que você fez. — Sinto seu corpo enrijecer. — Confiei em você, Stephanie, eu e minha família, estaríamos mortos se eu não tivesse recuperado a carga.

— Não sei do que está dizendo...

— Não minta para mim, Stephanie. — Seguro seu rosto e inclino sua cabeça um pouco para trás, para que seus olhos azuis se fixem nos meus. — Sei de todas as traições, das mentiras e sei sobre Jason. — Uma lágrima cai de seus olhos, seu corpo estremece.

— Eu não...

— Eu te amo, Stephanie. — Colo meus lábios nos seus, ela solta um

solução e mais lágrimas escorrem por seu rosto. — Te amo tanto a ponto de deixar você ir.

— Michael... — Sua voz sai embargada, ela segura meus pulsos. — Me perdoa...

— Sim, meu amor, eu te perdoo. — Sussurro, limpando seu rosto. — Mas não somos felizes juntos... você não é feliz comigo.

— Eu... podemos tentar de novo. — Stephanie me olha suplicante. — A gente viveu tanto tempo juntos, passamos por tantas coisas, Michael, não vamos deixar isso se perder. — Acaricio sua pele e seus cabelos, gravando cada pedacinho seu.

— Por isso Stephanie, que tenho que deixar você ir. Nosso tempo acabou, amor.

— Michael... — Seu choro aumenta. — Me perdoa por tudo... eu sou horrível...

— Você tem outros objetivos... que são diferentes dos meus.

— Eu não amo Jason, foi apenas uma aventura. — Ela segura meu rosto com as mãos trêmulas. — Eu amo você.

— Por quê? — Minha voz sai fraca, sinto minhas estruturas desabarem aos poucos. — Por que você fez isso?

— Eu... — Stephanie desvia o olhar. — Pensei que você não me amava mais. Você mal conversa comigo, é frio na maior parte do tempo em que estamos juntos, você sempre está longe, Michael. — Ela volta a me encarar. — Eu me senti... sozinha.

— Por que não terminou antes de me trair?

— Porque fui idiota e... — Ela inspira fundo e abaixa a cabeça. — Não tive coragem, acreditei que era apenas uma fase.

— Você me promete uma coisa? — Pergunto, erguendo seu rosto.

— Qualquer coisa. — Sussurra com a voz embargada.

— Promete que vai ser feliz sem mim? — Stephanie fecha os olhos e morde os lábios para segurar o choro. — Promete?

— Eu... Michael...

— Por favor...

— Eu prometo. — Diz, liberando o choro. — Eu prometo, Michael. — Engulo as lágrimas e a puxo para um abraço, enterro meu rosto em seu pescoço, sentindo seu corpo convulsionar de choro.

— Eu te amo... te amo tanto... — Depois de alguns minutos abraçados, afasto-a com delicadeza. — Desejo que seja feliz... muito feliz. — Ela assente, vermelha por causa do choro.

— Acabou? — Fecho meus olhos e encosto minha testa na sua.

— Sim, acabou. — Largo sua cintura e ando em direção à porta, incapaz de continuar perto dela.

Seu choro alto e dolorido me deixa em cacos, sei que ela está sendo sincera, porque eu a conheço há anos, mesmo que tenha me traído inúmeras vezes, ela ainda me ama... mesmo transando com Jason, acredito que é em mim que ela pensava.

Seguro a maçaneta, escutando-a chorar. Quero ir até Stephanie e a pegar em meus braços, mas... Fecho a porta, monto na moto e dirijo com lágrimas escorrendo. Meu coração bate aflito... tão aflito que fica impossível respirar. Paro a moto no acostamento, desço, tiro o capacete e de repente solto um grito de raiva, de dor e de angústia.

Mesmo que tenha feito o que fez comigo, ainda gosto dela e me odeio por tê-la feito chorar. Tudo está pesado demais para suportar agora, a perda de Marlon, minha família endividada, Arthur cheios de segredos e um casamento falso... tudo em tão pouco tempo...

Enterro meu rosto nas mãos, controlando meu choro e tentando colocar meus sentimentos e pensamentos em ordem. Entretanto, aqui nessa avenida, de frente ao mar e com o luar iluminando a estrada, nunca me senti tão... só.



Solto um suspiro exasperado e fecho o livro que estou lendo com raiva. Encaro a mulher loira com uma espada na capa, a melhor personagem do mundo literário, mas que nesse momento está um porre porque não consigo me concentrar.

Abaixo o livro e suspiro novamente. A série Trono de Vidro da Sarah J. Maas, é a minha preferida da vida, sou apaixonada pela assassina Celeana, devorei quatro livros em poucas semanas, mas que agora não conseguem me prender e muito menos tirar a preocupação que sinto.

Levanto-me do sofá e coloco o calhamaço na mesinha de centro, olho para meu celular e inspiro. Michael desapareceu, não dormiu em casa e muito menos atendeu minhas chamadas... não que sejam muitas, pois fiquei sem graça de ficar ligando. Não sou esposa dele de verdade e muito menos quero ser chata, entretanto, ficar sem notícia é perturbador.

Meu celular apita, mas ignoro quando o nome de David aparece na tela. Ele não para de ficar correndo atrás de mim, mesmo depois de ter deixado claro que não o quero mais e que acabou, que não há volta, mas mesmo assim David não desiste, e as suas desculpas passaram a me irritar.

Deixo o celular em cima do livro e caminho até a cozinha, com o

intuito de fazer um sanduíche para eu comer, já que Magali está de folga hoje e amanhã, provavelmente aproveitando seus dias mais do que eu.

Sorrio por meu notebook estar no balcão, vou até o youtube e coloco a playlist do Jorge e Mateus, cantarolo quando escuto suas vozes e meu coração apertar com as letras e as melodias.

Vou até à geladeira e pego tudo o que preciso para montar meu sanduíche. Sorrio quando ele fica pronto, mas será que um só irá me sustentar? Não seria melhor fazer dois logo para não ter que esperar para fazer outro?

Fico encarando... pensando... cogitando... sinto algo estranho e levanto a cabeça dando de cara com Michael, escorado no batente da porta com os olhos fixos em mim. Sobressalto de susto e quase deixo meu sanduíche cair. Inclino e pauso a música, colocando a mão no meu peito, que sobe e desce com a respiração acelerada devido ao susto.

— Michael... — Murmuro, engolindo em seco.

— Oi! — Fecho meus olhos ao escutar sua voz, apesar de o meu peito estar doendo, nunca pensei que sentiria tantas saudades dele.

— Você sumiu, estava muito preocupada. Te liguei quatro vezes, mas você não me atendeu. Não queria ser chata nem nada, por isso não insisti, embora eu tenha ficado preocupada, sei que você sabe se cuidar e...

— Estou de volta. — Ele me corta, desvio o olhar dele.

— Bem-vindo de volta. — Sussurro, encarando meu sanduíche. — Eu fiz um sanduíche para mim, se quiser, posso fazer um para você, é super... — Me calo quando sinto sua presença atrás de mim, me viro devagar e encaro seu rosto perto do meu... tão perto que seu cheiro me invade e meu coração palpita. — É muito gostoso...

— O que é gostoso? — Diz, se aproximando, encosto as costas no balcão, seu olhar é tão intenso que sinto meus pulmões falharem.

— Não é você, se tiver pensando nisso. — Pigarreio quando as palavras saem em disparada. — É o sanduíche. — Explico, ele sorri de lado e se inclina em minha direção, engulo em seco quando seu peito encosta no meu. — Michael, o que...

— Fico com esse. — Fala se afastando com o sanduíche na mão. — Estou com fome. — Umedeço os lábios me sentindo nervosa.

— Ah Michael... — Me viro, controlando minha respiração e prestes a repreendê-lo por fazer esse joguinho.

— O quê?

— Nada não... — Vou até à geladeira, ignorando sua presença, mas sinto seus olhos presos em mim.

— Você está bem? — Pergunta, quebrando o silêncio e abafando as batidas aceleradas do meu coração.

— Estou sim. — Coloco o ovo no óleo quente, incapaz de dizer mais alguma coisa. — Muito bem!

— Sofia?

— Hum? — Olho para Michael, ele está encarando o guardanapo em suas mãos parecendo... distante.

— Esquece. — Seu olhar se encontra com o meu, diferente de todas às vezes nos vimos, hoje seus olhos estão vazios e... tristes.

— Michael, o que ouve? — Ele inspira fundo, aperta os lábios e desvia o olhar.

— Estava gostoso o sanduíche.

— Sei que estava. — Desligo o fogo e me aproximo dele. — O que foi? Você não está bem. — Michael ergue o olhar e se prende em meu rosto.

— Você nem me conhece...

— Conheço o suficiente para saber quando não está legal. — Ele fica me olhando, parece que há uma guerra dentro de si. — Olha, isso pode parecer ridículo, mas você não só ganhou uma esposa, mas uma amiga.

— Amiga? — Assinto, ficando mais perto dele.

— Lembra dos seus votos: “*Sofia Martin, eu te dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser minha esposa e minha melhor amiga...*” — Ergo minha mão, lhe mostrando a aliança em meu dedo.

— Você se lembra?

— De cada palavra citada em nosso casamento. — Michael me fita, sua expressão está ilegível, não sei dizer o que pensa ou sente agora.

— Você soa como se fosse real.

— Não, estou dizendo que você tem uma amiga agora, que pode confiar. — Coloco minhas mãos no peito, sobre o coração. — Eu sou uma boa amiga.

— Sofia? — Sua voz sai angustiada, sorriso de leve, mas seu rosto está tão sério... — Não faz isso. — Murmura, balançando a cabeça de leve.

— Não entendi. — Michael fecha os olhos e desencosta do balcão, recuo um passo.

— Não faça isso... — Ele inspira. — Eu... porra...

— O que eu fiz? — Pergunto sem entender, Michael parece furioso. — Ei...

— Apenas... — Ele esfrega seus lábios e me lança um olhar estranho. — Boa noite.

Michael se vira e sai apressado da cozinha, me deixando transtornada sem saber o que fiz. Será que falei alguma coisa errada?

Mordo meu lábio inferior e monto meu sanduíche, mas acabo comendo forçada para não desperdiçar, porque acabei perdendo a fome pensando em Michael e no que acabou de acontecer. Mas a agonia de não saber a resposta é tão grande, que uma hora depois paro em frente ao seu quarto e abro a porta devagar, vendo-o deitado na cama.

— Michael? — Chamo, ele não responde.

Cogito deixá-lo, mas essa dúvida está me matando, então entro em seu quarto e me aproximo da sua cama. Respiro fundo e me deito ao seu lado, seus olhos se abrem e fixam nos meus. Ele não estava dormindo, apenas me evitando.

— É um sonho? — Sussurra, sorriso e coloco minhas mãos debaixo do travesseiro, encarando-o.

— Não, sou real. — Ele suspira.

— O que faz aqui, *noiva em fuga*? — Aperto meus lábios, fitando seu

rosto, Michael fecha os olhos parecendo muito cansado.

— Eu ainda não entendo o que eu fiz de errado. — Seus lábios se esticam em um sorriso sutil. — Michael?

— Você não fez nada, Sofia, esse é o problema. — Ele se levanta de supetão, me assustando. — Terminei com Stephanie, por isso que estou... assim.

— Você já não tinha terminado com ela? — Pergunto.

— Não estava pronto para...

— Terminar.

— São anos juntos e eu... sou o culpado de tudo ruir. — Escoro as costas na cabeceira, sem dizer nada, esperando que continue. — Não pensei que doeria tanto.

— Porque você a ama.

— Eu sou um idiota...

— Não há justificativa em trair a pessoa que amamos, porque você tem a opção de conversar ou acabar com tudo, não de trair. — Olho para minhas mãos, lembrando de David. — Mas preferem trair e eu não entendo.

— Não entende o quê? — Sua voz fica mais calma, levanto o olhar quando o sinto me encarar com atenção.

— Por que fizeram isso? — Engulo em seco. — Por quê?

— Eu não sei... — Ele sussurra, desvio o olhar me sentindo envergonhada. — Eu também não entendo. — Michael se aproxima, fito seus olhos castanhos e sinto seus dedos navegarem com delicadeza em minha bochecha, espalhando calafrio por todo meu corpo.

— O que não entende?

— Porque aquele babaca trocou você. — Engulo em seco. — Sofia você... é maravilhosa, gentil, divertida, doce e forte... como ele pôde trocar você?

— Michael, sou cheia de defeitos... — Ele sorri e enrola uma mecha do meu cabelo em seu dedo.

— Quero muito conhecer seus defeitos. — Franzo as sobrancelhas quando ele se aproxima, encarando meus lábios.

Meu coração acelera ao sentir sua respiração navegar por meu rosto, seu cheiro invade minhas narinas e minha barriga contorce, ele quer me beijar, mas... isso não está certo.

— Para, Michael. — Digo, colocando a mão em seu peito nu e macio, afastando-o. — Não está certo. — Ele se vira e deita na cama, colocando as mãos no rosto.

— Desculpa... — Murmura.

— Estou aqui como sua amiga, não como uma fuga para sua dor, isso não ajuda em nada. — Me levanto com raiva, mas sou impedida de afastar quando Michael segura meu pulso.

— Me desculpa. Estou sendo um idiota! — Solto a respiração, olhando para o homem diante de mim, parecendo tão devastado e sozinho. Seus olhos lacrimejam e sinto meu coração apertar.

— Eu te entendo... — Seguro sua mão. — Mas agora você precisa ficar sozinho e pensar. Se precisar chorar, Michael, chore. Não guarde toda essa dor em seu peito, porque vai doer muito mais do que está doendo. — Sento na cama e beijo de leve sua mão, ele me olha com a expressão fechada. — Boa noite, e não importa a tempestade que está enfrentando, ela vai passar.

Me levanto e caminho até a porta. Michael está sofrendo, mas não posso ser sua fuga e muito menos me relacionar com ele ou... ceder ao desejo, pois, se me beijar não estará pensando em mim e sim nela... na mulher que ele ainda ama.

— Sofia? — Olho para ele quando seguro a maçaneta.

— Sim?

— Boa noite. — Sorrio e fecho a porta, sentindo um aperto em meu coração e uma angústia profunda, querendo a todo custo arrancar seu sofrimento.

Volto para meu quarto e me sento na cama, pensando nas suas palavras e no momento em que quase me beijou, mas sei que amanhã ele vai estar melhor e com a cabeça no lugar. Entretanto, hoje e agora ele só precisa se

entregar a dor e chorar para que esse sofrimento não o corroa dia após dia.

Respiro fundo e trinco os dentes, sentindo raiva daquela mulherzinha por ter traído um homem tão... maravilhoso que nem o Michael. O que aquela vadia tem na cabeça para desperdiçar um homem como ele? Sei que posso estar sendo equivocada, afinal, só conheço ele há uma semana, porém, é tempo suficiente para saber do seu valor.

Idiota... muito idiota essa talzinha de Stephanie... que raiva dessa peste bubônica...

Deixo meu corpo cair na cama, pensando em Michael. Nesse momento estou com ódio por ela ter desperdiçado um amor como o dele, porque se David me amasse que nem ele a ama...

Mas David não é Michael e Michael não é o David... e isso é um saco... Choramingo, agora eu que lute com toda essa merda que estou passando.



Lavo minhas mãos para começar a preparar a carne para mais tarde, entretanto, mesmo tentando a todo custo esquecer do que aconteceu entre mim e Michael em seu quarto, aquela cena não sai da minha cabeça. Ela martela incansavelmente na minha mente, o momento que ele se aproxima... seu cheiro... droga... bato na carne com raiva.

Certo! É ridículo estar me sentindo assim, eu sei, eu sei... tem apenas uma semana que conheço esse homem e estou... toda derretida? Não... Solto uma risada enquanto minhas mãos massageiam os pedaços da carne. *Derretida* não seria uma boa definição, tudo o que estou sentindo é apenas carência, fato!

Mas é normal sentir o coração palpitar toda vez que ele está perto? Ou como se estivesse faltando ar nos meus pulmões? Faz tanto tempo que não sei o que é sentir esse frio na barriga que não consigo detectar se é atração, nervosismo ou... desejo?

— Meu Deus, Sofia! — Repreendo-me, encarando a carne. — Como você é besta. Não, na verdade, é idiota, muito idiota mesmo... idiota ao extremo. — Reviro meus olhos e suspiro.

Escuto passos se aproximando e levanto a cabeça a tempo de ver Michael entrar na cozinha. Ele me olha e se senta no banco em frente ao

balcão. Seus cabelos estão molhados... e maiores também, como podem crescer tão rápido em tão pouco tempo? Michael está vestido com uma blusa branca, suas tatuagens estão mais aparentes hoje... Meus olhos se prendem nos seus, que me analisam com atenção.

— Você não levou meu café. — Sua voz me desperta.

— Bom dia, Michael. — Pigarreio e com um pano de prato, limpo minhas mãos de tempero. — Imaginei que estaria muito cansado, então eu não quis te acordar. Mas fiz assim mesmo, você quer?

Ele batuca os dedos no balcão, seu peito sobe e desce em uma respiração tranquila e sua língua umedece seus lábios... merda, porque estou encarando-o desse jeito?

— Claro. — Engulo em seco, pego uma caneca e despejo meu café horrível dentro dela.

— Aqui. — Coloco na sua frente, suas mãos grandes envolvem a caneca e ele a leva à boca, saboreando o café. Michael fecha os olhos, como se a bebida fosse a melhor coisa do mundo, mesmo não sendo.

— Estava precisando.

— Do quê?

— Do seu café. — Michael abre os olhos, fixando-os em mim. Eles estão de um castanho-claro hoje, ou será que sempre foi assim? — Sofia?

— Hum? — Michael pisca, lento... seus olhos brilham e meu olhar desce para sua boca que estica em um sorriso discreto, seus lábios são tão...

— O que está acontecendo? — Sobressalto com a sua pergunta, pisco várias vezes e aperto meus lábios.

Realmente, o que está acontecendo comigo?

— Nada.

— Tem certeza?

— Por que a pergunta? — Volto para minha carne, embora não seja tão atrativa quanto ele, ela vai me ajudar a não ficar encarando o cara diante de mim.

— Você está me olhando...

— Normal, tipo, super normal. — Digo, atropelando as palavras. — Olho assim para todo mundo, não é como se eu tivesse enfeitiçada por sua beleza e nem nada parecido como o coração palpitando... — Solto uma risada e encaro Michael com uma sobrancelha arqueada.

— Por que está nervosa?

— Não estou nervosa.

— Você está!

— Michael! — Ele ri, bebericando seu café.

— Então me diga, — meu coração acelera — o que está fazendo? — Respiro aliviada por ter mudado de assunto.

— Estou preparando a carne para assar daqui a pouco. — Lavo minhas mãos. — No estilo goiano. Você vai adorar! Preparei também pão de alho, é um sonho, sou viciada.

— Quem vai vir? — Olho para ele com a testa franzida.

— Ninguém. — Revelo. — Você vai sair, certo? Então... bem, estou fazendo só para mim, porque Magali está de folga e só volta à noite.

— Por que não chama seus amigos? — Questiona, coloco um pouco mais de café na sua caneca, ele não impede.

— Não tenho amigos. — Revelo. — Os que eu tinha era da turma de David, todos ficaram do seu lado e bem, minha melhor amiga está namorando-o agora.

— E seu primo? Você disse que são muito amigos.

— Ah sim! — Sorrio, lembrando de Eduardo. — Somos sim, mas ele está com a namorada agora, ele só a vê fim de semana e ela mora em Los Angeles.

— E a tal de... — Michael estreita os olhos, tentando se lembrar. — Leticia?

— Não somos amigas e ela é meio... fechada. — Me inclino no balcão, rodando sua caneca.

— E seus parentes?

— Todos no Brasil. — Respondo um pouco triste. — Mas estou feliz com minha própria companhia, estou acostumada. — Sorrio, Michael fica me encarando por alguns segundos antes de se inclinar e ficar com o rosto perto do meu.

— Uma mulher que se diverte com a sua própria companhia?

— Sim, eu sou bem divertida. — Sorrimos, olho para baixo e sinto vontade de segurar suas mãos. Ergo a cabeça quando ele assopra de leve meu rosto.

— Temos um compromisso mais tarde.

— Compromisso? — Seus olhos navegam por meu rosto, eles estão mais claros hoje. Será que é por causa do verão?

— Sim. — Ele inspira fundo e sinto as pontas dos seus dedos nos meus. — Meus pais descobriram sobre você e querem te conhecer.

— Mas é de mentira nosso casamento. — Michael olha para baixo e eu acompanho, seus dedos vão se entrelaçando nos meus... como uma dança lenta e calma.

— Minha mãe leva o casamento muito a sério. Diz ela, que isso é um passo para a vida toda, algo sagrado, ainda mais que casamos na igreja.

— Ela ficou brava? — Michael estremece, tirando uma risada minha.

— Dona Araci Sanches tem uma mão pesada. — Comprimo a risada. — Tenho que te levar para conhecer todos do Moto Clube ou... serei um homem morto. — Aliso seus dedos e fito seu rosto.

— Tudo bem. — Digo, ele sorri. — Vai ser divertido.

— Só não repare, eles são diferentes do seu mundo. — Assinto, sentindo de repente um aperto no peito.

— Eu sinto falta, sabe!

— Do quê? — Sua voz sai suave, engulo a emoção e rodo a aliança em seu dedo.

— De levar um cascudo da minha mãe. — Meus olhos começam a

queimar, limpo a garganta e umedeço os lábios. — Nunca pensei que uma surra faria tanta falta.

— Queria apanhar?

— Sim, mil vezes, desde que seja por minha mãe ou meu pai, eu apanharia feliz.

— Eles fizeram um bom trabalho. — Levanto os olhos, se prendendo nos seus.

— De me bater? — Michael ri, mas nega com a cabeça.

— Em ter feito você. — Fico encarando-o por alguns segundos, nenhum de nós desprende o olhar.

— Eu acho que devo concordar com você. — Rimos juntos, desprendendo o olhar. — Aproveite enquanto pode, Michael, pois, nenhum dinheiro do mundo paga o amor de uma família. — Respiro fundo e me afasto.

— Será que posso te fazer companhia? — Aperto meus lábios e olho para cima, pensativa.

— Bom, se o cavalheiro estiver disposto a ficar ao lado de uma mulher maravilhosa como eu, acho que sim. — Michael se levanta, anda até mim e pega a forma de carnes das minhas mãos.

— Ficarei lisonjeado.

— Ok, querido esposo!

— O que devo fazer? — Pergunta, me seguindo até a churrasqueira em frente à piscina.

— Primeiro precisamos acender a churrasqueira com carvão e enquanto esperamos a carne ficar pronta, bebemos algumas cervejas. — Olho para Michael. — O que acha?

— Maravilhoso. — Aperto meus lábios, tentando controlar o sorriso enorme em meus lábios.

Michael sorri e me ajuda a preparar a churrasqueira enquanto conversamos sem parar. Eu nunca tive problemas em ficar sozinha, é verdade quando digo que me divirto com minha própria companhia e meus

pensamentos, mas nada é igual a ter uma pessoa ao seu lado.

Ele coloca fogo e me olha, fico encarando-o. Nunca pensei que ao sair pela rua atrás de um noivo qualquer, encontraria um que faria meus dias diferentes... que faria meu coração bater acelerado de novo em tão pouco tempo.

Porém, o que eu não sabia era que meu coração estava congelado há anos, vivendo uma ilusão. Mas agora sinto que ele aos poucos está descongelando, se livrando da gaiola que o aprisionava, e tudo começou quando inesperadamente pedi Michael em casamento.



— Estou nervosa. — Confesso, parando em frente à sua moto. — Muito mesmo. Será que vão gostar de mim? Será que vão me achar patricinha demais ou que sou esnobe? Céus... nunca me senti tão nervosa como estou agora, nem quando conheci os pais de David anos atr... — Me calo quando percebo que Michael me encara, não que seja uma novidade, pois, ele vive me olhando sem parar, mas agora parece diferente.

— Eles vão gostar de você. — Engulo em seco e contorço minhas mãos.

— Estou bem vestida para ocasião? — Os olhos de Michael descem por meu corpo e voltam a se fixarem nos meus.

— Está perfeita. — Sorrio sem jeito.

Não fazia ideia do que vestir para a confraternização da família de Michael, pois, minhas roupas são mais... como vou dizer... finas e elegantes. Senti um desespero, porque motoqueiros usam roupas de couro, coturnos, jaquetas como Michael agora.

Embora eu quisesse me encaixar usando algo adequado, não tive outra opção a não ser usar um conjunto Cropped em renda com uma calça Pantalona Forrada nas cores branca e uma sandália plataforma, porque salto fino não sei se seria uma boa escolha.

— Tem certeza? — Michael sorri e se aproxima.

— Sim. — Inclino um pouco a cabeça para trás para olhar dentro de seus olhos, ele enrola uma mecha do meu cabelo ondulado em seu dedo, parecendo fascinado por eles. — Você está linda... como sempre.

— Você está muito cheiroso. — Michael sorri.

— Gosto de você assim.

— Assim como? — Mordo o interior da bochecha ao sentir seus dedos navegarem por meu rosto.

— Com pouca maquiagem, realça sua beleza... o seu natural. — Meu rosto esquenta e sinto um calafrio na barriga. — Você é linda sem esforços, Sofia.

— Quantos elogios, *querido esposo*. — Michael ri, desvio meu olhar.

— Você quer ir de carro? — Pergunta, incerto. Olho para sua moto e nego com a cabeça. — Então preciso colocar esse capacete em você, ok?

— Ok!

Com cuidado, ele ajeita o capacete na minha cabeça e depois me pergunta se está confortável, assinto, confirmando. Inspiro fundo quando ele monta na moto e estende a mão para me ajudar a subir. Passo meus braços em volta da sua cintura e entrelaço as mãos, abraçando-o por trás, em seguida, Michael liga o motor da moto e parte em direção ao M. C.

Michael dirige devagar pelas ruas, de vez em quando coloca sua mão em cima das minhas... e eu gosto disso, de estar aqui com ele. Não vou condenar ninguém se me disser o quanto estou sendo besta, porque eu realmente estou.

Sorrio ao ver o mar, em plena noite a praia está lotada e ainda por cima tendo festa. Solto um suspiro longo quando Michael estaciona a moto em meio a tantas outras. Meu coração dá um salto, ele me ajuda a descer e olho para o pátio onde está acontecendo a confraternização.

Sinto meu corpo inteiro congelar, minha barriga se contrai de nervosismo e meu coração bate tão forte que chega a doer. Não foi uma boa ideia ter vindo aqui... não mesmo.

Engulo em seco observando as pessoas, todos eles... absolutamente *todos* estão vestidos de preto, roupas de couro, jaqueta dos The Sanches. Algumas mulheres usam botas e saias de couro também, apenas eu... céus, nunca me senti tão ridícula como estou agora, eles vão rir de mim!

Meus olhos ficam presos por alguns segundos em cada pessoa, alguns homens são barbudos e carecas, outros barrigudos e musculosos, adolescentes e crianças se misturam, algumas mulheres têm cabelo exótico: rosa, verde, raspado pela metade. E cada uma das pessoas presente são tatuadas de uma forma diferente, acho que sou a única a ter uma pele limpa, sem nenhum desenho.

Prendo a respiração, a música tocando é boa, Metálica é uma banda que eu gosto, – não todas as músicas, mas algumas sim! – sinto cheiro de comida, o que é outro ponto que me identifico, e só!

— Deixa eu tirar seu capacete. — Michael para diante de mim, tira o capacete e eu ajeito meus cabelos, voltando a olhar para as pessoas.

— Michael, não foi uma boa ideia... — Choramingo, indo de volta para moto. — Acho melhor eu ir embora, estou horrorosa e eles vão rir de mim. — Olho para ele com desespero.

— Você está maravilhosa, Sofia. — Nego com a cabeça, assustada.

— Eu... — Umedeço meus lábios secos. — Estou apavorada... — Michael fica me olhando por alguns segundos antes de contornar a moto e segurar meu rosto com suas mãos.

— Não são as roupas que te faz ser diferente de ninguém, anjo. Cada pessoa que está lá é como você, só que de culturas diferentes. — Seguro seus pulsos com as mãos geladas. — Você está tremendo...

— Eu só preciso me acalmar... — Michael sorri de leve.

— Você saiu do seu casamento atrás de um noivo, parou em frente a um Moto Clube com um bando de marginais, propôs um casamento comprado a um desconhecido, colocou esse homem para morar no mesmo teto que o seu, se tornou presidente de uma multinacional e está com medo de enfrentar um bando de motoqueiros? — Comprimo meus lábios e olho para trás, sentindo as mãos de Michael em meu pescoço.

— É que eles são... sua família. — Volto a olhar para Michael, seus olhos brilham. — Eles são importantes para você, e se acharem que eu não sou suficiente?

— *Suficiente?* — Pergunta, com uma expressão fechada. Assinto, tentando acalmar meus nervos. — Você é mais que suficiente. — Antes que suas palavras atinjam meus ouvidos, seus lábios tocam os meus, me surpreendendo.

Michael passa a mão por minha cintura, me puxando para colar meu corpo no seu, a outra mão desliza entre meus cabelos. Ele morde de leve meu lábio inferior, sinto um turbilhão de sentimentos quando sua língua toca a minha e nosso beijo aprofunda.

Seguro seus cabelos, sentindo a maciez de seus fios. Michael pressiona seu corpo contra o meu e sua mão em minha nuca fica mais firme enquanto nós nos entregamos ao desejo e esquecemos da realidade.

Nossa respiração fica irregular, meu sangue pulsa e sinto meu coração querer explodir nessa entrega improvável. A cada segundo em que sinto seu cheiro, seu sabor e seu calor, eu me esqueço de onde estou e de quem eu sou...

Michael desvencilha da minha boca e encosta sua testa na minha com a respiração ofegante e acelerada, mas não se afasta. Leva alguns segundos para eu conseguir entender o que acabou de acontecer...

— Michael... — Sussurro seu nome, encaro seus olhos. Inspiro fundo e expiro, acalmando minha respiração.

— Só fica calma, tudo bem? — Sua voz sai rouca, fecho meus olhos, saboreando seu tom. Michael roça seus lábios nos meus. — Depois a gente conversa sobre isso. — Engulo o caroço que se forma na garganta, provavelmente é meu coração querendo sair pela boca.

— Você vai me pedir para esquecer o que acabou... de acontecer? — Encaro seus lábios, louca para poder beijá-los novamente.

— Não quero que você esqueça. — Diz, com um sorriso sedutor.

— Faz de novo? — Peço, ele encara minha boca.

— Fazer o quê?

— Me beijar. — Ele ri, beija a ponta do meu nariz e se afasta, entrelaçando minha mão na sua.

— Vou ficar te devendo, agora temos que fazer algo mais importante. — Respiro fundo, voltando a realidade.

— Tem certeza?

— Sofia? — Aperto sua mão enquanto a gente anda em direção a todos. — Eu não contei a Stephanie sobre nosso casamento, mas a essa altura ela já deve ter descoberto.

— Devo me preocupar? — Cerro os dentes de raiva dela, nem a conheço e já não vou com a sua cara.

— Se ela for um perigo para você... — Olho para Michael, que me lança um sorriso todo cheio de si.

— Olha só... — Bato em seu braço. — Não sou ciumenta não.

— Não? — Nego com a cabeça.

— Nem gosto de você. — Minto, ele faz uma careta.

— Você faz isso parecer tão real. — Ele sussurra, parando de andar, Michael fica me olhando como sempre.

— Talvez seja real. — Fico encarando-o por um momento, Michael assente e aponta com o queixo à nossa frente.

— Bem-vinda ao meu mundo, Sofia Martin.

Viro a cabeça, sentindo meu coração bater acelerado outra vez. Todos estão parados me encarando, até a música parou de tocar. Sinto-me como uma lebre em frente aos leões, preste a ser devorada. Engulo em seco, ninguém se move ou fala algo, apenas ficam me olhando, paralisados... será que o tempo congelou? Parece que nem piscam!

Aperto com força a mão de Michael, querendo virar de costas e fugir correndo, mas se eu fizer, eles vão me devorar literalmente, então tenho que enfrentá-los.

— Cadê sua mãe? — Sussurro.

— Aquela com cabelo rosa. — Meus olhos se prendem na mulher que

caminha em nossa direção, seus cabelos cor de rosa batem nos ombros, seu corpo é coberto por tatuagens, e seus olhos escuros não parecem nada simpáticos.

— Ela não tinha cabelo azul?

— Dona Araci troca de cor de cabelo como troca de calcinha. — Balanço a cabeça, ela para diante de nós e cruza os braços com a expressão fechada, seus olhos me avaliam com cuidado. Recuo um passo.

— Então essa é a princesinha? — Pergunta com arrogância.

— Mãe, essa é Sofia Martin — Michael me puxa para frente, — minha esposa.

Minhas pernas estão tão bambas que temo despencar no chão. Solto a mão de Michael e a estendo em direção à Araci, que a olha com... desprezo?

— É um prazer conhecer a senhora...

— Não sei qual dos dois foi mais... idiota. — Abaixo a mão e a cabeça, envergonhada. — Tenho vontade de estrangular os dois.

— Mãe, pega leve...

— Pega leve? — Sobressalto quando ela dá um tapa na orelha dele, comprimo meus lábios, evitando rir. — Casamento não é brincar de casinha não, Michael e Sofia.

— Desculpa senhora, acho que... exageramos um pouquinho. — Murmuro, enrugando meu rosto e encolhendo meu corpo, será que ela vai me bater também?

— Céus, como eu queria... — Ela para de falar e me olha. — Já imaginou se Michael fosse um lunático?

— Dei sorte, não foi? — Araci solta uma risada, mas logo em seguida se aproxima de mim.

— Seja bem-vinda ao The Sanches. — Diz, me abraçando. — Como uma noiva foi parar no caminho do meu filho? — Ela me pergunta, segurando meu rosto.

— Destino, talvez? — Araci ri e começa a acariciar meus cabelos.

— Você é muito linda, espero que seja muito feliz ao lado dele.

— Mãe não é...

— Casamento é real. — Ela repreende Michael. — E se você não cuidar Michael, eu te deserto, ok? — Michael ergue as mãos em rendição.

— Ok! — Araci me olha e suspira.

— Vamos, Maison espera por vocês no escritório. — Diz, se afastando. Michael segura minha mão e me conduz para dentro do Clube.

Meu coração bate acelerado, passo por homens e mulheres que me encaram e cochicham com curiosidade, mas não sou apresentada a nenhum deles, acredito que primeiro preciso passar pelo líder, ou seja, pelo pai de Michael.

Entro em um corredor e avisto Arthur, recostado na parede com as mãos no bolso. Ele levanta o rosto e nos encara, seus lábios se esticam em um sorriso quando seus olhos castanhos se prendem nos meus.

Embora Arthur se pareça muito com Michael, a diferença é que ele é mais alto e mais forte, parece que é mais sarcástico e menos intenso que seu irmão, mas lindo igual. Fico imaginando como seria ter me casado com ele, pois Arthur foi o primeiro a aparecer em meu caminho e eu ainda perguntei se tinha namorada.

Retribuo o sorriso, ele me olha dos pés à cabeça e arqueia a sobrancelha.

— Estou horrorosa, eu sei! — Digo, abraçando meu corpo enquanto espero pelo pai de Michael nos receber.

— Pelo contrário, está muito linda, mas... — A voz de Arthur sai um pouco mais baixa que o normal. — Bom, está muito elegante. — Mordo meu lábio inferior.

— Eu não tinha roupas... do seu estilo.

— Não me surpreende, vindo de uma noiva em fuga. — Reviro meus olhos, sorrindo para ele.

— Eu não estava fugindo, Arthur. — Ele dá de ombros, rindo de mim.

— Vamos. — Michael me olha, assinto e o sigo, adentrando no

escritório de seu pai.

Meu coração palpita quando a porta atrás de mim se fecha, olho para frente e minhas mãos tremem ao encarar um homem alto, forte e carrancudo. Engulo em seco e dou três passos à frente, Michael solta minha mão.

— Pai, essa é...

— Meu nome é Sofia Alves Martin, é um prazer conhecer o senhor. — Corto Michael para assumir o comando, ofereço minha mão em um cumprimento.

— Sou Maison Castro Sanches. — Ele segura minha mão, seu aperto é firme e seguro, seus olhos estão fixos nos meus, me avaliando.

— Peço desculpas pela confusão que causei à sua família, mas... foi necessário. — Digo, ele cruza os braços.

— Quero ficar a só com Sofia. — Aperto meus dentes, todo meu corpo se contrai com suas palavras, prendo a respiração quando olho para Michael, ele meneia a cabeça em um sinal de que está tudo bem, inspiro fundo e volto a encarar Maison.

Já lidei com homens como ele, aliás, lido todos os dias. Fechar negócios, contratos e parceria com executivos nada simpáticos e cheios de dúvidas e desconfianças faz parte do meu trabalho, fui treinada a vida toda, para lidar com homens como Maison.

O escritório fica em silêncio quando todos nos deixam sozinhos. Maison não desgruda dos meus olhos e eu não desvio, mostrando a ele que não sou uma gatinha medrosa que irá baixar a cabeça por ele ser um motoqueiro.

— Fui pego de surpresa quando meu filho disse que se casou. — Ele aponta para uma cadeira, me sento logo após ele se acomodar no seu lugar. Maison cruza as mãos em cima da mesa.

— Acredito que na posição em que seu filho estava naquele momento, foi difícil recusar minha proposta.

— Eu pesquisei sobre você. — Cruzo minhas pernas e tento ficar tranquila, sem demonstrar que estou apavorada. — O que tem na cabeça de uma garota no topo de uma hierarquia se casar com um homem fodido e

abaixo do seu nível? — Umedeço meus lábios e respiro fundo.

— Primeiramente, senhor, ninguém está abaixo de ninguém. Não é porque lidero uma multinacional que serei melhor que os outros. Sou igual a todos. — Comprimos meus lábios, Maison recosta no assento, me fitando com atenção. — E descobri que meu noivo estava me traindo no dia do meu casamento, então sai em busca de um outro noivo para que eu pudesse recuperar minha herança devido a uma cláusula no testamento de meus pais.

— E foi assim que uma noiva entrou no caminho de meu filho?

— Essa noiva estava desesperada e... bem...

— Queria vingança? — Completa, suspiro e abaixo a cabeça, porque em parte foi realmente por vingança.

— O senhor já fez alguma loucura no calor do momento? — A expressão de Maison é indecifrável.

— Então se arrepende de ter casado?

— Jamais! — Afirmo, convicta. — Posso ter sido burra e imprudente, mas não me arrependo de nada do que fiz, foi através desse casamento que tive minha empresa de volta e pude ajudar Michael.

— Sofia... — Maison volta a se inclinar, seus dedos estão com anéis e são tatuados. — Nossa família preza muito o casamento, para os The Sanches, o matrimônio é sagrado.

— Desculpe, senhor. — Pela primeira vez desde que entrei aqui, Maison sorri.

— Não se desculpe criança, só... — Ele solta a respiração e desvia os olhos dos meus. — O que vou dizer para todos?

— Não precisa dizer nada, senhor, apenas que nós nos apaixonamos e fizemos uma loucura. — Maison me olha fixamente.

— Acha que vão acreditar? — Ele se levanta um pouco frustrado. — Não quero uma farsa em minha família, Sofia, isso nunca vai dar certo.

— Senhor, se quiser eu posso ir embora, não foi uma boa ideia ter vindo. — Me levanto e me afasto da mesa.

— Não é questão de ir embora, mas esse casamento. Depois de seis

meses virá o divórcio, sabe a vergonha que minha família passará? — Aperto minhas mãos em punho.

— Quer dizer que vocês preferem que as pessoas vivam infelizes para manter as aparências? — Pergunto, chocada, Maison respira fundo e me olha.

— Sente-se, Sofia. — Faço o que me pede. — Não é questão de aparência, mas sim de amor. Ninguém se casa se não ama o outro. — Maison arrasta uma cadeira e se senta à minha frente. — Michael já te falou sobre a Stephanie?

— Sim.

— Pois bem, Sofia. — Ele se inclina, ficando mais perto de mim. — Os dois tem um relacionamento de longa data, mas... nunca permiti que se casassem. — Franzo a testa, Maison encara suas mãos. — Pode ser um erro meu, embora Michael a ame, pois seus olhos dizem isso, mas ela não gosta dele Sofia, nunca gostou. Meu filho... — Ele limpa a garganta, sentindo incomodado com algo. — Depois que Marlon morreu, Michael... se afastou, seu irmão era seu melhor amigo, unha e carne. Então quando mais precisou, sua namorada o traiu, humilhou e o abandonou. Mas como ele se sentia só... a carência e a solidão o cegaram e ele acabou perdoando-a.

— Michael é um homem bom Senhor, eu jamais faria mal a ele. — Maison ergue os olhos e sorri de leve.

— Você é uma boa garota, só não quero que meu filho sofra mais do que já sofre.

— Ele é um homem forte, só precisa encontrar seu caminho. — Ele aperta os lábios e assente.

— Sofia? — Mason fica me encarando por um longo momento, sei que passa algo em sua mente, mas ele não vai falar. — Foi bom você ter aparecido, assim ele esquece de Stephanie.

— Ela o traiu...

— E ele sempre volta para ela. — Comprimo meus lábios. — Mas talvez dessa vez seja diferente.

— Por quê?

— Porque uma noiva entrou em seu caminho. — Sorrio, Maison me surpreende ao segurar minhas mãos. — Talvez seja destino...

— Não é um casamento real, senhor.

— Talvez não agora... — Ele se levanta, me puxando para cima. — Seja bem-vinda Sofia Martin, espero que você fique e que tudo isso se torne real.

— Senhor... o quê...

— Quero Michael feliz e talvez com você... — Maison envolve meu rosto com suas mãos grandes. — Pelo pouco que conheço de você, sei que meu filho pode ser feliz ao seu lado.

Fico olhando para ele, sem a coragem de dizer que isso não vai acontecer, que quando chegar ao fim do nosso trato, vamos seguir caminhos diferentes. Aperto as suas mãos, pois a esperança estampada em sua face deixa meu coração apertado.

Maison me puxa para um abraço, fecho meus olhos quando seus braços paternos me envolvem, então nesse instante faço uma promessa, reforçando aquela que fiz no altar. Enquanto Michael estiver ao meu lado... *enquanto estivermos casados, farei com que ele seja feliz, serei sua amiga, companheira e confidente até o dia em que não estaremos mais juntos.*



Tem muito tempo que não vejo meus pais tão empolgados com uma pessoa como estão com Sofia. Eles nunca foram a favor do meu relacionamento com a Stephanie, mesmo ela sendo filha de Thierry, minha mãe sempre enrugou o nariz quando ela estava por perto.

Dou um gole na cerveja sem desgrudar meus olhos deles. Meus pais estão apresentando Sofia para todos, me deixando de lado, o que me deixou irritado, porque eu sou o *esposo* dela, mas meu pai simplesmente me colocou de escanteio.

— É... — Arthur se aproxima com um sorrisinho cínico. — Acho que perdemos nossos pais para sua esposa.

— Eles parecem bobos. — Volto a olhar para Sofia, que sorri com simpatia enquanto é apresentada a cada membro do MC como se fosse um troféu.

— Eles se apaixonaram por ela, fato.

— Como não se apaixonar!?! — Sussurro, encarando Sofia e sentindo meu coração acelerado, lembrando do nosso beijo. Não resisti a tentação de seus lábios, foi como se eu tivesse acabado de ser enfeitiçado vendo-a tão desesperada e nervosa... céus, o gosto da sua boca, o calor da sua pele e a maciez de seus lábios estão me deixando louco.

Seu olhar se encontra com o meu, enquanto meu pai e minha mãe conversam com ela calorosamente, só de lembrar dela em meus braços, colada em meu corpo, faz meu interior vibrar.

Quero esquecer que estamos aqui, pegá-la em meus braços e sentir seu sabor e seu cheiro adocicado de novo. Sorrio para ela que retribui, seus olhos castanhos estão brilhantes e parece estar feliz.

O que mais admiro nela é sua capacidade de superar todas as suas tristezas, mesmo com coração quebrado e solitário, Sofia consegue ver beleza em todo o lugar e em todas as situações que encontra, talvez seja por isso que eu esteja... sendo fisgado por ela em tão pouco tempo.

Ela desvia o olhar quando meu pai diz alguma coisa e lhe entrega uma garrafa de cerveja, como amante dessa bebida, ela agradece alegremente. Inspiro fundo e dou um gole na minha cerveja, sem conseguir desviar meus olhos dela.

— Michael? — Desperto ao sentir Arthur me empurrar.

— O quê? — Pergunto, irritado, desviando os olhos de Sofia e olhando meu irmão que me fita com a testa franzida.

— Tem baba escorrendo pelo canto da sua boca. — Reviro meus olhos.
— Cara é sério? Você não tira os olhos dela.

— Estou apenas assistindo à interação deles. — Arthur arqueia uma sobrancelha.

— Não é o que parece. — Abaixo o olhar, porque não é na interação que estou interessado, mas sim na garota que invadiu minha vida em um vestido de noiva, e a cada dia está invadindo meu coração. — Eu vi vocês se beijando.

— Precisava parecer real. — Digo, Arthur ri e estala a língua.

— Deixou bem claro o quanto está sendo real. — Olho para ele, irritado com seu sarcasmo.

— E qual o problema de eu beijar minha *esposa*?

— O problema é que você se casou com ela por causa do dinheiro e que isso vai durar apenas seis meses. Olha para ela Michael, ela não pertence ao

nosso mundo. — Arthur diz com seriedade. — Ela é cheia de não me toques, tem uma fortuna incalculável... merda, olha como se veste! Sério, ela não faz seu estilo. Você nunca gostou de mulheres como ela. — Ele me lança um olhar indignado, comprimo meus lábios.

— Talvez seja por isso que estou...

— Apaixonado? — Fecho meus olhos por alguns segundos, Arthur bufa. — Uma semana... porra só tem uma semana que você a conhece e já está apaixonado? Michael, não caia nessa, isso é furada.

— Por que você está assim? — Me viro para ele, Arthur está inquieto e encara Sofia.

— Porque você está confuso. — Ele me fita. — Você ama a Stephanie, sempre vai voltar para ela e Sofia? Simplesmente vai fazê-la sofrer, a garota não merece isso. — Franzo a testa, Arthur solta a respiração e esfrega seu rosto.

— Não estou entendendo você.

— Preciso de grana, irmão. — Meu corpo começa a ferver quando seu pedido me atinge. — Você precisa me arrumar.

— Eu? — Solto uma risada fria, sabia que esse desgraçado estava amarrado em alguma coisa. — O que você aprontou dessa vez? — Arthur abaixa a cabeça, mas não diz nada.

— Se não quiser, não precisa me arrumar. Eu dou meu jeito. — Seguro com mais força a garrafa de cerveja.

— *Quanto?*

— 10 mil dólares. — Choque me atinge. — Olha, eu me enrolei de novo e...

— Você está jogando outra vez? — Arthur umedece os lábios e coloca as mãos nos bolsos, tentando se manter calmo. — Desde quando? — Ele não responde. — Arthur? Desde quando você voltou a jogar?

— Já tem um tempinho...

— Porra cara! — Jogo a garrafa longe, totalmente descontrolado. — De novo? Merda Arthur, pensei que tinha parado.

— É, mas não...

— Não tem desculpas. — Coloco as mãos na cabeça. — Da última vez que se enfiou nessa merda você perdeu tudo, levaram tudo da nossa casa. Sabe quanto tempo levou para reconquistarmos tudo de novo? Claro que sabe, não é? Nosso pai se enfiou no mundo do tráfico por causa de você, seu idiota! — Empurro seu peito, Arthur não diz nada. — Nosso pai mal conseguiu pagar suas dívidas anteriores e agora tem mais? Céus... o que faço com você?

— Você é casado com uma bilionária, pode conseguir a grana. — Congelo, encarando-o com indignação.

— Fecha essa boca estúpida e para de falar merda. — Vocifero, rangendo os dentes. — Apenas fecha a boca! — Passo por ele, esbarrando em seu ombro, sinto tanta raiva que poderia destroçar seu rosto, então prefiro me afastar antes de fazer alguma merda.

— Michael? — Ele me chama. — Onde você vai?

— Preciso de um tempo. — Respondo, exasperado.

Caminho até o beco ao lado do bar do clube e soco a parede com fúria. Arthur é um viciado em jogos, não faço ideia do que se passa em sua mente ao apostar dinheiro que não tem. Nossos pais já sofreram demais com isso e se descobrirem que Arthur está enrascado de novo... Merda!

Soco mais a parede até sentir os nódulos das minhas mãos doerem. Encosto a testa na parede, tentando controlar minha fúria. Se meus pais souberem que ele está novamente endividado e jogando... porra, eu nem sei o que vai acontecer.

Só de imaginar tudo acontecendo de novo me deixa em pânico, lembro de quando Arthur quase foi morto espancado por não ter pago uma dívida de jogo no prazo, tive que dar minha Harley novinha para quitar sua dívida.

Fecho os olhos, me acalmando aos poucos e tentando colocar meus pensamentos no lugar. Escuto passos e olho para o lado, ela para um pouco distante e seus olhos estão marejados, inspiro fundo, sentindo todas as minhas barreiras caírem. Stephanie é meu ponto fraco, mesmo pisando em meu coração, ela continua mexendo comigo.

— Então é verdade? — Me afasto da parede para ficar diante dela. — Quando ia me contar?

— Não estamos mais juntos. — Stephanie solta uma risada sem humor.

— Você terminou comigo *ontem*, Michael, e está casado há *uma semana*. — Sua voz sai um pouco grave e cheia de raiva.

— Não me venha pedir satisfação quando você estava trepando com outro nas minhas costas. Ah! Desculpa não ter te falado depois que descobri que você *roubou* minha carga. — Stephanie me olha com indignação, dá um passo à frente.

— Eu roubei sua carga? De onde você tirou isso, Michael? — Umedeço meus lábios, sentindo minhas mãos geladas e trêmulas.

— Não minta para mim, eu vi você com Jason quando recuperei a carga. — Ela fica em silêncio por alguns segundos, digerindo minhas palavras.

— Eu não fui a responsável por isso. Estava te traindo sim Michael, porque você não me dava atenção. — Ela coloca o dedo em meu peito. — Você não conversava mais comigo, estava distante o tempo todo, mal me tocava. Sentia que você não me amava mais. Eu preciso de carinho, preciso de prazer e você não estava me dando.

— Então foi encontrar nos braços de outro? — Ela bufa, se aproximando mais de mim.

— Eu me sentia sozinha, carente de ser tocada e desejada, algo que você não estava fazendo. — Declara com a voz trêmula. — Pensei que não me desejava mais, que tinha algo comigo, pois, todas às vezes que fazíamos sexo Michael, você era frio. — Encaro seus olhos, me sentindo culpado.

— Stephanie...

— Entendo que muitas vezes foi por preocupação e sua cabeça estava cheia, e isso destruiu nosso relacionamento. Você foi egoísta e só pensou em você... nos seus problemas. — Fecho meus olhos quando ela contorna seus braços ao redor do meu pescoço, seu cheiro tão conhecido invade minhas narinas.

— Isso não justifica ter me traído. — Ela fica me encarando, seus olhos

azuis me avaliam.

— Se você tivesse sentado comigo e conversado todas às vezes que te pedi para fazer, nada disso teria acontecido. — Stephanie roça seus lábios nos meus, prendo a respiração ao sentir sua mão tocar minha barriga por debaixo da blusa. — Você foi o culpado por tudo, e olha só o que aconteceu, olha a nossa situação. Agora está casado com uma mulher e eu? Onde eu me encaixo? Devo arcar com as consequências dos seus próprios erros, Michael?

— Nosso relacionamento acabou há muito tempo... — Me calo quando sua mão segura meu membro e começa a massageá-lo, solto um gemido.

— Não, Michael, você deixou tudo acabar, mas estou disposta a te perdoar e recomeçar, porque eu te amo. — Solto um suspiro de desejo, Stephanie cola seus lábios nos meus e sinto meu controle esvaír. — Eu sou sua... toda sua e sempre serei sua, Michael, não deixe que isso acabe.

Entrelaço minha mão em seus cabelos e a pressiono na parede, aprofundando o beijo. Mordo seu lábio inferior, controlando o desejo de tomá-la aqui nesse beco, porém, o que sinto é apenas... tesão por uma mulher, nada mais do que isso. É como se... estivesse faltando alguma coisa.

Me afasto dela e retiro sua mão do meu membro excitado. Coloco a mão na parede, sustentando meu corpo enquanto controlo a respiração e encaro seu rosto.

— É isso que você quer, não é? — Seus olhos adquirem um brilho estranho. — Colocar toda a merda que fez nas minhas costas?

— Eu te amo...

— Que amor é esse que trai, humilha e manipula? — Stephanie comprime os lábios de raiva. — Eu não quero mais, acabou, Stephanie.

— Você não pode acabar assim.

— Estou casado agora. — Ela solta uma risada e desvia os olhos antes de voltar a me encarar com frieza.

— Um casamento de mentira e por dinheiro? Eu sei de toda a verdade.

— Quem te contou?

— Arthur. — Cerro os dentes, esse fofoqueiro de merda. — Pois, saiba

Michael, que você é meu e sempre será. Não é uma noivinha de merda que vai te tirar de mim. — Meu corpo arrepia com a intensidade de suas palavras, Stephanie sempre foi obsessiva, mas não a esse ponto.

— Acabou! Quantas vezes tenho que te dizer?

— Não acabou, porque eu não vou deixar seus erros acabarem com nosso relacionamento. — Diz se afastando. — Você é meu Michael, e não será de mais ninguém.

— Do que está falando, Stephanie? — Pergunto, atordoadado.

— Que você vai voltar para mim, como sempre volta. — Diz, dando um passo para trás. — Porque sou a única que você ama e que te entende.

— Stephanie...

— Vou lá conhecer sua *esposa*, meu amor. — Abro a boca para protestar, mas ela vira e caminha apressada em direção à festa.

— Droga! — Vocifero, bagunçando meus cabelos.

Sigo Stephanie, mas Arthur me para no meio do caminho, observo o sorriso de Sofia desaparecer quando seus olhos se prendem na Stephanie. Tento voltar a andar e outra vez meu irmão me impede. Lanço um olhar furioso em sua direção, ele apenas balança a cabeça antes de dizer:

— Deixa que Sofia resolve.



Alguma vez você sentiu seu mundo escurecer por causa de uma pessoa? Pois bem, a moça que está caminhando em minha direção fez meu dia se tornar sombrio, um calafrio percorre minha espinha. Seus olhos estão furiosos, suas roupas são de couro, seu corpo é tatuado e tem cabelos rosa, é meio diferente e assustador o seu estilo.

O engraçado é que nunca a tinha visto na minha vida, mas sei perfeitamente quem ela é... Stephanie, a ex de Michael, aquela que o traiu com seu inimigo e foi a responsável pelo roubo da carga que o colocou em risco. Essa mulher não é flor que se cheire e tenho que tomar muito cuidado, ela é perigosa e não ousarei subestimá-la.

Os pais de Michael me deixaram por um momento para resolver alguma coisa, procurei por ele, mas não o encontrei, por isso ela decidiu vir até mim enquanto estou sozinha. Seguro mais firme a garrafa de cerveja quando Stephanie para diante de mim, seus olhos estão fixos nos meus. Ela arrasta a cadeira e se senta, se inclina um pouco na mesa para ficar mais próxima de mim.

— Então você é a famosa noiva de Michael?

— Esposa. — Corrijo, ela cerra os dentes.

— E acha que vai se encaixar aqui? — Seus olhos descem por meu

corpo. — Está ridícula. — Comprimo os lábios, porque mulheres adoram tentar rebaixar a outra?

— Eu te achei muito mais linda do que tinha imaginado. — Ela arqueia uma sobrancelha.

— Então sabe de mim?

— Michael me falou sobre você. — Stephanie fica me olhando... me avaliando de uma maneira estranha.

— Espero que tenha falado bem. — Ofereço apenas um sorriso em resposta, desviando do seu olhar e tentando ignorá-la. — Então você é dona da Martin? Conheço bem suas empresas, principalmente o envolvimento de lavagem de dinheiro. — Olho para ela, assustada.

— Do que você está falando?

— Ah, você não sabe? — FRANZO a testa. — É que não foi divulgado *ainda*. Foram boatos anos atrás, fiquei sabendo, pois, conhecia uma pessoa que trabalhava lá dentro. Sabe como é, pessoas cheias da grana sabem esconder muito bem suas sujeiras. Me surpreende muito você não estar atualizada com as ações de sua própria empresa. — Stephanie está sendo maldosa, sei que houve algo relacionado com as empresas quando meu pai ainda estava vivo, mas não me envolvi, e logo tudo foi esclarecido, um mal-entendido.

— Pois é... — Balbucio, ignorando-a e dando um gole na minha cerveja.

— Ele é meu! — Afirma com um rosnado, assusto e olho para ela, espantada com sua raiva. — Michael e eu temos uma história, não é porque se casou por causa de *dinheiro* que ele vai me deixar.

— Então sabe de toda nossa história? — Ela sorri.

— Michael me contou. — Stephanie recosta no assento. — Além de sermos *namorados*, somos muito amigos, então ontem à noite, depois de *transarmos*, ele me contou tudo. Michael precisa da sua grana, isso é fato. — Fico encarando-a, como pode ser tão sínica?

— Ótimo. — Respondo, sem dar muita atenção, porque além de ser uma adúltera, é uma mentirosa.

— Então não preciso me preocupar com você? — Volto encará-la com o cenho franzido.

— Não entendi. — Stephanie umedece os lábios e se inclina na mesa outra vez, ficando tão perto de mim que consigo sentir seu perfume cítrico.

— Vou ser mais clara, *noivinha*! — Cerro meus dentes diante do seu sarcasmo. — Michael é *meu* homem, mas no momento está casado com você por causa da dívida que tem com alguns caras da pesada, portanto, esse casamento não é real e conseqüentemente, não preciso me preocupar com você em nosso caminho. — Arqueio uma sobrancelha e sorrio de lado, entendendo aonde ela quer chegar. — Então não fique no meu caminho, porque não medirei esforços para te tirar dele.

Inspiro fundo, balançando de leve a cabeça. Stephanie está se sentindo ameaçada por mim, e depois de tudo o que fez, ainda acredita que tem poder sobre Michael. É uma piada!

— Primeiramente querida, — aproximo meu rosto do dela — eu não fico no caminho de ninguém, eu fico na mente e no coração. Então quanto a isso, você não precisa se preocupar. — Stephanie range os dentes e me fuzila com os olhos.

— Não brinca comigo, você não sabe do que sou capaz. — Ameaça.

— E segundo, se ele quiser continuar com você, ótimo, porque não sou mulher de ficar correndo que nem um cachorrinho atrás de um homem que não quer nada comigo. — Agarro a garrafa de cerveja sem desgrudar meus olhos dos dela. — E se porventura nos apaixonarmos, pode ter certeza que nunca irei traí-lo com outro e agir como se nada tivesse acontecido. Irei cuidar do *seu* homem como você nunca cuidou. Bom, se você me der licença, preciso procurar meu *esposo*.

Stephanie rosna de raiva quando eu me levanto, ela agarra meu braço me impedindo de afastar. Cravo meus olhos nos seus cheios de ódio, mesmo de salto, ela é maior que eu uns três centímetros.

— Ele é meu!

— Michael não é de ninguém, querida. — Retruco, deixando-a com mais raiva.

— Ele sempre volta para mim. — Diz entre dentes. — Ele pode dormir com você, beijar você, mas sempre estará pensando em mim, como falei, ele sempre volta para meus braços. — Engulo em seco, um medo me atinge, não por ela estar quase me batendo, mas por estar falando a verdade.

— Se isso acontecer, não se preocupe, deixarei ele livre para escolher seu próprio caminho, nem que seja voltar para o inferno que estava vivendo. — Seguro seu pulso e tiro sua mão do meu braço. — Sabe por quê?

— Porque você perdeu. — Fala, com um sorrisinho idiota nos lábios.

— Não Stephanie, ninguém perde, porque nossos sentimentos não são um jogo. Deixarei Michael ir porque o amo, e quem ama liberta, não aprisiona. Se a felicidade dele for ao seu lado, eu aceitarei.

— Você o *ama*? — Fico olhando sua expressão surpresa, não foi bem isso que eu quis dizer, não amo Michael... pelo menos não agora, entretanto, ela não precisa saber disso.

— Com licença. — Passo por ela, deixando-a para trás.

Quando me afasto o suficiente, solto a respiração e deixo o medo me consumir. Inspiro fundo, meu coração palpita desesperado e sinto vontade de chorar de raiva dessa dissimulada.

Encosto em um carro e tento a todo custo controlar minha respiração, o tremor do meu corpo e o coração acelerado. Como Michael ama essa mulher? Ela o usou, traiu sua lealdade e machucou seu coração, porque ele ainda volta para ela?

— Sofia? — Olho para o lado ao escutar sua voz rouca e preocupada. — Desculpa por isso. — Michael se aproxima e para à minha frente, seus olhos estão aflitos.

— Acontece com todo mundo, por que comigo, seria diferente? — Ele franze a testa e sorrio. — Primeira vez que lido com uma ex lunática.

Michael solta um suspiro, dá um passo à frente, ficando mais perto de mim. Suas mãos sobem por meus braços até meu pescoço, seus olhos estão fixos nos meus e cada toque seu, espalha um calafrio por minha pele.

— Deveria ter resolvido isso antes. — Fecho meus olhos quando sua testa encosta na minha.

— Tudo bem... — Sussurro, prendendo a respiração quando seus lábios roçam nos meus. — Você tem que parar, Michael.

— Com o quê? — Ele se afasta um pouco, respiro fundo e olho nos seus olhos.

— Infelizmente temos relacionamentos mal resolvidos. Você tem que lidar com Stephanie e eu com David. — Tiro suas mãos do meu pescoço e as beijo. — Só nos conhecemos há uma semana, então acho melhor...

— Certo! — Michael me corta e me lança um olhar decepcionado. — Entendi.

— Acho que estamos carentes e buscando algo que nos foi negado um no outro, não é o melhor momento para tentarmos algo juntos. — Solto suas mãos. — Não quero ser sua fuga, Michael, vamos ser amigos, nos conhecer melhor primeiro. Esqueça a Stephanie e eu vou esquecer David e quando isso acontecer... quem sabe podemos... tentar.

Michael sorri de leve para mim e assente, retribuo agradecida por ter concordado, pois, se continuarmos a ficar um com outro por carência, no final só restará sofrimento e mais um relacionamento fracassado.

Gosto de Michael e posso me apaixonar perdidamente por ele com facilidade, ainda mais agora que conheci sua família e seu mundo, mas não é o momento certo. Primeiro eu preciso curar meu coração ferido antes de entregá-lo para outra pessoa.

— Quer mais uma cerveja? — Pergunta, me encarando.

— Adoraria, querido esposo. — Michael me lança um sorriso lindo e meu coração acelera, inspiro fundo e torço para que eu consiga resistir aos seus encantos todos os dias.



Sento na moto de Michael enquanto ele se aproxima com nossa cerveja. Seu olhar se fixa no meu ao estender a garrafa, agradeço dando um gole e olho para o pátio cheio de motoqueiros.

— Você cresceu no meio de tudo isso?

— Sim. — Ele responde, se sentando na moto à minha frente. — Todos me viram crescer, uma família.

— Muito bonita. — Digo, assistindo os pais de Michael gargalharem com um grupo de homens.

— O que é bonita?

— Sua família Michael. — Volto a olhar para ele que sorri para mim. — Mas parece que você não... se encaixa.

Percebi isso desde que fui apresentada aos seus pais, Michael parece estar o tempo todo tenso, como se algo o incomodasse. É como se estivesse aqui por obrigação e não por vontade própria, vejo isso em seus gestos. Infelizmente, Michael é muito mais transparente do que imagina, não é muito difícil de ver quando tem algo acontecendo.

Seu sorriso desaparece aos poucos, ficando com a feição mais séria sem abertura para mais conversa. Ele abaixa a cabeça depois de dar um longo gole

na sua cerveja.

— Eu era fascinado por esse clube. — Revela depois de alguns minutos. — Fazia de tudo por eles e para eles. Nossos encontros eram sempre empolgantes, até que Marlon foi assassinado. — Sua voz sai tão dolorosa que é como facadas em meu coração. — Algo dentro de mim se quebrou e desde aquele dia o clube não é mais o mesmo...

— Sinto muito. — Sussurro, me aproximando. — Entendo sua dor, quando perdi meus pais, foi como se tivessem tirado meu mundo. Não me encaixava em lugar algum, nada supria a dor que sentia e ainda sinto por eles. É como estar em uma mata fechada sem saber para que lado ir. — Michael me encara, seu olhar está triste e desolado, quero tanto poder tirar a dor que sente dentro de si.

— Sinto saudade dele. — Inspiro fundo, deixo a garrafa no banco da moto e levo minhas mãos aos seus cabelos castanhos com alguns tons de dourado. Seus fios estão macios e me pego fascinada por sua beleza, quando meus olhos se prendem em seu rosto, admirando sua pele bronzeada.

— Eu sei... — Sussurro, fitando seus olhos escuros.

Michael desperta em mim o desejo de esquecer o mundo e todas as ressalvas para ficar em seus braços e sentir de novo seus lábios. Ele fica me encarando com intensidade, é como se o tempo estivesse parado, dando-nos a oportunidade de ter um momento só nosso.

— Será difícil me manter afastado quando você me atrai como imã. — Diz com a voz baixa e rouca.

— Vamos conseguir, prometo. — Abaixo minha mão, sorrindo.

— Quer conhecer minha casa? — Estreito meus olhos e mordo meu lábio inferior, Michael solta uma risada.

— Por que será que essa sua proposta soou indecente?

— Eu preciso pegar algumas coisas para levar para sua *casa*, anjo, você que está com pensamentos férteis. — Diz, batucando a ponta do meu nariz.

— Sei... vou fingir que é isso mesmo. — Michael se afasta. — É muito longe? — Ele coloca o capacete em mim, em seguida monta na moto e me ajuda.

— Não, dois quarteirões abaixo daqui.

— Seus pais não vão achar ruim de irmos embora sem nos despedirmos não?

— Estão bêbados, nem irão notar. — Fala ligando a moto. Contorno meus braços na sua cintura e encosto a cabeça nas suas costas enquanto ele dirige em direção ao nosso destino.

Minutos depois Michael estaciona a moto em frente a uma casa simples de dois andares. Ele me guia até a porta de entrada e a abre, permitindo minha entrada.

— Bem-vinda à residência dos Sanches. — Meus olhos navegam pela sala branca com móveis em tom madeira, tem porta-retratos por todos os lados e a decoração é bem colorida deixando o cômodo mais acolhedor e divertido. — Não repara na simplicidade.

— Não existe simplicidade em um lar. — Retruco, passando a mão em uma almofada felpuda. — Sua casa é aconchegante e linda.

— Não se compara ao seu palácio. — Lanço um olhar de raiva em sua direção e balanço a cabeça.

— Não se compara lar Michael, porque cada casa onde existe amor é linda. Vale mais uma casa simples e cheia de felicidade, do que um palácio solitário. — Ele fica me olhando por alguns segundos sem dizer nada. — Sua casa é perfeita.

— Obrigado. — Michael aponta para as escadas. — Vem comigo? — Assinto, seguindo-o.

— O que faremos em seu quarto, Michael?

— Vamos fazer sacanagem. — Solto uma risada, ele para em frente a uma porta e a abre. — Esse é meu quarto, *querida esposa*.

Adentro no cômodo e fico surpresa com os banners e fotos espalhados pelo seu quarto decorado com vários troféus e medalhas de prata e ouro.

— Michael, você é piloto de moto? — Pergunto, pegando um porta-retrato, na foto ele está em cima de um pódio erguendo um troféu, o mesmo está em cima da cômoda.

— Eu fui. — Diz. Olho para ele parado no batente da porta com as mãos no bolso.

— Parece que é muito bom no que faz.

— Eu era.

— Por que fala no passado? — Michael inspira fundo e pega uma mochila de dentro do guarda-roupa.

— Eu não sou mais piloto.

— Por quê?

— Não quero falar sobre isso. — Diz com rispidez, comprimo meus lábios. — Desculpe...

— Tudo bem! — Devolvo o porta-retrato ao seu lugar.

— Sofia? — Olho para ele um pouco envergonhada. — Marlon era meu fã número um, meu mundo girava em torno do meu irmão, tudo o que eu fazia era para ele, pensando em como se sentiria orgulhoso de mim. — Michael se senta na beirada da cama com o corpo inclinado e cruza as mãos. — Ele era meu empresário e me patrocinava, não sabia de onde vinha tanto dinheiro para fazer com que eu competisse em vários estados... até que eu descobri que Marlon traficava drogas, ganhava uma boa grana e nesse mesmo dia eu presenciei seu assassinato.

Engulo em seco, sentindo cada sofrimento seu ultrapassar minha pele, e tocar meu coração. Vou até ele e me sento ao seu lado.

— Então você parou?

— Perdeu o sentido. — Seguro sua mão e deito a cabeça em seu ombro, compartilhando a mesma dor da perda e da saudade.

— Você vai encontrar seu caminho de volta. — Michael entrelaça nossas mãos e escora seu rosto na minha cabeça. — Seu irmão deve ter sido um homem incrível.

— Ele era meu ídolo. — Responde com um suspiro.

Ficamos assim em silêncio por alguns minutos, nenhuma palavra foi dita nesse tempo, pois, não há o que dizer, apenas sentir, então aproveitamos a presença um do outro para confortar nossos corações.

— Michael? — Sobressalto de susto e olho para trás ao escutar a voz de Stephanie, ela fica nos encarando com um semblante de mágoa. — Precisamos conversar.

— Não, já conversamos tudo o que tinha para conversar. — Ele se levanta e começa a colocar suas roupas dentro da mochila.

— Eu te espero lá em baixo. — Digo a ele, Michael olha para mim e franze a testa. — Vocês precisam conversar.

— Acho que não preciso, podemos ir agora.

— Michael! — Repreendo-o, balançando minha cabeça. — Você precisa resolver isso. — Ele solta o ar pela boca abruptamente e olha para Stephanie, que parece estar prestes a arrancar meu pescoço.

Inspiro fundo e passo por ela parada na porta sem dizer nada, desço as escadas com o coração palpitando e me deparo com Arthur, entrando pela porta.

— Que honra ter você aqui. — Diz com um sorriso gigantesco, retribuo um pouco resignada. — Onde está Michael? — Aponto para cima.

— Está no quarto com a Stephanie.

— Ele te deixou para ficar com ela? — Pergunta, tirando sua jaqueta e deixando seus braços musculosos e tatuados à mostra.

— Não Arthur, eles só precisam de privacidade para conversar. — Ele entorta os lábios como se não estivesse convencido de tal.

— Quer esperar tomando uma cerveja? — Oferece, inclino a cabeça e sorrio.

— Uma proposta impossível de recusar.

Arthur assente e me chama para segui-lo, me inclino no balcão da cozinha, observando-o abrir a geladeira e tirar de lá duas latinhas de cerveja trincando de gelada.

— O que achou da sua nova família? — Pergunta me entregando a latinha já aberta.

— Incrível. — Dou um gole e suspiro ao sentir o sabor da bebida. — Essa está boa.

— Você gosta muito de cerveja, hein!

— Ah sim! Amo demais. — Umedeço os lábios e olho para Arthur. — Ano passado fui ao festival de cervejas que aconteceu no Texas, experimentei tantos sabores que sai de lá sendo carregada por David.

— Você fica bêbada muito rápido? — Nego com a cabeça.

— Não, mas naquele dia eu passei da conta. — Arthur ri. — É sério, David ficou louco de raiva. Eu, por outro lado, quase entrando em coma alcoólico, só queria continuar bebendo.

— Tenho certeza que deve ser muito bom.

— É fenomenal Arthur. — Olho para ele. — Podíamos ir em um desses festivais. Acho que terá um se não me engano daqui a três meses.

— Vi vantagem em seu convite. — Seus olhos brilham, engulo a cerveja e assinto.

— Eduardo, meu primo, está querendo ir. Michael vai adorar também e aposto que você ficará bêbado na primeira caneca.

— Não me subestime, noiva em fuga. — Arthur me lança um olhar sedutor que faz meu corpo esquentar, pigarrear e abaixo a cabeça.

— Não estava fugindo, Arthur. — Volto a olhar para ele que se aproximou, franzo as sobrancelhas. — Estava em busca de um noivo.

— E o destino te trouxe ao nosso Moto Clube.

— Destino sempre nos surpreendendo.

— Você estava linda naquele vestido. — Choque espalha por meu corpo diante do seu elogio. — Nunca tinha visto uma noiva tão produzida como você de perto, parecia a visão do céu, um anjo talvez.

— Não exagera, Arthur. — Ele sorri de lado, se aproximando mais. — Você tinha me perguntado se eu tinha namorada...

— Sim, mas aquele homem grandalhão te chamou.

— Estou solteiro. — Engulo a cerveja que desce rasgando pela garganta. — Eu te mandei ir embora, você ia?

— Não, estava prestes a entrar no clube quando ouvi você e Michael.

— Dou outro gole para manter minha boca ocupada, Arthur assente com os olhos cravados em mim.

— Você iria me pedir em casamento? — Comprimo meus lábios de surpresa, limpo a garganta antes de responder.

— Eu iria. — Digo com sinceridade. — Você foi o primeiro homem bonito que apareceu na minha frente, era minha oportunidade...

— E eu perdi! — Afirma chateado.

Fico encarando seus olhos, seu rosto está perto do meu e isso não é certo. Engulo em seco e de repente fico envergonhada devido às suas indiretas. Bebo o restante da cerveja em um só gole e me afasto do balcão, não quero que Arthur tenha pensamentos distorcidos.

— Obrigada pela cerveja. Vou subir e chamar Michael, está ficando bem tarde e amanhã tenho que trabalhar. — Saio andando sentindo seu olhar nas minhas costas, fazendo meus pelos se eriçarem.

— Sofia? — Paro quando ele me chama, olho para trás, vendo-o ainda inclinado no balcão, há um sorriso discreto em seus lábios e seus olhos me fitam com interesse. — Se tivesse me pedido em casamento, eu teria aceitado. — Fico sem reação, congelada diante do poder do seu olhar. Dou um passo para trás e sorrio antes de subir as escadas apressada e confusa pelo que acabou de acontecer.

Paro em frente à porta do quarto de Michael e inspiro fundo, acalmando as batidas do meu coração antes de interrompê-los.

Arthur estava flertando o tempo todo, o que é bem esquisito. Ajeito meus cabelos, vendo se me acalmo. Minha mão desce até meu peito sem querer acreditar que ele estava dando em cima de mim.

Seguro a maçaneta quando me acalmo e a giro devagar, abro a porta, mas paro quando eu os vejo se beijando. Michael está com a mão entrelaçada nos cabelos cor de rosa da Stephanie e a outra na sua cintura. Meu coração começa a bater em desespero vendo-os tão íntimos e calorosos.

Sei que Michael ainda a ama, mesmo que ele negue milhões de vezes, seus olhos sempre me dizem a verdade. Não entendo os motivos que o fazem perdoá-la toda vez por tudo o que faz.

Oh merda... eu nem deveria estar questionando suas escolhas, mas Michael a pegou transando com outro debaixo do seu nariz. Ela o manipula fazendo acreditar que é o culpado pelo fracasso do relacionamento. Como pode ser tão besta a ponto de permitir ser enganado mais uma vez?

Entendo que é difícil uma separação de longa data, porque também fui traída, porém, quando David se aproxima, eu sinto nojo. Meu noivo dormiu com outra mulher, beijou outra *mulher*... como Michael ainda aceita isso?

Prendo a respiração quando ele a prensa na parede, ambos estão à flor da pele e eu? Totalmente desconcertada e... porra, estou com muita raiva dele nesse momento, para pensar em uma lógica que me faça entender seus motivos por ter caído de novo nas garras dessa... nojenta.

Fecho a porta com cuidado, coloco as mãos na boca para abafar um gemido de angústia. Sinto como se estivesse sendo traída novamente, o que é ridículo, porque falei que ele poderia transar com qualquer uma que quisesse, que nosso casamento não é real, mas... não com ela... não com a mulher que o faz chorar todos os dias.

Desço as escadas, apressada com meus sentimentos todos bagunçados e confusos. Arthur aparece quando chego na sala, pego minha bolsa de mão e retiro meu celular com as mãos trêmulas.

— O que aconteceu? — Pergunta, se aproximando.

— Nada, só preciso chamar um Uber.

— Como assim? — O motorista confirma e suspiro aliava por ele estar perto daqui.

— Obrigada de novo pela cerveja. — Digo, caminhando em direção à porta.

— Ei, ei, ei! — Arthur segura meu braço, me impedindo de sair. — Por que você está desconcertada assim, Sofia? O que Michael fez? — Umedeço meus lábios e puxo meu braço.

— Nada Arthur, afinal, toda essa merda é uma mentira, nem sei porque estou desse jeito. — Abro a porta e saio da casa, olho para o aplicativo no celular, falta um minuto para o motorista chegar.

— Eu te levo em casa. — Arthur para ao meu lado. — Está tarde para

você ir...

— Eu vou *sozinha*. — Olho para ele irritada. — Não sou uma donzela em perigo Arthur, sei me cuidar perfeitamente. — Ele ergue as mãos devido a minha brutalidade, inspiro fundo e agradeço quando o carro para diante de mim. — Diga a Michael que fui embora.

Entro no carro e fecho a porta, recostando a cabeça no banco, tentando a todo custo controlar minha respiração acelerada. Não entendo porque estou assim tão alterada depois que os vi se agarrando. Michael tem sua vida, faz suas próprias escolhas e fica com quem quiser.

Esfrego meu rosto e fecho meus olhos, ele falou tanto que tinha terminado com ela, deixando claro que não iam mais voltar e na primeira oportunidade, Michael cai em seus encantos. Como ela sempre diz: *Michael sempre volta para os meus braços...* droga, ele me *beijou* hoje.

Pensamentos nada agradáveis invadem minha mente, será que Michael me beijou apenas para provocar a Stephanie? Se ele tiver feito isso quer dizer que ele me usou, certo? Balanço a cabeça, afastando esses pensamentos, porque Michael não parece ser desse tipo...

Respiro fundo, não tem outra alternativa a não ser me afastar. Ele é meu esposo de mentira e nada mais do que isso. Se eu continuar agindo como se tudo fosse real, dizendo para se distanciar sem me afastar, no final, sairei muito mais machucada do que já estou. Infelizmente, para meu próprio bem, tenho que ficar longe de Michael Sanches definitivamente.



Mais uma vez Stephanie conseguiu o que queria, me dominou da sua maneira e eu caí que nem um patinho em suas mãos. Não nego que ela tem poder sobre mim, mas cada vez que ela coloca a culpa dos seus erros em mim, algo se quebra dentro do meu coração.

Estava quase deixando-a para trás, cansado de suas desculpas de merda quando sua boca colou na minha, confesso que me rendi por um momento pelo desejo que sinto por ela, então me lembrei que tudo isso faz parte do seu jogo de manipulação.

Prenso-a na parede e afasto meus lábios dos dela com a respiração acelerada, seus olhos azuis estão cheios de vitória e satisfação. Inspiro fundo, mordo meu lábio inferior e tento não explodir de raiva.

— Viu, nosso amor é único Michael, não vamos deixar que isso acabe, eu sei que você me ama. — Abro os olhos e balanço a cabeça.

— Vai embora. — Murmuro, assistindo seu sorriso desaparecer. — Suma da minha vida.

— Eu sei que está com raiva, mas quero lutar para ficarmos juntos, eu te amo...

— EU MANDEI IR EMBORA! — Grito de ódio, ela sobressalta de susto. — Estou cansado de você e dos seus joguinhos, Stephanie, então

desaparece. — Ela comprime os lábios e seus olhos ficam cheios de raiva.

— Por que está me mandando embora quando seu coração me diz para ficar? — Solto a respiração e soco a parede ao lado da sua cabeça, mais uma vez ela se assusta com minha atitude, estou com tanta raiva que poderia fazer besteira, estou farto de ser manipulado.

— Meu coração quer você longe de mim. — Digo, rangendo os dentes. — Pega sua merda de amor e desaparece. — Minhas mãos estão tão trêmulas que mal consigo controlá-las. — Não me deixa ficar com raiva... *por favor!*

— Vai me bater? — Fecho meus olhos. — Eu sei como você fica cego quando está com raiva. Jason tem as cicatrizes de quando você quase o matou de tanto bater, será porque ele te odeia tanto? — Respiro fundo e me afasto dela. — Eu sei de suas merdas e poderia te manchar em todos os lados, mas não Michael, porque quando Jason decidiu te matar, eu salvei você.

Bagunço meus cabelos, expirando e inspirando... me controlando.

— Por isso decidiu ser sua amante? — Pergunto com amargura.

— Você deveria me agradecer por ter te salvado. — Stephanie se aproxima como uma predadora. — Não se esqueça de que posso te colocar na cadeia se eu abrir a boca, Michael. — Congelo quando suas palavras me atingem com tudo.

— Você está louca?

— Eu *louca*? — Ela aponta para seu peito, fingindo estar surpresa. — Louco foi você que matou um homem e fugiu, não é?

— Stephanie...

— Estava bêbado demais para lembrar, não é? — Minha mente começa a pipocar de lembranças daquele dia, mas a única coisa que eu consigo me recordar é de um homem caído no chão, morto.

— Não fui eu...

— Ah não? Tem certeza? — Encaro seus olhos furiosos, sentindo uma sensação estranha. — Você o colocou no porta-malas e depois jogou ele no barranco... ah pelo amor de Deus Michael, não me venha se fazer de vítima.

— Eu não seria capaz de fazer aquilo, Stephanie, você me conhece. Eu

não lembro de ter colocado um dedo naquele cara.

— Bêbado como estava, nunca irá se lembrar. — Resmunga com uma respiração funda. — Olha meu amor, vamos deixar isso no passado e não vamos desenterrar isso, ok?

— Quero que você vá embora! — Ela fecha os olhos por alguns segundos.

— Eu tenho provas.

— De quê?

— De que você o matou! — Meu coração aperta, sinto um gelo percorrer meu corpo, eu não matei aquele homem, mesmo que ela insistia, eu não seria capaz de cometer um assassinato, ainda mais depois de ter perdido meu irmão. — Então não me mande ir embora outra vez.

— Nós terminamos...

— Não meu amor, não terminamos. — Stephanie segura meu rosto. — Você só está confuso com seus sentimentos, ainda mais depois que se casou por dinheiro. Acho que está com a cabeça quente, mas isso vai passar e vamos ser felizes de novo, eu prometo, ok?

— Não faça isso....

— Olha, você sabe que posso destruir você e sua família, não sabe? — Fecho minhas mãos em punho. — Seu irmão voltou a jogar, e as pessoas que ele está envolvido... não são do bem, meu amor. Então não bote tudo a perder, eu te amo e vou te proteger.

Fico congelado e sem reação, não é a primeira vez que ela faz isso, eu realmente não entendo o porquê de querer tanto me controlar e manipular, estou farto.

— Chega! — Pego minha mochila e ando em direção à porta.

— Onde você vai?

— Para longe de suas ameaças... — Me viro com impaciência. — Longe de você, acabou. Dane-se tudo... toda essa merda acaba aqui.

— Não seja estúpido. — Vocifera, me seguindo escada abaixo. — Você vai se arrepender...

— EU ME ARREPENDI! — Paro e encaro seu rosto ilegível. — Me arrependo de um dia ter me relacionando com você.

— Não me deixe com raiva. — Avisa, tirando uma risada minha. — Você é meu e será para sempre.

— Não seja louca. — Entro na cozinha atrás de Sofia.

— Se você não vai ser meu, não será de ninguém, me ouviu? — Ignoro suas palavras e volto para sala.

— Sofia? — Chamo, mas não há resposta.

— Michael?

— O que é? — Pergunto com a voz controlada, Stephanie me lança um olhar mortal.

— Amanhã te espero na minha casa para almoçarmos, eu te amo muito, mas agora você precisa esfriar a cabeça. — Fecho meus olhos e passo a língua nos dentes, indignado.

— Vai embora, por favor!

— Eu vou meu amor. — Ela se aproxima e beija minha boca. — Até amanhã! Vou te preparar algo delicioso.

Escuto a porta sendo fechada e jogo a mochila contra a parede, escuto o vidro de perfume sendo quebrado com o impacto, mas não me importo, porque nesse momento a única coisa que eu quero fazer é socar algo para aliviar a pressão que estou sentindo em meu peito.

— Sempre te falei que ela era louca. — A voz de Arthur interrompe meus pensamentos.

— Cadê Sofia?

— Ela foi embora. — Olho para ele sem entender.

— Como assim?

— Você beijou a Stephanie? — Fecho meus olhos com força, não acredito que Sofia viu. — Você é um estúpido e um corno manso de merda. — Comprimo meus lábios, aceitando suas ofensas. — Eu avisei que essa idiota não prestava, ela é suja cara, e sabe muito bem te controlar.

— Eu terminei com ela. — Arthur se joga no sofá e balança a cabeça.

— Como tantas vezes, mas sabe de uma coisa? — Ele me lança um olhar de repreensão. — Deixa Sofia de fora, ela é uma mulher incrível e não merece estar no meio dessa confusão com uma mulher doente que nem Stephanie.

— Você me dando conselhos?

— Sim, porque era para eu estar casado com ela e não você. — Franzo a testa, ele o quê?

— Sério?

— Nada me impede de tentar... até porque, nada disso é real. — Ranjo os dentes e me aproximo dele com fúria, Arthur se levanta.

— Fica longe dela, porque se tocar num fio do seu cabelo, eu acabo com você.

— Olha só, todo valentão para cima de mim, irmão? — Aproximo meu rosto do seu, percebendo suas intenções.

— Você não vai se aproveitar dela e tirar seu dinheiro. Eu não vou deixar, Arthur! — Me afasto e caminho até a porta. — Fica longe da Sofia. — Aviso antes de bater a porta atrás de mim e seguir para minha moto.

Meu coração bate desesperado por todo caminho, não faço ideia da explicação que irei dar, mas algumas coisas devem ficar claras entre nós. Entro em casa e subo as escadas, apressado em direção ao seu quarto, abro a porta com cuidado e a vejo deitada na cama.

— Sofia? — Chamo, ela não responde. — Ei, está dormindo?

Me aproximo e agacho diante da sua cama. Seu rosto delicado parece estar em paz, respiro fundo e me condeno por ter deixado Stephanie me dominar mais uma vez, quando tenho uma mulher incrível na minha frente para conquistar.

Afasto seus cabelos do seu rosto com cuidado para não acordá-la. Sou um idiota de merda mesmo, não deveria ter retribuído aquele beijo e... droga, eu não quero viver mais nesse inferno, quero apenas encontrar alguém que me ame de verdade. Estou cansado de ser usado e maltratado.

— Me desculpa... — Sussurro com a voz embargada. — Mais ainda é cedo para lutar por você, anjo. — Levanto com um suspiro e saio do seu quarto.

Entro no meu logo em seguida e me jogo na cama, fitando o teto. Não posso lutar por uma mulher enquanto meu coração estiver em frangalhos. Preciso me curar para dar tudo de mim novamente, então, por enquanto, deixarei do jeito que está até chegar o momento em que terei Sofia em meus braços.



Um mês se passou desde que tudo aconteceu. Eu e Michael não conversamos sobre Stephanie, fingi não ter visto nada, até porque ele não me deve explicações. Michael beija e sai com quem ele quiser, não tenho nenhum direito de me intrometer em sua vida.

Respiro fundo me sentindo angustiada e fecho o livro que estou lendo pela quarta vez em menos de três minutos. Não vou mentir, sinto muitas saudades dele e de nossas conversas e flertes, me afastei e ele também. Me afundei no trabalho e Michael... bom, não faço a mínima ideia de suas ocupações.

Meu celular apita e tenho vontade de jogá-lo contra a parede. David não me deixa em paz, a todo momento fica me atormentando, dizendo que me ama, que me quer de volta e todas essas baboseiras que me deixam de estômago embrulhado.

Levanto-me do sofá, deixo o livro de lado e sigo até academia, onde Michael está. Ele sempre malha no mesmo horário todos os sábados, pela parte da manhã. Entro sutilmente e me aproximo, observando-o pegando peso. Sinto um calafrio no pé da barriga, sua pele bronzeada está repleta de suor, sua camisa cavada branca está colada ao seu peitoral definido.

Limpo a garganta tentando afastar o efeito que ele me causa. Michael

está mais musculoso do que a um mês atrás, seus cabelos estão maiores também e seu olhar... não vou negar, mais intenso.

Ele levanta a cabeça quando me aproximo, meu coração palpita diante dos seus olhos castanhos fixos em mim. Sua barba está delineada, suor escorre por seu rosto o deixando mais... sexy.

— Posso ficar aqui com você? — Pergunto com o coração batendo mais forte.

— Claro! — Ele fica me encarando com a respiração ofegante, olho para os lados e me sento em um banco.

Inspiro fundo, plugando o fone no meu celular. Ergo a cabeça e sinto um choque correr por meu corpo ao notar que Michael não desgrudou os olhos de mim.

O que será que se passa em sua mente?

Engulo em seco, coloco os fones e seleciono a playlist de Cody Jinks. Sim, amo country, essas músicas me fazem viajar pelo velho oeste, onde existem caubóis e duelos de tiro.

Enquanto a voz do cantor entoa em meus ouvidos, retribuo o olhar que Michael está me dando, segundos depois ele sorri de lado e volta a fazer seus exercícios, desprendendo seus olhos de mim.

Solto um longo suspiro e me deito de costas no banco, aproveitando cada melodia da música. Fecho meus olhos e permito que minha mente viaje, imaginando o imaginável e revivendo sentimentos adormecidos.

Merda! Michael como sempre invade meus pensamentos, mas como um caubói muito sexy. Reprimo o sorriso, mas é meu coração que não me deixa esquecê-lo.

Não faço ideia de quanto tempo se passou, sinto um vento de leve em meu rosto. Será que peguei no sono? Abro os olhos e dou de cara com Michael, muito... muito perto de mim, seu rosto está quase tocando no meu. Ele sopra outra vez, seu hálito tem cheiro de menta.

— Aonde você estava? — Pergunta com a voz sussurrada, de repente fico sem palavras enquanto encaro seus olhos. — Sofia?

— Hum?

— Você cochilou? — Assinto, engolindo o nervosismo. — Estava sonhando? — Umedeço meus lábios e assinto.

— Eu estava no velho oeste e você era um caubói foragido. Estava muito sexy por sinal. — Seu sorriso se alarga em seu rosto definido e marcante.

— Estava bom?

— Sim, muito bom. Você era quente e deixava meu coração acelerado em cima de um cavalo negro. — Digo, tirando o fone que já não toca mais música. — Você deixou todos fascinados e hipnotizados.

— O que aconteceu depois?

— Você me acordou, *querido esposo*. — Michael morde seu lábio inferior, chamando minha atenção para sua boca que quero tanto... sentir novamente seu sabor.

— Então quer dizer que não sou mais quente? — Engulo em seco, seu sorriso é como o raio de sol que me ilumina e esquento.

— Você é! — Murmuro, prendo a respiração quando seu nariz toca no meu.

— Posso te queimar sabia?

— Talvez eu queira que você me queime. — Michael sorri, engulo em seco e fecho as mãos, me segurando para não o tocar.

— Sofia, quer ir a um lugar legal?

— Conheço alguns motéis bem diferentes. — Ele fica olhando no fundo dos meus olhos.

— Eu senti sua falta. — Sussurra, acariciando meu nariz com o seu. — Venha, vamos!

— Para onde? — Michael se afasta e me ajuda a levantar.

— É uma surpresa. — Responde pegando sua garrafinha de água e sua toalha. — Você tem vinte minutos para se arrumar.

— Então vamos ao motel? — Olho para ele, séria. — Tipo... se formos

preciso de mais um tempinho... é que... sabe como é... pelos nascem rápido demais e não quero parecer aquela mulher do filme todo mundo em pânico que parece uma mata atlântica e seria vergonhoso você...

— Sofia?! — Solto uma risada, ele me acompanha, balançando a cabeça.

— É sério, vamos mesmo ao motel? — Michael revira os olhos.

— Não, não vamos. — Faço uma careta de decepção. — Te espero. Vinte minutos, ok?

— Ok! — Bato continência antes de sair apressada em direção ao meu quarto com um sorriso gigantesco no rosto e com o coração explodindo de felicidade.



Michael estaciona em frente a uma loja uma hora depois. Ele me ajuda a descer da moto e retira meu capacete, acaricia meu rosto com carinho e inspira fundo, se afastando e andando em direção à entrada.

Olho para loja com mais atenção, há desenhos de motos no banner e com letras de neon escrito “*Sanches Motors*”. Meus olhos recaem nele, Michael sorri e retira as chaves do bolso, fazendo meu coração bater descompassado.

— É minha. — Diz com o sorriso mais lindo que eu já vi em toda minha vida.

— Sua? — Pergunto, incrédula.

— Minha. — Ele se vira e abre as portas da loja. — Venha, querida esposa. — Leva um tempinho para eu conseguir me movimentar, e quando entro na loja uma alegria me invade.

Ela é decorada com as cores preta e branca, há alguns motores, várias

peças e motos novinhas. Não fazia ideia do que Michael estava aprontando, até porque estava evitando saber de sua vida particular, mas...

— Que incrível! — Digo, alisando uma moto Harley Davidson, em uma plaquinha está o nome e o preço dela.

— Você gostou? — Sua voz sai insegura, olho para trás com a testa franzida.

— Está brincando!? Isso aqui é maravilhoso, como não tinha me contado antes? — Michael fica me olhando e dá de ombros.

— Queria fazer uma surpresa.

— Consegui. — Digo, fascinada pela loja. — Eu até acho que vou comprar uma moto para sair pelas ruas de San Diego. Deve ser muito incrível pegar uma dessas e sair em uma longa viagem, por exemplo, até em San Francisco. Nossa lá é lindo e...

Sou pega de surpresa quando Michael me roda e cola seus lábios nos meus. Fico congelada por alguns segundos, tentando entender o que está acontecendo. Sua mão segura minha nuca enquanto a outra me puxa, colando meu corpo no seu.

Meu coração entoa em meus ouvidos e em segundos me entrego aos braços de Michael, permitindo que me beije com desejo e fervor. O toque suave de seus lábios espalha arrepios por meu corpo, despertando uma emoção tão grande que não sei explicar.

A última vez que senti seu sabor foi a um mês atrás, e acabou me deixando com o coração partido. Mas não consigo resistir aos seus olhares e investidas, Michael sabe mexer comigo de uma maneira única.

Seguro seus cabelos quando o beijo aprofunda, quero poder senti-lo mais, porque ainda sei que está longe e não quero me separar dele. Meu coração acelera, minha barriga parece que tem um monte de borboletas batendo asas e minha respiração fica ofegante... tão ofegante que preciso me afastar.

Michael desvencilha dos meus lábios e encosta a testa na minha com a respiração acelerada. Fecho meus olhos sentindo suas mãos em mim, seu perfume e seu calor.

— Tem certeza que não quer ir ao motel? — Michael ri, me dando um selinho demorado.

— Vou acabar acreditando em suas palavras, Sofia. — Abro os olhos e o encaro.

— Quem disse que estou mentindo? — Ele segura meu rosto e beija meu nariz.

— Eu te... — Michael paralisa, limpa a garganta e se afasta um pouco. — Então, está aprovado? — Estranho sua mudança repentina.

— Claro, nunca poderia imaginar isso.

— Eu sempre quis montar algo só meu. — Michael diz, me pedindo para segui-lo escada acima, onde fica seu escritório. — Mexer com motos me dá paz e me deixa realizado, gosto de me sujar de graxa. — Ele abre a porta e entro. Seu escritório tem uma janela de vidro que vai do teto ao chão, permitindo ver toda a loja.

— Você está feliz? — Pergunto me encostando na mesa, Michael me olha e escora na parede, distante demais de mim.

— Nada foi comprado com dinheiro sujo! Juntei dinheiro desde que comecei a trabalhar, os campeonatos de motocross não me davam muito, mas era o suficiente para eu poder sonhar.

— E realizou. — Ele sorri um pouco envergonhado.

— É, consegui.

— Todos já sabem da sua loja?

— Arthur sabe por cima, mas... você é a primeira que eu mostro. — Fico olhando para ele sem conseguir dizer nada, seu celular apita e ele o tira do bolso, lê a mensagem e fica tenso.

— O que foi? — Pergunto, Michael balança a cabeça.

— Não é nada. — Responde com um suspiro longo.

— Michael? — Ele me olha. — Parabéns por essa conquista, tenho certeza que vai ser o maior sucesso. Você vai consertar motos e carros também?

— Mecânica em geral. — Michael desencosta da parede e se aproxima, fazendo meu coração acelerar de novo.

— Quando vai inaugurar?

— Semana que vem. Acredito que é uma boa data, já que está tudo pronto. — Ele segura minha cintura e sem desgrudar dos meus olhos me coloca sentada em cima da mesa e se encaixa no meio das minhas pernas.

— Michael, é...

— Você não quer? — Umedeço meus lábios, seus olhos acompanham cada movimento meu, como se estivessem hipnotizados por mim.

— Você se afastou de mim.

— E você de mim. — Prendo a respiração quando seus lábios roçam os meus.

— Eu vi você com ela e...

— Esquece aquela garota, não tenho mais nada com ela. — Michael aperta minha cintura, meu interior pulsa por ele.

— Mas...

— Eu quero você. — Sussurra, inspirando meu cheiro.

— Está sendo rápido demais. — Digo, fechando meus olhos. — Ontem estávamos distantes e hoje tão próximos.

— É porque a distância ficou insuportável demais para aguentar.

— Bom... eu acho que estamos... — Aperto meus olhos com força, dane-se tudo. — Michael?

— Sim? — Inspiro fundo e fito seus olhos cheios de desejo.

— Me beija ok?

— Não precisa pedir duas vezes.

Contorno meus braços em volta do seu pescoço, sua língua se encontra com a minha em um passeio suave, umedecendo minha alma. E nesse momento eu me entrego, aproveito cada segundo, sentindo sua respiração e seu coração batendo no ritmo do meu.

Estou apaixonada por Michael e não faço ideia de quando isso aconteceu, ainda me sinto confusa, porque foi em tão pouco tempo, porém, nesse momento não irei pensar no ponto negativo de estarmos juntos, agora eu quero apenas sentir seus lábios, seu sabor se misturando com o meu e esse sentimento que nos conecta e nos faz querer o outro cada vez mais.



Inclino no balcão do clube a espera de Arthur que está tendo uma conversa com nosso pai em particular. Peço uma cerveja a Boris e escuto meu celular apitar, inspiro fundo já sabendo quem é. Agradeço pela bebida e leio a mensagem da Stephanie que diz: “**Sinto saudades, volta para mim, não vivo sem você.**” Essa foi até agradável em comparação as dez que me envia diariamente, variando de ameaças a mensagens deprimentes.

Guardo o celular no bolso e olho para o lado quando avisto Arthur se aproximando. Dou um gole na minha cerveja notando a ansiedade estampada em seu rosto. Ele pede uma bebida, esfrega o rosto e inspira, não falo nada, apenas espero por alguma explicação, o que tenho certeza que não terei.

— Às vezes nosso pai é insuportável. — Resmungo, se virando para mim.

— O que você aprontou dessa vez? — Meu irmão fica me encarando por alguns segundos antes de desviar.

— Como está Sofia? — Coloco a garrafa no balcão, querendo sorrir feito um idiota, porque essa garota não sai da minha mente e a cada dia que sinto seus lábios, fico mais apaixonado.

— Está bem. — Respondo. — Já entreguei o dinheiro ao nosso pai. —

Arthur assente, parecendo estar longe daqui.

— Ele me falou e já pagou parte da dívida.

— Até quando você vai nos colocar nessa situação? — Ele suspira, encarando sua cerveja.

— Eu vou parar, assim como das outras vezes...

— Você nunca parou, cara. — Rebato, sentindo a raiva percorrer meu corpo. — Foi assim milhões de vezes, você não faz questão de parar.

— E acha que é fácil largar? — Arthur me lança um olhar angustiado. — Eu sinto prazer quando estou na mesa de jogo, as estratégias me deixam cheio de adrenalina e quando ganho... ah, isso não tem explicação. Eu me sinto feliz, é a coisa que me deixa mais feliz...

— Você precisa tratar disso irmão, isso é um vício, dependência. — Ele solta uma risada sarcástica, comprimo meus lábios e suspiro.

— Não estou *doente* para me tratar.

— Sim, você está! — Arthur me olha com fúria, retribuo o olhar, tentando lembrar a ele das merdas que já fez por causa desse maldito jogo.

— E sua ex? — Pergunta, mudando de assunto. — Continua te enchendo?

— Sim, cada dia fica pior. — Bebo toda a cerveja em um gole, frustrado com Stephanie e sua obsessão.

— Vou te dar um aviso, o mesmo que sempre dei em relação a ela. — Arthur umedece os lábios e respira fundo. — Toma cuidado com ela, essa garota é perigosa.

— Perigosa em que sentido? — Ele passa a mão sobre a boca, olhando para os lados.

— Em todos os sentidos.

— Sabe de alguma coisa?

— Sei de coisas que não vem ao caso agora. — Responde. — Agora me fala, o que pretende fazer? — pergunta quando saímos do clube, não faço ideia de como vou fazer para encontrar a resposta, mas eu preciso descobrir.

— Você acha que eu teria capacidade de matar alguém? — Arthur se vira para mim, franzindo a testa.

— Como assim? Que pergunta é essa? — Aperto meus dentes e me sento na moto, desviando o olhar do meu irmão.

— Preciso te contar uma coisa. — Olho para os lados me certificando de que não há ninguém por perto, inspiro fundo e conto tudo o que Stephanie me disse, sobre a briga, o assassinato e das suas ameaças direcionadas à nossa família.

Arthur me escuta com atenção, sua expressão está cheia de surpresa e indignação. Quando finalizo, meu irmão balança a cabeça e esfrega seu rosto um pouco alterado. Meu peito aperta com a incerteza dos fatos, é muito confuso e minha mente não se recorda de nada.

— Não acredito! — Afirma depois de alguns segundos de silêncio. — Você não é capaz de matar uma mosca, imagina um homem!

— Marlon tinha morrido e enchi a cara, estava bêbado demais para não ter feito besteira.

— Michael, quando você fica bêbado... — Arthur solta a respiração. — Você não fica agressivo, fica um homem meloso. — Seguro uma risada vendo sua careta. — Não agressivo.

— Eu não sei... posso ter me drogado ou algo do tipo.

— Não, ela está mentindo!

— Como você pode ter certeza?

— Porque você é meu irmão. — Sinto uma emoção me abater, Arthur e eu nunca fomos tão próximos, mas sempre nos apoiamos independente da decisão. Quando Marlon morreu, ele foi a minha rocha, me segurou para não cair em vários momentos.

— Preciso descobrir a verdade. — Falo, determinado. — Não me lembro dos detalhes, mas a única coisa que me recordo é de um homem caído no chão e do bar em que fui naquele dia com a Stephanie.

— E que bar é esse? — Fecho minhas mãos em punho, não querendo revelar a verdade, mas...

— Devil Angel. — Arthur congela, seus olhos esbugalham e seu rosto começa a ficar pálido, pois, se eu realmente tiver matado esse homem, estarei entrando em guerra com o Moto Clube mais perigoso da América do Norte.

— Puta que pariu, Michael! — Meu irmão coloca as mãos na cabeça, olhando para todos os lados, totalmente transtornado.

— Eu não sei se o cara que supostamente matei é um deles, mas eu estava lá naquele dia.

— E você quer voltar naquele maldito bar? — Ele me pergunta incrédulo. — Sério?

— Só quero a verdade.

— Vamos morrer quando pôr os pés no território deles. — Esse será o risco que terei que enfrentar, mas não deixarei que Stephanie jogue mais comigo.

— Se não quiser ir comigo, eu entendo...

— Vou até o inferno com você, Michael. — Diz, deixando seus ombros caírem. — Qual o plano?

— Não tenho um plano. — Arthur arqueia uma sobrancelha. — Mas talvez se eu for lá, eu consiga recuperar mais algum fragmento da minha memória.

— Que seja! — Resmunga, montando na sua moto. — Se vamos morrer, que seja logo.

— Não seremos uma ameaça. — Ele solta uma risada, liga a moto e parte rumo ao deserto e a cidade de Julian, onde os Devil Angel comandam.



Depois de duas horas e meia na estrada, estaciono no bar em meio ao

deserto de San Diego. Há motos estacionadas e alguns motoqueiros bebendo do lado de fora. A cidade de Julian fica um pouco adiante.

Arthur ajeita suas roupas e me olha. Dou as costas para o bar e confiro se minha pistola está carregada, escondo-a nas costas logo em seguida com o coração acelerado.

— Não acho uma boa ideia entrarmos nesse lugar, armados. — Arthur comunica, andando ao meu lado.

— Seria burrice se a gente entrasse desprotegidos.

— Cara, eu nem encontrei minha metade da laranja. — Olho para meu irmão, ele estala a língua, contrariado. — Eu quero uma mulher... que nem Sofia.

— Não fala besteira. — Digo, deixando meu sorriso apagar.

— Você está com rolo com ela, não está? — Ignoro sua pergunta, os motoqueiros nos encaram nada amigáveis. Olho para Arthur e assinto de leve, ele inspira fundo e passa pela porta, adentrando no bar.

O lugar está lotado de homens, cada um mais assustador que o outro, a música está um pouco mais alta que o normal, abafando as conversas e risadas, mulheres vestidas com poucas roupas dançam em um palco, outras servem bebidas.

Quando percebem a nossa presença, cabeças se viram e o bar recai em silêncio, ficando apenas a música. Não sei se eles me reconhecem, mas não estão nem um pouco felizes com a nossa presença.

Aponto na direção de uma mesa vazia, Arthur senta com os ombros tensos e em estado de alerta. Ninguém se move, apenas nos encaram. Sento-me sem demonstrar que estou apavorado.

— Não foi uma boa ideia.

— Relaxa Arthur, estamos apenas de passagem. — Ergo minha mão, chamando uma garçonete vestida com um top e um mini short. Ela se aproxima com cautela.

— O que estão fazendo aqui? — Sua pergunta sai como um sussurro, franzo a testa, notando desespero em sua voz. — Não deveriam estar aqui.

— Queremos apenas uma bebida, estamos viajando a dias. — Ela me lança um olhar descrente, depois para Arthur.

— Certo, são novos aqui?

— Somos de San Francisco, estamos em uma viagem entre irmãos, conhecendo lugares novos. — Ela assente devagar, umedece seus lábios e olha para trás, parecendo estar com medo.

— Então vou deixar bem claro. — Ela se inclina um pouco. — Não gostamos de visitantes.

— Mas é um bar, correto? — Arthur pergunta com um pouco de arrogância na voz.

— Sim...

— Então qual o problema de tomarmos uma bebida? — A garçonete nos encara por alguns segundos.

— Preferência de bebida?

— Não, traga a melhor. — Arthur fala, olhando-a de corpo inteiro.

— Com licença. — Ela se afasta, solto a respiração e recosto no assento.

— Repito, foi uma péssima ideia. — Concordo com meu irmão, mas foi preciso.

Olho para os lados, os motoqueiros vão retomando a conversa, mas ainda assim, estão bem atentos.

— Lembrou de alguma coisa? — Nego com a cabeça, observando cada detalhe rústico do bar em busca de alguma lembrança.

— Eu estive aqui, sei disso.

— Talvez esteja se confundindo com outro lugar. — Balanço a cabeça, tendo a certeza de que vim aqui com Stephanie.

— Aqui, a cerveja de vocês, rapazes. — A garçonete nos entrega, quebrando meu devaneio. — Espero que curtam o lugar. — Olho para ela quando sua voz sai afiada, ela sorri e nos dá as costas, indo atender outra mesa.

— O que eles fazem? — Pergunta Arthur com curiosidade. — Tudo é misterioso demais.

— Não faço ideia. — Os minutos se passam, os motoqueiros ficam lançando olhares tortos em nossa direção e a cada cerveja pedida, mais a garçonete fica incomodada.

— Eu acho que é mentira, a Stephanie está inventando essa coisa de assassinato para ter poder sobre você. — Arthur quebra o silêncio entre nós, meu celular apita e respiro fundo quando leio a mensagem.

— Ela está me irritando. — Estendo meu celular para que leia as mensagens.

— *“Você é meu, não deixarei que nenhuma mulher te toque, farei qualquer coisa porque eu te amo.”* — Arthur ergue os olhos, sinto vontade de rir de toda essa situação. — Muito clichê isso não? Aposto que ela já mandou *se você não ficar comigo, não ficará com mais ninguém...* blá blá blá.

— É só ler o resto que você vai ver.

— Isso é ridículo Michael. — Ele me devolve o celular.

— Eu sei, mas é o que está acontecendo. Stephanie está me irritando.

— Ela está indo atrás de você?

— Como uma sombra. — Arthur franze a testa, me encarando com atenção.

— Estranho... — Escuto um arfar, o silêncio recai novamente e olho para o lado quando as portas do bar são abertas por uma loira vestida de couro e com o corpo repleto de tatuagem, atrás dela há três brutamontes. — Estamos ferrados...

— Droga! — Vocifero ficando ereto quando seus olhos furiosos fixam em nós. Meu coração começa a bater desesperado quando com passos lentos ela se aproxima, como uma predadora.

Angel arrasta uma cadeira e se senta, encarando nossos rostos sem dizer uma única palavra. Percebi que ela não é de falar. Arthur remexe, sinto a presença de um dos seus homens atrás de mim, e se eu fizer qualquer

movimento, ele não hesitará em me atacar.

— Estamos de passagem. — Falo, sentindo seu olhar me queimar.

— Não queremos confusão, viemos tomar uma cerveja e seguir com nossa viagem. — Arthur diz com insegurança.

— Vão embora! — Sua voz é como um soco em meu estômago.

— Olha, eu só... — Me calo quando ela balança a cabeça de um lado para o outro, seus olhos são de um azul intenso que nunca vi antes.

— The Sanches não são bem vindos em meu território. — Engulo em seco e inclino na mesa.

— Estou aqui em busca de uma resposta. — Umedeço meus lábios, olho para os lados notando que todos estão nos observando. — Dois anos e meio atrás vim aqui com minha ex-namorada, fiquei muito bêbado...

— Michael! — Arthur me repreende, eu ignoro.

— Não me lembro do que aconteceu depois que sai pelas portas, lembro apenas desse bar e de um homem morto, acredito ser... um de vocês. — Angel não se move, apenas me encara com os olhos gélidos. — Eu acho que o matei.

Ela inclina a cabeça, me fitando com atenção. Sua expressão é ilegível, não faço ideia se essa mulher sente algum tipo de emoção.

— Você não matou.

— Eu preciso...

— Vá embora! Sua resposta não está aqui. — Angel me corta. — E se tivesse matado um dos meus, você estaria morto no dia seguinte. — Ela se levanta e olha para seus homens. — Tirem eles daqui. — Ordena, assusto quando o homem atrás de mim me levanta com brutalidade.

— Ei! — O empurro. — Eu sei o caminho. — Ele empina o nariz, olho para Arthur e com um aceno, saímos do bar com nada em mãos.

Me aproximo da minha moto e olho para o bar, Angel nos encara com os braços cruzados. Inspiro fundo, acreditando em suas palavras, porque se eu realmente tivesse matado um dos seus, eu não estaria vivo.

— E agora? — Arthur pergunta, vermelho de raiva.

— Vamos para Julian.



Rodo a caneta em meus dedos enquanto assisto à apresentação da Leticia com uma estratégia interessante para deixar nossos produtos mais atraentes. Ela também nos mostra gráficos do que podemos alcançar se tivermos boa aceitação da proposta.

Olho para Camila e David que estão um pouco desatentos, o rendimento dos dois está péssimo. Sei que houve uma drástica mudança em nossas vidas, mas devemos saber separar o pessoal do profissional, o que não estão conseguindo.

— O que acham? — Leticia pergunta, finalizando sua apresentação.

— Então teremos que investir mais nas redes sociais? — Indaga David, recostando no acento.

— Hoje em dia a tecnologia está em alta, podemos vender milhões se investirmos mais em propagandas de qualidade. — Responde com animação.
— Faz anos que a Martin deixou de lado essas propostas, principalmente as redes sociais. Se trouxermos algo interessante, como conteúdo, dicas e até mesmo fazer com que nossos clientes entrem em nossas empresas, conhecendo nossa rotina e nossos serviços, podemos vender muito mais. Porém, ao invés de comprarem apenas por ser um produto razoavelmente bom, vão adquirir nossos produtos porque nos conhecem e se sentem

próximos a nós. — Leticia se cala e fica nos olhando com expectativa.

— Eu não entendi o razoavelmente bom. — Comenta Camila, se inclinando na mesa e analisando os papéis diante de si. — Isso soou como se nossos produtos não fossem bons.

— Na verdade, estamos tendo algumas reclamações em relação aos nossos produtos. — Diz Hanna, diretora de produção.

— E por que estamos produzindo produtos com pouca qualidade? — Pergunto preocupada, isso não pode acontecer.

— Quando David estava na presidência, ele abaixou os custos. — Olho para ele com a testa franzida.

— Como estão nossas vendas, David? — Ele me olha com descrença, se levanta e coloca seu slide no telão.

— Tivemos uma queda de 30% nas vendas de ração, 15% nos produtos de petshop e de 0,5% em medicamentos. O que poderá ser de um grande impacto para as empresas nos próximos meses. — Inclino na mesa, observando os dados que não deveriam, de modo algum estar nesse nível. 30% é demais para uma multinacional.

— É uma queda muito grande. — Murmuro, analisando os dados referentes às vendas desse mês. — O que está havendo? — Pergunto a ele.

— Não sabemos. — Aperto meus lábios, precisamos sair dessa ou então iremos perder muitos clientes.

— Leticia, você tem carta branca para colocar suas ideias em prática. — Ela sorri animada. — Hanna, quero ir à fábrica averiguar todo o processo, não iremos mais produzir produtos de má qualidade. Martin é conhecida mundialmente por ser uma rede que preza o bem-estar dos animais, não irei permitir que uma coisa dessas manche nosso legado.

— Irei providenciar tudo, senhora.

— Camila, quero que contrate mais funcionários e os encaixe nas vagas em aberto. — Ela assente, me encarando. — Quero fazer parte de todo o processo, me mantenha atualizada, por favor.

— Claro!

— David, quero que crie uma estratégia para que nossas vendas voltem a decolar.

— Farei como desejado. — Fecho minhas mãos ao escutar sua voz.

— Leopold? — Ele me olha, surpreso por ter sido chamado. — Quero os cadernos de finanças dos últimos três anos. Quero saber de todos os lucros, gastos, investimentos... tudo, absolutamente tudo o que entra e sai financeiramente dessa empresa.

— Irei providenciar de imediato.

— Por que disso agora? — Pergunta Camila, com a voz afiada.

— Preciso ficar a par de tudo nessa empresa. Algum problema? — Ela fica me encarando com raiva.

— Nenhum. — Desvio da sua cara feia de desdém.

— Estão liberados.

Todos se levantam e saem da sala de reuniões. Coloco os cotovelos na mesa e encosto as mãos na boca, encarando o gráfico das vendas que mostra uma grande queda. É uma queda drástica em tão pouco tempo, alguma coisa não está certa e saber disso me deixa inquieta.

Apanho minhas coisas e sigo em direção à minha sala. Os funcionários me cumprimentam quando passam por mim, sorrio em resposta. Congelo quando escuto sussurros, viro no corredor à direita e vejo David e Camila conversando em uma dispensa.

Me aproximo, Camila esfrega o rosto parecendo frustrada. David segura seus ombros como se a estivesse acalmando, sinto uma raiva dentro de mim por vê-los juntos.

— O que estão fazendo? — Eles sobressaltam e me encaram surpresos.

— Estamos pegando algumas coisas para o escritório. — Camila se afasta de David e pega alguns papéis. David, por outro lado fica me olhando fixamente.

— Essa empresa é de respeito, não vou permitir que fiquem se pegando por todos os cantos.

— Não estávamos...

— Que isso não se repita mais. — Corto Camila. — David, quero você em trinta minutos na minha sala. — Ele assente, dou as costas e volto a caminhar para meu escritório.

Avisto Leopold esperando na minha porta, sorrio para ele e permito sua entrada, aponto para cadeira diante da mesa e me sento.

— Eu trouxe o que me pediu. — Ele coloca os cadernos de finanças na mesa, suas mãos estão um pouco trêmulas.

— Você está muito nervoso. — Digo, olhando para seu rosto rechonchudo e um pouco suado. — Tem algo que eu deveria saber, Leopold?

— Não, claro que não! — Ele solta uma risada de tensão. — É porque ontem a noite comi algo que não me caiu bem. — Franzo o cenho, observando-o.

— Tire o dia de folga para se cuidar.

— Obrigada, senhora Sofia. — Leopold me lança um sorriso forçado antes de sair, deixando um sentimento de inquietação me abater.

Respiro fundo e batuco as unhas na mesa, lembrando dos comportamentos estranhos de hoje. Balanço a cabeça, afastando essa sensação ruim do meu peito, abro o caderno de três anos atrás e começo a analisar.

Sinto minha testa doer de tanto que estou franzindo-a, os números estão altos demais e alguns baixo demais, parece uma montanha-russa de altos e baixos o que não é normal. Pego o telefone fixo e aperto o número 2.

— *Sim?*

— Jane, quero que providencie todas as tabelas de vendas e compras dos últimos três anos, com valores, produtos, transações e empréstimos, quero tudo, entendeu?

— *Claro, dona Sofia.*

— Obrigada, fico no aguardo. — Coloco o telefone no gancho e volto a analisar o caderno que tem apenas números absurdos.

Depois de longos minutos, deixo o caderno de lado e me levanto frustrada, não posso nem imaginar que dentro da minha empresa há algo de

errado, meus pais lutaram para se manterem limpos e honestos, não dá para acreditar! Talvez seja apenas um equívoco meu, apenas isso...

Solto um longo suspiro, encaro a praia pela janela, San Diego é linda e todas às vezes que me sinto angustiada gosto de observar o mar, as ondas se quebrando e o seu cheiro que é único.

Escuto uma batida na porta e logo em seguida ela é aberta, sinto o tão conhecido perfume de David. Olho para trás com os braços cruzados, seus olhos azuis se prendem nos meus, fazendo meu peito apertar por sentir saudades da época em que estávamos juntos.

— Estou aqui! — Diz, colocando as mãos no bolso, seu terno escuro o deixa com ar de seriedade, deixando qualquer mulher suspirando ao imaginá-lo como um empresário bem-sucedido, mas por trás do terno e gravata, não passa de um homem adúltero que enganou a mulher que o amava.

— Sim, quero conversar com você. — Descruzo meus braços e aponto para as duas poltronas.

— Claro. — Ele se senta na minha frente e fica me olhando. — Finalmente decidiu conversar comigo depois de um mês me evitando. — Cruzo as pernas e deixo as mãos em meu colo. Conversar com David me deixa tensa e tenho medo de ter uma recaída e acabar caindo em seus encantos, porque ainda o amo, mesmo que eu deteste esse sentimento, o amor não acaba de um dia para o outro.

— Foi necessário, olhar para você me dói muito. — David assente, abaixando de leve a cabeça. — Quero saber o que está acontecendo com você?

— Como assim?

— De duas semanas para cá percebi que seu rendimento aqui na empresa caiu. Sei que foi uma mudança drástica em nossas vidas, a troca de cargo e eu como CEO, mas devemos deixar nossos problemas pessoais de lado.

— Você acha que é fácil? — Ele diz com um pouco de raiva. — Acha que é fácil olhar para você todos os dias e perceber que está seguindo em frente enquanto morro de arrependimento pelo que fiz? — Abaixo o olhar,

sentindo um nó na garganta.

— Eu nunca irei sofrer por alguém que não me ama.

— Não *te amo*? — David se inclina, me encarando chateado. — Eu te amo demais Sofia, o que eu fiz... foi um erro, apenas uma aventura.

— Aventura? — Sorrio, indignada com sua cara de pau. — Você mentiu, me enganou... você me traiu com minha melhor amiga. Estamos em San Diego, para onde olhar, encontrará mulheres maravilhosas, mas não, você escolheu justamente minha amiga.

— Eu errei! — Ele murmura com os olhos marejados. — Errei com você e sinto vontade de morrer por causa disso. — Engulo em seco, uma lágrima cai dos seus olhos me deixando tensa. — Me perdoa...

— Eu já te perdoei.

— Não, você não está me entendendo! — Assusto quando ele se levanta e ajoelha diante de mim. — Volta para mim, eu mudei e percebi que sem você, não tenho motivos para sorrir.

— David, acho que não é necessário isso. — Descruzo as pernas e levanto, me afastando do homem derrotado por seus próprios erros à minha frente.

— Não é necessário? — Ele me segue um pouco alterado. — Eu te amo, o que faço para tê-la de volta? — Recuo dois passos com o coração acelerado.

— Acabou David. — Ele balança a cabeça.

— Não, ainda temos uma chance. — Encosto as costas na parede. — Estou dando minha palavra de que eu mudei, não estou mais com a Camila porque percebi que você é tudo para mim. — Coloco a mão em seu peito, impedindo que se aproxime mais.

— Eu agradeço por seu *amor* David, mas as marcas da traição ainda estão impregnadas em meu coração.

— Olha meu amor! — Sinto sua mão fechar em volta do meu pulso. — Fui egoísta com você em vários momentos, mas estou disposto a mudar. Tenta me entender, todos merecem uma segunda chance, mas você não quer

me dar.

— Para traição não há segundas chances. — David fica me olhando por longos segundos, o brilho em seus olhos desaparece, ele solta meu pulso com brutalidade e se afasta de mim.

— Então, realmente acabou? — Ele esfrega seu rosto e sorri com frieza. — É ele, não é?

— Ele quem?

— Seu marido de mentira. — David volta a me encarar com fúria. — Eu sei que foi para me dar uma lição, você me humilhou na frente de todos e me fez de palhaço, mas eu te perdooi. Diferente de você.

— Não começa. — Aviso, me afastando da parede. — Te chamei aqui para resolvermos nossa situação aqui na empresa David, não para discutir.

— Certo! — Ele se senta na cadeira, fico perto da janela o mais distante que posso dele. — Vou tentar não misturar o pessoal do profissional.

— Isso está afetando a minha empresa. — David coloca o cotovelo no braço da cadeira, esfregando os lábios com a mão. — Nossas vendas estão caindo, preciso de estratégias e que possamos trabalhar juntos sem misturar as coisas.

— Eu farei o meu máximo.

— David, se o seu rendimento continuar caindo não me restara escolha a não ser te demitir. — Ele vira o rosto em minha direção, o olhar que me lança é de pura surpresa e mágoa, que logo é substituído por raiva.

— Você seria capaz de me demitir Sofia? — David se levanta, sinto calafrios.

— Eu preciso de pessoas que estão dispostas a trabalhar arduamente.

— Eu dei minha vida por essa empresa. — Ele dá um passo à frente. — E agora quer me demitir? O que valeu o meu esforço? Quando seus pais morreram, foi eu que mantive a Martin em pé, Sofia.

— Não é essa questão...

— Não, sério? — Seu pescoço adquire um tom avermelhado. — Porque não é isso que estou vendo.

— Então continue trabalhando como sempre trabalhou, porque se continuar com o desempenho péssimo, vou colocar outro em seu lugar. Tenho despesas para manter, funcionários a pagar e não vou prejudicar a Martin por causa de uma pessoa que não está nem aí para seu trabalho. Fui bem clara, David? — Ele me olha com espanto com a minha mudança. — Se me der licença, pode se retirar, tenho muita coisa para fazer. — David comprime os lábios e assente.

— Vou preparar a planilha de preços e volto para decidirmos como será.

— Obrigada. — Ele balança a cabeça e me lança um olhar vazio antes de sair do meu escritório.

Suspiro aliviada, sentindo a tensão se esvaír aos poucos. Caminho até a poltrona e me deixo cair, inclino a cabeça para trás e fecho meus olhos, me acalmando e tentando não deixar que David me afete.



Ergo meu rosto quando Jane entra na minha sala, ela me olha receosa e cruza as mãos.

— Já passou da hora do expediente, dona Sofia. — Inspiro fundo e recosto na cadeira, olhando para minha mesa repleta de papéis, gráficos e anotações.

— Você pode ir, ainda vou demorar.

— Todos já foram embora, só ficou a gente. — Olho pela janela, a cidade está iluminada pelas luzes e o céu cheio de estrelas, fiquei tão inerte em meu trabalho que nem percebi a hora passar.

— Tem os seguranças, não estarei sozinha. — Jane assente.

— Não demora muito, você precisa descansar.

— Obrigada. — Ela me dá um sorriso e sai da minha sala.

Esfrego meu rosto para afastar o cansaço e volto ao meu trabalho, quanto mais me aprofundo, mais coisa errada encontro. Números, contas e empresas de serviços que não batem.

Meu coração salta pela boca quando meu celular toca. Coloco a mão no peito acalmando o susto e atendo a ligação.

— Sim?

— *Está tarde e você não está em casa.* — Em vez do meu coração acalmar, ele acelera ainda mais ao escutar a voz rouca de Michael.

— Oi, Michael.

— *Oi, Sofia.* — Sorrio, sentindo minha barriga revirar.

— Estou na empresa ainda.

— *São onze da noite.* — Sua voz me repreende e me assusto com o quão tarde está.

— Céus, perdi a hora.

— *Vou te buscar.* — Levanto da cadeira e começo a juntar minhas coisas.

— Não precisa, estou com meu carro lembra?

— *Sim, não me esqueci.* — Desligo o computador e certifico de que está tudo ok. — *O problema é que já estou na porta da sua empresa.*

— O quê? — Congelo, Michael fica calado por alguns segundos. — Você está aqui?

— *Vim te buscar.* — Meu sorriso se alarga e desligo as luzes do meu escritório.

— Me espera, estou descendo. — Finalizo a ligação e saio do escritório que nem uma adolescente apaixonada por um playboy.

Os corredores estão escuros e fantasmagóricos, o salto fino ressoa quando entram em contato com o piso, fazendo o único barulho presente em todo o lugar.

Passo por várias salas e departamentos antes de chegar no elevador, aperto o botão e faço uma careta, terei que esperar ele subir os 20 andares, o que demorará um pouco.

Inspiro fundo impaciente com a demora, então pego meu celular e seleciono o aplicativo do Kindle para esperar lendo, assim o tédio não me abate e faço com que me distraia.

Não demora muito para me ver imersa na história de Celeana, a protagonista fodona de Trono de Vidro que sou apaixonada. Estou no quinto

livro e a cada página que leio, fico mais viciada.

Escuto um barulho e olho para trás imediatamente com o coração palpitando. Não há ninguém, mas foi como se algo tivesse caído. Volto a olhar para o elevador, ele está no 9º andar, ainda.

Balanço a cabeça, com toda certeza esse barulho é da minha imaginação, volto para leitura me esquecendo do mundo em segundos. Sobressalto quando o barulho entoa mais alto, me viro e olho pelos corredores escuros. Engulo o nervosismo, dou um passo para trás, examinando o lugar.

Escuto algo sendo arrastado, um som abafado e distante, mas perto o suficiente para chamar minha atenção. Será que é um dos seguranças? O elevador parou no nono andar, então o que resta apenas as escadas para sair daqui.

Ligo a lanterna do meu celular e ando com cautela em direção às escadas, temendo pelo barulho, porque pode ser um ladrão tentando roubar alguma coisa. Então para eu chegar até as escadas preciso passar por três corredores escuros, e é de um deles que vem o barulho.

Inspiro fundo, tomo coragem e sigo em frente. O barulho de repente para, e congelo. Meus ouvidos estão captando cada som estranho que possa me pôr em perigo, cada passo me deixa mais apreensiva.

Solto um grito de susto quando uma batida tão forte toma todo o andar, engulo com dificuldade e apresso os passos, não posso ficar aqui. Um calafrio percorre meu corpo, olho para trás com a sensação de estar sendo seguida.

Céus, o que está acontecendo? Paro de andar e tiro minhas sandálias, descalça poderei caminhar em silêncio. Olho para os lados e para trás novamente, está escuro demais e a lanterna do meu celular não é muito eficiente. Com as pernas trêmulas, forço-me a andar apressada, de longe consigo ver o elevador, que ainda está parado no nono andar.

Encosto na parede com a respiração falhando, o barulho continua, cada vez mais perto. Parece ferro colidindo contra a parede. Continuo a andar em direção às escadas quando escuto passos, engulo com dificuldade e olho para trás.

A cada passo seu, meu coração falha uma batida. Um, dois... um, dois... um, dois... são os intervalos dos seus passos, o que quer dizer que ele está calmo demais. Dou um passo à frente e começo a correr, preciso sair daqui agora!

Chego na porta e rodo a maçaneta, mas está trancada. Choramingo, tentando abri-la, mas a maldita porta não abre. Levo as mãos trêmulas à boca, tentando achar uma saída.

— Michael, preciso ligar para Michael! — Olho para meu celular e digito o seu número, mas não completa a ligação e é quando percebo que está sem sinal. — Droga!

Ilumino o corredor com a lanterna e começo a andar de volta para o elevador, minha única chance de ir embora é por lá. O barulho parou o que me deixa um pouco aliviada. Viro o corredor principal e paraliso ao ver uma sombra no fim dele.

Minha lanterna não o ilumina e nem faço questão disso, porque se eu levantar e ver seu rosto, vou entender que tudo isso é real, que há alguém aqui me assustando de verdade. Dou um passo para trás, estreito meus olhos, a sombra se mexe, meu coração salta e eu viro para trás e corro de medo, porque não serei idiota o suficiente para enfrentar quem quer que seja.

Viro no corredor e colido com uma parede de músculos, sinto meu corpo cair para trás, porém, mãos grandes me seguram com firmeza, impedindo minha queda. Solto um grito apavorado e tento me desvencilhar.

— Ei, ei, ei! — Congelo ao escutar sua voz. — Sou eu, Michael.

— Michael? — Levando a cabeça e o encaro, seu rosto está cheio de preocupação e seus olhos aflitos, quase me deixo cair de alívio.

— O que está acontecendo? — Olho para trás, certificando de que não fui seguida. — Você está apavorada.

— Eu... eu... — Minha voz sai trêmula. — Eu não sei... parece... parece que tem alguém aqui! — Ele olha por cima do meu ombro com o semblante alarmado.

— Alguém te perseguiu? — Michael pergunta me soltando.

— Eu ach...

— Fica aqui Sofia! — Pede em um tom de ordem, esfrego as mãos tentando acalmar a tremedeira enquanto o vejo se afastar de mim e ir no rumo do corredor onde eu acho que vi alguém.

— Eu me assustei. — Digo na tentativa de me acalmar, desviando o olhar. — Escutei barulhos, depois passos... eu... eu acho que trabalhei demais, às vezes é apenas fruto da minha imaginação, porque eu assisti um filme de terror ontem a noite e... e...

— Fica calma! — Solto um grito ao sentir suas mãos em meu rosto. — Ei, sou eu! — Balanço a cabeça. — Vamos sair daqui ok?

— O elevador... ele... não funciona! — Michael nega com a cabeça.

— Ele está funcionando, vim por ele, venha! — Ele entrelaça nossas mãos e me conduz apressado olhando para todos os lados até o elevador que por sorte, está com as portas abertas.

— Tentei te ligar e...

— Shhh! — Ele me cala quando adentramos, Michael me leva para seu peito e me abraça protetoramente. — Estou aqui agora, não se preocupe.

— Eu pensei... — Me afasto e encaro seu rosto aflito. — Céus, perdi minha sandália e meu celular. — Esfrego meu rosto e começo a rir, Michael fica me olhando sem dizer nada, estou tão nervosa que não consigo nem raciocinar direito.

— Sofia, isso é sério, por que está rindo?

— Eu... não consigo parar! — Respondo emendando a risada com um soluço. Michael inspira fundo e segura meu rosto, encostando sua testa na minha.

— Tenta se acalmar, inspira e expira, não deixarei ninguém te machucar. — Fecho meus olhos e assinto, sinto-me segura em seus braços.

— Eu fiquei com medo...

— Eu sei, meu anjo! — Aconchego meu rosto em seu peito e fico com ele abraçada até o andar térreo do prédio.

Quando chegamos na sua moto, me sento nela com a respiração um pouco mais regular, meus batimentos estão se acalmando e minhas mãos

menos trêmulas. Encaro o prédio e me pergunto o que aconteceu naquele momento, será que realmente vi alguém?

— Não quero que trabalhe mais até tarde. — Meus olhos se prendem no seu rosto inexpressivo.

— Michael é meu trabalho e...

— Não Sofia, você não me entendeu. — Ele esfrega seu rosto alterado e me encara com seriedade. — E se realmente for alguém atrás de você? Onde estão seus seguranças? E se eu não tivesse vindo te buscar? Céus, não teria ninguém para te ajudar! — Abaixo a cabeça. — Não sei se você tem inimigos, mas... — Michael se cala, rangendo os dentes de raiva.

— Ele não seria capaz. — Murmuro com a testa franzida, compreendendo onde Michael quer chegar.

— Não conheço David, nem esbarrei com ele, porque se isso acontecer eu não irei me segurar, Sofia. Você mexeu com seu ego, abandonou ele no altar e o tirou da presidência, ele tem motivos de sobra para te machucar.

David mostrou ser ambicioso, agressivo e um idiota, mas me machucar desta maneira? Eu o conheço há seis anos, passamos por muitas coisas juntos, certo que me privava de fazer amizades e de sair, mas chegar ao ponto de me assustar assim, é inacreditável!

— É apenas um pedido, anjo. — Michael me desperta, prendo meus olhos nos dele. — Não sabemos se o que viu foi alguém, então vamos tomar cuidado. Você promete? — Engulo em seco e assinto, assustada demais para contestar seu pedido.

— Prometo...

— Estou aqui para você, não se esqueça. — Olho para dentro dos seus olhos e acredito em suas palavras, o medo que estava sentindo vai se esvaindo.

Michael toca meus lábios com os seus, e a única coisa que penso agora é em aproveitar cada segundo em seus braços, da segurança que me transmite e a certeza de ser amada.



Coloco o café na caneca e sorrio ao observar a fumaça subir. Magali prepara a bandeja com algumas frutas, pão de queijo e algumas torradas, tudo o que Sofia mais gosta.

— Ela ficará surpresa ao ver que o senhor levou seu café da manhã na cama. — Coloco a caneca na bandeja e respiro fundo.

— Acha que ela ficará feliz? — Pergunto em espanhol, Magali me olha com atenção.

— Ela não é rabugenta quando acorda. — Sorrio, ela nunca é rabugenta. — Sofia é muito preguiçosa, vai ter um pouco de trabalho para acordá-la.

— Não vai ser um problema. — Solto um suspiro exasperado e me encosto no balcão. — Como foi o relacionamento da Sofia com o David? — Magali me lança um olhar surpreso diante a minha pergunta.

— Vou ser sincera com você, Michael. — Ela estala a língua, balançando a cabeça de um lado para o outro. — Wagner nunca gostou de David, sempre dizendo que sua filha era nova demais para namorar, que tinha que aproveitar a juventude, já a Sandra ficava ao lado da filha. No começo foi uma briga sem fim, até porque o relacionamento dos dois estava instável.

— Estavam se separando? — Pergunto, curioso.

— Eu acho que sim, mas depois eles se reconciliaram e fiquei sem entender. Apesar de eu ser muito amiga de Sandra, ela não era aberta a contar sobre seu relacionamento, assim como Sofia, elas são fechadas para isso.

— Então Wagner aceitou David?

— Não de imediato. — Ela diz, ajeitando a bandeja. — Ele odiava David, principalmente pela forma manipuladora que tratava Sofia, privando-a sem que ela percebesse, mas também não dizia nada.

— Como ele conseguiu a presidência da empresa? — Magali dá de ombros, com um olhar perdido.

— Ele começou a trabalhar lá com permissão de Wagner, ele queria vigiar David e tentar encontrar algo podre dele. Sei disso porque o mesmo me contou. — Magali vira de costas e começa a picar alguns tomates. — Quando ele morreu, David assumiu não sei como, acredito que seja pelo fato dele estar em um cargo alto na empresa ou pelo fato de a Sofia ser sua noiva e não poder administrar a Martin. Tem coisas que não tenho respostas Michael, mas Wagner e Sandra morreram com muitos segredos.

Fico encarando-a enquanto as suas palavras navegam por minha mente. Desencosto do balcão e seguro a bandeja quando percebo que não irá me revelar mais nada.

— Se esse cara vier aqui, por favor me chama, terei o prazer de expulsá-lo daqui, não o quero perto de Sofia, não fora da empresa. — Magali fica me olhando com um semblante diferente do habitual, ela assente.

— Claro, farei isso.

— Vou acordá-la agora. — Ela gesticula com a mão para eu ir, meneio a cabeça, pego a bandeja e subo as escadas rumo ao quarto de Sofia.

Abro a porta com cuidado, o quarto está pouco iluminado pelos raios de sol que são impedidos de entrar devido à cortina. Coloco a bandeja na cômoda e me aproximo dela, deitada de bruços em um sono profundo.

Me agacho na beira da cama e com cuidado afasto seus cabelos do seu rosto. Sua respiração está lenta e tranquila, seu cheiro invade meus sentidos, fazendo meu coração palpitar.

Sorrio ao lembrar dela parada na minha frente vestida de noiva, tão

linda e delicada que realmente achei que era um anjo. Como uma garota pôde se impregnar em meu coração em tão pouco tempo? Cada dia que passa sinto a necessidade de tê-la ainda mais em meus braços. Sofia está sendo como uma droga para mim, cada vez fico mais viciado. Tenho medo de que um dia eu acorde dessa realidade, pois, pela primeira vez em toda minha vida, eu me sinto completo ao seu lado.

Me inclino, roçando meus lábios nos seus, ela se remexe e resmunga ao sentir meu toque. Afasto um pouco e assisto ela abrir os olhos... olhos que são capazes de iluminar qualquer escuridão que sinto dentro do meu coração.

Seus lábios se esticam em um sorriso preguiço, Sofia volta a fechar os olhos e puxa mais as cobertas, cobrindo sua cabeça.

— Ei, está tarde. — Digo, tirando as cobertas da sua cabeça.

— Só mais um pouquinho! — Resmunga, tentando puxá-las de novo.

— O que acha de tomar café na cama? — Ela me olha com os olhos semicerrados.

— Nunca fiz isso.

— Você me traz café todos os dias, tenho que retribuir. — Levanto e pego a bandeja, Sofia fica me olhando imóvel.

— Sério? — Pergunta incrédula.

— Você não quer? — Sento-me na beira da cama e coloco a bandeja em cima dela, Sofia se senta e sorri animada.

— Sabe, sempre achei que isso só acontecia nos filmes ou nos livros, mas pelo visto acontece na vida real também. — Ela se estica e pega uma uva, a levando na boca.

— Tenho outra surpresa. — Vou até a cômoda e pego o livro que comprei ontem ao ir à cidade de Julian, quando avistei uma pequena livraria foi inevitável não lembrar de Sofia.

— Um livro? — Ela pega da minha mão tão rápida que solto uma risada quando Sofia abre a embalagem. — Ai meu Deus, Michael! — Ela alisa a capa verde, folheia as páginas e inspira seu cheiro.

— A vendedora disse que é um lançamento, sabia que não tinha.

— Como sabia? — Sofia me olha emocionada.

— Conheço sua estante de livros.

— Ah... — Ela ri e levanta o livro. — *Verity* é o livro da Colleen Hoover que eu mais ansiava em ler, é seu primeiro thriller, muito obrigada, Michael. — Sofia deixa o livro de lado e pula em meu colo.

— Não agradeça por eu ter colocado um sorriso em seu rosto. — Ela me fita por alguns segundos e captura minha boca em um selinho carinhoso.

— Fim de semana não saio de casa por nada nessa vida. — Ela desce do meu colo, ajeita seu pijama e pega seu livro.

— Nem por mim? — Sofia revira os olhos e balança a cabeça.

— Nem por você. — Sorrio, me levantando. — É sério Michael, você não é páreo para um livro, sempre sairá perdendo.

— Certo, percebi que ficarei de lado. — Me aproximo dela, seguro seu pescoço e inclino sua cabeça um pouco para trás para que possa me encarar.

— Infelizmente sim. — Beijo de leve seus lábios.

— Estou indo, tenho algumas coisas para resolver, te espero na inauguração da loja, ok? — Sofia contorna seus braços em meu pescoço e assente.

— Estarei lá, querido esposo. — Entrelaço minha mão em seus cabelos e trago seus lábios nos meus.

— Até mais tarde! — Digo, forçando-me a me afastar dos seus lábios e do seu corpo. — Aproveite seu café.

— Obrigada. — Ela agradece, voltando para cama. — Já que trabalho só após o almoço, vou aproveitar e começar o livro agora, porque não vou me aguentar de ansiedade.

— Cuidado para não perder a hora.

— Prometo. — Diz, enchendo a boca de uvas, ela se ajeita na cama e começa a ler.

Saio do seu quarto com um suspiro longo, sentindo meu peito abafado e, ao mesmo tempo ansioso. Sofia está mexendo comigo de uma forma tão

intensa que não sei se serei capaz de ficar longe.

— Ela gostou? — Magali pergunta quando entro na cozinha, olho para ela e sorrio.

— Dei um livro de presente a ela.

— Foi um erro... — Magali inspira fundo e estala a língua. — Agora ela não sairá daquele quarto.

— Mas ela trabalha hoje.

— Sofia é dona da empresa, acha que isso terá impacto se ela faltar um dia?

— Ela é responsável. — Asseguro, rindo de Magali.

— Não quando está com um livro em mãos.

— *Dios mio...* — Resmungo, fazendo Magali soltar uma risada. — Me liga se acontecer algo. — Ela assente em despedida e volta para cozinha.

Saio de casa e monto na minha moto, inclino no guidão com o celular que não para de tocar na mão. Inspiro fundo e decido atender.

— Fala.

— *Por que você não me atende mais?* — Fecho meus olhos quando a voz de Stephanie entoa alterada. — *Sério que depois de tudo que passamos, você vai me ignorar?*

— Não temos nada o que conversar.

— *Michael, por favor!* — Implora com a voz trêmula. — *Eu te amo, não me maltrata assim.*

— Stephanie...

— *Você está com ela, não é? Por isso que terminou comigo. Sabia que esse casamento de mentira tiraria você de mim.* — Ela fica calada por alguns segundos, esfrego minha testa e inspiro com impaciência.

— Você sabe perfeitamente os motivos que causaram nossa separação.

— *Eu te pedi perdão, prometi que iria mudar e estou mudando, confia em mim, Michael.* — Balanço a cabeça. — *Olha, quando fico estressada digo coisas sem nexo, eu te magoo e faço besteira... estou fazendo terapia.*

— Fazendo o quê? — Fico ereto sem acreditar em suas palavras.

— *Estou tendo acompanhamento psicológico para me ajudar a mudar. Quero ser uma pessoa diferente.* — Passo a mão sobre a boca, incrédulo demais.

— Stephanie, sinto muito, mas acabou. Nada do que você fizer, me fará mudar de ideia.

— *Michael, não faça isso...*

— Não se maltrata assim amor, acabou! — Escuto uma fungada do outro lado da linha.

— *Ela roubou você de mim...*

— Ninguém me roubou, você que não me valorizou.

— *Não vai ficar assim Michael, você é meu e de mais ninguém.* — Abro a boca para retrucar, dizer que isso está ficando ridículo, mas ela desliga. Respiro fundo, na tentativa de evitar que Stephanie estrague meu dia.



— Então é isso? — Arthur pergunta, observando a loja pronta para ser aberta.

— Acho que sim.

— Cara, isso está incrível. — Ele soca meu braço com um pouco mais de força. — Estou muito orgulhoso de você.

— É uma conquista.

— Marlon ficaria muito feliz se estivesse vivo. — Comprimos meus lábios, sentindo meu peito apertar de saudades.

Fico absorto nos detalhes da loja quando sou despertado ao escutar motores de motos, meu corpo entra em estado de alerta quando um grupo de

seis motoqueiros param em frente à minha loja.

— O que esse filho da puta está fazendo aqui? — Esfrego minha sobancelha.

— Fica frio, tá legal? — Arthur assente sem desviar o olhar deles.

Jason desce da moto e nos encara antes de se aproximar, deixando seus homens esperando do lado de fora.

— Soube que uma nova loja de motos estava sendo aberta na região. — Diz ele, observando a loja. — Fiquei curioso e vim dar uma checada. Você é o dono, Sanches?

Raiva começa a me dominar ao lembrar dele e da Stephanie na cama, transando e rindo da minha cara. Jason fica me encarando friamente, sem nenhum humor ou simpatia.

— É minha. — Respondo, me controlando para não o expulsar daqui.

— Parabéns, ficou show! — Ele se aproxima da Harley Davidson. — É do ano?

— Sim. — Arthur se afasta, querendo ficar o mais longe possível dele.

— Estou precisando trocar a minha, está ultrapassada.

— O que faz aqui Jason? — Ele leva as mãos aos lábios e me encara, do seu pescoço para baixo é lotado de tatuagem e há uma recente em cima da sua sobancelha esquerda, um piercing no nariz e seus cabelos escuros o deixa com um visual assustador para quem o vê pela primeira vez.

— Você me deixou em uma enrascada. — Diz, analisando a moto. — Eu já tinha vendido aquela mercadoria.

— A *minha* mercadoria. Apenas peguei de volta. — Jason estala a língua três vezes.

— Por isso não fui atrás de você depois, porque se eu a roubei, você tem todo o direito de pegar de volta. — Cruzo meus braços, surpreendido com sua declaração.

— Em que merda se meteu?

— Preciso do contato, quero comprar mercadoria e aquela era da boa.

— Jason se aproxima de mim e diz em um sussurro: — Nem todos vendem cocaína pura, se eu a ter, vou lucrar muito.

— Nessa cidade? — Ele passa a língua no lábio inferior, olhando para os lados.

— Tenho alguns esquemas que poderá me beneficiar.

— Não tenho mais o contato dele. — Jason me encara com um pouco de impaciência. — E se eles descobrirem que você está vendendo cocaína aqui, você morre.

— Não vão descobrir. — Retruca, colocando as mãos na cintura e olhando para baixo, parecendo estar desesperado.

— Eu sei que não somos amigos e há uma rivalidade entre nós, até comi sua mulher. — Arqueio uma sobrancelha, Jason comprime os lábios, contrariado. — Mas preciso dessa força, mano.

— Não tenho o contato dele mais.

— Como você conseguiu? — Respiro fundo, fecho meus olhos e decido falar.

— Na região de La Jolla, você encontrará um homem com características mexicanas, ele fica na redondeza.

— O que eu faço? — Jason pergunta com ansiedade.

— Diga que quer uma mercadoria, ele te dará uma senha e por ela você conseguirá entrar em contato com Fuentes. — Ele balança a cabeça de leve, com um ar pensativo.

— Só isso?

— Depende, Fuentes trata cada cliente de forma diferente.

— Certo. — Jason fica me encarando por alguns segundos. — Realmente preciso.

— Tudo bem, te dei a pista.

— Eu não quero mais ela. — Declara, sacudindo a cabeça. — Sua namorada é louca.

— Ex-namorada, não estamos mais juntos.

— Sorte sua. — Jason passa por mim e vai em direção à saída, monta na sua moto e parte com seus capangas.

— O que foi isso? — Arthur pergunta, encostado na parede.

— Está na merda, é óbvio.

— Ele foi amigável.

— Porque precisa de algo. — Tiro minha jaqueta e aponto para a oficina. — Tenho uma moto para consertar, quer lembrar os velhos tempos? — Arthur sorri com os olhos brilhando de animação, quando éramos mais novos sempre customizávamos motos velhas, era nosso passatempo.

— Vamos nessa!



Encaro a praia pela janela com a esperança de que minha empresa não esteja sendo vítima de um golpe ou que seja tudo um mal-entendido. Olho para trás ao escutar um suspiro longo de Eduardo, ele comprime os lábios e balança a cabeça com os olhos fixos nos papéis.

— Não há outra resposta. — Ele eleva seu olhar e se fixa em mim. — Estão desviando dinheiro da Martin, Sofia. — Fecho meus olhos como se estivesse levado dois socos seguidos, tirando todo o ar dos meus pulmões.

— Mas como eles estão fazendo isso? — Pergunta Leticia, que também analisa os dados.

— Empresas fantasmas. — Revela Eduardo.

— Como assim? — Pergunto, sem entender.

— Eles criaram empresas que não existem para transferir dinheiro sem serem descobertos, isso quer dizer que estamos comprando mercadorias que nunca receberemos. — Eduardo explica.

— Então está me dizendo que tem alguém fazendo isso por debaixo do nosso nariz?

— Exatamente. — Confirma, convicto.

— Olha, Sofia, — Leticia se inclina, sustenta seus cotovelos nos

joelhos e cruza as mãos — isso vem acontecendo há três anos, seus pais já estavam mortos quando isso começou o que nos deixa sem muitas opções.

— O que está insinuando? — Me aproximo, ela se remexe.

— David era o presidente e a Camila diretora de Marketing, Leopold é amigo fiel dos dois e cuida do financeiro...

— Eles não seriam capazes de fazer isso. — Corto Leticia, meus pais confiaram em David e em Leopold, confiei de olhos fechados neles. — E porque David roubaria minha empresa? Ele não precisa de dinheiro.

— Dinheiro cega a pessoa, Sof. — Rebate Eduardo. — Quanto mais poder você tem, mais você vai querer.

— As provas são insuficientes para abrir uma investigação.

— Tenho o suficiente para abrir um processo, mas apenas se você quiser.

— Não, Edu... — Entrelaço meus cabelos e olho pela janela, preciso de mais para acreditar que isso é verdade. — Tem três empresas com nomes estranhos, a quantia transferida foi muito grande e eu as busquei na internet, mas não encontrei nada, não existem. — Esfrego meus lábios, pensativa.

— O que pretende, Sofia? — Leticia me pergunta, lendo em meu rosto o que irei fazer.

— Vou atrás dessa empresa *Southern Tree*. Preciso saber se existe de verdade e coletar provas. — Vou até à mesa, pego minha bolsa e a chave do carro.

— Nem pensar, Sofia. — Eduardo se levanta. — Você não sabe se isso é perigoso ou com quem estamos lidando.

— Eu quero a verdade e vou obtê-la. Não me importo com quem vai cair, é o meu dinheiro que estão desviando.

— Precisamos de profissionais para lidar com isso. — Nego com a cabeça, vou atrás, ele queira ou não.

— Vou procurar a polícia quando tiver as provas concretas para não dar a chance de quem estiver fazendo isso escapar da justiça. — Eduardo fica me encarando por alguns segundos, respira fundo e abaixa a cabeça, ele não é

páreo para minha teimosia. — Afinal, estamos desconfiando da sua irmã. — Edu abaixa a cabeça, sei que está tentando ser profissional, mas o medo é maior que a gente.

— Eu vou com você. — Declara Leticia. — Sozinha você não vai. — Assinto, agradecida por embarcar nessa loucura junto comigo.

— Enquanto isso vamos manter a discrição, ninguém pode saber o que está acontecendo.

— Deixa comigo, Sof. — Eduardo se senta, frustrado. — Afinal, minha irmã pode estar envolvida nisso. — Meu coração se parte ao ver sua decepção.

— Por isso que precisamos investigar antes Edu. — Ele assente e aponta para porta.

— Vão, eu cuido do resto. — Olho para Leticia, ela acena de leve com a cabeça antes de sairmos da sala.



Estaciono o carro dois quarteirões abaixo do endereço da Southern Tree. Abro a porta e desço, analisando o bairro Middletown. Leticia para ao meu lado com uma câmera na mão, vestida com roupas escuras, tênis e seus cabelos estão trançados.

— Nunca vim aqui. — Revela, pendurando a câmera no pescoço.

— Muito menos eu. — Inspiro, olho para os lados percebendo que as ruas estão vazias. — Um bairro meio quieto, não? — Ela dá de ombros e começa a caminhar em direção à suposta empresa.

— Estou com um péssimo pressentimento. — Ando ao seu lado, observando cada canto do bairro. — Não há prédios aqui, apenas casas.

— Ela é produtora de alimentos.

— Talvez aqui seja apenas o escritório.

Depois de alguns minutos de caminhada, chegamos ao nosso destino. Olho em volta encontrando apenas casas comuns, nada que mostre que há uma empresa ou escritório instalados aqui.

— Eles têm telefone?

— Não funciona. — Respondo, Leticia me encara com os olhos apertados por causa do sol.

— E se eles tiverem se mudado?

— Não, foi feito uma compra a três dias atrás.

— Quem está fazendo isso? Porque você é a CEO e tem o controle.

— Não do financeiro, como é contrato, todo mês tem a compra. É como uma fatura de cartão de crédito. Eu apenas assino e o Leopold faz o resto. — Leticia assente, voltando a procurar o endereço.

— Sofia, encontrei. — Diz, olho para ela que está parada em frente à uma casa no fim da rua. — O endereço bate. — Me aproximo dela.

— Então é verdade... — Murmuro, encarando a casa velha, cheia de entulhos com um muro a cercando. — Estão mentindo para mim o tempo todo.

— Essa é apenas a primeira. — Fala, tirando as fotos que precisamos.

— O que eu faço?

— Nada, porque não sabemos quem é que mora aí. — Leticia me lança um olhar apreensivo.

— Vou descobrir. — Antes dela protestar, bato palmas e espero, um cachorro começa a latir em desespero, tento olhar para dentro através do portão de grade.

— Sofia, acho que não tem ninguém. — Ignoro Leticia enquanto encaro o cachorro de porte médio machucado e desnutrido, ele está amarrado com uma coleira de ferro, não há água e nem comida.

— Leticia, olha isso. — Ela se aproxima, segura as grades do portão e geme ao notar o cachorro em estado deplorável.

— Filho da puta. — Xinga com tanto ódio que sinto a vibração da sua voz em minha pele.

— O cachorro está muito machucado e faminto. — Meu coração aperta. Quanto mais ele late, mais nervoso fica e mais a corrente aperta sua garganta.

— Podemos ligar para alguma associação de proteção que temos parceria para vir resgatá-lo — Nego com a cabeça sem desprender meus olhos do animal.

— Não vou deixá-lo aqui. — Afasto e procuro um jeito de entrar.

— Você está louca?

— Se deixarmos esse cachorro aí, talvez morra antes de conseguirmos ajuda. — Leticia choraminga com um certo desespero.

— Sabia que você era louca, mas não ao ponto de invadir uma casa.

— Foda-se. — Digo, passando a mão no muro chapiscado de cimento. — Tenho dinheiro o suficiente para não ir para cadeia.

— Céus... — Ela esfrega seu rosto ponderando se me ajuda ou não. — E se tiver realmente alguém nessa casa?

— Serei pega e chamarão a polícia. — Leticia sacode a cabeça.

— Se não te matarem antes. — Tiro meus scarpins e prendo meus cabelos. — E o pior é que não acontecerá nada com eles, pois, vão alegar invasão.

— O cachorro precisa de nós. — Digo, chamando-a com a mão. — Se não lutarmos por esses animais, quem vai? — Ela suspira derrotada, entrelaça as mãos e se inclina para me ajudar a subir. — No três você me impulsiona para cima. — Coloco o pé direito nas suas mãos e espero o momento certo.

— 1... 2... 3... — Ela empurra para cima, seguro com força o muro que não é tão alto, passo minha perna esquerda por ele e em segundos aterrisso na propriedade de um desconhecido. — Está tudo bem? — Sussurra Leticia.

— Sim. — Respondo, meu coração está acelerado e meu corpo inteiro está tenso. — Vou pegar o cachorro, me espera.

Desencosto do muro e começo a andar sorrateiramente, com cuidado

para não pisar em algo perfurante que machuque meu pé, vou em direção ao cachorro que tenta latir, mas acaba tossindo por causa do aperto da corrente em seu pescoço.

Olho em volta, encontro apenas lixo, sucata e coisas velhas. Avisto ratos se esgueirando no lixo e engulo a bile ao sentir o cheiro de carniça de bicho morto.

A casa está distante de onde estou, mas temo que alguém me veja pelas janelas de vidro. O fedor fica mais forte e quando chego perto do cachorro, percebo que o cheiro vem de um cachorro morto.

— Ei, garoto! — Digo com carinho, desviando meu olhar do seu companheiro morto, ele late desesperado, mas não parece ser bravo ao ponto de me atacar. — Vim te ajudar, por isso tem que ficar calmo.

Seus olhos vazios me encaram e sinto uma dor dilacerante invadir meu coração, olhos que pedem desesperadamente por socorro. Esses animais existem para nos ensinar a amar, ensinar o poder da lealdade e da cumplicidade, mas muitos recebem apenas sofrimento.

Engulo as lágrimas e me agacho na sua frente, esperando pacientemente que se acalme e perceba que não sou uma ameaça. Ele rosna e late, estendo minha mão sem demonstrar medo. O cachorro se encolhe, me encara e anda de um lado para o outro.

Minutos se passam, não desprendo meus olhos dos seus para mostrar que estou aqui por ele. O cachorro começa a se aproximar e cheira minha mão, sorrio ao notar seu medo se esvaindo.

— Ei garotão, acredita em mim agora? — Ele me olha com um pouco de receio, me aproximo mais e levo a mão com cuidado em seu pelo escuro, sinto suas costelas e ele abana o rabo ao receber carinho. — Vamos embora desse inferno, ok? — Acaricio seu pescoço e prendo a respiração ao perceber que a corrente está entrando por sua pele.

Procuro o fecho, solto e com cuidado tiro a corrente, jogando-a no chão. O cachorro choraminga e se aproxima dos meus braços, como se quisesse um abraço. Ele cheira meu nariz e com cuidado, pego-o no colo.

— Vamos sair daqui. — Com o cachorro nos braços, ando apressada

em direção ao portão, ele está tão magro que não pesa quase nada.

Chego no portão e Leticia me encara embasbacada. Coloco o cachorro no chão perto de mim.

— Como faremos para tirá-lo daí?

— Vou subir as correntes do portão e vou forçá-lo para trás enquanto passamos Billy entre ele.

— Billy?

— O nome do cachorro. — Ergo as correntes tentando não fazer barulho, Billy se deita no meu pé, fraco demais para permanecer em pé. — Você segura e eu o passo. — Leticia puxa o lado esquerdo do portão, enquanto eu o direito, com o corpo me auxiliando a mantê-lo aberto, empurro o Billy e o passo por entre o portão, ele protesta, mas Leticia consegue pegá-lo.

— Pronto. — Diz soltando o portão que faz um barulho alto. — Porra... — Olho para trás a tempo de ver a porta principal ser aberta.

— Ei, o que você está fazendo? — Um velho barrigudo me encara à distância, ele está com uma cerveja na mão.

— Pega o carro, Leticia.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunta de novo. — Essa é minha propriedade, você não tem permissão para entrar.

— Desculpa senhor. — Grito, erguendo minhas mãos. — Eu só vim averiguar uma coisa.

— Que coisa? — Sua voz sai com raiva, engulo em seco.

— Me disseram que esse endereço era da empresa Southern Tree. — Ele me encara por alguns segundos.

— Endereço errado.

— Ok, estou indo embora. — Ele fica me olhando por um momento, vira o rosto ao perceber que seu cachorro não late, ele me direciona um olhar furioso e joga a garrafa contra o chão.

— Eu vou te matar, sua ladra! — Grita entrando na casa e em segundos

ele retorna com uma espingarda.

— Oh, merda! — Viro e saio correndo, tento achar um modo de pular o muro de novo, mas não encontro nada para me auxiliar.

Olho para trás, o velho está bem distante, porém, mesmo não tendo uma mira boa, ele ergue a espingarda e aponta em minha direção. Abaixo quando um tiro é soado, meu coração acelera desesperado.

— Que merda!

— Quem pensa que é para roubar meu cachorro?! — Grita, abaixando a arma e voltando a correr em minha direção.

— Sofia Martin, senhor. — Murmuro em reposta.

Paro em meio a um corredor de ferro-velho, não imaginava que esse lugar fosse tão grande. Avisto alguns entulhos próximos do muro, corro até eles que vão me auxiliar a pular para o outro lado.

Olho para trás, o senhor aponta a espingarda de novo e eu me escondo, sobressalto com o barulho do tiro e espio por entre os entulhos, ele parece estar recarregando a arma, subo apressada com um pouco de dificuldade, sento no muro e inspiro antes de pular, caindo de joelhos por ser um pouco mais alto do que o outro.

Fecho meus olhos quando a dor espalha por meu corpo, leva um momento para me recompor e com a ajuda das mãos, me levanto e saio correndo pela calçada, me afastando do velho louco.

Viro a esquina e me encosto na parede com dificuldade para respirar, inclino para frente, colocando as mãos no joelho, inspirando e expirando em busca de ar e rangendo os dentes por causa da dor nos meus joelhos.

Uma buzina me assusta, olho para cima e suspiro aliviada ao reconhecer meu Bentley. A porta do passageiro é aberta e Leticia me grita, não perco tempo e entro, ela arranca cantando pneus, nos levando para longe desse bairro.

— O velho atirou em mim.

— O quê? — Leticia me olha abismada, inspiro fundo.

— O filho da puta atirou em mim com uma espingarda. — Repito, me

virando para trás para verificar Billy, ele está deitado um pouco assustado. — Vamos levá-lo para o veterinário primeiro.

— Meu Deus, você é louca! — Olho para Leticia que está comprimindo a risada.

— Pelo menos salvamos Billy. — Meus lábios se esticam em um sorriso que se transforma em uma gargalhada, Leticia me encara chocada, mas logo para de resistir e me acompanha, rindo de toda essa merda de confusão.

O que eu fiz foi imprudente, invadi uma casa, roubei um cachorro e quase morri com um tiro de espingarda, entretanto, nada me tira o prazer de ter salvo uma vida, porque sei que a partir desse momento, esse cachorro irá iluminar o coração de seu novo dono.



Ando pelos corredores toda suja e com os cabelos desgrehados, capto olhares chocados em minha direção, mas ignoro. Estou tão furiosa que se alguém aparecer na minha frente atrás de explicações eu lhe dou um soco que vai sair voando do meu caminho.

— Dona Sofia? — Jane me olha embasbacada quando paro na sua mesa. — O que aconteceu?

— Quero que você marque uma videoconferência com todas as ONGs de animais que temos parceria.

— O q-qu-ê? — Franzo a testa e reparo quando ela engole em seco, adquirindo um tom pálido no rosto.

— Algum problema? — Ela sacode a cabeça e me lança um sorriso forçado.

— Farei isso imediatamente.

— Quero para amanhã. — Jane assente um pouco nervosa, batuco minhas unhas na sua bancada, observando-a com atenção. — Você realmente está bem? — Pergunto, ela sorri e cruza as mãos, me olhando com confiança.

— Estou sim Dona Sofia, assim que tiver o horário da reunião informarei.

— Obrigada. — Estreito meus olhos de leve, Jane tira a atenção de mim e foca no computador, digitando com agilidade como se nada tivesse acontecido.

Me afasto a tempo de ver Leticia se aproximando, ela assente e juntas caminhamos em direção ao meu escritório. Inspiro fundo quando avisto David virar o corredor e congelar ao notar meu estado. Seus olhos arregalam e sua boca se abre.

— Sofia, o que aconteceu? — Pergunta quando passo por ele, ignorando esse idiota. — Ei, fala comigo.

— Não é o momento.

— Como assim? — Assusto quando sua mão agarra meu braço, me fazendo parar e me virar para ele. — Olha só para você. — Seus olhos percorrem meu corpo. — Parece que foi atacada.

— Por que eu seria atacada? — Arqueio uma sobrancelha, puxo meu braço quando ele fica calado.

— É que... céus, nunca te vi assim tão suja e com roupas rasgadas. — David esfrega seu rosto, se eu não estivesse com tanta raiva e com dor pelo corpo, até que acreditaria em suas palavras.

— Me poupe da sua preocupação. — Me viro e volto a andar.

— Sofia, por favor...

— Estou ocupada agora.

— Sinto sua falta. — Murmura atrás de mim, sua voz parece sair dolorosa, o que me surpreende. Viro-me para olhar em seu rosto, querendo socá-lo com toda força que tenho.

— Estou trabalhando. — Entro no escritório e bato a porta na sua cara, soltando xingamentos que nunca pensei ser capaz de dizer.

— Sofia? — Levanto a cabeça, encontrando um Eduardo muito desorientado.

— Era uma porra de empresa fantasma. — Digo entre dentes. — É um ferro-velho com um velho filho da puta que atirou em mim. — Minha voz sai indignada, não posso acreditar.

— Espera! — Eduardo me interrompe e fica me encarando como se eu tivesse quatro cabeças. — Ele o quê?

— Bem... eu... — Solto um suspiro, deixando meus ombros caírem. — Roubei o cachorro dele. — Eduardo congela, seus olhos estão fixos em mim e remexo com o desconforto do seu olhar incrédulo.

— Céus!

— Eu não podia deixá-lo lá, Edu. — Explico angustiada. — Billy estava em um estado deplorável, eu precisava salvá-lo, então invadi a propriedade e o peguei, mas pensei que não tinha ninguém, até o velho aparecer.

— *Billy?*

— O nome que ela deu ao cachorro. — Leticia esclarece, Eduardo apenas balança a cabeça negativamente. Ficamos em silêncio por alguns segundos, absorvendo tudo o que está acontecendo.

— O que está acontecendo aqui, Edu? A Jane ficou paralisada quando eu pedi para marcar uma reunião com as ONGs que temos parceria, foi como se ela estivesse me escondendo alguma coisa...

— E está. — Leticia me corta, sentada com alguns papéis em mãos. — Não estamos ajudando nenhuma delas, porque simplesmente cancelamos todos os vínculos com as ONGS de proteção.

— O quê? — Congelo, incapaz de acreditar no que estou escutando.

— Aqui Sof, um pouco de água te fará bem. — Agradeço a Eduardo pela garrafinha de água, me encosto na mesa e dou um gole longo. — Descobri agora pouco que as verbas estão sendo desviadas, mas não faço ideia para onde.

Sinto um desespero me abater, a vontade de chorar é grande e a única coisa que quero, é ser embalada nos braços. Fecho meus olhos com força, sentindo a queimação das lágrimas.

— Porra... — Vocifero de ódio e mágoa.

— Há uma transação de valores para cada ONG, mas o dinheiro não chega. — Informa Leticia, suspirando.

— Então essas contas são falsas? — Abro os olhos e encaro Eduardo, ele afrouxa a gravata, sentindo-se sufocado.

— Tudo indica que sim.

— É rastreável? — Pergunto.

— As contas bancárias estão com os nomes e os CNPJs das ONGs, mas podem ser falsas também.

— Faz ideia do quanto estão nos roubando? — Olho para Eduardo e depois para Leticia. — Estamos falando de milhões de dólares.

— Posso tentar rastrear o dinheiro. — Sugere Leticia, fito seu rosto e inspiro fundo. Ela esconde segredos que a faz se afastar de todos, é como se algo a puxasse para longe todas às vezes que alguém se aproxima demais, sei perfeitamente que tem grandes habilidades que deixaria qualquer um surpreso.

— Vamos montar um plano, mas primeiro preciso confrontar todos que suspeitamos.

— Como? — Eduardo tira seu paletó. — Você já invadiu a propriedade de um lunático, roubou seu cachorro e agora quer confrontar alguém que talvez seja o culpado?

— Sim, Edu. Eu irei colocar todos naquela merda de mesa de reunião e contar que nossa empresa está sendo roubada, então, a partir desse momento iremos saber dos passos do criminoso filho da puta.

— Quem for, vai tentar te machucar. — Leticia avisa, se aproximando.

— É a nossa chance, podemos começar a investigar e pegá-lo.

— Céus Sofia! — Eduardo me repreende com a voz tão furiosa que sobressalto. — Vamos deixar isso nas mãos de um investigador, vamos atrás do FBI ou quem for, mas isso não cabe a nós, averiguarmos.

— Você entregaria Camila, sua irmã, para o FBI? — Ele fecha os olhos com força, soltando um suspiro exasperado.

— Se ela for inocente, não irá lhe acontecer nada.

O escritório recai em um silêncio desconfortante, nossas mentes trabalham na tentativa de encontrar respostas.

— Vou averiguar as outras duas empresas fantasmas, Leticia tenta rastrear o dinheiro e irei confrontar todos que estamos suspeitando, depois disso penso se entrego para a justiça ou não. — Eduardo não diz nada, apenas pega suas coisas e sai do escritório.

— Tem certeza dessa sua decisão? — Comprimo meus lábios e olho pela janela.

— Não, mas preciso fazer isso. — Leticia assente e vai embora, me deixando sozinha com meus tormentos.

Sinto uma lágrima escorrer por meu rosto, estou me segurando a tanto tempo que escorrego até o chão e liberto meu choro. Sei que estou sendo idiota por estar fazendo isso, mas é tudo o que meus pais me deixaram, não posso permitir que tirem aquilo que lutaram com tanta garra.

Então eu choro sem me reprimir, porque depois das lágrimas vem a força e farei de tudo para descobrir quem está fazendo isso. Sou Sofia Alves Martin, herdeira desse império e não permitirei que ninguém pise em cima de mim sem que sofra com as consequências dos seus atos.



Depois de me recompor, voltei para casa, para me arrumar para a inauguração da loja do Michael. Escolhi um vestido *chiffon* longo vinho, preendi meus cabelos deixando alguns fios soltos e uma maquiagem discreta. Me olho com atenção pelo espelho e me sento na beira da cama, soltando um suspiro desanimado.

— Droga...

— O que foi, meu amor? — Magali entra no quarto com o rosto preocupado, encaro minhas mãos.

— Você acha que estou ridícula para ocasião? — Levanto a cabeça, ela

sorri com carinho e nega com a cabeça.

— Você está maravilhosa como sempre, o que tem de errado?

— É que eles são motoqueiros, todos usam sempre roupas de couro, coturnos e as mulheres têm um visual diferente que o meu e... — Viro as mãos em minha direção. — Olha para mim, Maga, pareço um manequim da Chanel.

— Oh, minha menina! — Ela me olha com simpatia. — Você não deve se preocupar com isso, esse é seu estilo.

— Bem exagerado...

— Sofisticado. — Inspiro fundo, alisando a saia do meu vestido. — Cada um tem seu estilo, esse é o seu,

— É, mas não me encaixo.

— Não é questão de se encaixar, Sofia Martin. — Magali pega minhas mãos e me encara no fundo dos olhos.

— Então qual é a questão?

— De ser você mesma. — Meu queixo treme, inspiro fundo novamente. — Não tenha medo de ser quem você é, por causa do que os outros vão pensar.

— Estou com tantas saudades da mamãe. — Sinto meus olhos se encherem de lágrimas, Magali me puxa para seus braços, me aninhando com tanto carinho e conforto que começo a chorar de novo, como uma manteiga derretida.

— O que aconteceu com você hoje? — Pergunta vagamente, esfregando meu braço sem obter sua resposta. — Vai ficar tudo bem meu amor, Maga está aqui com você.

— Magali, você me ama? — Me afasto um pouco de seus braços, ela revira os olhos e limpa meu rosto.

— Você é minha princesa, Sofia Martin. — Comprimo meus lábios, segurando para não voltar a chorar. — É a filha que nunca tive, então para de ser tão derretida e se apronte, você tem que ir prestigiar seu *esposo*.

— Ele está muito feliz, dá para ver como seus olhos brilham quando se

refere a sua loja.

— Não sei se é a loja em específico que faz os olhos dele brilharem. — Magali inclina a cabeça para o lado, me lançando um olhar malicioso.

— Claro que não. — Afasto essa ideia e me levanto.

— Vocês estão apaixonados, é visível. — Comprimo meus lábios e me encosto na cômoda, fixando meus olhos na parede.

— Eu posso estar apaixonada Maga, mas não sei se ele está. — Volto a olhá-la, sentindo uma mágoa se alojar em meu peito. — Sinto como se algo o puxasse para longe, ele quer estar comigo, mas não se entrega.

— É tudo novo para vocês, meu amor. — Magali se levanta, aproxima de mim e sorri, um sorriso tão lindo que aquece meu coração.

Magali sempre esteve presente em nossa família, não me lembro de uma só vez que ficou ausente. Quando mamãe morreu, ela tomou a frente e desde então, cuida de mim com todo carinho que pode me dar.

— Isso tem um nome, e se chama *vagaranha* cor de rosa. — Ela fica me encarando por alguns segundos antes de soltar uma gargalhada, reprimo a minha e bufo de raiva.

— Vaga... o quê?

— Vagaranha cor de rosa, a ex do Michael. — Magali continua rindo, lágrimas escorrem por seu rosto e ela enxuga, não entendo porque está rindo tanto, nem contei piada. — É sério, Maga. Ela tem um poder sobre ele que vou te falar, às vezes acho ele muito burro.

— O amor entre eles pode ser forte. — Diz depois de se recompor, faço uma careta descontente.

— Amor que trai, manipula e machuca? — Olho indignada para Magali, que respira fundo. — Desculpa, mas para mim isso tem outro nome.

— E qual seria?

— Burrice. — Magali ri e balança a cabeça negativamente.

— Vá terminar de se arrumar e não se preocupe, você está linda. — Ela me dá um beijo na testa e sai do quarto, solto um suspiro.

Uma hora depois paro em frente à loja de Michael. Ela está lotada de motociclistas, há algumas motos de corridas e outras de motocross, fazendo-me lembrar das fotos dele de quando ainda era um piloto.

Michael foi raso em contar seu passado, isso me deixou ainda mais intrigada em saber de tudo sobre ele, me pergunto se foi somente por causa do seu irmão que ele parou de correr ou se tem algo mais nessa história.

Recosto a cabeça no banco, pelo menos tem algumas mulheres com vestidos, só que curtos demais e alguns vulgares, me sinto uma vovó perto delas... poxa, não consigo usar roupas assim... tão curtas.

Observo a loja iluminada com várias cores de verde e vermelho, há música tocando, muitas risadas e conversas, o lugar está lotado, fazendo-me questionar se realmente preciso entrar lá e fazer o papel de esposa, algo que não sou de verdade.

Olho para trás quando escuto um barulho estrondoso, a moto é enorme e tem uma pintura esportiva de verde e branco, o piloto está vestido com um macacão, ele desce da moto e retira o capacete, sendo cumprimentado por algumas pessoas. Enrugo meus lábios, ele parece ser muito conhecido pela forma que foi recepcionado.

— Hora de enfrentar as pessoas, Sofia. — Digo a mim mesma e desço do carro, reparando alguns olhares de mulheres que passam por mim.

— Sofia? — Olho para trás, sorrio ao reconhecer uma das ladies do The Sanches.

— Como está, Dana?

— Estou ótima. — Diz, passando as mãos em seus cabelos castanhos. — Por que ainda não entrou? — Sua pergunta me surpreende.

— Eu...

— Deixa a vergonha de lado, mulher. — Dana segura meus ombros, ela é alguns centímetros mais alta do que eu e é bem forte. — Aqui não tem cerimônia, e você é uma de nós. — Lhe dou um sorriso sem graça, ela se afasta e acena para alguém atrás de mim.

— Já estou indo.

— Te espero. — Ela passa por mim, mas para logo em seguida, varrendo os olhos por meu corpo. — A propósito, você está *deslumbrante*, acho que é uma palavra de gente rica.

Dana ri e logo depois abraça Bonnie, esposa de um dos integrantes do The Sanches que se aproximou dela. Olho em volta, inspiro fundo e começo a andar em direção à entrada da loja, sinto olhares em cima de mim, mas paro quando escuto meu celular tocar.

Olho para um homem que me encara com atenção, viro de costas, ignorando-o e me afasto para atender a ligação da Leticia.

— Alô

— *Sofia, sou eu, a Leticia.* — Reviro meus olhos, será que ela esqueceu que eu tenho seu número salvo?

— Eu sei, o que foi?

— *Estou no apartamento do Eduardo, ele está bêbado.* — Encosto no meu carro, fitando meus pés sendo abraçados pelos trançados da minha sandália.

— Camila sempre deu trabalho, moderou depois que minha mãe deu emprego para ela, mas mesmo assim Leticia, ela nunca deixou Eduardo em paz.

— *Ele não é o pai dela, não tem que levar tudo nas costas.* — Reclama com raiva, concordo com ela. — *Não acha ruim o que vou dizer, ok?*

— Não vou!

— *Mas é que sai bisbilhotando as coisas dele enquanto desmaiava no sofá, aparentemente ele terminou com a namorada.*

— Merda! — Fecho meus olhos. — Eduardo esconde tudo, não disse nada.

— *É, mas acho que é por causa da Camila também, deve estar preocupado. Eu só vim aqui para lhe entregar alguns documentos da Martin que ele precisava, mas não imaginei encontrá-lo assim.* — Explica com a voz pesada.

— Estou na inauguração da loja do Michael, quando eu sair daqui vou

direto ficar com ele. — Leticia inspira fundo e sussurra algo que não compreendo.

— *Fica tranquila, eu passo a noite aqui.*

— Tem certeza?

— *Relaxa, ele está babando mesmo e, além do mais, somos colegas.* — Fico em silêncio por alguns segundos, enrolando para não entrar. — *Sofia?*

— Sim?

— *Conseguí rastrear as contas bancárias, mas prefiro te contar amanhã pessoalmente.*

— Tudo bem.

— *E...* — Sinto um calafrio percorrer minha espinha com sua oscilação. — *Tem certeza que quer ir adiante?* — Estranho sua pergunta.

— O que está acontecendo?

— *Nada, é só para ter certeza.*

— Leticia, o que ouve? — Escuto seu suspiro e um barulho de latinha.

— *Sei quando é algo perigoso, Sofia, sei perfeitamente quando estou entrando em um campo minado.* — Escuto um estrondo e olho por cima do carro. — *Estamos entrando em algo perigoso Sofia, muito perigoso.*

Uma moto idêntica à que Michael tem na sua loja, uma Harley Davidson, se aproxima com uma mulher pilotando, ela acelera fazendo o motor gritar em um estrondo rouco. Algumas pessoas se aproximam e quando ela tira o capacete, raiva percorre meu corpo.

O que essa vadia está fazendo aqui?

Stephanie desmonta da moto, sorrindo para todos ao seu redor. Ela ajeita seu vestido colado que realça as curvas de seu corpo e seus cabelos cor de rosa caem em cascata por suas costas, fazendo-me desejar poder arrancá-los com um único puxão.

— *Sofia?* — A voz da Leticia me desperta.

— Acredita que a vagaranha cor de rosa está aqui?

— *Quem?*

— A ex do Michael. — Respondo com tanta raiva que me arrependo, Leticia não tem culpa de eu estar me roendo de ciúmes.

— *Então sai do telefone, vai atrás dele e marque território.*

— É, mas...

— *Sofia, você está se roendo de ciúmes só pela forma que falou da ex do seu falso marido, então quando você quer algo, você vai. Não existe mas!*

— Inflo meu peito de ar, Leticia está certa, preciso tirar essa nojenta do caminho dele. — *O que você vai fazer?*

— Vou mostrar a ela o que perdeu. — Finalizo a ligação com um sorriso e caminho em direção à loja com um único objetivo, fazer Michael esquecer essa *vagaranha* cor de rosa.



Rodo a caneta entre meus dedos escutando a música, as conversas e risadas dos meus convidados. Apesar de ter me afastado das pistas de corrida, ainda mantenho contato com grande parte das pessoas que conheci nesse tempo.

Inspiro fundo, de vez em quando sinto saudades do tempo que era apenas eu, a moto e a pista de corrida, me sentia livre, completo e feliz por desafiar os limites. Arthur me olha, seus cabelos estão amarrados, ele usa roupas pretas e seu olhar está aflito, na verdade, ele está tenso desde que chegou aqui.

— O que está pegando? — Ele solta a respiração abruptamente.

— Estou feliz por você. — Balanço a cabeça, sei que não é isso o que quer dizer. — As pessoas ainda o querem nas pistas, por que não volta a correr?

Sinto um aperto no peito, não há motivos para voltar, Marlon está morto e com ele tudo o que conquistei ao seu lado.

— É passado.

— Porque você quer deixar no passado, mas pode ser muito bem seu presente.

— Não é tão fácil... — Me calo quando ele se aproxima e desdobra um papel, colocando em cima da mesa.

— Acontecerá uma competição de motocross daqui a três dias e uma corrida de moto GP aqui em San Diego no outro fim de semana, o prêmio é grande e... — Levanto o olhar quando meu irmão vacila, meus músculos contraem de raiva antes mesmo dele revelar o real motivo de estar me contando sobre isso.

— O que você aprontou?

— Preciso de dinheiro, cara. — Revela, se afastando de mim ao perceber minha raiva aumentando.

— Porra Arthur, você não se cansa de nos causar problemas? — Me levanto com o coração acelerado. — Você disse que tinha parado de apostar, mas como sempre, outra mentira de merda.

— Eu não consegui evitar. — Ele me lança um olhar perdido. — Eles me desafiaram e quando eu vi, já tinha passado da conta.

— Com quem você apostou? — Arthur esfrega sua sobrancelha esquerda, relutante em contar. — Quem?

— Os The Mongols. — Coloco as mãos em meus olhos e aperto, buscando me controlar.

— Você sabe que esses caras são barra pesada, não sabe? — Arthur desvia o olhar e observa os convidados pela janela.

— Eu estava com Lyman jogando com outros caras, apostando coisas sem valor, apenas por diversão, até que eles apareceram e começaram a fazer piadinhas sobre nossa família e... Marlon.

Volto a me sentar, The Mongols são os caras que confrontaram Marlon no dia que ele foi assassinado, até hoje não sabemos quem o matou, não há evidências e muito menos provas. A polícia nem sequer quis investigar, porque tudo indica que foi por briga de território e Marlon estava com o carro lotado de drogas.

— Eu não podia deixar que eles insultassem nossa família, Michael. — Batuco meus dedos na mesa, contrariado e decepcionado com ele.

— Nossos pais sabem dessa merda?

— Ainda não. — Fico calado sem saber o que dizer, preciso apenas me acalmar para voltar para festa. — Só pensa com cuidado em relação às corridas.

— Se eu não correr e muito menos ganhar? — Arthur dá de ombros, espero por sua resposta que não vem, ele apenas volta a encarar o salão pela janela.

— Darei outro jeito. — Murmura, afasto o cartaz de mim, não quero nem sequer pensar nisso, estou cansado de tentar consertar as coisas, porque sou eu que sempre levo na bunda. — Stephanie está aqui.

— Droga! — Vocifero, fechando os olhos.

— E sua esposa também. — Me levanto apressado e me aproximo da janela, meus olhos buscam por Sofia, quando a encontram, sinto minha respiração falhar. — Cara, ela consegue ser maravilhosa sempre.

— Eu não gosto da forma que você se refere a ela. — Meus olhos estão fixos em Sofia, todos ao seu redor a encaram, fascinados por tamanha beleza.

— Eu queria estar no seu lugar. — Sorrio de leve.

— Depois de tantos anos só levando na cara, pelo menos uma coisa boa me aconteceu, você não acha?

— Limpa a baba, está escorrendo. — Arthur bate em meu ombro antes de sair do escritório.

Encosto no vidro da janela com os braços cruzados e fico observando-a conversar com meus pais, que a tratam como se fosse uma filha. Vejo Arthur se aproximar dela, Sofia sorri para ele e lhe dá um abraço, ciúmes percorre meu corpo, ranjo os dentes por assistir as mãos do meu irmão na *minha mulher*.

Ele aponta em minha direção e seus olhos se prendem nos meus, o mundo ao nosso redor desaparece de imediato. Meu peito aperta querendo sentir seus lábios rosados e sua pele macia, um sorriso brota em seu rosto delicado, me arrepiando de desejo.

Afasto da janela querendo-a loucamente, mas paro quando a porta se

abre e Stephanie entra. Meus olhos percorrem seu corpo curvilíneo, seu vestido colado a deixa sensual, porém, o que antigamente me despertava desejo, hoje não me desperta nada.

— O que faz aqui? — Minha voz sai ríspida, ela se aproxima de mim.

— Vim te prestigiar. — Stephanie coloca seu cabelo de lado, deixando seu pescoço livre. — Sei que estamos afastados, mas não poderia deixar de te parabenizar, afinal, isso é uma conquista sua.

— Obrigado. — Me afasto quando suas mãos vêm em direção ao meu peito, ela me segue para perto da mesa.

— Estou com saudades, Michael. — Diz, pegando o cartaz. — O que é isso?

— Anúncio de corrida. — Seus olhos azuis se fixam em mim.

— Você pretende voltar a... correr?

— Irei apenas colocar na loja. — Ela desvia os olhos e assente.

— Que bom! Porque isso é ridículo. — Dispara, Stephanie nunca gostou de quando eu pilotava, era sempre uma briga quando saía em turnê para os campeonatos. — Como você está?

— Ótimo. — Respondo, me encostando na mesa.

— Michael, não aguento ficar longe de você! — Choraminga, se aproximando novamente. — Eu errei e você também errou, mas não pode colocar nossa relação de tantos anos a perder.

— Stephanie, já conversamos sobre isso. — Ela segura meu rosto, seus olhos se enchem de lágrimas e me sinto angustiado ao vê-la assim.

— Eu não consigo mais, amor. — Revela, deixando as lágrimas escorrerem. — Não sinto vontade de comer, de sorrir, quero apenas dormir o dia todo e... chorar. Sinto tanta vontade de morrer, porque sei que fui a culpada, eu te traí, mas você também errou, Michael. — Engulo em seco, sua voz está carregada de dor.

— Sinto muito por te causar isso. — Levo minhas mãos ao seu rosto e limpo suas lágrimas. — Mas não iremos mais ficar juntos, está na hora de você seguir em frente...

— Não, Michael. — Ela implora. — Por favor, não faz isso comigo, não me tire a vontade de viver.

— Não estou te tirando nada. — Retiro sua mão do meu rosto. — Estou te libertando de um relacionamento que tinha acabado há muito tempo.

— Eu vou mudar, eu juro. Só volta para mim, vamos tentar de novo e esquecer nossos erros. Vamos recomeçar como pessoas mais maduras, esse tempo foi bom para percebermos o quanto nos amamos, então por que adiar?

— Stephanie... — Inspiro fundo, cansado do mesmo discurso.

— Michael, estou me tratando, a psicóloga disse que posso estar com depressão, então não me abandona.

— Sei que está sendo difícil... — Olho por cima do seu ombro quando a porta é aberta, Sofia congela e nos encara, me afasto da mesa e dou um passo em sua direção, mas Stephanie me impede.

— Eu também te amo, eu entendo que tem que se manter casado com ela para ajudar sua família. — Franzo a testa e encaro seus olhos frios.

— Estou interrompendo algo? — Sofia pergunta, mas não desprende dos olhos de Stephanie.

— Não, eu e Michael estávamos conversando sobre nosso futuro. — Ela se aproxima. — Amei nosso beijo, estava com tantas saudades do seu toque. — Seguro seus ombros, impedindo que chegue mais perto de mim.

— Quero que vá embora agora. — Ordeno com a voz baixa e gélida.

— Não entendi, meu amor. — Stephanie sorri e olha para trás. — Temos muito o que conversar...

— Você vai virar e sair por aquela porta por conta própria, ou te jogarei para fora e não me importarei se estarei sendo rude. — Ela me encara espantada, o brilho dos seus olhos fica opaco e raiva estampa seu rosto.

— Você vai se arrepender por continuar me machucando e me humilhando desse jeito, Michael. — Stephanie se afasta. — Mas entendo que está magoado, por isso te perdoo. — Ela se vira e sai do escritório, solto um suspiro aliviado.

— Acho que vou embora, não queria... — Sofia se cala quando seguro

seu rosto repentinamente.

— Você não vai a lugar nenhum.

— Desculpe por ter atrapalhado. — Sorrio de leve, acariciando seu pescoço com as pontas dos meus dedos.

— Você estava me libertando, é diferente. — Passo meu braço por sua cintura e colo seu corpo no meu. — Obrigado.

— Pelo quê? — Ela sussurra com a respiração falhando ao sentir meus lábios acariciarem seu pescoço.

— Você está maravilhosa, sabia? — Digo, enrolando uma mecha do seu cabelo em volta do meu dedo. — Estava morrendo de ciúmes ao ver aquele bando de homens te admirando.

— Ciúmes? — Sofia sorri, me seguro para não capturar seus lábios. — Eu também sou ciumenta, e quando a vi com você...

— Não se preocupe, uma certa mulher roubou meu coração. — Ela estreita os olhos e contorna seus braços em meu pescoço.

— Quem seria essa mulher sortuda?

— Você. — Colo meus lábios nos seus, sem conseguir evitar o desejo ardente de senti-la e de saboreá-la.

Sofia retribui o beijo despertando emoções antes adormecidos, sinto-me acordando aos poucos, despertando meu coração e mostrando-me o calor da paixão, me devolvendo a leveza e tranquilidade. Perto dela eu me sinto como eu mesmo, como há muito tempo não me sentia.

— Michael? — Ela murmura entre nossos lábios, Sofia tenta se afastar, mas impeço ao segurar com mais firmeza sua cintura. Sinto seu sorriso e suspiro quando suas mãos tocam minha pele por debaixo da blusa. — Para, Michael! — Me afasto com seu pedido, seus olhos brilham de luxúria.

— Você quer que eu pare de te beijar e te tocar? — Sofia ri quando mordo de leve seu pescoço, ela afasta minha cabeça com sua mão.

— Você quer transar aqui? Se quiser eu super topo. — Fico encarando-a, ponderando suas palavras. — Estava brincando.

— Não deveria brincar com uma coisa séria dessas, não diante de um

homem repleto de desejo. — Sofia se afasta, rindo.

— Eu também estou com desejo, sabe disso, certo? — Diz, distraidamente. — Olha só, o que é isso? — Respiro fundo, frustrado por não ter jogado fora aquele maldito cartaz. — Por um momento pensei que era você aqui. — Sofia se vira para mim, mostrando o piloto estampado no cartaz.

— É uma competição que acontecerá daqui alguns dias.

— Ah! Que legal! — Ela volta a observar. — Eu gostaria muito de ir.

— Ir à corrida?

— Sim, porque faz parte do que você é. — Suas palavras me atingem em cheio, desestruturando a barreira que construí arduamente durante esses anos. — Acho que deve ser uma sensação deliciosa estar na pista, desafiando o limite.

— E é. — Confirmo, retirando o cartaz de suas mãos e a virando para mim. — Você tem que parar, Sofia.

— Parar com o quê? — Ela me olha confusa, seguro sua cintura e a ergo, sento-a em cima da mesa e me encaixo entre suas pernas.

— De me fazer apaixonar por você. — Seus olhos se prendem nos meus, não dou chance de dizer algo e a beijo, fazendo com que sinta minha paixão por ela crescer a cada vez que fico ao seu lado.



Durante os trinta minutos seguintes, apresento Sofia como minha esposa para todos os meus conhecidos. No primeiro momento, ela ficou estagnada me fitando, sem acreditar no orgulho que sinto por estar nesse momento ao meu lado.

Ela é simpática e calorosa com todos, sabendo tratar cada um de maneira diferente, rindo e contando piadas, participando de conversas de assuntos que nem conhece, mas que faz questão de estar a par das coisas, pedindo docemente por explicações.

Não consigo evitar admirar o quanto é maravilhosa, seu jeito tímido vai se esvaindo a cada vez que se sente mais confortável no meio do meu mundo. Porra, sinto-me um tremendo sortudo por tê-la como esposa, não faço ideia de quando essa farsa se tornou verdade.

Olho para o lado, vendo Brandon caminhar em nossa direção, coloco a mão nas costas de Sofia, chamando sua atenção.

— Sofia, esse é o oficial Brandon, melhor amigo de Marlon e um pé no saco. — Digo, fazendo-o rir.

— Muito prazer, oficial.

— Fora do trabalho é apenas Brandon. — Ele aceita o aperto de mão dela. — Você que é a esposa do Michael?

— Sim. — Ela responde timidamente.

— Eu não poderia deixar de parabenizá-lo pela loja. — Brandon me olha e sinto um aperto no peito. — Seu irmão ficaria orgulhoso de você.

— Ele estaria radiante. — Sorrio ao lembrar do seu rosto e da sua risada empolgante.

— Preciso falar com você.

— Bom, irei deixá-los e vou...

— Você fica. — Impeço Sofia, ela me olha surpresa. — Meus segredos, são seus segredos. — Ela meneia a cabeça. — Pode falar, não tenho nada a esconder da minha mulher. — Brandon nos olha com atenção por alguns segundos.

— Não queria te dizer isso agora, mas como era amigo do seu irmão, não posso deixar para outro momento. — Dou um aceno de leve, incentivando a continuar. — Eu nunca deixei de investigar a morte de Marlon, nada me convence de que ele estava traficando. Conhecia seu irmão desde criança, estudamos juntos e nos formamos na academia no mesmo ano, não posso acreditar que ele iria colocar tudo a perder dessa maneira sem nem ao menos me dizer nada.

A angústia é visível em seu rosto, meu irmão e ele eram inseparáveis, faziam tudo junto, despertando muitas vezes ciúmes por vê-los tão unidos. Brandon ficou acabado com a morte de Marlon, indignado e revoltado. Ele é um cara marrento, rigoroso e rígido, quando está com a farda de policial se torna uma pessoa diferente, sem espaço para brincadeiras.

— O que você encontrou? — Ele olha para os lados e diminui a distância entre nós.

— Aquelas drogas não eram dele, Michael. — Meu coração acelera com sua revelação. — Descobri por fontes que não posso revelar, que tudo foi uma merda de armação.

— Eu estava lá, Brandon, vi tudo acontecer. — Sinto a mão de Sofia na minha, olho para ela em busca de conforto.

— Eles queriam que parecesse um confronto, mas foi armação. Os The Mongols não mataram seu irmão, não foram eles os responsáveis.

— Então...

— Outra pessoa o matou, forjando as drogas, as dívidas e até mesmo o confronto. — Brandon me encara com intensidade. — Foi queima de arquivo, Michael. Seu irmão descobriu algo grande e então silenciaram ele.

Fico paralisado enquanto suas palavras navegam por minha mente. Isso quer dizer que Marlon não era um traficante? E a dívida que nos deixou? Por que quiseram silenciá-lo? Abri a boca para perguntar, mas minha mãe nos interrompe, dando um abraço em Brandon.

— Quando está sem aquela farda de merda, perco até a vontade de chutar sua bunda. — Ele solta uma risada, retribuindo o abraço.

— Tenho que cuidar dessa cidade. — Brandon alisa os cabelos agora verdes da mamãe.

— Sabe que ainda vou chutar sua bunda fardada, não sabe? — Ele faz uma cara de chocado. — Venha, Maison quer te mostrar uma coisa.

— Certo, desde que não seja mulher. — Mamãe revira os olhos e se afasta da gente. Solto um suspiro, sentindo as mãos de Sofia em meu braço.

— Seu irmão era um policial? — Pergunta, curiosa.

— Ele se formou na academia, mas não chegou a exercer a profissão.

— Sinto muito. — Olho para ela e acaricio seu rosto.

— Agora vamos deixar isso para depois, porque temos uma inauguração para aproveitar. — Seu sorriso se ilumina, aquecendo meu coração.

— Certo, mas tem uma certa pessoa que está me matando com o olhar. — Levanto a cabeça e a procuro, Stephanie está um pouco afastada ao lado de seu pai que conversa com o meu alegremente. Ela nos encara com fúria e mágoa nos olhos.

— Ela é passado agora. — Beijo seu nariz, tranquilizando-a. — E a noite é nossa.

— Opa! — Ela me fita com malícia. — Minha cama é super espaçosa.

— Sofia Martin? — Olho para trás. — É você mesma? A herdeira e CEO da Martin? — A mulher a encara com admiração.

— Sim. — Sofia confirma com um sorriso sem graça, a moça abre a boca, mas não diz nada por alguns segundos.

— Ai meu Deus! Sou sua fã! — Diz com animação. — Ah! Que rude da minha parte, sou France, jornalista esportiva. Fiquei sabendo da inauguração de Michael e como fã dele não poderia deixar essa oportunidade passar.

— Michael, você era famoso? — Dou de ombros, fazendo Sofia me encarar com curiosidade.

— Ele era o melhor dos melhores. — France fala com entusiasmo. — Ele fazia todos os seus adversários comerem poeira, já bateu recordes mundiais. Na pista, Michael era como um foguete.

Sofia e France engatam uma conversa sobre mim e minha antiga carreira como se eu não estivesse ao lado delas. Sorrio e balanço a cabeça todas às vezes que Sofia me lança um olhar admirador.

— Posso tirar uma foto sua, Sofia? — France pede.

— Claro.

— Aqui, sente-se nessa moto, você vai ficar deslumbrante.

Sofia se acomoda na Harley Davidson e sorri enquanto France tira as fotos conversando calorosamente com ela, fazendo perguntas e contando mais sobre corridas e Moto Clubes.

— Michael, se aproxima dela, quero vocês dois na capa da revista. — Reluto por um momento, mas o olhar de Sofia me impede, então me aproximo dela.

— Achou uma amiga muito legal. — Murmuro encostando minha testa na sua.

— Vamos lá, ela me contou coisas que você não tinha me contado. — Retruca baixinho, virando o rosto para encarar a câmera.

— Quer mesmo saber do meu passado?

— Seu passado te pertence, então quero saber de tudo. — Seus olhos se fixam nos meus. — Quero saber dos seus defeitos, das burradas que fez na vida, das coisas que não gosta e do que gosta. Quero conhecer cem por cento

do seu coração, permita-me adentrar em suas barreiras, prometo não te machucar.

— E porque eu deveria permitir isso? — Sofia umedece os lábios e roça sua boca na minha.

— Porque fiquei apaixonada no momento em que coloquei os meus olhos em você, Michael.

Seguro seu pescoço e a puxo, capturando seus lábios e esquecendo de que estamos em meio a tantas pessoas nos observando. Sofia retribui, afastando logo em seguida quando a loja se inunda por palmas direcionada a nós dois. Ela ri e esconde o rosto em meu peito com vergonha, olho em volta e me sinto feliz como há muito tempo não me sentia.



— Céus, eu preciso tirar essas sandálias urgentemente. — Sofia reclama.

Já passa das duas da manhã e o último convidado acabou de ir embora. Foi uma noite incrível, pude rever antigos adversários, amigos e principalmente, pude perceber o meu amor por Sofia.

— Preciso te levar para comprar algumas roupas diferentes. — Minha mãe sugere, rindo dela.

— Ah! Por favor, dona Araci, estou cansada de passar vergonha. — Sofia retira suas sandálias, ficando descalça.

— Mas é divertido ver você chegando toda fina em meio as pessoas vestidas de couro. — Arthur provoca, ela apenas revira os olhos em reposta.

— Se você chegar de couro em uma festa de gala, vai se sentir como eu.

— Como é uma festa de empresários? — Meu pai pergunta, se

recostando na parede.

— Bom, geralmente é como essas festas que vocês veem em filmes. Tem champanhe, petiscos horríveis, por exemplo, caviar, pelo amor de Deus, aquilo é ovo de peixe!

— Você come ovo de galinha. — Retruco, Sofia apenas faz uma careta, fazendo todos rirem.

— E é um tédio, juro. — Ela se senta na moto, noto o quanto está fascinada por ela. — Essa moto é muito bonita, não?

— Sim, mas Michael gosta daquelas esportivas, enormes. — Minha mãe diz.

— Não é à toa que é um piloto, não é, Michael? — Os olhos de Sofia se encontram com os meus, quero corrigi-la, dizer que eu *era* um piloto, mas deixo isso passar.

— Foi uma grande noite. — Minha mãe se levanta e todos a acompanham. — Estou orgulhosa de você, meu amor, tenho certeza que Marlon também estaria.

— Espero que encontre de volta sua felicidade, filho. — Meu pai me dá um abraço, se afastando logo em seguida.

— Isso merece champanhe. — Sofia anuncia animada.

— Não temos champanhe, noiva em fuga.

— Mas eu tenho, motoqueiro. — Sofia retruca e sai correndo para fora, fazendo todos rirem.

— Ela é meio desmiolada, não?

— Claro, se casou com um desconhecido, normal ela não é. — Rebate mamãe, olhando para trás quando Sofia volta com uma garrafa de champanhe.

— Puta merda, quanto isso custou? — Arthur puxa a garrafa de suas mãos.

— Comprei para comemorarmos. — Sofia pega a garrafa de volta e sacode. — Não faço ideia do que você já passou na vida, Michael, ou do que teve que enfrentar, mas tenho certeza que essa loja é fruto da sua dedicação e

que você merece muito mais do que isso. — Ela estoura a garrafa e dá um gole, passando para os outros até chegar em mim.

— Será que posso chorar? — Brinco, todos reviram os olhos, mas, na verdade, tudo o que sinto é uma emoção sem fim, saber que isso é meu, que dependeu somente de mim para estar de pé, não tem preço. — Obrigado por estarem aqui.

— Estarei onde você estiver, cara. — Arthur sorri.

Fico olhando para minha família que em todos os momentos estão comigo, não posso deixar de agradecer por tudo o que fizeram por mim. Meu pai abraça Sofia, que ri despreocupada.

— Uau, parece uma família de propaganda de margarina. — Todos olham para trás ao escutar a voz desdenhosa da Stephanie. — Engraçado, passei tantos anos com vocês e nunca recebi um único afeto.

— Você de novo? — Sofia resmunga, se afastando dos braços do meu pai. — Será que não percebeu que você pode ser o problema?

— Quem é você para me dizer algo?

— Sou Sofia Martin, esposa de Michael Sanches e tenho todo o direito de pedir para se retirar e se afastar de todos. — Stephanie lança um olhar mortal em direção à Sofia.

— Michael, vai jogar tudo fora depois de tantos anos juntos? — Stephanie pergunta. — É isso? Está me trocando por essa mulher?

— Acho melhor você ir Stephanie, não tem mais nada o que fazer aqui. — Ela balança a cabeça, seus olhos brilham de ódio.

— Vai se arrepender por isso, aliás, todos vocês. — Ela se vira e sai, deixando um clima tenso na loja. Sua ameaça foi verdadeira e a conheço o suficiente para saber que ela vai fazer alguma coisa.

— *Vagaranha* cor de rosa. — Xinga Sofia, todos ficam encarando-a antes de explodirem em gargalhada.

Me aproximo dela e beijo de leve sua boca, sentindo o medo percorrer meu corpo, principalmente de perdê-la. Sofia sorri, encosto minha testa na sua, sentindo sua respiração e seu cheiro que tanto acalma meu coração.

Porém, apesar do temor que sinto, sei que estou pronto para enfrentar o mundo se for preciso para proteger Sofia e minha família, pois, não permitirei que ninguém toque em algo meu, mesmo que essa pessoa seja alguém que um dia eu amei.



Entro na sala de reunião com Jane logo atrás, cabeças se viram em minha direção, jogo uma pasta na mesa e encaro cada funcionário da diretoria da Martin.

Foram quatro dias coletando provas, Leticia e eu visitamos o banco onde temos a conta da empresa, mas não obtivemos nenhuma informação sobre os desvios, as outras empresas também eram fantasmas, apenas endereços falsos. Não faço ideia de quem é o responsável, são tantos detalhes e perguntas que só serão respondidas quando o pilantra for pego.

— Essa reunião não será nada amigável, a Martin não está no seu melhor momento. — Batuco meus dedos na mesa, David me encara com a testa franzida, ultimamente ele está sendo um pé no saco, sempre com as mesmas palavras de que não consegue viver sem mim, sinto vontade de revirar os olhos.

— O que está acontecendo? — Pergunta Camila, seca que nem uma uva-passa.

— As ONGs de proteção aos animais precisam de nós para se manterem de pé, as verbas doadas não só tiram os animais da rua, mas dão a eles um lar e dignidade, porque o ser humano é egoísta demais para perceber que esses seres devem ser respeitados e amados. Não é porque são animais

que devemos maltratá-los, espancá-los e judiar daqueles que já nascem sabendo amar. — Olho com raiva para David, ele nunca gostou de animais, fui idiota demais por ter deixado com que ele comandasse minha vida, ditando regras, criticando minhas escolhas e sonhos.

— Sempre colocamos as ONGs em primeiro lugar, fazemos campanhas contra o abandono e tentamos a todo custo trabalhar com qualidade. — Camila diz, se inclinando sobre a mesa. — Nunca falhamos com elas.

— Aí que você se engana, Camila. — Retruco, encarando o fundo dos seus olhos. — A Martin não está ajudando nenhuma ONG! Todas eram falsas, mas as doações tanto em dinheiro quanto em produtos, continuaram sendo contabilizadas e retiradas do caixa.

— Como assim? — Pergunta Bernard, diretor de telemarketing.

— As contas para qual enviamos as doações com os nomes das respectivas ONGs são falsas, as três empresas que mais compramos materiais para produção são fantasmas. — Faço uma pausa, inspiro fundo e revelo a verdade. — A Martin está sendo vítima de um golpe.

Todos ficam me encarando, pasmos com a revelação. Meus olhos navegam por cada rosto presente aqui, são homens que meu pai confiava, não entendo as motivações de alguém querer derrubar a Martin.

Leopold afrouxa a gravata, seu rosto tem gotículas de suor, estreito meus olhos estranhando ainda mais seu comportamento. Jane está me encarando, congelada e com os olhos arregalados, ela abaixa suas mãos trêmulas na tentativa de esconder o quanto está nervosa. Camila está recostada na cadeira, não consigo ler o que se passa em sua mente, ela está ilegível. David esfrega seu rosto e me olha, balançando a cabeça negativamente.

— E está achando que um de nós é o culpado? — Sorrio de leve, voltando a batucar na mesa.

— Não disse que o culpado está aqui. — Ele abre a boca, mas fecha logo em seguida, percebendo o erro que cometeu. — O que te faz pensar que estaria acusando um de vocês, David?

— Não precisa pensar muito, Sofia. — Ele me encara com raiva. — Se

está tendo desvio de verbas, alguém está forjando dados, números e mentindo descaradamente.

— Você era o presidente, por que você rompeu com as verdadeiras, colocando ONGs não confiáveis no lugar? — David se cala, espero ansiosamente por sua resposta que vem através de Camila.

— Primeiramente ele queria parar com todas as doações. — Ela diz, fitando a mesa.

— Você está louca? — Retruca ele com a voz elevada.

— É verdade, David?

— Claro que não.

— David tinha a intenção de levar a Martin para outro campo de atuação. — Camila revela, fazendo-o ranger os dentes.

— Para qual campo?

— Frigorífico é um deles.

— Comercializar animais mortos? — Me inclino, sem acreditar nisso.
— Matar animais e vender a carne deles?

— Ah, vamos lá, Sofia! — Sua voz sai arrastada, despertando meu ódio. — O mundo consome carne diariamente, já imaginou o quanto iríamos crescer se optarmos por entrar nesse negócio?

— Equívoco seu pensar que eu aceitaria uma coisa dessa. — Balanço a cabeça, incrédula. — A Martin é responsável por cuidar, salvar e proteger esses animais, não lucrar com a morte deles. Você cometeu um grande erro de ter rompido com as ONGs verdadeiras.

— Você nunca se interessou pelos negócios, sempre preferiu shoppings, roupas caras e ostentar, sempre se fechando no mundo dos seus livros. Eu iria ser o dono dessa empresa, comandaria tudo se tivesse me casado com você, porque esse era o meu papel, cuidar do *seu* dinheiro.

Aperto meus dentes, sentindo o calor da raiva navegar por cada centímetro do meu corpo, despertando a vontade de voar em seu pescoço desgraçado até fazer com que ele pare de respirar, mas me controlo.

Recosto na cadeira, umedeço meus lábios sentindo minha mandíbula

doer de tanto apertar meus dentes e desvio meu olhar.

— Certo! — Limpo a garganta, me recompondo aos poucos. — Entrei em contato com ONGs confiáveis e retomei a parceria com elas. Como falei anteriormente, sozinhas e sem o apoio de doações, elas não conseguem salvar os animais.

— Já fizemos as mudanças para termos produtos de mais qualidade. — Telma anuncia, assinto satisfeita.

— Leticia, quero que você produza algumas propagandas chamativas, precisamos voltar para dentro do mercado e nos tornarmos uma das melhores empresas do ramo. Deixe claro que somos contra o abate de animais, maus-tratos e abandono, quero que seja convincente.

— Claro, pode deixar.

— O que fará em relação ao que está acontecendo com a empresa? — Olho para Camila, depois para os outros que estão na mesa.

— A justiça cuidará disso. — Abaixo meus olhos e encaro a pasta. — Podem voltar ao trabalho, a reunião está encerrada.

Todos saem em silêncio, menos David que fica me encarando do seu lugar.

— Sinto muito pelo que falei. — Comprimo meus lábios e recolho as mãos quando ele tenta pegá-las. — Eu não quis falar daquele jeito com você...

— Ainda bem que não me casei com você, David. — Falo com o coração apertado. — Porque a cada dia que passa, vejo o quanto você é um falso e um hipócrita. A Martin nunca seria sua, mesmo se eu tivesse me casado com você, ela continuaria sendo minha.

— Sofia...

— Espero que não tenha culpa do que está acontecendo com a minha empresa, porque senão David, você vai assistir ao pôr do sol atrás das grades. — Me levanto e encaro seus olhos. — Da próxima vez que me desrespeitar na frente de todos, você está no olho da rua. — Saio do escritório, deixando-o para trás.

Sinto-me sufocada com tudo isso que está acontecendo, mas não posso cair e fracassar, preciso me manter calma para enfrentar todos esses desafios.

Bato à porta do escritório de Camila, escuto sua voz e entro. Franzo a testa quando ela funga e limpa o rosto, tentando esconder as lágrimas que escorrem por seus olhos marejados.

— Aconteceu alguma coisa? — Pergunto ao me aproximar da sua mesa.

— Muitas coisas aconteceram, mas acredito que não se importe com isso.

— Sim, eu não me importo. — Minto, a verdade é que eu me importo sim com ela, apesar de tudo, essa garota cresceu comigo, ela é minha família, tem meu sangue e meu sobrenome. — Te trouxe os currículos dos aprovados para os cargos.

— Ah, sim! — Ela abre a pasta e analisa minha escolha. — Irei providenciar a contratação de cada um imediatamente.

— Quero que os treinem durante duas semanas, temos abrigos e clínicas, quero que todos conheçam bem nossos negócios, não quero pessoas que não goste de animais trabalhando na nossa empresa.

— Claro, ficarei atenta a esses detalhes.

— Podemos testá-los durante esses dias, para depois encaminharmos para os cargos que mais sentem conexão. — Camila assente.

— Farei isso com cuidado, não se preocupe.

— Obrigada. — Ela levanta a cabeça e me encara com um olhar vazio.

— Eu me arrependo. — Confessa, me surpreendendo. — Me arrependo por ter deixado me levar pela inveja do namorado da minha amiga. Me arrependo por ter traído sua confiança...

— O arrependimento corrói, não é? — Digo com amargura, não queria demonstrar o quanto isso me machuca, mas é mais forte do que eu, tenho certeza que essa dor nunca será curada, sempre irei me lembrar de quando fui traída.

— Eu e David não estamos mais juntos. — Arqueio uma sobrancelha.

— Eu era apenas uma aventura para ele. David gostava da sensação da adrenalina, da proibição, na verdade, ele nunca me quis.

— Por que agora?

— Eu sinto raiva e inveja de você, Sofia. — Alega com os olhos cheios de lágrimas. — Você sempre teve tudo na vida, pais que te amavam loucamente, namorado que lambia o chão que você pisava, dinheiro... muito dinheiro, escola boa e formação adequada. E eu? Nunca tive nada disso, sempre deixada de lado, sendo humilhada por minha mãe por eu não ser sua filha legítima, por ter nascido da traição do meu pai...

Camila tenta segurar as lágrimas, mas não consegue, seu choro silencioso me parte dolorosamente, porque sei de tudo o que já passou e o que teve que aguentar, sempre aprontando para tentar ao menos chamar atenção daqueles que deveriam apenas amá-la.

— Você estragou tudo, nossa amizade, meu amor por você e minha lealdade...

— Eu sei... eu sei... — Ela inspira fundo. — Repeti tudo o que minha mãe verdadeira fez, me tornei uma amante e fui deixada de lado.

— Infelizmente temos que arcar com as consequências de nossos atos.

— Por favor, não me abandone! — Seguro no encosto da cadeira e encaro seus olhos.

— Você foi uma vadia de merda, queria te dar uma surra Camila, por ter feito isso comigo. É uma idiota que preferiu cair nos encantos de um homem do que manter a amizade de anos que temos juntas. — Ela sorri diante do meu desabafo. — Por causa de vocês, quase perdi minha herança e meus negócios. Ainda bem que vocês foram burros o suficiente para que eu descobrisse a tempo. Graças a vocês, encontrei um noivo gentil, carinhoso e honesto, porque senão, estaria morando com um psicopata de merda.

Viro de costas e saio da sua sala com a respiração acelerada e falha, não posso me quebrar na frente dessas pessoas, não depois de terem pisado em mim.

Entro em meu escritório, tranco a porta e começo a andar de um lado para o outro na tentativa de não sucumbir ao choro. Sinto um peso nos

ombros quando lembro das palavras de David e ele tem toda razão. Eu sempre fui mimada, tudo o que eu queria, tinha de imediato. Eu era rodeada de amigos, mas agora... céus, está ficando pesado. Limpo meu rosto com raiva por estar tão fraca, pior é que estou com medo de confiar nas pessoas.

Vou até à mesa e pego minhas coisas, não estou com cabeça para continuar trabalhando. Preciso pensar e me acalmar. Ando até meu carro parado no estacionamento, me despedindo de alguns funcionários que passam por mim. Paro em frente ao carro e procuro a chave na bolsa que tem praticamente o mundo dentro dela.

— Droga... — Sussurro com raiva, percebendo que a esqueci em cima da mesa. — Não acredito que eu esqueci! — Olho para cima, fecho os olhos e inspiro fundo, sentindo os nervos à flor da pele.

Me afasto e começo a me dirigir ao prédio, só que um barulho baixo me faz parar imediatamente, uma sensação ruim percorre meu corpo e viro a cabeça, encaro o carro e de repente ele explode, me jogando para longe com um baque ensurdecedor.

Meus ouvidos zumbem e minha visão fica turva, sinto uma dor insuportável na cabeça e em todo meu corpo. Tento me erguer, mas meus ossos rangem de dor, aperto os dentes evitando um gemido e com apoio das mãos me sento no chão, tonta e desorientada.

Alarmes invadem meus ouvidos, ouço choros e gemidos ao meu redor e o crepitar do fogo. Levo a mão na testa ao sentir algo escorrer, começo a tremer quando fito meus dedos cheios de sangue, um desespero aloja em meu coração quando por fim, ergo a cabeça e encaro meu carro.

Ele está pegando fogo, dois dos carros que está ao seu lado também explodiram. Meu coração está tão disparado que temo o pior, não posso acreditar... com os olhos assustados, percorro o estacionamento, há pessoas caídas no chão, machucadas, ensanguentadas e... mortas, minha mente imediatamente me leva para dias atrás...

— *Sim Edu, irei colocar todos naquela merda de mesa de reunião e contar que nossa empresa está sendo roubada, então, a partir desse momento iremos saber dos passos do criminoso filho da puta.*

— *Quem for, vai tentar te machucar.* — *Leticia avisa, se aproximando.*

— *É a nossa chance, podemos começar a investigar e pegá-lo.*

— *Céus Sofia! — Eduardo me repreende com a voz tão furiosa que sobressalto. — Vamos deixar isso nas mãos de um investigador, vamos atrás do FBI ou quem for, mas isso não cabe a nós, averiguarmos...*

Sinto mãos me tocarem, mas ignoro por estar em choque demais com tudo o que está acontecendo, lembrando do dia em que fui perseguida por alguém que acreditei ser fruto da minha imaginação. Isso não é normal, carros não explodem do nada, você não é perseguida à noite pelos corredores por alguém cujo rosto estava coberto pelas sombras.

Olho para David que tenta desesperadamente me levantar, seus lábios se movem em uma conversa silenciosa, estou assustada demais para tentar entender o que diz.

Volto a encarar meu carro destruído pela explosão, quem quer que seja o culpado, tinha apenas um objetivo, me matar.



Meus olhos estão fixos na carcaça que sobrou do meu carro. Bombeiros, paramédicos e policiais estão por todos os lados, há três corpos no chão próximo ao meu carro, cobertos por um pano branco. As pessoas com ferimentos mais graves foram levadas para o hospital e eu apenas observo tudo à minha volta.

Foi por pouco que não morri, se não tivesse esquecido a chave, estaria carbonizada agora. É nesse momento que percebemos o quanto nossa vida é frágil, mostrando que de uma hora para outra podemos perder tudo. Você vai trabalhar cheio de planos e de repente, nunca mais volta. Lágrimas escorrem por meu rosto, pessoas morreram por minha causa, porque tentaram me matar!

Sinto mãos em meu rosto e encaro seus olhos azuis. David encosta a testa na minha enquanto ajusta o pequeno cobertor que os paramédicos me deram. Minha cabeça está explodindo de dor e a única coisa que quero, é poder ir para casa e esquecer todo esse inferno.

— Fala comigo... — Pede em um sussurro, fecho meus olhos, partida demais para pedir que se afaste. — Pensei que tinha perdido você quando o carro explodiu... céus, Sofia, não sei o que teria feito se você tivesse morrido.

— Eu... — David ergue meu rosto, me fazendo olhar para ele.

— Vai ficar tudo bem, vamos encontrar o responsável por isso e acabar com ele, tudo bem? — Meu queixo estremece, não quero falar sobre isso, quero apenas carinho.

David me leva para seu peito, seguro o choro e volto a encarar meu carro, lembrando das pessoas machucadas. Sinto a culpa se alojar em meu peito. Se ao menos tivesse escutado Eduardo, deixado isso nas mãos de quem sabe fazer o trabalho..., mas não, me meti em algo perigoso demais que levou vidas inocentes.

— Sofia? — Ergo a cabeça quando escuto sua voz, meu coração dispara ansiosamente e meus olhos navegam por todos os lados a sua procura.

— Michael... — Sinto um alívio quando meus olhos se prendem nos seus antes de fixarem em David, ele está parado a poucos metros de distância, seu rosto está carregado de preocupação e a única coisa que eu quero, é sentir seus braços em volta de mim, me protegendo.

Levanto um pouco vacilante da ambulância, David segura meu braço me impedindo de avançar, Michael dá dois passos à frente com o rosto furioso, desvencilho da sua mão e vou em direção ao Michael, que me pega nos braços.

Sua mão aperta firme a minha nuca, fazendo-me deitar em seu peito, sua outra mão contorna minha cintura, colando meu corpo no seu, me mantendo em pé quando fraquejo e meu choro é desesperado e doloroso.

Michael não diz nada, apenas me segura. Não sei por quanto tempo fico em seus braços chorando, imaginando a dor das famílias daqueles que morreram por causa da explosão. Ele me senta na sua moto, tira sua jaqueta e me faz vesti-la, limpando meu rosto logo em seguida.

— Está mais calma? — Pergunta com a voz rouca.

— Foi tão de repente, Michael. — Sacudo a cabeça, tentando tirar essas imagens da minha mente. — Se eu não tivesse esquecido as chaves eu... eu...

— Shhhhh! — Ele me cala ao tocar seus lábios nos meus. — Não vamos falar sobre isso agora, ok? — Assinto.

— Quero ir para casa. — Peço com a voz embargada.

— Sofia? — Olho para o lado quando um homem alto, forte e negro se

aproxima, ele ergue seu distintivo. — Sou o detetive Nestor Carbonell do departamento de homicídios, gostaria de lhe fazer algumas perguntas. — Solto um gemido, não quero responder nada, dizer nada... não agora.

— Ela está muito abalada, detetive, acredito que não seja um momento apropriado para fazer perguntas. — Michael diz com uma certa raiva na voz.

— Qual sua relação com a senhorita Sofia?

— Sou esposo dela. — O detetive Nestor encara Michael por alguns segundos antes de me olhar.

— Amanhã farei as perguntas. — Ele se vira e se afasta, inspiro fundo.

— Vamos para casa. — Michael sussurra, coloca o capacete em minha cabeça. — Estou aqui com você, não vou te deixar, ok? — Assinto, ele se acomoda na moto, espera que eu o abrace por trás antes de partir.

Por todo o caminho eu choro encostada nas costas de Michael, sentindo seu calor e o vento beijar minha pele exposta. Suspiro quando finalmente chegamos em casa, ele me ajuda a descer e retira meu capacete.

— Como soube...

— Cheguei em casa e não te encontrei, quando liguei a tv para te esperar, estava passando no noticiário o que aconteceu, e quando vi que você estava abraçada com David fiquei aliviado por estar bem. — Abaixo a cabeça, soltando um soluço.

— Michael... — Assusto quando ele me pega no colo.

— Vamos cuidar de você, depois pensamos no que aconteceu. — Deixo minha cabeça encostar em seu peito, escutando o desespero de Magali, suas mãos me tocam, mas permaneço com os olhos fechados.

Magali me ajuda a tomar banho, tomando cuidado com meus machucados. O médico socorrista quis me levar para o hospital, recusei imediatamente, apavorada em ter que voltar para aquele lugar, porque foi em um hospital que escutei os aparelhos dizerem que meus pais já não estavam mais aqui.

Ranjo os dentes quando Maga desinfeta os machucados, ela seca meus cabelos e me ajuda a vestir meu pijama, sempre conversando comigo, mesmo

sem obter respostas.

Volto para o quarto sentindo dor por todo meu corpo, querendo dormir para esquecer de tudo. Michael me espera escorado no batente da porta com o rosto ilegível. Subo na cama com sua ajuda para me acomodar confortavelmente. Ele me entrega um comprimido e um copo de água, inspiro querendo voltar a chorar.

— Quer mais alguma coisa? — Pergunta, olho para ele e assinto, afastando parte das cobertas.

— Quero você. — Murmuro, ele sorri de leve e se deita, me levando para seus braços fortes, quentes e seguros.

— Você me tem. — Me aconchego mais e sua mão acaricia meu rosto enquanto pego no sono.



No dia seguinte acordo mais calma e um pouco mais revigorada. Michael beija minha testa, olho para ele e sorrio agradecida por ter passado a noite comigo.

— Quero acordar com você todos os dias na minha cama. — Digo, me espreguiçando.

— Como você está?

— Apesar do susto de ontem, estou melhor e com muita raiva de quem fez isso. — Fecho meus olhos com força. — Pessoas inocentes morreram, Michael.

— Não foi sua culpa. — Ele me olha com a testa franzida. — No jornal está dizendo que foi tentativa de homicídio, que plantaram uma bomba em seu carro, por quais motivos uma pessoa faria isso com você, Sofia?

Solto a respiração, escondi coisas demais dele, está na hora de contar o

que está acontecendo na Martin, então passo vários minutos contando tudo o que aconteceu durante esses dias que ocultei de nossa vida.

— Você *roubou* um cachorro? — Pergunta pasmo, dou de ombros.

— Eu o salvei. — Retruco. — Billy ainda está internado, se recuperando.

— E depois?

— Vamos arrumar um lar para ele. — Michael fica me encarando intensamente.

— Primeiro é alguém te perseguindo, agora tentam te matar... — Ele fecha os olhos. — Você estava abraçada com aquele idiota do seu ex...

— Ele chegou primeiro em mim quando o carro explodiu. — Seus olhos se abrem, me encarando estranho.

— David estava lá quando o carro explodiu?

— Ele me ajudou! — Afirmo, Michael apenas me fita com um olhar sério.

— Não me esconda mais coisas, Sofia, somos amigos além de um casal, mesmo não tendo feito na ordem certa.

— Ah, é? Então agora somos um casal? Tipo... namorados? — Ele assente. — Engraçado, que não vi nenhum pedido de namoro.

— Porque pulamos toda essa etapa. — Rebate, me fazendo revirar os olhos.

— Sofia? — Olho para Magali, seu rosto está pálido. — Tem alguns policiais aqui. — Meu coração dispara, por um segundo pensei que poderia ser apenas um pesadelo, pelo visto não é.

— Avisa que ela está indo, Maga. — Pede Michael e ela assente antes de voltar. — Disso você não poderá fugir.

— Eu sei... — Sussurro, descendo da cama e indo em direção ao banheiro para me arrumar.

Desço as escadas e avisto três policiais andando por minha casa, observando cada detalhe, me sinto desconfortável com a presença deles. O

detetive está parado no meio da sala, com olhos fixos em mim e em Michael.

— Espero que esteja melhor, senhorita Sofia. — Nestor estende a mão, aceito seu cumprimento.

— Estou bem melhor. — Seus olhos indecifráveis percorrem minha casa.

— Bela casa, você mora a muito tempo aqui?

— Desde os doze anos de idade. — Informo, apontando para que se sente no sofá.

— Fiquei sabendo que recentemente assumiu a presidência da Multinacional Martin.

— Sim, preciso cuidar do que é meu. — Ele me lança um olhar estranho e depois para Michael, encostado na parede com os braços cruzados não muito perto da gente.

— Você tem muitos inimigos, senhorita? — Sinto um calafrio me percorrer. — Pessoas que a querem morta?

— Não que eu saiba. — Nestor se inclina sobre seus joelhos, prendendo seus olhos caramelos nos meus, fazendo-me recuar um pouco.

— A bomba instalada em seu carro era de produção caseira, ativada através de um aparelho, o que nos faz pensar que quem tentou te matar, estava perto o suficiente para acionar a bomba. — Engulo em seco, voltando a ficar assustada.

— Eu não sei quem poderia fazer isso.

— Você é uma das mulheres mais ricas do mundo, com uma fortuna incalculável o que desperta inveja e interesse em muitos. — Nestor vira o rosto, olhando diretamente para Michael com suspeita. — Sempre achamos que por ter dinheiro estamos seguros, mas na realidade o dinheiro só traz ódio, traição, falsidade e inveja. — Ele faz uma pausa e me encara. — Quem se beneficiaria com a sua morte, senhorita Sofia?

Fico calada enquanto sua pergunta atinge em cheio meu peito. Muitas pessoas se beneficiariam, porém, só tem uma pessoa que ficaria com tudo o que é meu se eu morrer... tudo fica para Michael, já que não temos herdeiros.

— Não é o caso de quem se beneficiaria, a questão é que descobri que a Martin está sofrendo um golpe milionário e quem for o responsável, não quer ser desmascarado e ir para cadeia. — Nestor recosta no sofá, gesticulando com a mão para que eu continue a revelar minhas suspeitas.

Conto a ele sobre o que está acontecendo, ele faz algumas anotações no seu bloquinho e me olha depois que eu finalizo.

— Irei interrogar todas as pessoas a sua volta Sofia, porque nesse momento ninguém é inocente, até que se prove o contrário. — Assinto, pegando o cartão de visita que me entrega. — Esse é meu contato, me ligue assim que se lembrar ou descobrir alguma coisa, mas fique longe de confusão.

— Obrigada. — Nestor se levanta e olha para Michael novamente.

— Irei até a cozinha conversar com a senhora Magali antes de ir embora.

— Fique à vontade, detetive. — Ele acena de leve com a cabeça antes de se afastar, sento-me no sofá outra vez. — Isso é uma grande merda. — Sussurro, pegando meu celular em cima da mesinha de centro e ligo para Edu.

— *Meu Deus Sofia, você está bem?* — Ele dispara, me fazendo sorrir.

— Eu estou só um pouco dolorida...

— *Ontem te liguei, mas foi Michael que atendeu, você estava dormindo.*

— Foi assustador, Edu. — Minha voz sai fraca.

— *Eu imagino.* — Ele suspira. — *Estou aqui cuidando das coisas, morreram três pessoas, uma lástima.*

— Dê todo o apoio que os familiares necessitarem, Edu. — Peço com o coração apertado. — Sei que o dinheiro nesse momento é insignificante, mas faça com que eles passem por esse momento confortável, sem preocupação... devo isso a eles.

— *Você não teve culpa.*

— Eu sei, mas...

— *Farei como desejado, não se preocupe.*

— Tem um detetive aqui. — Eduardo estala a língua. — Contei algumas coisas, ele está com meu caso.

— *Você não precisa responder as perguntas dele sem seu advogado ao lado.*

— Não se preocupe, está tranquilo.

— *Se precisar de mim, me chama.*

— Pode deixar! — Edu suspira mais uma vez.

— *Eu te amo, não sabe do medo que tive de te perder.*

— Eu também te amo Edu, não se preocupe que não vai se livrar de mim tão cedo. — Ele ri e se despede.

Recosto no sofá e esfrego meu rosto tentando dissipar a tensão alojada em meu corpo.

— Está tudo bem? — Michael se aproxima e se senta na beira da mesinha de centro, diante de mim.

— Sim.

Encaro seus olhos, embora seu rosto esteja ilegível, são seus olhos que dizem o quanto está se sentindo angustiado. A insinuação que o detetive fez em relação a ele me machucou, porque Michael não seria capaz de me trair dessa maneira, não a ponto de me matar para ficar com todo o meu dinheiro...

Engulo em seco e uma lágrima escorre por meu rosto quando ele abaixa a cabeça, percebendo o que está passando por minha mente. Desconfiar dele dessa maneira o destrói... não que eu duvide de sua lealdade, o problema é que eu o conheço a tão pouco tempo para colocar minhas mãos inteiramente no fogo por ele.

Michael fica me encarando sem dizer nada, ele se inclina e beija delicadamente meus lábios antes de se levantar e sair pela porta. Enterro meu rosto nas mãos, me condenando por ter ficado calada e deixado essa suspeita vagar entre nós.

Ele não faria isso... sei que não, mas... Quem é Michael de verdade?



Sentada no sofá com os pés em cima da mesa de centro, leio todas as notícias em relação à tentativa de homicídio da Sofia Martin. Raiva percorre meu corpo, queria estar lendo o anúncio do seu óbito, não da tentativa de assassinato.

Deixo minha cabeça cair para trás, só de pensar que ela está do lado de Michael me deixa descontrolada. Essa desgraçada roubou meu homem, portanto, vai sofrer as consequências e no final, ele vai voltar para mim como sempre voltou, só preciso tirá-la do caminho.

— Voltei. — Jason entra na sala, lanço um olhar descrente em sua direção, ele recua um passo.

— Espero que não tenha voltado com as mãos vazias. — Ele esfrega seus lábios e desvia os olhos de mim.

— Estou tentando, mas não encontro nada. — Sorrio com a incompetência desse asno de merda. — Michael me deu aquelas informações sobre Fuentes, mas não outros detalhes.

— Você só tinha que fazer uma coisa simples, coletar tudo o que sabe sobre o Mexicano.

— Mas você queria o quê? — Diz, indignado. — Somos inimigos, não posso chegar lá e querer que me conte segredos, você não pensou nisso? —

Fecho meus olhos com impaciência.

— Estou cansada da sua incompetência. — Falo me levantando. — Sei que pode fazer melhor que isso, porque eu acredito em você. — Jason me olha assustado.

— Eu não consigo encontrá-lo...

— Ah... você consegue sim. — Disco o número do Rubin. — Vou te dar um incentivo.

— Não, não, não! — Jason ergue as mãos, desesperado. — Vou encontrá-lo, só me dê mais tempo.

— Sem tempo, meu amor. — Jogo o celular no sofá e me aproximo dele. — Não temos mais tempo, precisamos de Fuentes antes que você perca tudo.

— É loucura o que você vai fazer. — Estalo a língua, me aproximando dele e traçando meu dedo por seu pescoço tatuado.

— Você é lindo com a boca fechada e transando comigo, no resto do tempo você é insuportável.

Jason prende a respiração quando seguro seu pescoço, a vontade de vê-lo morto é grande demais para poder me segurar, mas infelizmente eu preciso dele, dos seus serviços para obter tudo o que necessito.

Solto seu pescoço e encaro seus olhos amedrontados, seu medo me excita, fazendo-me desejá-lo loucamente. Porém, agora tenho outro encontro e depois farei com que me satisfaça na cama.

— Como estão as meninas?

— Vivas. — Responde com a voz baixa. — Não sei se ele vai querer comprá-las.

— Claro que vai, são de qualidade.

— Mas, e o carregamento? É loucura o que pretende fazer, mexer com essas pessoas, é cavar a própria cova. — Estalo a língua e me afasto dele.

— Não pedi sua opinião. — Digo, entregando uma foto a ele. — Quero essa carga, roube-a e depois tem outro serviço a fazer. — Jason assente, dou as instruções do que deve fazer.

Respiro fundo e pego a chave do carro, preciso me livrar dessas mulheres antes que suspeitem de alguma coisa, mas para isso, preciso entrar em contato com Fuentes, com a carga que estou juntando para ele, tenho certeza que não recusará a minha proposta.

Dirijo pelas ruas até o ponto de encontro embaixo de um viaduto. Batuco meus dedos com impaciência, dez minutos depois meu contato abre a porta e entra, evito olhar para seu rosto coberto pelo capuz.

— Falhou outra vez. — Repreendo, encarando os carros indo e vindo.

— Essa garota é uma puta desgraçada. — Solto uma risada.

— Puta ela não é! — Retruco, escutando o seu bufar. — Te dei tudo o que precisava, você só tinha que apertar a droga do botão no momento certo.

— Ela não entrou no carro, porque a mosca-morta esqueceu as malditas chaves. — Estalo a língua, contrariada por só ter gente incompetente trabalhando comigo. — A outra vez estava fácil por ela estar sozinha na empresa, eu a tinha nas mãos, mas a droga do seu ex chegou antes.

— É só matar, não tem segredo. — Sua risada me irrita.

— Espero que tenha escondido bem suas sujeiras.

— Diferente de você, eu executo com perfeição meus planos. — O carro cai em silêncio, meus nervos estão aflorados e começo a ficar impaciente com o pouco de tempo que ainda me resta.

— O destino é uma droga... — Resmungo. — Logo seu namorado, se casou com a pessoa que mais odeio nesse mundo.

— Você já deveria ter a matado há anos, mas foi idiota demais.

— Essa garota tem um grande anjo da guarda.

— Uma droga de anjo, ela deveria ter morrido naquele acidente. Fiz de tudo para você executar como planejado, mas você sempre falha. — Pego o envelope que estende em minha direção.

— E acha que não me odiei por ter falhado? Não podia matá-la, porque senão iriam suspeitar de um crime, mas a polícia está envolvida de novo.

— Ela é uma pessoa influente e rica, a justiça vai até o fim. — Aviso, abrindo o envelope. — É melhor que não suspeitem de você.

— Não vão, estou tomando cuidado.

— Pelo menos isso você sabe bem, mentir é seu forte. — Analiso os papéis, franzindo a testa com a quantidade de informações interessantes contidas nesses documentos.

— Esses são os documentos de casamento deles, não encontrei o contrato de seis meses, mas aí diz que Michael tem todo o direito a herança de Sofia. Se ela morrer, ele fica com tudo.

— Eles se casaram com comunhão universal de bens? — Pergunto chocada e, ao mesmo tempo animada.

— Sim, tudo o que pertence à Sofia, agora é dele, em proporções iguais. Se ela morrer, os herdeiros só podem dispor de metade dos bens, já que a outra metade pertence ao cônjuge sobrevivente. — Meus olhos brilham só de imaginar todo esse dinheiro em minhas mãos. — Eles não têm herdeiros, então tudo vai para o Michael.

— Puta merda!

— Acredito que deve ter alguma coisa no contrato de seis meses, porque tudo isso era para ser do David. — Guardo os papéis e aperto meus lábios, pensativa.

— Você encontrou uma família certa para dar o golpe, hein?

— Ele me humilhou, quero que toda a família Martin sofra. — Solto uma risada, meneando a cabeça.

— Três anos plantando migalhas e o que você conquistou? O que você fez? — Finalmente olho em sua direção.

— Chega, faça o que deve fazer.

— Eu vou matá-la. — Seus olhos queimam de ódio. — E a Martin é minha.

— Você a terá quando finalmente se livrar da Sofia, já te falei isso.

— E Michael? — Desvio de seus olhos. — Não podemos deixar com que ele fique com tudo.

— Nele você não toca. — Ordeno. — Ele vai ter sua esposa morta, vai estar quebrado e desolado, então irei consolá-lo e o terei em meus braços de

volta, então farei com que a Martin seja sua.

— E se ele descobrir que você...

— Cala a boca! — Grito, encarando com fúria seus olhos. — Não toca nesse assunto, ele nunca descobrirá. Agora sai daqui!

— Eu te conheço há anos, Stephanie, eu te ajudei com tudo, não me trata dessa forma. — Respiro fundo, controlando minha raiva.

— Eu te trato da forma que eu quiser. — Seu sorriso sônico me faz querer quebrar sua cara.

— Estamos no mesmo barco, não me faça ficar contra você.

— O que você está insinuando? Você não consegue matar uma sonsa e está me ameaçando?

— Em consideração ao que vivemos, isso é apenas um aviso. Eu te ajudo e você me ajuda, simples e sem complicação. — Inspiro fundo e balanço a cabeça.

— Estou nervosa com meus negócios. — Confesso. — Preciso vendê-las e pagar minha dívida com os Evil Angels.

— Eles estão te cobrando?

— Consegui vender algumas para um Cartel em Los Angeles, então paguei parte do que devo. — Esfrego meus dedos, sentindo-me ansiosa.

— Se a Sofia sair do nosso caminho e você moldar Michael, teremos tudo o que desejamos por anos, poderemos crescer muito mais.

— Se fosse eu já teria feito, mas é sua vingança, então não me intrometo.

— Ela está com seu ex namorado, temos o mesmo objetivo. — Encaro seus olhos e confirmo, entregando-lhe uma pistola.

— Elimine as testemunhas, não precisamos delas, se abrirem a boca, já era.

— Farei isso.

— Não falhe dessa vez.

Desvio meu rosto e espero que saia do meu carro, volto a analisar o

contrato e a fortuna que Michael tem nas mãos. Se ele ficar viúvo, seremos donos de uma Multinacional, faremos o que quisermos sem nos preocupar com dinheiro, mas para isso preciso me livrar da Sofia, ter Michael de volta e... Olho pelo retrovisor, vendo sua silhueta se afastar.

Sorrio só de imaginar que isso tudo, daqui uns dias, será meu. Deixarei que faça o serviço sujo, depois eu me livro dela. Michael é meu, assim como todo o dinheiro de Sofia e nada nesse mundo me fará parar até eu ter tudo o que desejo.



Durante horas foco no meu trabalho, preparando o desenho da moto customizada do meu cliente. Mergulho de cabeça na tentativa de esquecer o que me atormenta.

Encarar os olhos duvidosos de Sofia foi muito difícil, ela estava lutando contra a suspeita, entretanto, não posso de jeito nenhum condená-la pela desconfiança que brotou em seu coração, mal nos conhecemos de verdade, me casei por causa do dinheiro e pior, por alguns dias me tornei traficante de drogas.

Recosto na cadeira, suspirando. Quando vi o noticiário de que o carro de Sofia tinha explodido e que estavam considerando tentativa de homicídio, entrei em desespero. Não podia estar acontecendo de novo... não posso perder outra pessoa que eu amo de forma bruta e tão de repente.

Esfrego meu rosto, tentando limpar a imagem dela sendo tocada por seu ex, sinto receio de que tudo se repita... morte, traição... inspiro fundo, não... não irá se repetir...

— Encontrei! — Sobressalto de susto quando Arthur entra de supetão no escritório, seu rosto está pálido e ansioso, ele bate a mão sobre a mesa e fixa os olhos em mim com a respiração ofegante. — Encontrei uma pista.

— O quê?

— Você não se lembra se matou ou não um cara, fomos em Julian, mas não encontramos nada, mas encontrei algo que poderá ligar alguns pontos frouxos da sua mente. — Franço a testa e olho para baixo quando Arthur afasta a mão, uma foto de um homem careca e tatuado desperta minha curiosidade.

— Quem é esse?

— Esse cara pertencia aos Devil Angels, aparentemente foi considerado um traidor, não sei porque, o que também não vem ao caso. Porém, o mais esquisito é que ele simplesmente desapareceu na mesma época em que sua mente está apagada. Alguns dizem que ele foi assassinado e sumiram com o corpo, outros dizem que foi a Angel quem o matou e meu informante disse que foi queima de arquivo.

Informante? Lanço um olhar para Arthur, penso em repreendê-lo, mas seus olhos brilham de entusiasmo, embora nada me tira a sensação de que ele está se afundando a cada dia no vício, eu deixo esse detalhe passar, por enquanto.

— Que tipo de queima de arquivo?

— Michael, o cara que me deu as informações, deixou claro que nesse dia, ele foi atrás de você. — Congelo por um instante, então... — Você não se lembra dele? — Volto a analisar a foto, minha mente continua branca, como se tivesse passado uma borracha em algo importante.

— Nada! — Afirmo, colocando os cotovelos na mesa e encostando as mãos entrelaçadas na boca. — Não faço ideia de quem ele seja.

— Pensa bem, tente se lembrar. — Arthur arrasta a cadeira e se senta de forma relaxada. — Isso foi tudo o que consegui.

— Como conseguiu? — Ele fica me encarando sem dizer nada.

— Fiquei sabendo o que aconteceu com a Sofia. — Abaixo as mãos, um pouco contrariado. — Nossos pais querem vê-la, até acho que foram atrás... o que foi?

Aperto meus olhos com as palmas das mãos, frustrado demais para dizer algo nesse momento. Arthur só se mete na merda e para piorar mais um pouco, há um assassino atrás de Sofia, jogando as suspeitas para cima de

mim.

— Nada, só estou estressado com tudo isso. — Confesso, batucando os dedos na mesa.

— Nosso pai quer que eu esteja mais presente no Moto Clube. — Diz, quebrando a tensão que estou sentindo. — Quer que eu participe mais dos negócios.

— Ele precisa de alguém para assumir seu lugar, você é o único que sobrou. — Arthur abaixa a cabeça.

— Eu não sei... tenho medo de pegar essa responsabilidade e ferrar com tudo.

— Para de jogar e vai se tratar, irmão. — Ele sorri friamente.

— Falando assim, sinto-me um doente de merda. — Não retruco, porque não vai adiantar bater na mesma tecla.

O vício em jogo é como as drogas, te consome aos poucos, dando-lhe doses de adrenalina, te viciando até você não conseguir mais ficar longe. O prazer se torna uma cocaína, pronta para foder sua vida.

— Michael, eu... — Arthur umedece os lábios. — Participa daquela corrida, ganha o prêmio e me ajuda cara, preciso de grana. — Seus olhos estão suplicantes, percebo que suas mãos estão trêmulas, não posso mais limpar sua barra, senão será sempre assim. Ele irá aprontar e irei cobrir seus estragos, como sempre fiz.

— Está na hora de você começar a limpar sua própria bunda. — Falo furioso, me levantando sem dar espaço para conversas e antes de sair do escritório, viro-me para ele. — Está na hora de você assumir que está doente, porque não vou mais encobrir suas merdas, me arrisquei demais para ver tudo se repetir outra vez. Estou cansado de... sofrer pelas pessoas que amo.

Vou apressado em direção à oficina, meus olhos navegam pela loja com alguns clientes. Passo por Garry, um dos meus funcionários que quando me vê, começa a me seguir.

— Miles ligou perguntando quando a sua moto ficará pronta. — Pego uma chave de fenda e encaro a Yamaha R1 vermelha diante de mim.

— Amanhã ela estará pronta. — Informo, começando a trabalhar na Yamaha, o motor está falhando e ela está sem estabilidade, pelo menos foi o que seu dono me informou.

Fico absorto no conserto, outros mecânicos da minha loja começam a me ajudar e assim perco a hora e a noção do tempo, esquecendo meus problemas.

— Michael Sanches? — Olho para cima quando o detetive Nestor me chama, seu olhar está fixo em mim, me avaliando. — Podemos ter uma conversa em particular? — Fico encarando-o, já imaginava que viria atrás de mim, respiro fundo e assinto.

— Claro. — Me levanto e limpo minhas mãos cheias de graxa.

— Sua loja é muito interessante, faz muito tempo que abriu? — Pergunta quando paramos perto da sua picape.

— Algumas semanas.

— Você é filho do Mason Sanches? — Assinto, Nestor balança de leve a cabeça. — Conheço bem o Moto clube que pertence... descobri também sobre seu irmão, sinto muito pela perda. — Ranjo os dentes e desvio do seu olhar.

— Essa loja não tem nada de sujeira, está limpa, tudo conforme a lei. — Nestor sorri de lado, cruzando seus braços musculosos.

— Por que você abandonou as pistas, Michael? — Ele estreita os olhos quando não respondo sua pergunta. — Seu irmão é viciado em jogos, certo? Pelo que fiquei sabendo sua família está nadando em dívidas com organizações perigosas, o que me leva a entender que está desesperado por dinheiro. Ainda bem que se casou com uma milionária, não? — Encaro seu rosto, indignado com suas suposições.

— Nunca faria mal a Sofia.

— Sempre dizem isso... os culpados sempre dizem as mesmas coisas. — Aperto o maxilar sem desviar meus olhos dos dele.

— Acho melhor você ir embora.

— Estamos apenas conversando...

— A conversa acabou. — Digo, dando as costas e voltando furioso para oficina, fecho e abro as mãos na tentativa de acalmar meus nervos.

— Algum problema, chefe? — Pergunta Stanley, um dos meus mecânicos.

— Nenhum! — Agacho ao lado na moto, apanho a chave de fenda e um alicate, volto a trabalhar e ignoro as palavras do detetive Nestor. — Droga! — Jogo as ferramentas no chão com raiva.

Eu não sei o que acontece com a porra da minha vida, tudo cai como concreto em minhas costas, não tenho um momento de paz e quando penso que tudo irá melhorar, as coisas só pioram.

Meu único desejo é fazer Sofia feliz, assistir seu sorriso brotar em seus lábios, porque são seus olhos cheios de vida que me perseguem o dia todo, dando motivos para sempre voltar para casa. São seus lábios que desejo a todo instante e é o calor da sua pele que desperta minha libido... nunca faria mal a ela e muito menos a quero ver chorar.

Entretanto, não posso exigir confiança, não quando fiz tantas merdas para proteger aqueles que eu amo sem nem pensar. As consequências sempre chegam, quando menos se espera você arca com seus erros, mas dessa vez, ser acusado de um crime que nunca cometeria, me desestabiliza de todas as formas possíveis.

— Oi, meu amor! — Fecho meus olhos com força ao escutar sua voz, meu coração acelera ao sentir seu perfume.

— O que faz aqui? — Pergunto sem olhar para ela.

— Vim te dar um oi. — Ergo meu olhar, Stephanie está inclinada sobre a moto e com um sorriso doce... o sorriso que amava ver em seu rosto. — Estava passando aqui perto, se quiser posso ir embora.

— Sim, eu quero. — Stephanie fica me olhando, mordo meus lábios assistindo seus olhos azuis se encherem de lágrimas.

— É que minha moto está com um barulho estranho, mas tudo bem, vou atrás de outro. — Ela se afasta um pouco, me condeno por vê-la triste, mas não quero que fique um clima estranho e que seu pai fique desconfortável perto da gente, então acabo cedendo.

— Dou uma olhada para você. — Stephanie sorri, colocando os cabelos cor de rosa atrás da orelha.

— Vou colocá-la aqui dentro. — Ela se afasta e segundos depois traz sua Harley até mim. — Eu não sei o que está acontecendo, mas ela já me deixou na mão duas vezes na estrada.

— Pode ser o motor.

— Pensei que seria. — Ligo a moto para ouvir seu barulho. — Obrigada por essa ajuda. — Olho para ela, seu rosto tem pouca maquiagem, o que me surpreende.

— É o meu trabalho.

— Michael? — Agacho para analisar as correntes. — Sinto muito por aquelas palavras naquele dia da inauguração, eu preciso controlar minha raiva, só que é... difícil ver você com outra.

— Já te vi com vários outros e nunca ameacei sua família. — Digo amargurado sem olhar para ela, escuto seu suspiro.

— Me perdoa eu... eu estou mudando por você.

— Mude por você e não por mim, Stephanie.

— Por favor... — Suplica, se inclinando e ficando com o rosto próximo ao meu. — Prometo nunca mais fazer isso. Vamos fazer assim, já que não podemos ficar juntos da maneira que eu quero, podemos ser amigos. — Umedeço meus lábios, seus olhos acompanham meu movimento e ela sorri. — Posso ser uma ótima amiga, faça isso pelos velhos tempos.

— Certo, pode ser. — Concordo, ela solta um gritinho feliz.

— Olha, preciso te mostrar uma coisa. — Ela contorna a moto e para ao meu lado. — Me lembrei de você na hora quando a vi...

Stephanie começa a me mostrar foto de motos customizadas de seus amigos, a conversa se estende e eu apenas respondo o essencial, focado em consertar sua moto, mas com a mente em outro lugar que não é aqui.

Talvez tenha sido um erro ter aceito esse casamento, ainda mais ter me apaixonado pela Sofia, uma mulher longe do meu mundo. Seu dinheiro desperta o pior das pessoas, é inevitável ter desconfiança daqueles que estão

ao seu lado, porque com uma fortuna daquela, só atrai pessoas erradas.

Não vou mentir, estou cada vez mais solitário e magoado por tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Minha família nunca fez mal a ninguém, a criação do moto clube foi com o intuito de juntar pessoas com a mesma paixão por motos, tornando uma irmandade onde há lealdade e companheirismo, é como uma família.

Certo que alguns não fazem coisas limpas, que vão para outro rumo, por exemplo, os Evil Angel. Todos daquele Moto Clube têm uma história, e nenhuma é feliz.

Meu pai sempre nos diz que não temos que provar nada a ninguém, se acreditam que os The Sanches são criminosos, deixe que pensem, o importante é deitar a cabeça no travesseiro com a consciência limpa... o que não acontece desde a morte de Marlon. Ele nos levou a fazer coisas que jamais faríamos.

Minha vida desandou desde que ele se foi, tudo perdeu o sentido, nada parece se encaixar... até ela aparecer vestida de noiva.

Sinto meu coração apertar, louco para tê-la nos braços, dizer que nunca faria mal a ela e que... olho para o lado quando escuto alguém se aproximar, meus olhos percorrem seu corpo até se prenderem em seus olhos furiosos.

— Estou atrapalhando? — Pergunta com uma voz embargada, então é quando percebo o quanto Stephanie está perto de mim. — Se quiser...

— Você nunca atrapalha, anjo. — Sofia assente encarando Stephanie, ela esfrega suas mãos em seu vestido branco, seus cabelos curtos moldam perfeitamente seu rosto delicado e pele bronzeada, fazendo meu coração acelerar.

— Vou esperar então. — Ela me lança um sorriso discreto e caminha em direção à loja onde abraça com carinho uma das minhas vendedoras e integrante do The Sanches.

— Anjo? — Viro para Stephanie, ela me encara enojada. — Por que *anjo*?

— Quando ela apareceu vestida de noiva dizendo ter uma solução, pensei que era um anjo e... bem, para mim ela é meu anjo, aquela que está

iluminando minha escuridão.

— Inacreditável... — Sussurra, indignada. — Você está apaixonado por ela?

— Eu segui em frente, Stephanie — Comprimo meus lábios e olho atentamente para seus olhos azuis, — está na hora de você encontrar seu caminho também.

— Meu caminho é você. — Diz com a voz trêmula.

— Estou quase terminando, ela ficará boa novamente.

— Claro, vai em frente. — Diz ríspida, fico olhando para ela por mais alguns segundos antes de focar na moto para terminar o mais rápido possível, para enfim, ter Sofia em meus braços.



Vou até o balcão com os nervos à flor da pele, querendo loucamente esfregar a cara daquela *vagaranha* na parede. O que Michael faz ao lado dela depois de tudo o que ela falou? Que raiva! Não acredito que ele está caindo nos joguinhos dela outra vez... céus, ele é muito idiota!

— Sof? — Olho para o lado e sorrio quando France anda em minha direção. — Que bom te encontrar aqui. — Ela me dá um abraço apertado.

— Como você está?

— Estou ótima e cheia de ideias, sabe como é, cabeça de jornalista sempre está a mil por hora. — Diz, remexendo sua bolsa. — Fiquei sabendo o que aconteceu, você está bem? — Seus olhos percorrem meu corpo, se fixando em meus machucados.

— Sofri pequenos arranhões, mas apesar do susto, estou bem! — Ela suspira.

— Graças a Deus, não sei o que faria se perdesse minha diva. — Reviro meus olhos, fazendo-a rir.

— O que é isso? — Pergunto quando ela estende uma revista.

— A coluna que fiz de você e Michael sobre a inauguração, ficou o máximo, não é? — Analiso a capa, nela estou sentada na moto e sorrindo

para câmera, Michael está ao meu lado, me encarando.

— Ficou sim. — Concordo, analisando as outras fotos. — Vou ler com cuidado depois.

— Seria incrível se ele voltasse a correr. — Diz com decepção, fecho a revista um pouco triste, porque eu também gostaria de vê-lo correr.

— Só depende dele querer voltar.

— Falando no motoqueiro, onde é que ele está? — France percorre a loja com os olhos.

— Na oficina, consertando uma moto. — Ela franze a testa.

— Será porque notei algo de diferente em sua voz, Sof? — Aponto com o queixo na direção de onde eles estão. France, curiosa olha na direção dele. — Que puta!

— O que estão fazendo?

— Ele está arrumando a moto, mas não se preocupe, não está dando moral para ela.

— Sei não, é perigoso cair na *lorota* dela.

— O que é *lorota*? — Pergunta, rindo.

— Conversa. — France abre a boca com um ‘*ah*’ e inspira fundo.

— Sabe o que deve ser feito? — Nego com a cabeça, ela olha para os lados e se aproxima. — Pegar a cara dela e arrastar pelo asfalto, mas não se preocupe que como sua fã de carteirinha, irei te ajudar. Sou boa de briga, juro! — Ela infla seu peito, começo a rir e nego com a cabeça, afastando essa ideia.

— Muito sanguinária você.

— Não, sou vingativa mesmo. — Ela recosta no balcão, ficando calada por alguns segundos. — Sério, vamos dar uma lição nela?

— Não! — Digo, folheando a revista novamente para me manter ocupada. — Deixe que a vida lhe dê a lição que ela merece, gosto de dormir em paz em meu travesseiro.

— Ok, então! — Murmura tristonha. — Só um tapinha? — Solto uma

risada e bato com a revista de leve em seu braço.

Olho para fora quando escuto um barulho de moto, Michael fala alguma coisa para Stephanie antes dela partir. France estala a língua.

— Ex perturbada e pé no saco... hum... vai ter trabalho, Sof. — Ela beija meu rosto em despedida. — Preciso voltar ao trabalho, só vim aqui para entregar a revista.

— Foi bom te ver. — Ela sorri e vai até Michael, eles trocam algumas palavras e France vai embora.

Michael fica me encarando e prendo meus olhos nos dele. Sei o quanto se magoou pelo simples fato de eu ter cogitado desconfiar dele.

Ele volta a caminhar e me preparo para pedir desculpas, mas sou surpreendida quando Michael segura meu pescoço e cola seus lábios nos meus, ele enlaça minha cintura me fazendo esquecer de que estamos no meio da sua loja.

Seu beijo é profundo e lento, despertando uma sensação deliciosa em meu corpo. Michael penteia meus cabelos, tirando alguns fios do meu rosto sem desprender dos meus lábios, mordendo-os devagar e com carinho.

— Eu poderia te beijar o dia inteiro sem nem me cansar. — Diz entre nossos beijos. — Talvez eu faça isso, o que acha?

— Acho muito bom. — Respondo, colocando minhas mãos embaixo da sua jaqueta. — Mas talvez seja melhor em um lugar privado. — Michael ri e se afasta um pouco.

— Você está melhor?

— Só um pouco dolorida, mas estou bem! — Asseguro, acariciando seu rosto. — Me desculpa por hoje, fui burra em deixar as palavras do detetive me atormentar.

— Eu nunca faria mal a você... nunca.

— Eu sei... — Sussurro, acariciando seu nariz com o meu. — O que aquela mulher estava fazendo aqui? — Digo com raiva, dando um tapa de leve em seu peito.

— Pediu para consertar sua moto. — Reviro meus olhos, será que ele é

tão besta assim?

— Michael... — Suspiro, desviando meus olhos dos dele. — Não confia nessa mulher, ela já ameaçou sua família duas vezes. Sério que você ainda não percebeu o quanto ela é perigosa? — Ele fica me encarando fixamente, suas mãos seguram meu rosto e ele sorri.

— Com ciúmes?

— Morrendo! — Confesso, chateada por não ter expulsado ela daqui. — Mudando de assunto, Brandon falou mais alguma coisa sobre Marlon? — Michael nega com a cabeça.

— Vai levar um tempo até encontrarmos a verdade.

— Quando isso acontecer, você e sua família, poderão ficar em paz, ao colocar o culpado na cadeia. — Michael se inclina e beija de leve meus lábios.

— Meus pais estão preocupados com você. — Diz, fazendo uma careta. — Acho que eles vão te adotar como filha.

— Não me importaria em ser adotada. — Michael me olha por alguns instantes e abaixa a cabeça.

— Tivemos uma irmã, — revela, de repente — minha mãe estava fascinada por finalmente ter uma filha para poder mimar como uma boneca, mas ela acabou falecendo ao nascer com insuficiência cardíaca. Ela era para ser a caçula de quatro irmãos. — Meu peito aperta, nunca poderia imaginar algo assim.

— Sinto muito. — Murmuro, beijando Michael e tentando de algum jeito confortá-lo.

Sobressalto ao escutar um barulho ensurdecido de freada e pneus de carro. Michael fixa seus olhos nos meus adquirindo um brilho sombrio e sinto seu corpo enrijecer.

— Cacete, MICHAEL! — Stanley grita com desespero, meu coração dispara em alerta, Michael me solta e corre para fora.

Sigo seus passos apressados e quase esbarro em suas costas quando inesperadamente ele congela. Meu coração acelera temendo o pior, sei que o

que verei não vai ser bonito visto o estado do seu semblante. Engulo em seco e sigo seu olhar, me arrependendo logo em seguida.

Arthur está caído de bruços no chão, desacordado e ensanguentado. Sinto calafrios percorrerem meu corpo ao vê-lo nesse estado deplorável e levo as mãos à boca, espantada com a cena.

Stanley fala alguma coisa, mas estou perplexa demais para ouvir. Ele vira Arthur com ajuda de Garry e estanca o sangue que sai pela cintura de Arthur.

— Merda Michael, acorda! — Stanley grita, fazendo-o despertar. — Ele foi baleado.

— Céus! — Michael corre até Arthur em desespero sem saber o que fazer, suas mãos estão tremendo e seu rosto pálido. — Ei cara, acorda! — Pede com aflição.

— Precisamos levá-lo para o hospital. — Falo aflita, Michael ergue a cabeça e aponta na direção da caminhonete da loja.

— As chaves já estão lá. — Diz, levantando Arthur com a ajuda de Stanley. Corro até a porta e abro para que o coloquem no banco de trás.

— Eu dirijo. — Afirmo contornando a caminhonete e me ajeitando no banco do motorista, quando eles estão prontos, arranco sem me importar com o limite de velocidade, corto os carros e furo os sinais vermelhos na tentativa de chegar o mais rápido ao hospital.

Michael tenta conversar com Arthur a todo momento. Freio em frente a emergência e corro atrás de ajuda. Dois enfermeiros me olham em alerta, aponto para a caminhonete sem conseguir dizer nada, mas eles entendem e com uma maca, vão até Arthur.

Encosto na parede para recuperar meu fôlego, Michael anda de um lado para o outro no corredor em que levaram seu irmão. Ele está sujo de sangue, suas mãos tremem muito mais do que antes e o medo o corrói.

— Vai ficar tudo bem. — Michael se vira para mim.

— É culpa minha! — Diz angustiado. — Ele disse que precisava de dinheiro... eu virei as costas para ele, disse que estava na hora dele limpar suas próprias sujeiras... porra!

— Michael, você não pode se culpar por aquilo que você não tem controle.

— E se ele morrer? — Ele fecha os olhos, me aproximo dele e seguro seu rosto aflito. — Eu não vou suportar...

— Ei, ele não vai, ok? — Ele encosta a testa na minha com a respiração acelerada. — Arthur vai ficar bem. — Michael assente e me abraça, buscando alívio para sua dor e para o medo de perder quem ama, mais uma vez.



Uma hora e meia se passaram desde que Arthur entrou na sala de cirurgia para a retirada da bala. Michael conseguiu se acalmar um pouco, olho para ele sentado com os antebraços nos joelhos, seus olhos estão fixos em suas mãos, perdidos em pensamentos.

— Onde está Arthur? — Me levanto assim que escuto Araci, ela está com os olhos cheios de lágrimas. — Onde levaram meu filho?

— Ele está em cirurgia. — Michael diz sem se mover. — Ele foi baleado. — Revela, tirando um soluço angustiante da garganta de sua mãe.

Mason a segura quando suas pernas vacilam, seu choro é silencioso e doloroso, apesar da sua máscara de durona, por trás existe apenas uma mulher sensível que perdeu dois filhos... uma mãe quebrada que não se deixou vencer pela dor.

Me aproximo dela e a pego em meus braços, inclino meu queixo em direção a Michael, um pedido sutil para que Mason vá até seu filho que precisa do apoio do pai.

— Vai ficar tudo bem, eles só precisam retirar a bala. — Sento-a na cadeira, seu rosto está vermelho por causa do choro.

— Eu não aguento... — Seguro suas mãos. — Arthur sempre deu mais

trabalho que os outros, de algum jeito eu sabia que um dia algo ruim iria acontecer. — Araci fecha os olhos com força e inspira fundo. — Gracie, Marlon e agora Arthur... céus, será que vou perder todos os meus filhos?

Seus olhos suplicam por resposta, eu apenas a trago para meus braços, acariciando seus cabelos azuis, permitindo que chore e coloque toda sua angústia para fora.

— Familiares de Arthur Sanches? — Araci levanta de uma vez e se aproxima.

— Sou a mãe dele. — Ela limpa seu rosto, o médico nos olha e assente.

— Conseguimos retirar a bala, por sorte não perfurou nenhum órgão, ele tem duas costelas quebradas, mas está fora de perigo. — Mason abraça Araci com alívio. — Infelizmente pelo estado em que chegou aqui, precisarei contatar a polícia sobre o ocorrido, são protocolos do hospital. — Informa cheio de suspeitas.

Todos ficam tensos e ninguém fala nada, mas sei perfeitamente que não querem o envolvimento da polícia, não quando eles podem simplesmente descobrir bastante coisa errada que poderão colocá-los em risco.

— Doutor, podemos conversar em particular? — Pergunto, atraindo o olhar de todos em minha direção. O médico me fita por alguns instantes e assente, pedindo que eu o siga. Lanço um olhar para Michael para que fique tranquilo.

— Sente-se, senhorita... — Fala assim que entra em sua sala.

— Sofia Martin. — Ofereço um aperto de mão, ele retribui e aponta para cadeira. — Sou cunhada do seu paciente e acredito que não há necessidade de envolver a polícia nessa história.

— São protocolos do hospital, essa é minha obrigação.

— Protocolos podem ser quebrados, ainda mais se haver um valor satisfatório que te deixará muito mais feliz. — Ele fica me encarando, percebendo que estou comprando seu silêncio.

— Você não está...

— Só um minuto por favor... — Apanho meu celular, entro no

aplicativo do banco e digito as informações que necessito para uma transferência e arrasto o celular na mesa até chegar a ele.

— É só colocar os dados da sua conta e essa conversa nunca existiu.

— Esse suborno é ina... — Ele se cala ao ver a quantia que irá receber se manter a boca fechada.

— Posso confiar em você, senhor Benício? — Seus olhos escuros se prendem nos meus, sustento meu olhar confiante.

— Claro. — Diz, colocando seus dados e me devolvendo o celular. Finalizo a transação com um sorriso de vitória.

— Espero que cuide bem de Arthur enquanto ele estiver aqui.

— Ele será muito bem tratado. — Afirma ainda incrédulo, assinto de leve com a cabeça em despedida e saio da sua sala, soltando um suspiro de alívio.

— Feito, podem ficar tranquilos, nada de polícia envolvida nessa história. — Informo para Mason e Araci.

— O que você aprontou? — Pergunta Mason, nego com a cabeça para que ele esqueça esse assunto, seus olhos reconhecem minha atitude, ele inspira fundo, mas não diz nada.

— Para onde foi Michael?

— Ele foi na recepção cuidar das papeladas do Arthur. — Araci diz sentada com o rosto enterrado nas mãos, meneio a cabeça e vou atrás dele.

Ando pelos corredores, perdida em pensamentos, não faço ideia dos problemas em que Arthur se meteu, mas no momento em que o médico disse que envolveria a polícia, eu soube que os Sanches, tem muito mais segredos do que posso imaginar. Se fiz a coisa certa? Sim, eu fiz e por eles, faria qualquer coisa.

Viro o corredor que dá acesso à recepção, e congelo quando avisto Michael de costas para mim e em frente à Stephanie. Fecho as mãos em punhos, recuando dois passos para impedir que me vejam.

Não acredito que ela está aqui... grr... sinto raiva borbulhar minhas veias ao vê-la pegar nas mãos de Michael. Não consigo escutar o que estão

conversando, e o meu desejo nesse instante é ir até lá e interrompê-los, mas espero. Stephanie sorri para Michael e... porra, ela o abraça e ele simplesmente retribui?

Desvio meus olhos com ódio em assistir essa cena. Não posso acreditar, não dá! Essa mulher é muito dissimulada e fingida, será que ele não percebe o quanto ela é falsa?

Volto a olhar na direção deles, Michael a afasta e balança a cabeça negativamente, tirando o sorriso nojento da cara da *vagaranha* cor de rosa, ele passa por ela, deixando-a para trás enquanto caminha até o balcão da recepção, ignorando sua presença.

Colo as costas na parede e espero que passe por mim, estou me cansando de vê-la fingindo ser quem não é!

— Você não se cansa? — Falo com a voz calma. Stephanie congela e se vira, prendendo seus olhos frios nos meus. — Michael disse que não quer mais nada com você, tirando o fato de quase ter matado a família dele, você só traz problemas.

— Somos amigos agora, temos anos de história... — Corto-a com uma risada gélida.

— Amigos? Essa é a sua desculpa para tentar reconquistá-lo? — Stephanie umedece os lábios e bufa de raiva.

— Você tem muita coragem de me afrontar dessa maneira.

— Não é coragem, quero apenas que você siga em frente e nos deixe em paz. — Ela sorri de lado, jogando seus cabelos para trás dos ombros.

— Você se acha muito especial, não é? — Stephanie se aproxima de mim. — Quanto tempo pertence a essa família? Ah, me esqueci... é tudo um contrato, está casada para salvar seu dinheiro e consequentemente, salvar a pele do Michael que recebe por estar com você, que coisa hein!

— Só o deixe em paz, ele já está cheio de problemas, não dificulta as coisas. — Afasto sua mão quando tenta pegar meu cabelo, ela ri.

— Tenho pena de você. — Diz, me olhando da cabeça aos pés. — Só porque tem dinheiro acha que pode tudo? Michael é meu, é apenas questão de tempo para voltar para mim.

— Ainda acredita que ele vai voltar? — Arqueio uma sobrancelha, Stephanie estala a língua e suspira.

— Tenho certeza! Sabe por quê? — Não respondo. — Porque ele me ama só que, precisa do seu dinheiro. Olha para Arthur, a família dele está cheia de dívidas com gente barra pesada, você foi apenas um banco que apareceu no caminho deles.

— Você não faz ideia do quanto seu amor faz mal a ele.

— Só acho que você deve voltar a pisar no chão, porque quando tudo acabar ele vai te deixar, assim como seus pais, seus amigos e claro, seu noivo. — Fecho as mãos em punhos, sentindo o ódio aflorar ao citar meus pais. — Engraçado Sofia, todos te deixam no final, acho que é por isso que sinto pena de você.

— A questão aqui, não sou eu, mas o fato de você ser tóxica demais para Michael. — Ela solta uma risada sarcástica como se eu tivesse lhe contado uma piada.

— A questão envolve você no momento em que pisou em meu caminho, mostrando o quanto é deplorável. Você só tem essa carinha de santa, mas por dentro a única coisa que quer é atenção. Ninguém gosta de você Sofia, te detestam, apenas te suportam. — Seu rosto fica tão perto do meu que sinto sua respiração tocar minha pele. — Seu dinheiro é tudo o que atrai as pessoas, é só reparar no quanto é sozinha que vai perceber. Quantas pessoas te amam? Hum... vamos lá, se quiser, posso contar nos dedos sem nem ao menos te conhecer.

— Você está ultrapassando os limites. — Digo, me controlando para não voar em seu pescoço.

— Não entre em meu caminho, muito menos venha me dar sermão, porque não me importo de passar por cima de você. — Stephanie se afasta. — É melhor matar esse sentimento que você acha que tem pelo Michael para não sofrer muito quando ele te deixar.

Stephanie se vira e sai sem esperar que eu retruque algo. Minhas mãos estão tremendo de raiva das suas palavras, cada dia que passa, mais ranço sinto dessa garota.

Minha mãe sempre dizia que odiar as pessoas, é como colocar uma corrente em nosso pescoço, nos aprisionando a um sentimento que só nos faz mal. Se ela estivesse aqui, eu perguntaria como não odiar uma pessoa que é tão desagradável.

Fecho meus olhos, inspiro e expiro me acalmando, jogando esses sentimentos ruins para longe, controlando para não me mover e ir atrás daquela... Urgh... que mulherzinha *vagaranha*.

— Sofia? — Assusto com a voz de Michael. — Está tudo bem?

Não, não estou! Respondo mentalmente.

— Sim, estava te procurando. — Ele se aproxima, estende o braço ao meu lado, sustentado na parede com o olhar para baixo, aflito e angustiado. — O que foi?

— Eu... — Michael umedece os lábios e me encara com os olhos fervendo de raiva. — Eu vou voltar a correr!



Nunca pensei que um dia voltaria a dizer essas palavras, jurei nunca mais correr quando assisti meu irmão morrer, mas não há outra alternativa, preciso de dinheiro e a única opção de obter uma quantia alta e honesta, é pilotando uma moto.

A vida sempre nos faz desafiar nossos limites, medo e o desconhecido, tirando qualquer chance de fugir. Chegou a hora de enfrentar aquilo que me afastou... está na hora de acabar com o luto.

Seus olhos me encaram com surpresa, meu coração acelera ao saber que Sofia entrou em minha vida, se tornando mais do que uma esposa, mas sim uma amiga, companheira e amante. Sei que enfrentaremos muitos desafios, mas sempre estarei ao seu lado, segurando sua mão e amando-a.

Acaricio seu rosto, sentindo a paixão navegar por minhas veias. Sofia me lança um sorriso tão lindo que é através dele que eu sei que estou fazendo a escolha certa.

— Voltar a pilotar? — Sussurra. — Vai participar das duas corridas? Você vai voltar a ser um piloto? — Engulo em seco e balanço a cabeça, confirmando.

— Quer ir a um lugar interessante?

— Agora?

— Arthur está no quarto e meus pais estão aqui. — Ela assente animada. — Vamos?

— Claro!

Beijo de leve seus lábios, seguro sua mão e a conduzo para fora do hospital, abro a porta da caminhonete para que entre e partimos em segundos.

Todo caminho é tomado pelo silêncio. Minha mente está tão perdida em tudo o que vem acontecendo em minha vida, que a angústia vai se acumulando aos poucos. Temo não saber lidar com tudo de cabeça fria.

Sinto sua mão sobre a minha, olho para Sofia e sorrio, entrelaçando nossos dedos. Vê-la ao meu lado, de algum jeito me conforta e me acalma, volto a encarar a pista, exausto.

Estaciono a caminhonete em frente a uma garagem, desço e encaro o lugar, sentindo Sofia parar ao meu lado.

— Que lugar é esse? — Pergunta, percorrendo com os olhos o lugar abandonado.

— Onde tudo acabou. — Respondo dando um passo à frente, lembrando do rosto de Marlon e da sua alegria por estar aqui todos os dias.

Retiro as chaves do meu bolso e com um suspiro longo, abro as portas da garagem. Todo meu passado está aqui, minhas conquistas, minhas vitórias e minhas lembranças... aquelas que trancafiei dentro da minha alma, mas que agora estou destrancando, deixando-as voltarem.

Sofia prende a respiração assim que acendo as luzes, mostrando o quanto escondi durante três anos. Inspiro fundo e tomo a coragem de encarar meu passado.

Meus olhos percorrem cada centímetro do lugar, pelas motos que comprei, algumas que ganhei em corridas apostadas, ferramentas, roupas, cartazes e fotos... tudo ligado aos torneios que participei e dos patrocinadores que acreditaram arduamente em meu talento.

Sofia alisa uma moto vermelha cheia de adesivos, tão fascinada que me pego admirando-a mais que o normal. Ela se afasta e vai até uma moto de rally, ainda mais encantada.

— Uau, Michael! — Diz, depois de alguns segundos. — Esse lugar é incrível.

— Eu e Marlon passávamos a maior parte do tempo aqui quando não estávamos nas corridas. — Me aproximo de uma moto verde limão. — Essa moto eu consegui depois de ganhar uma aposta de corrida.

— Você participava de corrida clandestina?

— Claro, por que não? — Sofia me olha chocada, me fazendo rir.

— Então aqui era seu esconderijo?

— Era meu lugar... — Respondo, pegando uma foto minha e de Marlon em um pódio depois de ganhar o primeiro lugar. — E do meu irmão. — Concluo, estendendo a foto para ela.

— Esse é o Marlon? — Pergunta, contornando o rosto do meu irmão com os dedos. — Você e Arthur se parecem muito com ele.

— Marlon era nossa inspiração. — Sofia me devolve o porta-retrato. — Escolha uma moto.

— Escolher? — Assinto, ela olha em volta em silêncio e começa a explorar cada canto.

Seus olhos brilham quando me pergunta sobre meu passado, fico olhando para ela minuciosamente sentindo que algo a incomoda, como se estivesse tentando esconder isso através do sorriso.

— Eu escolho essa. — Sofia aponta para uma moto branca com detalhes preto e vermelho.

— Quero te levar a um lugar. — Revelo, pegando um capacete e lhe entregando. — Está preparada para sentir uma boa dose de adrenalina?

— Você vai correr? — Pergunta com os olhos surpresos.

— Um pouquinho. — Ela coloca o capacete e me lança um gesto de positivo com o dedo.

— Vamos nessa, piloto!

Caminho até a moto e a ligo, fazendo estremecer toda a garagem, transmitindo a sensação de liberdade que somente ela nos faz sentir. Ergo a

cabeça e nosso olhar se cruza em uma conversa silenciosa, Sofia sorri me incentivando. Monto na moto e estendo minha mão para que minha esposa me acompanhe até o fim do mundo.



Afasto seus cabelos quando o vento os traz para seu rosto, Sofia sorri com as mãos em meu rosto, sentada na moto de frente para mim e com as pernas ao meu redor. Ela inspira e desvia o olhar, encarando a estrada desértica e sem fim.

— Aqui que você treinava com seu irmão? — Pergunta, acariciando meus cabelos.

— Sim, aqui eu colocava o máximo de velocidade que podia. Algumas vezes, pensei ser capaz de voar.

— Qual é a sensação?

— Liberdade... — Respondo, lembrando da época em que nós três apostávamos corrida por essas estradas.

— Você pode sentir isso de novo. — Fecho meus olhos, porque ao entrar na pista de corrida de novo, vou lembrar que meu irmão não estará lá me instruindo, motivando e me esperando depois da linha de chegada. Sua morte se tornará ainda mais real e dolorosa. — Eu vou estar lá, assim como ele estava com você.

Abro meus olhos e a encaro, suas palavras despertam meu coração, fazendo-o acelerar. Sofia se inclina e beija meus lábios, aperto sua cintura, aproveitando seu toque e seu sabor.

— Sofia? — Afasto-a. — Aconteceu alguma coisa?

— Não...

— Não minta para mim, sinto que está distante. — Ela olha para baixo,

mordendo seu lábio inferior.

— Eu vi a Stephanie com você no hospital e... sabe Michael, estou com medo. — Franzo a testa quando me lança um olhar aflito.

— Medo de quê?

— De perder você... de ver você me deixar, como todos me deixaram. — Seus olhos se enchem de lágrimas, fui egoísta com ela o tempo inteiro, pensando somente em mim e deixando-a de lado sem ao menos me importar com o que estava sentindo em relação a tudo o que está acontecendo.

— Quem te disse que irei te deixar? — Sofia desvia o olhar.

— Você ainda ama aquela garota. — Diz com amargura. — Ela disse que é questão de tempo para você voltar para ela e eu... eu acredito, você é todo derretido por causa da...

— Ei! — Seguro seu rosto, virando para que possa me olhar. — Eu não amo a Stephanie, acabou!

— Michael...

— Eu não faço ideia de como a Stephanie soube sobre Arthur, muito menos acreditei nas suas palavras de conforto, mas o pai dela é integrante do The Sanches, não quero que isso o afaste do meu pai, são décadas de amizade.

— Então teremos que aguentar essa mulher por perto? — Sorrio do seu semblante bravo.

— Ela vai desistir. — Asseguro, trazendo seu rosto para perto do meu. — O que ela te falou? — Sofia inspira fundo e nega com a cabeça.

— Deixa essa mulher para lá. — Diz, gesticulando com as mãos. — Olha esse lugar, não vamos deixar que sua ex, estrague nosso momento.

— Certo! — Sofia estala a língua e balança um cronômetro na minha frente. — O que é isso?

— Quero que você encontre suas asas e volte a voar. Se passaram três anos, sei que ainda está machucado e perdido, mas está na hora de erguer a cabeça e enfrentar seu destino. Volte para a estrada que sempre pertenceu, Michael, voe como sempre voou e se liberte dessa dor que te aprisiona.

— Você estará lá? — Minha voz sai sussurrada, carregada de emoção.

— Estarei te esperando depois da linha de chegada, mas para que isso aconteça você precisa se libertar. — Sofia desce da moto e se afasta de mim. — Venha até mim...

— Eu vou te buscar. — Digo, sentindo minha vida ser iluminar ao ver seu sorriso.

— Quero você Michael. Agora você está incompleto, só preciso que se entregue de alma e coração, quando isso acontecer, eu te completarei de todas as maneiras possíveis, até o meu último suspiro.

— Por quê? — Desmonto da moto, me aproximando dela, ansiando por sua resposta.

— Porque eu te amo.

Paro à sua frente, sentindo suas palavras beijarem meu coração e, ao mesmo tempo, sentindo algo destrancar dentro de mim. Sofia se tornou mais do que eu poderia imaginar, seus olhos, seu sorriso é tudo o que eu quero ver durante os meus dias.

Vivi anos em um relacionamento onde lutava para me sentir completo, me culpando por cada erro e me alimentando de algo que não me fazia bem. Quando perdi meu irmão, fiquei sem rumo e me afundei na solidão, nada me fazia retomar... nada me completava, era como se eu estivesse vendo minha vida passar por uma janela, aprisionado na minha própria dor.

Agora, eu sei que o amor não tem que ser doloroso, ele é simples, delicado e nos liberta, mesmo diante de desafios, ele sempre permanecerá nos corações daqueles que desejam ser amados.

Sofia com seu jeitinho me aprisionou em seu mundo, me mostrando o poder do amor, tudo o que mais quero, é mantê-la segura e feliz, vivendo momentos e construindo memórias inesquecíveis.

— Obrigado...

— Pelo quê? — Pergunta, insegura pelo meu silêncio.

— Por me amar. — Sussurro, encostando minha testa na sua. — Eu não sou o melhor cara do mundo, errei inúmeras vezes, amei de forma errada e

permiti me iludir por um amor que nunca existiu, até você aparecer... — Fito seus olhos, querendo mergulhar na sensação que me fazem sentir.

— Você foi louco em se casar comigo...

— E você em me pedir em casamento. — Ela ri, estremecendo meu corpo com sua risada.

— Foi a melhor burrada da minha vida. — Confessa.

— Eu te amo Sofia, sempre estarei ao seu lado.

— Sempre?

— Até o meu último suspiro...

Capturo sua boca e a envolvo em meus braços como se estivesse com medo de que desaparecesse... medo de que tudo isso não passasse de um sonho, mas meu coração diz que tudo é real. Sofia invadiu meu coração, para me tirar da tempestade, e mostrar o valor do amor verdadeiro.

A partir desse momento, farei de tudo para fazê-la feliz. Derrubarei todas as barreiras que nos separam, lutarei contra qualquer um que a faça sofrer, porque nesse instante ela se tornou meu destino, e ela é a única capaz de mudar minha estrada.



— O que aconteceu? Estou te achando agitado hoje. — Pergunta Magali, colocando uma caneca de café na minha frente.

— Me sinto inquieto. — Seguro a caneca e inspiro fundo.

— Algo que posso ajudar? — Nego com a cabeça, absorto no líquido fumegante.

— Não, tem certas coisas que tenho que colocar um ponto final sozinho.

— Espero que esteja seguindo sua razão e seu coração, porque quando os dois agem juntos, dificilmente fará uma escolha errada. — Encaro a senhora diante de mim, seus olhos brilham de forma reconfortante.

— Deveria ter feito isso há muito tempo, Maga, mas fui burro e me deixei afundar pela dor.

— Nunca é tarde para tomar a decisão certa, garoto. — Olho para trás quando a campainha toca, vou apressado até a porta e permito que Eduardo entre.

— Bom dia, Maga! — Ele deixa uma mala no chão e vai direto até Magali, que o recebe com um abraço apertado. — Como a senhora está?

Você me deve pão de queijo... ahhh que saudade do meu Goiás, Maga!

— Precisamos de férias, filho. — Ela diz quando ele se afasta.

— Quero muito pamonha e feijoada... sério, não estou aguentando. — Eles riem juntos, me encosto na parede assistindo à interação dos dois. Eduardo finalmente me olha e me oferece um pequeno aceno, demonstrando que ainda não confia em mim. — Eu trouxe seu dinheiro.

— Eu vou preparar algo para você comer, Edu.

— Maga? — Chamo quando ela começa a voltar para cozinha. — Gostaria que participasse dessa conversa. — Magali fica me encarando, surpresa.

— Claro! — Diz, receosa.

Respiro fundo, me afasto da parede e caminho até a mesinha de centro, pegando os papéis em cima dela.

— Esse documento ficou pronto somente hoje, quem redigiu foi um advogado do The Sanches, quero que dê uma olhada. — Estendo os papéis, Eduardo junta as sobrancelhas.

— O que é isso?

— É uma declaração onde eu abro mão de todos os bens da Sofia que tenho direito, com a comunhão de bens. — Eduardo arregala os olhos, paralisado enquanto analisa o documento. — Eu amo a Sofia e, não quero que seu dinheiro coloque um muro entre nós. Eu me apaixonei pela pessoa doce e incrível que ela é, não por seu dinheiro.

— Você me pegou desprevenido. — Confessa, afrouxando a gravata. — David que persuadiu Sofia a comunhão total dos bens, tentei abrir os olhos dela, mas ela estava cega demais por aquele idiota.

— Ele ainda está perturbando-a? — Pergunto esfregando meus lábios, Eduardo ergue os olhos e dá de ombros.

— Eu trouxe o dinheiro do contrat...

— Não será mais necessário, se analisar atentamente o documento, encontrará a parte onde cancelo o contrato de seis meses. — Eduardo vira a folha e comprime seus lábios.

— Mas pelo que eu sei, você precisa de dinheiro.

— Tenho minha loja e... daremos outro jeito de pagar nossas dívidas.

— Sofia está sabendo sobre isso? — Magali pergunta, nego com a cabeça.

— Não, irei contar mais tarde, primeiro queria entregar tudo ao Eduardo.

— Está tudo certo com os documentos. Essa é uma cópia?

— Sim. — Eduardo assente de leve.

— Que sorte vocês tiveram, hein!? — Diz de forma descontraída. — Fico aliviado por Sofia ter se livrado de David.

— O destino nunca erra, filho. — Magali fala, tirando o documento das mãos de Eduardo.

— Preciso resolver algumas coisas agora. — Eduardo assente, me encarando com atenção. — Qualquer coisa é só me ligar, Magali tem meu número.

— Não vai querer o dinheiro?

— Não, obrigado! — Pego o capacete e me despeço com um pequeno aceno.

Fecho meus olhos quando monto na moto, sorrio por me sentir aliviado por finalmente, ter me libertado desse peso que estava me atormentado dia após dia.

Depois de alguns minutos, estaciono em frente à sua casa, lembrando dos momentos em que eu pensava que era feliz. Bato à porta e escoro no batente, esperando ser atendido, o que não demora muito.

— Você veio! — Diz, sorrindo. — Quando me ligou dizendo que estava vindo, não acreditei. — Ela me abraça e beija meu rosto com alegria. — Eu sabia que você voltaria para mim, eu te amo tanto...

— Precisamos conversar. — Aviso, tirando seus braços do meu pescoço e entrando sem pedir permissão.

— Preparei um café para nós dois.

— Stephanie?

— Ontem foi minha sessão com a psicóloga, ela disse que vou ficar bem, que é normal eu ficar instável por causa da depressão. — Comprimos meus lábios, ela me entrega um pote de remédios. — Esse é o medicamento que ela me passou, assegurou que ficarei mais calma.

— Eu não vim...

— Michael, estou tão feliz por termos retomado nosso relacionamento, prometo mudar. — Coloco o remédio no balcão e esfrego uma sobrancelha, dissipando a raiva que estou sentindo.

— Não confunda as coisas, Stephanie.

— Como está Arthur? — Fico encarando-a. — Espero que esteja melhor, depois irei fazer uma visita.

— Eu quero que você se afaste. — Falo com calma, Stephanie ignora.

— Eu vou trabalhar com você na loja, assim poderemos ficar mais tempo juntos. — Ela se aproxima e beija minha boca, seguro seus braços e afasto-a, sacudindo para que acorde.

— Você está prestando atenção no que estou dizendo? — Seus olhos frios se fixam nos meus.

— Está falando um monte de merda. — Sua voz se eleva. — Sei que nunca tive um lugar na sua vida, tudo sempre foi mais importante que eu.

— Sabe que isso não é verdade. — Ela se afasta.

— Você nunca me deu valor de verdade, e mesmo assim, corro atrás mostrando o quanto está errado comigo. — Esfrego meu rosto, cansado dela. — Não entendo porque ainda me surpreendo, você não tem noção do quanto sofro por você, querendo sua atenção e seu amor.

— Me traindo? Chega desses seus joguinhos de colocar a culpa dos seus erros em cima de mim.

— Olha bem o que está falando, você me trocou e me afastou sem eu ter feito nada...

— Nada Stephanie? — Pergunto chocado com a sua cara de pau. — Sério que está dizendo que não fez nada?

— Tenho raiva de você por estar jogando tudo em cima de mim, me condenando, agora tenho que ficar sem a pessoa que amo, porque você não quer admitir seus erros? Acha isso justo?

— Foi justo quando me traiu com Jason? — Minha voz se altera e me aproximo dela, furioso. — Foi justo quando roubou a carga e colocou minha família em perigo ou quando ameaçou todos nós? Acha que isso é justo, Stephanie?

Ela fica me encarando sem dizer nada, seus lábios enrugam quando se aproxima de mim, quase tocando seu rosto no meu. Sua respiração está acelerada, demonstrando a raiva que borbulha por suas veias.

— Tudo bem, pode se fechar no seu mundo, Michael. — Stephanie se afasta, lágrimas escorrem por seu rosto. — Um dia você vai me dar valor, você vai acordar e criar vergonha na cara e perceber o quanto errou comigo.

— Isso não vai acontecer. — Ela balança a cabeça, cravando os olhos nos meus.

— Sério, estou me cansando de implorar para você me enxergar, para você me amar e mostrar que sou importante. — Stephanie limpa o rosto, balançando a cabeça. — Você nem liga com o quanto me machucou quando se casou com aquela mosca-morta.

— Já tínhamos terminado muito antes desse casamento. — Ela ri friamente, estalando a língua.

— Você sempre foi assim, tudo o que fez na vida colocou acima da gente, me excluindo. Simplesmente, jogou seu drama em minhas costas, lembrando de mim somente quando estava mal, solitário e carente.

— Você é uma ótima manipuladora. — Solto uma risada incrédula. — Essas palavras que está dizendo era para serem ditas por mim...

— Você sempre foi uma barata, Michael, fugindo dos problemas, das conversas, deixando tudo virar uma merda.

— Vou te pedir apenas uma vez. — Me aproximo dela, meu coração está tão acelerado que sinto meu peito doer. — Não quero ver você perto da Sofia ou da minha família!

— Ou o quê? — Desafia, empinando o nariz. — Vai me bater? —

Balanço a cabeça, é inacreditável. — Me matar? Para você é fácil, não é? Não seria a primeira vez...

— Eu nunca fiz isso, sabe muito bem disso. Você usa isso para me culpar, para ter algo com que me ameaçar e forçar a ficar com você, mas acabou!

— Você vai me deixar por aquela mulher?

— Não, meu amor, estou te deixando por causa de você. — Me afasto dela. — Fique longe, não me procura e não me liga mais! — Ando em direção à porta, mas sou impedido quando me segura pelo braço.

— Por favor, não me deixa. — Implora, se ajoelhando. — Eu me mato se você me deixar, não suporto ficar sem você...

— Você vai sobreviver. — Falo de forma fria, ela começa a chorar, eu apenas balanço a cabeça e me agacho na sua frente.

— Eu errei, me perdoa por tudo o que falei, mas eu não consigo ficar sem você. — Fecho meus olhos, me controlando. — Nós vivemos tantas coisas juntos, Michael, não deixa isso acabar! Eu morro se você sair por aquela porta.

— Chega! — Peço, abrindo meus olhos. — Chega...

— Juro que será diferente, vou ser a mulher que sempre quis. — Limpo seu rosto com carinho e inspiro fundo.

— Eu já encontrei. — Revelo, fazendo-a parar de chorar. — Nada do que disser e prometer vai me fazer voltar, porque eu não te amo mais.

— Michael...

— Não me faça sentir nojo de você, Stephanie. — Me levanto, olhando-a ajoelhada no chão.

— *Nojo?*

— Estou torcendo para que seja muito feliz. — Dou as costas e quando vou abrir a porta, um abajur é jogado na parede ao meu lado, me assustando.

— Você não vai sair daqui, Michael. — Olho para trás a tempo de ver Stephanie pegar um vaso. — Dei tudo de mim para você, e é isso que eu recebo? É assim que me humilha? — Agacho quando o vaso é jogado em

minha direção, cacos caem sobre minha cabeça.

— Você está louca?

— Odeio você e aquela sua noivinha! — Ela pega outro e me olha furiosa. — Eu vou te matar! Se você não for meu, não será de mais ninguém! — Suas palavras me dão calafrios, seus olhos azuis estão fervendo de ódio, nunca a vi tão alterada desse modo.

— Para com isso...

— Parar com o quê? — Ela aponta o dedo em minha direção. — Se prepara Michael, porque tornarei a vida da Sofia um inferno. — Abro a porta e me afasto, assistindo o vaso passar por ela e colidir na grama.

— Tentei ser amigável, mas com você é impossível. — Digo, fitando seu rosto vermelho de raiva. — Se afasta, porque senão, desenterrarei suas sujeiras.

— Está me ameaçando, é isso?

— Sim, estou! — Afirmo antes de sair, bato a porta atrás de mim e caminho até minha moto, escutando gritos e barulhos. Inspiro fundo mandando uma mensagem para seu pai, nesse momento acredito que ele seja a melhor pessoa para acalmá-la.

Volto a encarar sua casa sem me surpreender com o rumo que levou, porque sabia perfeitamente que ela surtaria. Sempre foi assim, mas diferente do passado, agora eu nunca mais voltarei para seus braços, não por causa da Sofia, mas sim por perceber quem é a Stephanie de verdade.

Monto na moto, inspiro fundo e me afasto com um ciclo da minha vida, encerrado, me libertando das correntes de um passado tóxico.



Todo meu corpo ferve de ódio, mesmo depois de ter destruído toda a casa, ainda sinto a fúria borbulhar em minhas veias. Quem ele pensa que é para me rejeitar dessa maneira? Dei tudo de mim nessa porra de relacionamento, eu o amei de toda minha alma, pra no fim ser jogada fora que nem um lixo!?

Foi tudo por causa da Sofia, ela que fez a cabeça dele contra mim, por isso que está me deixando. Coloco as mãos na cabeça, andando de um lado para o outro, pensando em como vou fazer para tê-lo de volta.

Michael é meu, não permitirei que ninguém o tome de mim. Seu irmão quis nos separar, descobriu que eu estava vendendo garotas para os Cartéis Mexicanos e me ameaçou, mas não durou muito tempo, porque resolvi o problema com três balas alojadas em sua cabeça.

Naquela época estava conquistando muito poder e ganhando muito dinheiro até que Marlon se intrometeu. Além dele, tive que matar o traidor do Devil Angels por saber demais, entretanto, nunca pensei que ao matá-lo ficaria com a dívida que ele tinha com a Angel, essa mulher é o próprio demônio.

Preciso de um plano para acabar com todos esses problemas. Solto um grito furioso, por que essa garota teve que aparecer na minha vida? Olho para trás quando a porta é aberta, meu pai me olha espantado.

— O que está acontecendo?

— Quebrei a casa, e daí? — Seus olhos escuros se fixam nos meus, não

temos uma relação boa, mal conversamos.

— Essa é a minha casa.

— Foda-se, é a minha também. — Ele esfrega sua barba, contrariado.

— Espero que dê um jeito nisso. — Solto uma risada, ele apenas suspira, balançando a cabeça de um lado para o outro.

A última vez que ousou me desafiar, caiu nas escadas, ficando dois meses de cama com as duas pernas quebradas, tenho certeza que ele não vai querer que isso aconteça de novo.

— O que você está fazendo aqui? Deveria estar trabalhando com aqueles animais nojentos. — Thierry trabalha em um abrigo de animais, passa o maior tempo lá, então raramente o vejo.

— Michael contou o que aconteceu.

— Ele terminou comigo, mas está sendo influenciado por aquela esposa de mentira dele. — Thierry inspira fundo e cruza seus braços fortes, apesar de já ter passado dos quarenta anos, ainda é um homem bonito.

— Filha...

— Não sou sua filha, não me chame disso. — Ele fecha os olhos, contrariado com minha agressividade.

Eu tinha doze anos quando minha mãe e eu fomos morar com ele, o detestei desde o primeiro momento, nunca consegui amá-lo, mesmo me tratando como uma princesa, me mimando. Tentei sentir esse sentimento, mas a raiva sempre me dominou, apenas piorou quando minha mãe morreu quando eu tinha quinze anos.

— Eu te criei como uma, então será sempre minha filha. — Rosno de ódio, quando escuto sua voz meu estômago se contorce de nojo.

— Apenas vai cuidar das suas bolas de pulgas e me deixa em paz. — Thierry me encara com um olhar vazio. — Eu não suporto ficar perto de você, sabe disso, e Michael vai voltar para mim, é questão de tempo.

— Vou te deixar. — Diz, decepcionado.

— Sim, me deixa em paz e cuidado para não morrer ao ser atropelado por um caminhão, não irei sentir sua falta, ficarei feliz.

— Não seja uma má pessoa.

— Olha só! — Sorrio, achando graça em suas palavras. — Para uma pessoa que já me chamou de monstro, me surpreende seu pedido. — Ele bagunça seus cabelos, descrente. — Já achou sua filhinha perdida? Talvez ela tenha sido vendida por aí, ainda bem que sumiram com ela, imagine a decepção de ter um pai como você.

Thierry me olha com pesar, sinto vontade de rir quando seus olhos se enchem de lágrimas por eu ter tocado na sua ferida, quanto mais eu o machuco, mais prazer eu sinto.

Estreito meus olhos esperando suas palavras, ansiando para que retruque.

— Rezei todos os dias para que Michael abrisse os olhos em relação a você. Não sabe, a imensa alegria que sinto, de vê-lo feliz com outra mulher. Você não o ama, apenas gosta de ter poder sobre as pessoas... na verdade, você nunca soube o que é amar, porque monstros não sentem, apenas destroem pessoas. — Abro a boca para rebater, mas me calo quando Thierry vira e sai, batendo a porta logo em seguida.

— Velho de merda! — Xingo, procurando meu celular, encontro-o no balcão e ligo para Jason que atende no segundo toque. — Encontrou ele?

— *Sim, Fuentes nos deu uma semana para levarmos o que prometemos.*

— E as garotas? Ele vai querer? — Jason fica calado por alguns segundos, me deixando irritada.

— *Ele não disse nem que sim, nem que não.*

— Como assim, seu merda?

— *Tentei fazer com que tivesse vontade em comprá-las, mas seu interesse foi somente com a carga.* — Mordo minha mão de raiva, preciso que ele as compre para eu poder conseguir pagar a dívida, mas os mexicanos são exigentes... sorrio quando ela me vem à mente.

— Ele vai querer, conheço uma que tem as características que vai deixá-lo feliz.

— *Quem?* — Faço uma pausa e encaro a sala destruída.

— Sofia Martin.



Rodo a caneta entre meus dedos, concentrada nas estatísticas de crescimento desse mês. Levanto meu olhar, Leopold batuca seus dedos no encosto da cadeira. Embora eu desconfie de que ele e Jane saibam de alguma coisa, decidi mantê-los por perto, seria uma lástima se sumissem do mapa.

— Os lucros subiram significativamente esse mês. — Falo, voltando meus olhos para o caderno de contabilidade. — Está tudo bem, Leopold?

— Sim, sim... — Ele me lança um sorriso forçado. — A senhorita é uma ótima administradora, sabe bem do que os clientes gostam.

— A empresa estava uma bagunça, ainda bem que cheguei a tempo, antes de enfrentarmos uma crise. — Leopold assente. — Obrigada por seus serviços. — Lhe devolvo o caderno.

— Por nada, qualquer coisa é só me chamar.

— Certo. — Ele sai apressado e recosto na cadeira, encarando a porta por onde saiu. Não está sendo fácil lidar com tantas suspeitas, mas Nestor pediu para eu ser cautelosa e deixar com que ele conduza as investigações sem me intrometer.

Olho para Camila depois de abrir a porta, ela sorri sem graça e se aproxima com uma pasta na mão.

— Aqui estão os papéis que você precisa assinar para a efetivação dos novos funcionários. — Ela me entrega. — Eles começarão amanhã.

— Ótimo. — Devolvo os papeis já assinados. Camila fica me encarando, relutante. — O que foi?

— Só toma cuidado, ok? — Arqueio uma sobrancelha. — É que... tem muitas pessoas falsas te rondando, mentindo para você...

— Você fez isso durante anos. — Camila abaixa a cabeça, esse seu jeito de inocente está me deixando irritada.

— Eu traí e menti sim, mas nunca fa...

— Sofia? — Leticia nos interrompe. — Está ocupada? — Pergunta, nos olhando com hesitação.

— Camila já terminou, não é? — Lanço um olhar de desafio, ela apenas assente e sai do escritório, nos deixando sozinhas.

— Billy saiu da UTI. — Leticia anuncia, fazendo meu dia se alegrar.

— Meu Deus, sério? — Ela estende seu celular e nele está a imagem do cachorro que resgatei, sinto vontade de chorar ao ver seus olhinhos brilhando. — Vou vê-lo mais tarde, avisa a veterinária por favor.

— Ele ainda vai precisar ficar internado por alguns dias, o que nos dará tempo para procurar um lar para ele. — Suspiro um pouco triste.

— Vamos encontrar uma família perfeita para ele. — Digo, devolvendo seu celular.

— Por que você não fica com ele? Você sempre quis ter um cachorro. — Aperto meus lábios, encarando a janela.

— Acho que não sou a melhor pessoa para ficar com ele.

— Por que não? — Leticia senta à minha frente. — Você não tem mais o David te enchendo o saco.

— Não é por causa do David...

— Então é por quê? — Encaro minhas mãos e balanço a cabeça.

— David já te entregou as tabelas de preços dos novos produtos? — Pergunto, mudando de assunto, Leticia fica me encarando por alguns

segundos.

— Não, tentei conversar com ele, mas a secretária disse que ele estava muito ocupado. — Reviro meus olhos, sério?

— Temos que ter essa tabela ainda hoje, Leticia, não dá para adiar mais um dia, os nossos clientes já estão impacientes, não quero perdê-los.

— Sim, eu sei, mas não consegui.

— Oh saco! — Suspiro com raiva, David está testando minha paciência. — Se algum dos nossos clientes cobrarem as tabelas de preços, diga que no máximo à noite eles a terão.

— Certo!

— Eu vou ter uma conversa com David, isso está passando dos limites. — Digo saindo do meu escritório e indo em direção à sua sala.

Sinto meu corpo vibrar de raiva, detesto quando brincam com minha empresa. Sua secretária levanta apressada quando me vê, ela abre a boca para me impedir, mas se cala quando lanço um olhar furioso em sua direção.

Abro a porta abruptamente e fecho as mãos em punhos quando o encontro deitado no sofá da sua sala com antebraço sobre os olhos. Fecho a porta com um baque, assustando-o.

— Por um acaso você está na sua casa para dormir tranquilo? — Seus olhos se prendem nos meus, surpreso com a minha raiva.

— Por que está irritada assim?

— Tem quatro dias que estou cobrando a tabela de preços... quatro dias escutando desaforo de cliente por falta de compromisso, sabe que isso pode manchar a reputação da Martin, então por que ao invés de estar trabalhando nas planilhas, está aí dormindo? — David esfrega o rosto e se levanta com os olhos fixos em mim.

— Eu não tive uma boa noite de sono.

— Ah, é? — Ele vai até sua mesa.

— Não está sendo fácil lidar com toda essa mudança, vê-la todos os dias está me matando. — David se senta, retirando seu paletó e sua gravata. — Você está maravilhosa, nunca pensei que se tornaria essa CEO incrível.

— David... — Fecho meus olhos e suspiro, tentando me acalmar. — Eu preciso das planilhas. — Ele ergue uma pasta e sorri de lado.

— Terminei essa noite, como não consegui dormir, então aproveitei para eliminar as pendências. — Inspiro aliviada, não saberia qual desculpa daria se não as tivesse.

— Obrigada. — Me aproximo para pegar a pasta, mas David a afasta e segura meu pulso. — Eu preciso da pasta.

— Eu sei... — Sussurra, me puxando para frente, sustento minha outra mão em cima da mesa, sentindo sua respiração acariciar minha pele. — Mas eu preciso de você, o que faremos em relação a isso?

Meus olhos encaram os seus de um azul pálido, olhos aos quais eu era apaixonada. Meu olhar desce para seus lábios, que se esticam em um sorriso prepotente.

— Sinto saudades de você. — Murmura, entrelaçando a mão em meus cabelos. — Às vezes precisamos perder para aprender a valorizar o que temos, eu sou a prova disso.

— Sério? — Sussurro, rindo. — Acha que cairei nos seus joguinhos de sedução?

— Não são joguinhos, Sofia. — Ele contorna a mesa sem soltar meu pulso. — É o que sinto, eu te amo e não suporto mais ficar longe de você.

— Vai ter que aprender. — Puxo meu braço, David segura com mais força, me puxando contra si.

— O que quer que eu faça para provar que eu te amo? — Ranjo meus dentes, inclino a cabeça para o lado, recusando seu toque.

— Não me faça perder a paciência, David! — Aviso, tentando me desvencilhar.

— Por que está fazendo isso comigo? Por que está me fazendo sofrer dessa maneira? — Congelo e encaro seus olhos frios.

— David, me solta! — Peço, ele me segura com mais força.

— Para você sair correndo atrás daquele motoqueiro de merda? Não, meu amor, você é minha e não consigo mais ficar longe.

— Você está me assustando.

— Por que eu estaria te assustando? — David segura meus braços, dou um passo para trás quando ele dá um à frente, sempre com seus olhos presos nos meus. — Meu amor te assusta?

— Eu não vou te perdoar por isso...

— E acha que devo te perdoar por ter me traído com outro? Por ter me deixado no altar e me feito passar vergonha? — Minhas costas colidem com a parede, meu peito sobe e desce devido a respiração acelerada.

— Eu nunca te traí, sempre dei tudo de mim para você, aceitando suas ordens...

— Mentira, Sofia...

— Você não gostava de me ver com amigos, não gostava de me ver lendo, detestava o fato de eu querer viver...

— Eles iam roubar você de mim... você iria parar de me amar. — Minha boca se abre, chocada com sua declaração. — Você é só minha, não posso permitir que outros te tomem de mim.

— Ninguém me tomou de você. — Coloco minhas mãos em seu peito e tento empurrá-lo. — Você fez o trabalho sozinho, David.

— Não vamos nos maltratar, você está sofrendo e eu também...

— Eu sofrendo? — Solto uma risada. — Por quem? Por você? — Ele franze a testa. — Ahhh para David, estou bem melhor sem você.

— Mentira...

— Estou muito feliz longe do relacionamento que tínhamos. Percebi o quanto você me fazia mal...

— Eu sempre pensei na sua felicidade... na nossa felicidade. — David prensa seu corpo no meu, tento afastá-lo, empurrá-lo, mas ele é bem mais forte do que eu.

— Me deixa, David. — Ordeno, rangendo os dentes.

— Sei que ainda me ama e sente saudades, só é orgulhosa demais para admitir.

— Sabe o que sinto por você? — Ele encosta a testa na minha, roçando os lábios nos meus. — Sinto nojo...

— O quê? — David congela.

— Não vou pedir para se afastar de novo.

— Repete! — Sua voz sai tão fria que me assusta, engulo em seco quando seu aperto nos meus braços intensifica. — Repete o que você falou, Sofia.

— Me solta...

— REPETE PORRA! — Sobressalto com seu grito. — Repete, Sofia...

Fico encarando-o com olhos arregalados, de todos os anos que eu convivi ao seu lado, nunca o vi alterado desse jeito. Sua feição está irreconhecível e um medo percorre todo meu corpo.

— Eu dei tudo de mim para te fazer feliz e é assim que você me retribui?

— Você está me machucando. — Trinco os dentes.

— Você que está me machucando. — Fecho meus olhos, inspiro fundo para me acalmar.

— O que está acontecendo com você? — Sua respiração está tão acelerada quanto a minha.

— Eu te quero de volta, por favor...

— Acabou, David...

— Não, não acabou, posso te provar que não acabou. — Antes que eu negue qualquer coisa, David prensa seus lábios nos meus, tento empurrá-lo e gritar, mas ele aproveita e invade minha boca.

Nunca pensei que sentiria tanto nojo de alguém que um dia amei com todo meu coração, aquele que eu daria tudo sem nem pensar. Ele esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida, segurou minha mão quando eu quase caí. Não posso acreditar que está fazendo isso...

Lágrimas escorrem por meu rosto enquanto tento afastá-lo, me debato e penso em chutá-lo, mas David já está preparado para essa investida. Seu

aperto intensifica, sinto dor nos meus braços e prendo a respiração quando ele morde meu lábio com um pouco de força.

— Você é minha, Sofia, não vou... — David se cala quando é arrancado de mim, leva um momento para perceber o que aconteceu, meu coração bate tão acelerado que mal consigo respirar.

Meus ouvidos zumbem, ergo minha mão trêmula levando aos meus lábios ao sentir dor, afasto e a encaro, meus dedos têm um pouco de sangue. David me machucou quando me mordeu... ele... ele me machucou?!

Engulo o choro e ergo meu olhar quando os zumbidos dissipam, pisco várias vezes para acordar, afasto um pouco da parede quando vejo Michael em cima de David, esmurrando-o. Minhas mãos vão à boca, estou estagnada sem saber o que fazer.

Michael leva um soco de David, deixando-o tonto. Ele se levanta, Michael também, mas logo voltam a se atacarem, não faço ideia de quem está levando vantagem, mas meus olhos estão presos exclusivamente em Michael que rosna de ódio.

Vou apressada até a mesa de David, pego o telefone e ligo para o departamento de segurança ordenando com urgência que venham até aqui. Coloco as mãos na cabeça, tentando pensar em alguma coisa, são dois homens brigando com fúria, não vou conseguir separá-los.

Olho para David, seu rosto está ensanguentado e me assusto quando Michael o joga no chão com um baque, prensando sua cabeça no chão.

— Eu vou acabar com você. — Ameaça Michael, ele bate a cabeça de David três vezes contra o chão, deixando-o tonto.

— Michael, para! — Peço, me aproximando com cautela.

— Eu vou te matar, seu desgraçado! — Michael rosna de novo. — Fica longe da Sofia, não toca na minha mulher! — Ele diz com a voz tão fria que espalha calafrios por meu corpo.

— Mulher? — David começa a rir, cospe no chão e encara Michael. — Ela é minha... — Ele se cala outra vez quando Michael acerta o punho no seu queixo, tão forte que temo que tenha quebrado algum osso.

— Michael, para! — Peço com a voz mais alta, ele não me olha, parece

nem me escutar. Seus olhos estão fixos em David que revida o soco, acertando em cheio o nariz de Michael, que resmunga de dor. — Céus, parem! — Grito, mas não me escutam e David parte para cima de Michael outra vez, que revida mais agressivo que antes.

Corro até a porta para gritar por ajuda a tempo de ver os seguranças chegarem, olho para trás e prendo um grito quando Michael joga a cabeça de David contra a parede, fazendo-o cambalear para o lado totalmente desconcertado.

— Segurem o Michael. — Ordeno, porque se não o impedir, ele vai matar David.

— Isso não vai ficar assim, seu motoqueiro de merda. — David rosna quando os seguranças afastam Michael dele. — Vou fazer você se arrepe...

— Apenas tente. — Rebate Michael, desvencilhando dos seguranças, ele se vira e me encara, seus olhos vão de fúria para vergonha.

— Michael... — Ele balança a cabeça em negativa e passa por mim, meu coração se parte por vê-lo tão machucado. Lanço um olhar de repreensão em direção ao David antes de ir atrás de Michael.

Ele vira o corredor e passa pelas portas que dá acesso as escadas, sigo em sua direção, mas Jane acaba me parando com o rosto pálido.

— Dona Sofia...

— Agora não, Jane! — Desvio dela e começo a descer as escadas, escuto seus passos, tiro minhas sandálias de salto e acelero. — Michael? Me espera! — Grito, quando consigo vê-lo há alguns metros de distância, paro um pouco para recuperar o fôlego. — Droga Michael.

— Sofia? — Desço alguns degraus, o alcançando no patamar do 6º lance de escada.

— Meus Deus, Michael! — Murmuro me escorando no corrimão e colocando a mão no peito, na tentativa de controlar minha respiração acelerada.

— Me perdoa... — Michael está com a cabeça encostada na parede e de olhos fechados, seu rosto está um pouco ensanguentado. — Eu perdi a cabeça... eu... eu...

— Ei... — Deixo minhas sandálias no degrau e me aproximo dele. — Como soube que eu estava lá?

— A Jane me disse, eu fui atrás de você porque fiquei me remoendo de ciúmes... — Michael abre os olhos e segura meu rosto. — Me perdoa, quando eu o vi te agarrando daquele jeito eu me perdi. — Ele inspira fundo e encosta a testa na minha. — Eu evito entrar em brigas, porque quando fico com raiva, perco o controle e não consigo parar...

— Shhh, já acabou, estou bem aqui na sua frente.

— Descalça de novo. — Solto uma risada.

— Não dá para correr atrás de você com saltos, né? — Michael assente e me abraça apertado, seu peito forte, prensa o meu, enlaço seu pescoço com meus braços, ficando ainda mais colado ao seu corpo, agradecendo por ter me salvado.

— Desculpa, deveria ter tomado uma atitude diferente sem ser tão violento.

— David mereceu isso, no seu lugar eu teria feito a mesma coisa e... — Me calo quando escuto um baque ensurdecido atrás de mim, sinto líquidos espirrarem em minhas pernas e o corpo de Michael fica tenso, ele arfa, tento me afastar e olhar para trás, mas ele me impede e segura firme minha nuca.

— Não olha... — Sussurra, despertando um desespero em meu coração.

— Michael...

— Não olha, Sofia, fica quieta, ok? — Pede no meu ouvido, minhas mãos tremem de medo.

— O que aconteceu? — Afasto dele depois de lutar contra seu aperto, seus olhos se prendem nos meus, eles estão arregalados e apavorados, sinto de repente algo molhado e quente debaixo dos meus pés, calafrio percorre minha espinha e me viro.

Encaro a parede por alguns segundos com medo do que irei ver, inspiro fundo e fecho minhas mãos quando finalmente olho para baixo. Quando vejo o corpo destroçado de Leopold à minha frente, solto um grito estridente, recuo horrorizada com o estado do seu corpo. Michael me gira, levando-me de volta para seu peito.

— Te pedi para não olhar!

Meu corpo treme e minhas pernas vacilam, ao mesmo tempo, em que meu estômago revira relembrando do estado de Leopold. O líquido sob meus pés, é seu sangue, me fazendo sentir repulsa e desespero.

Olho para Michael tão assustada quanto ele, Leopold estava estranho hoje, toda vez que estava perto, demonstrava inquietação e parecia esconder muitos segredos em relação à Martin...

— Michael... — Seus olhos aflitos se encontram com os meus, sem trocarmos nenhuma palavra, confirmamos o inevitável, Leopold foi assassinado.



Derrubo tudo o que está em cima da mesa com um grito estridente de ódio, tudo o que desejo nesse momento é ver aquele desgraçado morto. Raiva pulsa por cada poro do meu corpo, meu ego urra por vingança.

Descanso as mãos sobre a mesa e controlo a respiração, preciso me manter calmo, para tentar encontrar uma solução que me favoreça nessa situação que eu mesmo causei, por simplesmente não conseguir ser rejeitado por Sofia.

Ergo a cabeça quando a porta é aberta, ela entra com um sorriso irritante nos lábios, seus olhos brilham de diversão.

— Está lindo com essa cara toda quebrada. — Trinco os dentes, essa mulher sabe me irritar quando quer.

— Você foi idiota, tinha que ter matado Leopold logo hoje? — Ela estala a língua e se joga no sofá com uma tranquilidade assustadora.

— Acho que quem foi mais idiota aqui foi você. — Retruca, se espreguiçando. — Tinha que ter agarrado Sofia daquele jeito? Por um acaso você iria estuprá-la?

— Ela só precisa saber que ainda me ama e se fosse preciso...

— Nojento! — Ela me corta. — Pensa que ela vai te manter na empresa

depois do que fez? — Ela me lança um olhar descrente. — Achávamos que conhecíamos a Sofia, David, tínhamos ela na palma da nossa mão, até você cagar com tudo.

— Ela continua sendo a mesma sonsa de antes. — Ela solta uma risada gélida, inspiro fundo.

— Sofia é esperta, tão esperta que não caiu no seu joguinho de homem arrependido, aliás, nem a mim você conseguiu convencer.

— E você é boa?

— Sou ótima. — Ela se levanta, suspira e sorri para mim. — Tão ótima que ninguém desconfia de mim, aprenda comigo, que você terá sucesso. — Reviro meus olhos, me sentando.

— Eu não consegui me segurar, quero Sofia para mim.

— Você quer o dinheiro dela, é diferente. — Ela se aproxima com olhos fixos no meu. — Mas você estragou tudo, agora aguarde a carta de demissão.

— Ela não terá essa coragem.

— Não terá? Abre esses olhos que além da beleza, estão cheios de estupidez e caia na real. O maridinho dela, não vai deixar você sequer pisar aqui.

— Ele não tem poder sobre Sofia. — Ela suspira e se senta na beira da mesa.

— Sofia está apaixonada por aquele deus grego que faz qualquer mulher molhar a calcinha. — Ranjo os dentes de repulsa de suas palavras. — Não me surpreende Stephanie ser tão fascinada por ele.

— Eu vou acabar com aquele desgraçado.

— Se você tocar um dedo nele, sabe que está morto, não sabe?

— Estou cansado de seguir os planos daquela puta cor de rosa. — Me inclino sobre a mesa, ficando mais perto dela. — Esquece o plano dela, vamos seguir o nosso.

— Ela tem o mesmo objetivo de nós dois... — Solto uma risada, é muito imbecil mesmo em acreditar naquela cretina.

— O objetivo dela mudou quando você lhe entregou aqueles documentos.

— Stephanie nos ajudou a acabar com Wagner e Sandra.

— Ela sabe demais, você não acha? — Ela fica me encarando por alguns segundos. — Stephanie tem nossos segredos, poderá usá-los contra nós com facilidade.

— Ela não faria isso, somos amigas há anos.

— Tem certeza? — Dúvida espelha em seu rosto. — São anos colhendo migalhas e vamos deixar uma cretina cor de rosa acabar com tudo?

— Ela pediu para não tocar em Michael, vamos obedecer. — Estalo a língua e me levanto.

— Stephanie não quer que tocamos em Michael, mas está te ajudando a matar Sofia, ordenando que eliminemos todas as pessoas que nos ajudaram para no fim... ela acabar conosco e ficar com todo o dinheiro e com Michael? — Gemo de dor quando toco no meu olho inchado. — Stephanie vai ficar com tudo sem sujar as mãos.

— Então o que fazemos?

— Se aproxime de Sofia, vamos acabar com Michael de uma vez, deixando a pobrezinha viúva e carente, estarei ao seu lado, segurando sua mão, assim como fiz depois da morte dos pais dela. — Meu olhar se cruza com o seu. — E pegamos tudo o que é nosso.

— O que faremos com ela depois? — Sorrio, umedecendo meus lábios.

— Sofia é meu brinquedinho, não a deixarei escapar das minhas mãos. — Ela sorri e se deita sobre a mesa.

— E a Stephanie?

— Vamos destruí-la antes que nos mate.

— Ela é minha amiga.

— Você não tem amigos. — Digo, me aproximando dela. — Você só tem a mim. — Puxo-a, me encaixando entre suas pernas e me inclinando sobre ela. — Estou certo?

— Eu odeio essa família, tudo isso aqui era para ser meu. — Seus olhos furiosos se fixam em mim.

— Vai ser, só precisamos seguir meu plano.

— Engraçado que, todos os seus deram errado. — Ela se senta, ficando com o rosto perto do meu. — Você estará fora amanhã quando tudo voltar ao normal.

— Eu não vou, tenho meus métodos. — Ela ri, balançando a cabeça.

— Você está horroroso. — Desdenha, descendo da mesa e se afastando. — Fiquei sabendo que Michael vai correr neste fim de semana, então precisamos começar a partir daí.

— Isso é fácil de resolver, é só descobrir qual será sua moto.

— Precisamos fazer com que pareça um acidente. — Ela morde seus lábios, pensativa.

— Conhecemos pessoas que podem fazer esse trabalho em troca de uma boa grana, depois os eliminamos para não termos mais dor de cabeça.

— Sim. — Concorda. — Precisamos eliminar a outra testemunha, ela está que nem Leopold, prestes a abrir o bico.

— Você vai dar um jeito. — Digo, cruzando meus braços. — Preciso de um plano para arrumar a bagunça que eu fiz.

— Idiota! — Resmunga, se jogando outra vez no sofá. — Precisaré de uma boa desculpa.

— Precisamos manter Michael longe até lá.

— Como? — Ela me olha com a testa franzida.

— Ele precisa de problema... — Sorrio quando uma ideia surge. — Tenho uma ideia.

— Qual? — Ela se inclina, curiosa.

— Precisaremos de alguns marginais, quero que seja um aviso meu também. — Respiro fundo, contente por essa ideia. — Te conto mais tarde, precisamos demonstrar choque com a morte de Leopold.

— Ah, mas foi bonito ver ele caindo e se espatifando no patamar da

escada. — Ela ri. — Mais bonito do que ver os pais de Sofia capotarem o carro.

— Poderia ter esperado...

— Não se preocupe, você é um bundão David. — Ela se levanta e olha ao redor. — Não vão suspeitar de você, até porque, está quebrado demais para cometer um assassinato.

— Tomara. — Ela revira os olhos e caminha até a porta.

— Mais tarde resolvemos a questão do Michael. — Diz saindo do escritório, deixando apenas o silêncio. Inspiro fundo e retiro meu celular do bolso discando seu número.

— *Fala, patrão?* — Dante saúda de forma sarcástica, odeio trabalhar com marginais.

— Preciso dos seus serviços.

— *Claro, o que manda?*

— Preciso que destrua um lugar.



— Suicídio? — Pergunto incrédula, Nestor e Brandon me encaram com pesar, fecho meus olhos.

— Encontrei uma carta escrita por ele no escritório, sua esposa relatou que Leopold estava com um comportamento estranho de uns meses para cá, nos disse que ele estava distante e ansioso. — Brandon conta, realmente Leopold estava desse jeito, mas suicídio?

— Está muito estranho... — Remexo minhas mãos, tentando apagar a imagem do seu corpo destruído pela queda, do sangue sob meus pés... coloco a mão na boca quando a bile sobe em minha garganta.

— A senhorita tem alguma suspeita? — Pergunta Nestor.

— Eu não sei... Leopold realmente estava estranho, mas não sei se teria coragem de se matar assim de forma tão... brutal.

— Todos somos capazes de fazer, quando se perde a vontade de viver. — Encaro Nestor. — Vou continuar investigando, se acontecer algo, sabe onde me encontrar.

— Obrigada. — Ele se despede antes de sair com Brandon logo atrás, enterro meu rosto entre minhas mãos.

— Quer comer algo? — Pergunta Michael, sentando na mesinha de

centro diante de mim.

— Não consigo, nada desce. — Delicadamente Michael retira minhas mãos do rosto.

— Precisa se alimentar, anjo. — Comprimo os lábios, sentindo o enjoo voltar. — Se passaram dois dias, você não vai se manter de pé.

— Eu não consigo, o enjoo e a ânsia me impedem. Olho para a comida e a única coisa que vejo são os... miolos de Leopold... céus, que tortura. — Meus olhos se enchem de lágrimas, esse pesadelo não passa!

— Precisa tentar.

— Ela vai comer agora. — Olho para Araci que entra na sala, seus cabelos estão verde limão, por incrível que pareça, ficou perfeito. — Venha, não tenho paciência para mi mi mi não!

— É melhor você obedecer. — Avisa Arthur, deitado no meu sofá de forma relaxada e despreocupada. — Os tapas dessa mulher doem pra cacete.

— Você deveria estar no hospital, *manezão*.

— Estou ótimo, e aquele lugar é assustador. — Arthur se ergue com um pouco de dificuldade. — Gritos, choro, passos... tudo acontece à noite.

— Venha, princesa. — Araci me chama outra vez, Michael me ajuda a levantar e me acompanha até a área da piscina, onde está Mason.

— Poderiam me ajudar? Estou mais debilitado que Sofia. — Olho para trás, Arthur anda com a mão nas costelas.

— Você disse que estava bom.

— E estou, só que ainda estou precisando de atenção. — Retruca com um sorrisinho de dor. — Ei, será que perdi meu lugar de filho para a noiva em fuga? — Reviro meus olhos, cutucando Michael.

— Vai lá ajudar o bebê chorão.

— Bebê chorão? — Ele geme quando Michael passa seu braço por seu ombro. — Calma, está doendo, cara!

— Viu, bebê chorão! — Provoco divertida, ele faz uma careta.

Sento-me ao lado da Maga na mesa, Mason coloca um prato na minha

frente e me encara.

— Coma Sofia, senão você passará mal. — Assinto reprimindo a ânsia de vômito.

Fecho meus olhos por alguns segundos, sinto as mãos de Michel em minhas costas, me confortando, quando abro meus olhos, a única coisa que vejo é a imagem de Leopold, me levanto apressada e agacho na grama.

Michael segura meus cabelos, fecho as mãos sentindo a grama, meu estômago se contrai, mas nada sai. Lágrimas escorrem por meus olhos.

— Eu não consigo... — Confesso, engolindo a bile. — A imagem ainda está fresca na minha memória... Michael, não dá! — Ele me leva para seus braços, me embalando com carinho.

— Quer ir a algum lugar?

— Sim, quero ir ver Billy no abrigo, acho que lá vai ser um bom lugar. — Michael me ajuda a levantar, olho para Araci e Mason. — Me desculpe, não consigo...

— Tudo bem princesa, mais tarde tentamos outra vez, ok? — Assinto para Araci, Mason me lança um olhar triste e preocupado.

— Logo isso vai passar. — Garante, o tom da sua voz é tão confiante que acredito nele.

— Obrigada — sussurro.

Seguimos até sua moto, Michael ergue o capacete para colocar na minha cabeça, mas para ao perceber que eu o encaro sem parar. Estou sendo egoísta deixando-o de lado e me aprisionando na minha própria angústia. Michael viu Leopold cair também, assistiu toda a cena.

— Como você está? — Pergunto, ele abaixa o olhar.

— Preocupado com você. — Seguro sua mão e o puxo para que chegue mais perto de mim.

— Desculpe, estou sendo péssima com você. — Michael coloca meu cabelo atrás da orelha e acaricia meu rosto com as pontas dos dedos.

— Você não está sendo péssima, está apenas tentando lutar com tudo o que vem acontecendo na sua vida. — Michael segura meu pescoço. — Você

viveu em uma bola de perfeição sem nunca ficar à frente da maldade. — Ele coloca o capacete em mim. — Já vi muitas coisas ruins nesse mundo e farei de tudo para mantê-la longe disso, ok?

— Ok, querido esposo!

— Vamos? — Assinto, montando na moto e abraçando-o firme enquanto dirige pelas ruas.

Michael estaciona na frente do abrigo, escuto latidos frenéticos e sinto algo florescer dentro do meu peito. Olho para os lados, *Paw Angels*^[4] fica dez minutos de distância da cidade, longe de qualquer residência onde possam reclamar do barulho dos animais.

— Gosta de animais, Michael? — Pergunto receosa, desde que eu o conheci nunca nem toquei no assunto.

— Por que não iria gostar? — Responde com um sorriso discreto.

— Se prepare para ficar todo cheio de pelo, prometo que vai se divertir.

— Estou pronto. — Entrelaço nossas mãos e o guio até a porta do abrigo com o coração acelerado e ansioso.

Somos recebidos por uma funcionária que nos leva para área de internação, deixando-nos aguardando a veterinária em seu consultório.

— Esse abrigo existe há dez anos. — Digo, quebrando o silêncio que recaiu na sala. — Lembro de quando vim pela primeira vez, fiquei tão fascinada que todos os fins de semana estava aqui ajudando a cuidar dos animais, até...

— David te impedir de vir. — Michael completa, me encarando.

— Eu vinha escondido, — confesso — mas não foi esse o real motivo. — Faço uma pausa, encarando meus pés. — Minha mãe vivia aqui, ela era veterinária. Já te contei?

— Você falou pouco sobre seus pais. — Engulo o caroço que se formou em minha garganta.

— Ela resgatava e cuidava dos animais, ao mesmo tempo, em que trabalhava na Martin, aqui era seu refúgio. — Pisco para dissipar as lágrimas. — Quando ela morreu, não consegui mais vir aqui, era doloroso demais

lembrar que esse lugar era sua paixão.

— E seu pai?

— A Martin era tudo para ele. — Respondo, inspirando fundo. — é a primeira vez que eu venho aqui depois da morte deles. — Comprimos meus lábios e limpo meu rosto quando a porta é aberta.

— Sofia? — Kristin me lança um olhar incrédulo, seus cabelos enrolados da cor marsala faz uma combinação perfeita com sua pele negra, seus olhos cor de mel vão de mim para Michael. — É real? — Brinca, voltando a me encarar.

— Sim... — Confirmo com a voz embargada.

Kristin era a melhor amiga da minha mãe, as duas eram unha e carne.

— Ah, meu Deus! — Diz, colocando a mão na boca, seus olhos se enchem de lágrimas, seu choro é a confirmação de quanto sente saudades da mamãe. — Você está tão parecida com a Sandra.

— Estou né? — Kristin assente, retira o estetoscópio do pescoço colocando-o em cima da mesa de exames e vem até mim, me abraçando.

— Você está uma mulher. — Diz, se afastando. — Mas com cara de menina.

— É bom rever você também. — Aponto para Michael. — Esse é meu esposo, Michael Sanches. — Kristin olha para trás, aceitando o aperto de mão dele.

— Uau... — Ela murmura. — Sou Kristin Oliver, veterinária do abrigo.

— É um prazer te conhecer.

— Você é esperta, hein! — Ela me lança um olhar safado que me tira uma risada. — Que homem! — Sussurra.

— Viemos ver o Billy.

— Ah... você que o resgatou? — Assinto. Kristin ri e ajeita seu jaleco. — Então vamos lá vê-lo, tenho certeza que Billy vai amar rever sua salvadora.

Michael segura minha mão enquanto seguimos Kristin pelos corredores

com algumas salas de atendimento e de cirurgias.

— Onde ficam os animais?

— Do lado de fora, aqui só ficam os internados. — Responde, abrindo uma porta onde há algumas baías de variados tamanhos. — Ele está se recuperando muito bem, mas preferi deixá-lo em observação por alguns dias antes de colocá-lo junto com os outros.

— Entendi... — Murmuro, analisando a sala.

— Esperem aqui, vou buscá-lo. — Kristin se afasta, abraço meu corpo, olhando para dentro de uma baía onde há um gatinho que dorme enquanto recebe soro na veia.

— Sofia? — Olho para trás, Michael batuca no vidro de uma baía e sorri, vou até ele e olho para dentro. — Esse camarada é um guerreiro.

Observo o cachorro abanar o rabo enquanto nos encara deitado, seu corpo está enfaixado, deixando apenas seu focinho e as orelhas machucadas de fora.

— Você não faz ideia do quanto o ser humano é cruel com os animais, Michael, esses bichinhos chegam em um estado deplorável, infelizmente muitos não sobrevivem. — Coloco minha mão no vidro, querendo pegá-lo no colo e lhe dar o carinho que merece.

— Olha quem está aqui... — Olho para Billy, Kristin retira sua coleira, permitindo que venha até mim.

— Oi, garotão! — Agacho quando ele corre ao meu encontro, ele chora quando toco em seu corpo, lambendo meu rosto e se contorcendo de felicidade. — Você está bem? — Murmuro sem conseguir segurar a emoção.

Ele chora junto comigo, pensei que ele nem iria se lembrar de mim ou ficaria com medo, mas nunca imaginei que seria recebida com tanto amor assim.

Começo a rir observando sua felicidade, lembrando de quando eu o resgatei. Seu estado era deplorável que por mais algum tempo, provavelmente ele não sobreviveria. Billy sempre carregará as marcas do abandono no corpo e na alma, mas garantirei que nunca mais passe pelo que passou, porque ele nasceu para amar e ser amado.



Quando vi aquele cara agarrando-a, uma fúria tomou conta de mim, a cada soco que eu dava, mais prazer eu sentia, me tornando ainda mais agressivo e sedento por sangue.

Não ouço, não paro, não me detenho, apenas soco sem parar sentindo a adrenalina latejante em minhas veias. Tento a todo custo não explodir, me mantenho calmo, fugindo de confusão e apaziguando a situação, mas quando algo foge dos princípios, tudo explode dentro de mim a ponto de não me reconhecer mais.

David ultrapassou os limites, tocou na minha mulher a força fazendo-me perder a cabeça, por Sofia eu mataria e morreria quantas vezes fosse preciso.

Fico assistindo sua interação com Billy, ambos choram de emoção, mas sei que as lágrimas que escorrem dos olhos de Sofia são de sofrimento. Fecho minhas mãos em punho, me dói vê-la tão quebrada desse jeito, seu sorriso está apagado e há sombras em seu olhar.

— Michael, esse é Billy. — Agacho ao seu lado e acaricio o cachorro que me recebe com carinho.

— Ei carinha, muito prazer. — Falo, esfregando seu pescoço e sorrindo ao vê-lo me morder de leve. — Saiba que quem te salvou, foi uma mulher

muito corajosa. — Ele se afasta de mim e volta para Sofia.

— Acho que ele já tem um lar... — Kristin cantarola e vejo Sofia enrijecer, franzo a testa estranhando sua mudança.

— Acho que não...

— Por quê? — Pergunto, fazendo-a me encarar com um olhar vazio.

— Precisamos ir, estou muito cansada. — Ela se levanta, Billy pula em suas pernas recusando sua ida.

— Fiquem mais, — pede Kristin, reparando a mudança — hoje é dia de dar banho nos cachorros do abrigo, sempre precisamos de ajuda de voluntários.

— Ah, mas acho que não vai dar...

— Vai ser divertido, iremos ficar. — Digo sem desgrudar os olhos de Sofia, sei que ela quer ficar, aqui é seu lugar.

— Ótimo. — Kristin pega Billy. — Só irei colocá-lo na cama antes, mas vocês podem ir sem mim, é só seguir o corredor à direita. — Sofia se despede de Billy e me olha quando ficamos sozinhos.

— Tudo bem para você?

— Desde que você esteja feliz. — Respondo, abrindo a porta.

Caminhamos em silêncio em direção aos latidos, percebo sua mudança, e um sorriso brilha em seu rosto, quando chegamos do lado de fora, onde há pelo menos trinta cachorros espalhados pelo pátio.

— Ai meu Deus! — Ela diz com alegria, indo para o meio da muvuca de cachorros. Encosto na parede, assistindo-a se divertir com eles.

— Vocês são voluntários? — Pergunta um rapaz com olhos gentis que segura um balde.

— Sim.

— Ótimo. — Ele me lança um sorriso e gesticula em direção aos animais. — Escolha seu primeiro, temos muito trabalho pela frente.

— Vamos dar banho em todos?

— Claro, eles estão um horror de fedidos. — Diz, me chamando para

segui-lo. — Os que dão mais trabalho é o Rock, Rust e Amarelo, eles não gostam de banho e meio que... não gostam de ser tocados.

— Eles mordem?

— Óbvio! — O rapaz ri, pedindo para eu segurar o balde. — Por isso usamos focinheira, a propósito, sou James.

— Michael — cumprimento com um leve aceno.

James começa a falar sem parar e nos trinta minutos descobri a vida de praticamente todos os cachorros que estão nesse pátio. Sofia se perde no meio deles, não há tristeza em sua face, seus tormentos foram ofuscados pela magia desses animais.

Ela se aproxima para me ajudar a dar banho no Rust, que cada vez que eu o toco, ele rosna, deixando claro que não quer ser meu amigo. Sofia gargalha divertida com toda a situação, e eu? Bom... pareço um homem besta, fascinado pela mulher que amo.

— É divertido, não é? — Pergunta, esfregando os pelos escuros de Rust.

— É sim, mas com esse camarada está sendo um pouco tenso.

— Alguns são assim, eles são marcados pelo resto da vida e param de confiar no ser humano. — Enrugo meus lábios e espirro um pouco de água em Sofia com a mangueira. — Michael! — Ela ri, balançando a cabeça.

— Seja sincera comigo, ok?

— Sim. — Diz, distraída com Rust.

— Porque ficou tensa quando Kristin insinuou que ficasse com Billy? — Sofia congela diante da minha pergunta, ela inspira fundo vendo que não haverá escapatória até que me diga a verdade.

— Eu tinha uma cadelinha que se chamava Paçoca, eu era apaixonada por ela, para onde eu ia, minha cadelinha estava comigo. Se queria arrumar briga comigo ou ser meu inimigo, era só mexer com ela de forma maldosa. — Sofia para e olha para frente, se perdendo nas lembranças. — Eu amava a Paçoca, e ela sempre foi o motivo de muitas brigas com David. Um dia ela amanheceu morta, suas patinhas estavam quebradas... parece que ela caiu das

escadas.

— Sinto muito...

— Três dias depois meus pais faleceram. — Sua voz sai embargada. — David a detestava e Paçoca não o suportava, era sempre uma briga.

— Por isso nunca mais quis um?

— Eles vivem pouco, não quero perder quem amo, é... doloroso demais.

— Eles vivem pouco, mas é o suficiente para mudar nossa vida e nos ensinar o amor. — Sofia me encara, surpresa. — Pensa bem, você salvou a vida daquele cachorro, arriscando a sua... — Inspiro fundo. — Ninguém é melhor para ficar com ele do que você, anjo. — Me inclino e beijo sua testa, sentindo meu telefone vibrar pela décima vez em menos de dez minutos. — Eu gosto de cachorros.

— Para onde você vai? — Pergunta quando me levanto.

— Preciso atender uma ligação, já volto. — Ela assente desconfiada, sorrio e atendo não muito distante dela. — Sim Stanley?

— *Céus, homem. Onde você está? Estou desesperado atrás de você desde cedo.*

— Estou no abrigo de animais com a Sofia. — Franzo a testa por causa da sua agitação. — O que ouve?

— *Eu até liguei para Arthur.* — Diz, me deixando incomodado. — *Merda Michael!*

— Fala logo, Stanley! — Ele inspira fundo.

— *Destruíram sua loja.* — Suas palavras atingem meu estômago em cheio, demora um tempo para entender o que ele disse.

— O que você falou?

— *Quando cheguei para o trabalho... eu ... porra, encontrei a loja destruída.* — Sinto meu corpo congelar. — *Não sobrou nada, Michael!*

Fecho meus olhos ao ser consumido pela dor de perder tudo aquilo que lutei para construir, investi todo meu dinheiro na loja que sempre sonhei.

— Michael, o que foi? — Abro os olhos sem reação, minha língua parece inchada pelo choque.

Sofia retira o celular da minha mão e conversa com Stanley, seu rosto fica pálido e seus olhos nublados, compartilhando dos mesmos sentimentos.

— Daqui a pouco estaremos aí, Stanley. — Ela finaliza a ligação, fecho meus olhos quando sinto suas mãos em meu rosto, não posso acreditar que isso está acontecendo.



Quando chego na loja, a certeza me abate de forma dura e cruel. A fachada está destruída, pichada com palavras de ódio e com as janelas estilhaçadas. A caminhonete está tombada para o lado, com a lataria destrocada.

Minhas mãos tremem a cada passo que dou, a raiva e a derrota se misturam em um embaralhado de sentimentos que não sei distinguir. Prendo a respiração e levo as mãos à cabeça assim que coloco os pés dentro da Sanches Motors, a única coisa que me vem na cabeça é que nunca poderei recuperar o que foi perdido.

O interior está irreconhecível, onde era uma loja, parece mais um monte de entulho. Poderia desconfiar de ladrões, porém, nada daqui foi levado, foram apenas destruídos.

Reprimo a vontade de gritar, mordo minha mão para controlar minha angústia de ver meu sonho destruído. Fecho os olhos quando sinto as mãos de Sofia nas minhas costas.

— Michael? — Olho para frente quando Stanley me chama, seu olhar é de puro terror e aflição. — As câmeras gravaram tudo. — Vou até ele apressado e pego o tablete.

As câmeras capturaram o momento em que um bando de homens

encapuzados com tacos de baseball chega quebrando tudo sem deixar nada intacto. Toda ação dura no máximo dez minutos, quando terminam, voltam para os carros escuros e desaparecem.

— Não parecem ter sido ladrões... — Stanley se cala, sei que isso tem a ver com Arthur ou... Inspiro fundo, entrego o tablete para que Sofia possa assistir e me afasto, incapaz de raciocinar direito.

Encosto na parede e encaro o lado de fora. Nada me tira a sensação de que esse ato de vandalismo foi algo pessoal. Arthur está endividado, levou uma surra por causa disso, mas não acredito que eles sejam os responsáveis, já que deram o aviso.

Esfrego meus lábios, é muita coincidência... Vi seu olhar de ódio quando os seguranças me afastaram dele, cada palavra de ameaça foi sentida por meu corpo, naquele momento eu percebi que estava entrando em uma guerra com um homem mais poderoso do que eu.

Meu estômago contrai quando sua moto estaciona em frente à loja. Stephanie retira o capacete, permitindo que o vento espalhe seus cabelos cor de rosa. Sorrio ao vê-la caminhando em nossa direção, sem acreditar o quanto é cara de pau.

Escuto Sofia resmungar e logo depois começa a andar, mas impeço que se aproxime quando estendo minha mão. Stephanie olha ao redor antes de cravar seus olhos azuis nos meus.

— Fiquei sabendo o que aconteceu...

— Está muito bem informada. — Corto, sentindo a desconfiança brotar.

— Esses filhos da puta não vão ficar impunes...

— Você os conhece? — Ela me encara com a testa franzida, solto uma risada. — Céus... — Resmungo, perdendo meu controle. — Como você ainda tem coragem de pisar aqui?

— Fiquei preocupada...

— Preocupada? — Desencosto da parede e ando em sua direção, minha raiva irradia e a faz recuar. — Isso foi você?

— Eu!? — Pergunta chocada, ou está apenas fingindo? — Michael, você pensa que eu seria capaz disso?

— Ah, você seria sim! — Paro à sua frente, fechando e abrindo as mãos.

— Então você não me conhece....

— Stephanie, você não faz ideia o quão grande está tudo isso, está em um nível que não estou mais suportando. Abra os olhos, não me encaixo mais em sua vida, não a amo mais. — Fecho minhas mãos com força, controlando a respiração. — Se for falar tudo que está alojado em meu peito, não vou conseguir mais parar...

— Fala então, porque estou aqui para te apoiar ou você esqueceu de quem te segurou quando estava no chão? — Umedeço os lábios, meu coração bate tão acelerado, que está impossível respirar direito.

— Não adianta tentar, você não vai conseguir virar seus erros contra mim como sempre faz. — Fico encarando-a. — Minha mãe sempre nos ensinou a nunca gritar com uma mulher ou maltratá-la, elas são como rosas, frágeis e delicadas, elas nascem como um botão e florescem para trazer beleza à vida, mas você... você não é uma rosa... — Stephanie não se move. — Apenas vai embora e me deixa em paz.

— Michael...

— VAI EMBORA! — Estouro, não aguento mais isso, minha cabeça está fodida demais para ter que lidar com uma lunática. — Apenas vai embora!

— Eu vou te ajudar a passar por...

— Você não vai! — Sofia interrompe. — Cansei de você e do seu mi mi mi. Não vai sair por bem, então vai sair por mal. — Ela avança em Stephanie, segura seu braço e a arrasta para fora.

— Você está louca? — Stephanie grita, desvencilhando de Sofia.

— Louca eu? — Sofia solta uma risada sarcástica, ajeitando seus cabelos. — Você nunca me viu louca. Se continuar, pode ter certeza que sua cara estará sendo arrastada nesse asfalto em menos de segundos. Aí sim, você vai ver uma louca!

Stephanie rosna de raiva, dá um passo na direção de Sofia, mas para quando entro no meio.

— Não ouse tocar um dedo na minha esposa.

— *Esposa?! Vai deixar essa mulher falar dessa forma comigo? Eu dei tudo de mim, foram seis anos, Michael, seis anos...*

— De puro tormento. — Completo esfregando meu rosto. — Por favor... vai embora! — Imploro já não conseguindo mais lidar com isso.

— Eu vou, mas isso não vai ficar assim! — Diz, voltando para sua moto e partindo, eu apenas volto para dentro, caminhando em direção ao escritório, louco para ficar sozinho.

Abro a porta e congelo, assim como o resto da loja, ele também está destruído, ainda tinha esperanças de que pelo menos meu escritório permaneceria intacto. Meus projetos e designs todos destruídos. Desespero me sufoca ao pensar nos meus clientes. Soco a parede e me deixo cair no chão, enterrando o rosto entre as mãos.

— Ei! — Sofia agacha à minha frente, sua voz calma e suave aquece minha alma. — Vamos dar um jeito!

— *Um jeito?* — Sussurro, escorando a cabeça na parede. — Está tudo fodido... pesado...

— Você não precisa carregar tudo sozinho, sabia? — Olho para ela. — Pode dividir comigo, sou bem forte! — Um nó se forma na garganta. — Podemos reconstruir tudo isso e fazer com que fique ainda melhor.

— Como? — Ela se aproxima mais, seguro sua cintura e a trago para meu colo.

— Ao vencer a corrida do GP, você paga a dívida de Arthur. — Sofia acaricia meu rosto. — O prêmio da segunda corrida que é de Motocross, fica todo para a recuperação da loja.

— E se eu perder?

— Você não vai perder, confio em você e estarei te esperando na linha de chegada. — Ela se inclina colando a testa na minha e roçando os lábios nos meus. — Michael, alguns capítulos ruins não significam que sua história

acabou, vire a página e continue.

Afasto seus cabelos e fecho meus olhos quando mordo de leve seus lábios, ainda mais apaixonado do que antes.

— Você estará sempre na minha história? — Sussurro através do beijo que lhe dou... seu sabor, seu cheiro e calor é tudo o que necessito neste momento.

— Até o meu último suspiro... — Murmura, retribuindo o beijo com intensidade.



Me afasto da mesa quando Eduardo entra no meu escritório com uma pasta na mão, seus olhos descem por meu corpo, me analisando.

— Sofia! — Balbucia, me fazendo rir. — Está um arraso...

— Michael vai gostar? — Pergunto, insegura.

— Não tenha dúvidas.

Sorrio um tanto ansiosa para a corrida de mais tarde, queria ter ido junto com Michael, mas infelizmente tive que vir trabalhar, não posso ficar tantos dias, afastada da empresa quando tem muitas coisas para resolver. Entretanto, em meio a correria que será meu dia, decidi ficar arrumada, escolhendo uma saia vermelha e uma blusa escura de mangas com botas de salto até os joelhos.

— Você trouxe? — Me aproximo de Eduardo.

— Está tudo pronto, precisa apenas da assinatura.

— Ótimo. — Vou até o telefone e ligo para Jane que atende quase imediatamente.

— Sim, dona Sofia?

— Preciso que chame David para minha sala.

— *Claro.* — Finalizo a ligação e olho para meu primo que me lança um sorriso sem brilho.

— Você quer ir comigo, ver Michael correr? — Edu fica me olhando por alguns segundos, ponderando meu convite. — Vai ser legal!

— Acho que...

— Vamos lá, o que você fará hoje? — Ele dá de ombros, desviando o olhar. — Tem compromisso?

— Não...

— Então está feito, você vem comigo. — Edu abre a boca para protestar. — Não aceito recusa! — Ele solta um suspiro derrotado.

Seus olhos se prendem nos meus, há dias que sinto o quanto está distante e com um olhar triste, desde que se separou da sua namorada ele ficou mais recluso. Se houve traição eu não sei, mas conheço perfeitamente a dor da solidão por ter convivido com ela por um tempo.

— Como está... sua irmã? — Pergunto sem graça, embora eu queira esfolar sua cara, ainda me preocupo com ela.

— Levando...

— E a tia? — Ele dá de ombros, assim como Camila, Eduardo não se dá muito bem com sua mãe.

— Ela falou que está vindo passar uns tempos com a gente. — Ele recosta na mesa, contrariado. — Eu queria que ela permanecesse no Brasil, não vou suportar toda pressão que ela nos coloca.

— A tia é chata mesmo. — Resmungo, olhando para porta quando é aberta.

— Preciso de um tempinho. — Assinto para Leticia que entra em seguida, contorno minha mesa e me sento quando ela estende alguns papéis sobre ela.

— O que é isso?

— São os projetos e estratégias para a manifestação contra os maus-tratos e a conscientização de adotar animais idosos. Criei também algumas ideias para que possamos ficar em destaque, chamando mais atenção para a

Martin.

Analiso cada ideia de banners e propostas de distribuição de sachês de ração úmida e petiscos para promover nossos produtos.

— Ficaram ótimos, discretos os cartazes, mas, ao mesmo tempo chamativos.

— Exato, deixei essa pegada, porque o pouco é mais. — Levanto o olhar e assinto para ela, que sorri. — Eu também pensei que talvez se liberasse todos os funcionários para participarem da manifestação, deixaria claro o compromisso da Martin. Tudo indica que será a maior manifestação em prol dos animais que os Estados Unidos já teve, vai ser muito importante nossa presença.

— Seria interessante, mas está no final do mês e temos tantas coisas para ajeitar e... — Me calo quando seu olhar suplica por isso, inspiro fundo e assinto, podemos repôr o dia perdido depois, os animais são importantes demais para Martins. — Feito!

— Maravilha! — Leticia sorri animada. — Contratei fotógrafos para registrar tudo, já tenho até planos para as novas propagandas.

— Você é incrível, vai me surpreender. — Olho pela janela, batucando minhas unhas sobre mesa.

— Está tudo bem?

— Só ansiosa. — Respondo, me levantando. — Nervosa também.

— Por quê? O que ouve?

— A pista... — murmuro me aproximando da janela — os motores, a velocidade... é como libertar a alma aprisionada e estou prestes a ver um pássaro sair da gaiola e ganhar o céu.

— Hum... fiquei confusa.

— Michael irá correr hoje. — Eduardo responde por mim. — Por isso ela está tão filósofa.

— Você tem compromisso? — Olho para trás, cravando meus olhos nos dela. — Gostaria de nos acompanhar?

— Na corrida? — Pergunta, um pouco surpresa.

— Sim...

— Ah não! — Leticia faz uma careta. — Passo essa, tenho muito trabalho e... não vamos fortalecer esse vínculo. — Ela diz, tropeçando com as palavras. — Preciso voltar ao trabalho. Boa sorte ao Michael! — Aceno de leve antes dela se virar e sair.

— Só seremos eu e você, Edu!

— É o que parece... — Murmura. — Vou pegar um café, já volto. — Ele sai do escritório, inspiro fundo sentindo meu coração palpitar de nervoso. Fico tentada a ligar para Michael, mas me contenho, ele deve estar treinando nesse momento.

— Me chamou? — David me acorda do transe, meu coração acelera ao lembrar dele me agarrando à força.

— Sim... — Limpo a garganta, minhas mãos tremem um pouco e um calafrio percorre minha espinha.

— Precisamos conversar sobre aquele dia...

— Não temos nada a conversar, você já deixou claro quem é de verdade. — Digo com amargura, ele me lança um olhar que nem aqueles cachorros precisando de carinho, estremeço.

— Sofia... — Ela dá um passo à frente, eu recuo. — Exagerei...

— Fiquei longe da Martin esses três dias porque precisava me recompor. — Digo, cortando-o. — Está acontecendo muitas coisas desde que entrei nessa empresa.

— Você está bem? — Pergunta com a voz doce, o mesmo tom de voz que fazia toda minha raiva desaparecer quando brigávamos.

— Estou sim, obrigada. — Paro em frente à mesa e o encaro. — Eu te chamei aqui não para discutirmos algo pessoal, embora isso seja por motivos pessoais...

— Está falando como a CEO da Martin? — Fito seu rosto cheio de hematomas da briga.

— Estou falando como a CEO e como Sofia. — Respondo, inspiro fundo e estendo um papel em sua direção. — David Daley, essa é sua carta de

demissão.

Engulo em seco quando seus olhos se prendem nos meus, vejo confusão, indignação, assombro e compreensão, tudo em menos de segundos ou seriam horas?

— Como?!

— Estou te demitindo da Martin. — Falo com mais clareza. — Eu tentei ser amigável, pedi para não misturarmos o pessoal com o profissional, te falei que não iria mais voltar para você... não me ouviu, me agarrou sem a minha permissão... você me desrespeitou David. Não irei permitir que me viole dessa forma, e depois fingir que nada aconteceu.

— Sofia... — Fecho meus olhos, tentando controlar a bagunça dos meus sentimentos.

— Eu tentei David, todos sabem o quanto tentei te dar uma chance aqui na Martin, porque não achei justo te demitir depois de tantos anos. — Umedeço meus lábios, soltando um suspiro longo. — Suas atitudes não dão margem para perdão, então quero que se afaste.

— Eu errei... de novo... — Olho para ele, seus olhos adquirem um azul cristalino por causa das lágrimas. — Me perdoa meu amor... é que... é que... porra, está sendo difícil demais ficar longe de você...

— Preciso que assine. — Corto seu teatro.

—E se eu não assinar? — Sua voz sai gélida, sinto outra vez calafrios espalhar por meu corpo, lágrimas escorrem por seu rosto, mas não vejo tristeza e sim, um homem frio.

— Entrarei com um processo contra você. — Falo, arrasto o documento até ele do outro lado da mesa. — Acredito que não queira ser processado por assédio sexual, certo?

— Você tem como provar? — Estreito meus olhos em pura confusão, David solta uma risada. — Não acredito que está sendo tão suja...

— Eu *suja*? — Fico paralisada quando suas palavras me invadem.

— Você me traiu e me trocou no altar, ficou o tempo todo me humilhando na empresa me fazendo sentir inferior e agora me acusa de

assédio sexual quando você mesmo pediu? — Minha boca se abre em choque. — Não sei porque ainda corro atrás de você, isso só mostra o quanto é uma mulher vazia, sem escrúpulos que gosta de ter todos sob seus pés...

— David, você está delirando. — Balanço a cabeça sem acreditar no que estou escutando.

— Não estou delirando, estou enojado de ter tocado em você. — Ele se cala com a respiração acelerada, comprimo meus lábios e de repente começo a rir da sua cara, não acredito que ele está sendo tão ridículo.

— Certo! — Engulo o riso, coloco a caneta em cima do papel e cruzo os braços. — Assina, assim podemos viver nossas vidas longe um do outro.

— Não vou assinar. — Declara, afrouxando sua gravata.

— Então preferirá o processo?

— Você não pode fazer isso, sei dos podres dessa empresa e tenho poder suficiente para derrubá-la. — Ameaça, com o rosto avermelhado de raiva.

— Vai em frente, estarei preparada, desde que isso signifique que não cruzarei com você todos os dias, estarei feliz em lidar com isso.

— Sofia... Sofia... você não me conhece...

— Saia da minha empresa e nunca mais ouse colocar os pés aqui. — Digo, pegando o telefone. — Não tenho medo das suas ameaças...

— Deveria ter. — Sinto suas palavras me atingirem, estou com medo do que ele pode fazer, mas não abaixarei a cabeça.

— Jane, mande-os entrar. — Ordeno assim que ela atende, devolvo o telefone no gancho. — Não se preocupe, suas coisas pessoais estarão na sua casa. — A porta se abre, quatro homens grandes com ternos escuros entram e vão em direção ao David.

— Mas o que é isso? — Grita quando os seguranças agarram seus braços. — Me soltem seus desgraçados!

— Você está demitido David Daley, não tem permissão para levar nada da empresa e muito menos voltar aqui, toda a negociação, os pagamentos dos seus direitos serão feitos através do advogado da Martin. — Sorrio para

David, vitoriosa por me livrar dele. — Boa sorte na vida.

— Não pode fazer isso...

— Podem o levar. — David rosna e grita de ódio enquanto é retirado da minha sala.

— É... isso que é ser demitido com estilo. — Eduardo zomba ao entrar com dois cafés nas mãos, deixo-me cair na cadeira, sentindo meu coração disparado e pernas bambas.

— Céus, me borrei. — Eduardo cai na risada, apenas balanço a cabeça.

— Foi lindo vê-lo ser expulso daquele jeito. — Fecho meus olhos. — E agora? O que faremos? — Sorrio para meu primo.

— Vamos assistir Michael vencer.



— Uau! — Eduardo murmura ao meu lado encarando o lugar lotado de pessoas.

Meus olhos navegam fascinados, há todos os tipos de motos, vários pilotos com macacões de corrida com cores distintas. Mais adiante já posso escutar os motores das motos e ver a enorme pista. Ao redor há as arquibancadas com mais pessoas, todas com camisetas da equipe que está torcendo.

Enquanto eu e Edu andamos, deparamos com pilotos fazendo manobras, bancas de vários tipos de comidas e o vai e vem de homens e mulheres com fones de ouvidos.

— Para qual equipe Michael vai correr? — Eduardo pergunta.

— *Avintia Racing*. — Respondo, procurando o box. — Ela era sua antiga equipe, eles não pensaram duas vezes em aceitá-lo de volta, Michael era o melhor piloto que eles tinham.

— Onde estão?

— A equipe é espanhola, temos que procurar o box.

— Ah, isso explica porque fala tão bem espanhol. — Olho para meu primo e assinto com um sorriso.

— Estou nervosa. — Confesso, encarando seus olhos gentis.

— Se você está, imagine Michael. — Comprimo meus lábios, voltando a olhar ao redor.

— Edu? — Uma voz suave soa atrás da gente, viro dando de cara com Camila em meio aos seus amigos. — O que fazem aqui? — Seus olhos se prendem nos meus.

Eduardo fica encarando sua irmã, uma tensão paira entre nós, ela me encara com intensidade e... pavor? Franco a testa quando Camila desvia o olhar.

— Michael vai competir. — Edu responde, quebrando o gelo.

— Seu esposo? — Camila indaga, tirando seus longos cabelos do rosto.

— Ele é piloto. — Ela assente devagar, sem dizer mais nada.

— Para qual equipe?

— Avintia Racing.

— Eles são bons... — Murmura, mordendo o lábio inferior. — Boa sorte para ele.

— O que faz aqui? — Eduardo remexe com um pouco de desconforto.

— Um amigo vai correr. — Ela responde vagamente. — Preciso ir. — Camila cutuca sua amiga que está ao seu lado e balbucia para os outros três que estão atrás dela antes de partirem em direção oposta à nossa.

— Esqueci que ela é apaixonada por motos. — Digo, encarando-a se afastar.

— Voltou então, porque ela estava desencantada. — Estreito meus olhos para Edu.

— Ela me disse que David terminou com ela, talvez tenha sido vítima dele assim como eu fui.

— Um babaca escroto. — Amaldiçoa com raiva e aponta para frente. — Olha lá, The Sanches estão aqui. — Sigo com os olhos e avisto um grupo de no mínimo vinte motoqueiros e suas esposas, Araci se destaca com seus cabelos verde limão.

— Sim, a família dele. — Murmuro caminhando na direção deles.

— Aí está você! — Araci vem até a mim com um sorriso nervoso. — Aqui está sua credencial, você poderá ficar junto com a equipe durante a corrida. — Ela me entrega e olha para Eduardo.

— Esse é meu primo...

— Eduardo? — Os olhos dela percorrem o corpo de Edu, avaliando-o com cautela.

— Sim, sou eu. — Ele estende a mão e Araci assente, recusando seu cumprimento. — Muito prazer.

— Aqui está a sua também, Michael disse que você viria. — Edu agradece um pouco sem graça.

— Ei princesa! — Levanto o olhar ao escutar sua voz. — Pensei que não iria vir mais. — Mason me abraça apertado, solto um gemido quando me espreme, me fazendo rir quando me solta.

— Tive que resolver alguns assuntos na empresa. — Aponto para Edu. — Esse é meu primo, Eduardo. — Diferente de Araci, Mason o cumprimenta com um abraço caloroso, fazendo suas bochechas ficarem vermelhas.

— Daqui a pouco começa a corrida, podem ir na frente. — Araci diz, se despedindo com um pequeno aceno.

— Até mais. — Mason e ela voltam para o círculo de motoqueiros que em seguida começam a se encaminhar na direção das arquibancadas.

— Ela é meio apavorante. — Resmungo Edu.

— Araci é sistemática, diferente de Mason que tem a pinta de todo machão, mas quem comanda mesmo é ela. — Gesticulo para seguirmos em frente.

— Ela não vai ficar com a gente?

— Acho que não, acredito que ficará com o Moto Clube para torcer por Michael com todos juntos.

— Entendi...

Demoramos praticamente dez minutos para acharmos a equipe Avintia,

meu coração fica ainda mais acelerado quando apresento a credencial ao segurança que permite nossa entrada.

Aperto o crachá quando vários olhos se voltam para mim, são homens mais velhos e experientes, todos estão com camisetas preta e branca com as logomarcas dos patrocinadores do torneio e com fones de ouvido profissional.

O box tem várias Tvs com imagens de diferentes ângulos da pista, há algumas motos do lado de fora, pneus e equipamentos que não faço ideia da sua finalidade. Alguns homens estão em volta das motos, acelerando, arrumando e trocando os pneus, acredito que sejam os mecânicos.

— Sofia? — Viro para o lado. — Finalmente chegou. — Sorrio para Arthur que se aproximar de mim.

— E Michael? — Pergunto, ansiosa para vê-lo.

— Atrás de você. — Olho para trás, mas não o vejo, franzo a testa. — Na tela da tv.

Levanto meu olhar fixando no piloto que corre solitário pela pista, vestido com um macacão preto cheio de símbolos. No lado direito da tela marca a velocidade e o tempo de corrida. Michael voa pela pista, se inclinando para o lado ao virar na curva quase tocando o joelho no chão, vê-lo correr desperta uma emoção inexplicável em meu coração.

— É ele mesmo?

— Sim. — Arthur confirma, não consigo desprender meus olhos dele até cruzar a linha, tirando aplausos de toda a equipe. Olho em volta, confusa. — Ele precisava percorrer a pista com o menor tempo para garantir seu lugar na largada. — Explica Arthur.

— Ele conseguiu uma boa colocação?

— Ficou em oitavo, o que é ótimo.

— *Eres la bella esposa de Michael?* — Um homem alto e loiro na faixa dos 40 anos estende a mão em minha direção. — *Chico suerte!*

— Muito prazer, senhor...

— *Mi nombre es Antônio niña.* — Aperto sua mão, ele cumprimenta

Eduardo logo depois. — *Bienvenido a Avintia.*

— Antônio é o treinador e responsável pelos pilotos. — Esclarece Arthur, resmungando quando Antônio bate nas suas costas.

— *Diverte-te!* — Diz, encaminhando para fora quando a moto de Michael se aproxima.

Contorço minhas mãos e prendo a respiração quando ele retira o capacete prestando atenção nas instruções de Antônio. Michael tem os cabelos um pouco bagunçados e está lindo no macacão escuro, tão perfeito que tenho certeza que todas as mulheres que o estão vendo, estão sem ar, assim como eu.

Eduardo engata uma conversa com Arthur e outros homens da equipe, meu coração está acelerado querendo que Michael se vire para mim e note que estou aqui por ele, preparada para vê-lo vencer.

— Sofia Martin? — Sobressalto quando uma mulher baixa, bem vestida e maquiada para à minha frente.

— Sim, sou eu! — Ela sorri e estende a mão.

— Me chamo Nina, repórter esportiva da RTVE, gostaria de me conceder um pouco do seu tempo para uma pequena entrevista? — Seus olhos brilham de entusiasmo, olho para Michael que ainda está recebendo instruções e assinto concordando.

— Claro, será um prazer, apesar de não entender nada de como funciona a corrida. — Nina solta uma risada animada e me leva para fora.

— Não se preocupe. — Ela me tranquiliza e começa a entrevista, perguntando um pouco da minha empresa, do meu relacionamento e da minha expectativa da volta do Michael às pistas. Nina é divertida e simpática me deixando confortável na entrevista que levou pouco mais de uns cinco minutos. — Muito obrigada Sofia, desejo muita sorte para seu esposo.

— Obrigada. — Nina se afasta, solto um suspiro e congelo ao sentir sua presença forte atrás de mim, fazendo meu coração acelerar.

— Eu estava te procurando. — Fecho meus olhos quando sua voz rouca navega por meus ouvidos, me arrepiando como nunca.

— Você estava ocupado. — Me viro, encontrando com seu olhar intenso e sorriso manso.

— Você está linda...

— E você está um charme com esse mac...

Michael me cala ao colar sua boca na minha, suas mãos seguram firme minha cintura, fazendo meu corpo grudar no seu. Envolver meus braços em volta do seu pescoço, tentando eliminar o espaço que tende a nos separar.

É um beijo carregado de paixão, Michael se desvencilha dos meus lábios com a respiração tão acelerada quando a minha.

— Está nervoso? — Pergunto, acariciando seus cabelos.

— Muito, mas você está aqui. — Sorrio, me afastando para olhar melhor seu rosto.

— Vai dar tudo certo, é só acreditar. Eu sei que você é capaz. — Michael inspira fundo e assente.

— *Michael, es hora.* — Antônio grita.

— Boa Sorte, eu te amo! — Sussurro com a voz carregada de emoção, seus olhos brilham e ele me beija antes de seguir atrás de Antônio.

— Está pronta para assistir nosso menino vencer? — Araci se aproxima com Mason ao lado, assinto feliz por estarem aqui.

— Com toda certeza. — Mason contorna seu braço ao redor dos meus ombros e me guia para dentro, avisto uma moto ser levada até Michael, todos estão agitados, falando ao mesmo tempo, paro ao lado de Eduardo que segura minha mão com força.

— Olha para o lado esquerdo. — Ele diz, sigo na direção e sorrio ao ver o box da equipe do Brasil.

— Quando é que iremos visitar nosso país, Edu? — Pergunto com os olhos fixos neles, que assim como a Avintia, estão todos agitados.

— Espero que seja logo.

Enquanto assisto eles se prepararem, vou percebendo um pouco de nervosismo entre eles, principalmente dos pais de Michael. Um rapaz

chamando Alejandro me entrega um fone, explicando que é por onde escutarei o narrador do torneio e assim poderei acompanhar melhor toda a corrida.

Ajeito em meus ouvidos e olho para Michael, que está congelado enquanto encara um homem alto e com terno à sua frente. Sinto o corpo de Arthur enrijecer ao meu lado e o cutuco.

— O que foi? — Ele esfrega os lábios parecendo ter visto um fantasma.
— Quem é aquele homem?

— Fuentes. — Responde, franzo o cenho, voltando a observar Michael que parece estar mais calmo.

— Porque estão tensos?

— É que ele é... — Sobressalto com o tapa forte, que Araci da na nuca de Arthur. — Aí mãe, qual é? — Ele resmunga, esfregando o local.

— Você é um idiota! É meu filho mesmo? Porque não é possível ser tão sem juízo desse jeito! — Arregalo os olhos, assustada com sua raiva, ela inspira fundo e me olha.

— Desculpa meu amor, é que Arthur é um idiota na maior parte do tempo. — Assinto, não convencida da desculpa. — Aquele homem conversando com Michael é um empresário do ramo esportivo muito importante, por isso ficamos surpresos em vê-lo por aqui.

— Ah tá... — Murmuro, o local onde ela acertou Arthur está em vermelho vivo. — Acho que vai ficar um hematoma. — Caçoo dele sem conseguir segurar minha risada, ele apenas revira os olhos.

— Céus Araci, você tem que parar de bater nesses meninos. — Mason fala baixinho, a repreendendo. — Daqui uns dias você vai arrancar os miolos ou a cabeça inteira deles.

— Quando pararem de serem idiotas, eu paro de bater. — Mason apenas inspira fundo, lanço um olhar divertido para Arthur que retribui na mesma intensidade, reprimindo uma risada.

O homem se despede e se afasta de Michael, levando com ele toda a tensão. Edu esfrega minhas mãos geladas, Antônio dá um sinal de positivo para Michael que coloca o capacete e me encara.

Seu olhar se prende nos meus, vejo seu receio e medo, principalmente por Marlon não estar aqui com ele, mas assinto de leve e sussurro um eu te amo para deixar claro que estarei aqui até o final. Ele pisca um olho e desce a viseira do capacete, acelerando em direção à largada.

Solto um suspiro longo e nervoso, meu coração está tão acelerado que minhas mãos estão congeladas, tirando o fato do meu estômago está se contraindo, como se eu estivesse com dor de barriga, o bom é que ainda estou conseguindo me controlar, só não sei até quando!

Meus olhos se prendem na tv à minha frente com o locutor iniciando a corrida. Michael se posiciona na oitava posição, junto com os doze pilotos de equipes diferentes, engulo em seco e aguardo a bandeira.

— *Mantén la calma, al principio no debes que te toquen.* — Instrui Antônio, um pouco distante de mim.

Cruzo as mãos e as levo à boca quando começa a contagem regressiva. A bandeira verde desce e eles arrancam atrás de um carro. Todos os pilotos se amontoam sem poderem fazer as ultrapassagens, mantendo a posição.

A primeira volta parece uma eternidade até que o carro sai do caminho, a bandeira balança e começa a competição. Eles voam pela pista com uma velocidade absurda, começo a morder minha unha de nervosismo.

— Puta que pariu! — Arthur xinga quando um dos pilotos toca de leve a moto do seu adversário, perde o controle e é jogado para cima, se arrastando por vários metros até conseguir parar, sua moto sai desmontando enquanto capota pela pista.

Michael se mantém firme, Antônio pede para que ele aguarde o momento certo, sempre em contato com seu piloto. Meu coração bate acelerado e um caroço se forma na garganta de apreensão.

Mais dois pilotos são eliminados ao baterem um no outro, quando eles se recompõem partem para briga, indignados pela falta de atenção e pela eliminação que ocorreu de modo injusto.

— *Michael, necesitas seguir adelante.* — Aperto minhas mãos, Edu xinga assustado quando o piloto do Brasil cai logo atrás de Michael, a moto o joga longe, passando por cima dele, segundos depois. Os socorristas correm

até ele que parece ter se machucado.

— Será que ele vai ficar bem? — Pergunta, apreensivo.

— Acho que sim, Edu. — Confirmo, querendo acreditar em minhas próprias palavras.

— *Michael, hora de ganar posición.* — Assim que Antônio informa, Michael acelera ficando lado a lado com o piloto número 10 do Japão.

Eles brigam pela quinta posição, felizmente Michael é paciente, espera o momento certo e quando chega na linha reta, ele ultrapassa em alta velocidade seu adversário, fazendo todos vibrarem com a linda ultrapassagem que fez.

Mordo meu dedo incapaz de controlar meu nervosismo, meus olhos se enchem de lágrimas quando a emoção de vê-lo fazendo aquilo que sempre sonhou me toma em cheio. É às pistas que Michael pertence... é pilotando em alta velocidade, como se não houvesse limites que é o seu lugar.

Farei de tudo para que ele sempre esteja nas pistas, estarei esperando-o sempre do outro lado da linha de chegada, pronta para amá-lo como sempre mereceu.

Aperto meus lábios, assistindo-o chegar mais perto do terceiro piloto. Faltam apenas cinco voltas, ele precisa acelerar para conseguir a primeira colocação, chegou o momento do tudo ou nada.

Sinto o clima da sala ficar apreensivo com a proximidade do final, Michael é como um foguete, destemido na pista. Engulo em seco, meu coração salta quando um piloto quase encosta na sua traseira, mas ele consegue se afastar. Solto um suspiro um pouco aliviada, mas logo é substituído por terror quando sua moto começa a balançar e de repente Michael perde o controle e é jogado para cima, caindo com tudo no chão em um baque.

— Cacete! — Arthur amaldiçoa, fico congelada vendo-o se arrastando por metros na pista preso na moto. Michael tenta se desprender antes que atinja a parede, mas é inevitável a colisão.

Sobressalto quando junto com o peso da moto atinge a parede, meu coração para com medo de algo sério ter acontecido, os socorristas correm

em sua direção quando seu corpo não se move. Estou em choque sem conseguir agir.

Antônio o chama pelo comunicador, xinga quando não obtém a resposta, fico encarando a tv, rezando para que cheguem logo até ele. Dou um passo para frente quando a moto começa a sair fumaça, Michael rola para o lado visivelmente tonto tentando se afastar.

— Ela vai explodir!

— O quê? — Arthur pergunta confuso, aponto para a tv.

— A moto... ela... ela... — Não consigo completar a frase antes dela explodir, tirando um grito de horror da minha garganta.

Levo as mãos trêmulas à boca, sufocando o grito e o desespero, seu corpo imediatamente fica coberto pelas chamas, ele se levanta apressado, dou um passo para frente com intuito de correr até ele, mas alguém me segura firme, meus olhos estão cheios de lágrimas enquanto assisto com aflição o homem que amo em chamas.

— Não... não... não... — Murmuro tentando me desvencilhar.

— Fica calma, as roupas vão protegê-lo. — Alguém diz na tentativa de me acalmar, o que não surte efeito.

— Apaguem o fogo dele... — Peço com tanta dor, que minha voz sai como uma súplica através do medo de vê-lo morrer... meus pais se foram, não posso perder Michael...

Paro de me debater quando os socorristas o alcançam com um extintor de incêndio, solto um suspiro de alívio quando o fogo é apagado. Michael retira o capacete e o joga no chão, totalmente alterado. Ele grita, chuta o capacete longe e sai andando apressado. Seu macacão está um queimado, mas parece que não está machucado.

Olho para Araci que me segura, era ela o tempo todo me impedindo de correr até ele. Lágrimas escorrem por meu rosto, ela as limpa com carinho e me leva para fora.

— Michael não vai vir aqui. — Assinto, ele está derrotado demais, principalmente por não ter vencido o torneio para pagar a dívida do irmão. — Ele vai para outro lugar.

Olho para Michael em meio à multidão, se afastando de corpo e alma assim como eu o vi pela primeira vez, mas não irei permitir que se afunde na dor e no fracasso, estarei lá por ele, segurando sua mão e dizendo o quanto ele é incrível.

— Eu preciso ir atrás dele. — Viro para Eduardo e peço as chaves do carro emprestado, ele me entrega, tão assustado com a situação quanto eu.

— Vai querida, ele precisa de você. — Diz Mason, esfregando minhas costas. Arthur me oferece um aceno, viro e começo a andar, congelando quando Stephanie para diante de mim, com um sorriso diabólico.

— Você não conhece Michael! — Ela afirma com confiança, enrugando o nariz de ódio. — Por esse motivo que eu detestava vê-lo nas pistas.

— É o sonho dele...

— Sonho que pode matá-lo. — Balanço a cabeça, ela é muito tosca.

— As pistas, é o seu lugar! Pode ter certeza que garantirei que ele nunca se afaste. — Volto a andar, mas paro quando Stephanie segura meu braço, fincando suas unhas afiadas na minha pele. Levanto a cabeça um pouco para encarar seus olhos.

— Você está na vida dele há quanto tempo? Pouco menos de quatro meses? — Ela solta o ar pelo nariz, umedecendo os lábios. — Você não conhece Michael, nem sabe para onde ele vai quando está nesse estado.

— Você está enganada, conheço ele muito mais do que você o conheceu nesses seis anos que estiveram juntos. — Com a minha outra mão, retiro seus dedos do meu braço, me soltando. — Sei perfeitamente para onde ele vai.

— Onde? — Pergunta, arqueando uma sobrancelha.

— Para nossa casa. — Sorrio, encarando-a com desprezo. — Para o lugar onde será amado por inteiro. — Não espero que retruque, apenas passo por ela esbarrando em seu ombro e indo na direção do homem ferido e em cacos.



Paro o carro em frente a sua moto, por alguns segundos, cogitei a possibilidade de que ele não viria para casa, mas ele veio. Não perco mais tempo e entro apressada, subo as escadas correndo e diminuo os passos quando chego em frente ao seu quarto, com cuidado abro a porta e escuto o barulho do chuveiro.

Me encaminho até o banheiro, empurro com cuidado a porta entreaberta e o vejo com as mãos na parede e cabeça baixa enquanto água jorra do chuveiro. Ele está com o macacão até a cintura, seus músculos estão tensos, e mesmo sem ver seu rosto, sinto o quanto está derrotado.

— Michael? — Chamo com a voz baixa, ele não me responde.

Inspiro fundo e vou até ele sem me importar de me molhar, passo por baixo do seu braço e fico entre eles. Engulo em seco quando ele levanta a cabeça e me olha com tanta intensidade que espalha tremor por meu corpo.

— Oi... — Sussurro, ele apenas me fita com um olhar vazio. — Foi apenas o começo...

— Você está pronta? — Michael me corta com a voz sussurrada, engulo em seco mais uma vez e umedeço os lábios, seus olhos vão direto para minha boca.

— Pronta para quê?

— Para se tornar minha. — Antes que eu reaja as suas palavras, Michael captura minha boca em um beijo feroz, fico paralisada por alguns segundos antes de envolver meus braços em seu pescoço.

Ele entrelaça a mão em meus cabelos e os puxa enquanto sua língua explora minha boca. Meu coração bate acelerado quando ele me puxa para seu corpo forte, desço as mãos por seu pescoço, ombros e braços com o desejo pulsando em cada parte do meu interior.

Quero poder tirar toda a escuridão que está dentro do seu coração, vê-lo tão perdido me deixa congelada em uma estrada sem conseguir caminhar. É como esperar na linha de chegada sem um vencedor. Quero ser a mulher que sempre buscará abrigo, aquela que fará com que nunca desista dos seus sonhos... aquela que estará à sua espera todos os dias ao chegar em casa.

Michael desvencilha nossos lábios com a respiração acelerada, seus olhos se prendem nos meus me fazendo sentir um turbilhão de sentimentos e a certeza de que quero ele para o resto da minha vida, nos momentos ruins e nos bons, enfrentando o mundo e as dificuldades... sempre um do lado do outro.

Fecho meus olhos quando ele se aproxima, roçando seu nariz por minha bochecha em uma carícia, cheia de significado e desejo ardente. Seus lábios deslizam pelo pescoço, mordo meu lábio inferior quando Michael mordisca de leve minha pele, suas mãos descem por meu corpo enquanto sua boca explora meu pescoço.

Ele segura a barra da minha blusa encharcada e a tira, prendo a respiração sentindo as pontas dos seus dedos navegarem ao redor dos meus seios. O toque suave dos seus lábios nos meus é sedutor, suas mãos sobem por minhas costas, espalhando arrepios até retirar meu sutiã e pressionar seu corpo contra o meu. Solto um suspiro sentindo sua pele de encontro com a minha.

— Seja minha... — Ele sussurra entre meus lábios. — Somente minha... — Michael me pega no colo e nos tira do banheiro.

— E você, Michael? — Pergunto quando me deita na cama, ele sustenta os braços ao meu lado. — Vai permitir que eu entre em seu coração? — Seus olhos brilham enquanto ele curva o canto da boca em um sorriso.

— Me sinto exausto... — Murmura, acariciando seus lábios nos meus.
— Exausto de me sentir sozinho, de caminhar sozinho... de suportar tudo sozinho...

— Isso antes de eu te pedir em casamento. — Michael sorri, fazendo meu coração disparar. Entrelaço minhas mãos em seus cabelos molhados, fascinada com a sensação de paz que ele me faz sentir.

— Caminhe comigo até a linha de chegada... — Pede, deixando meus olhos se encherem de lágrimas.

— Só até a linha de chegada? — Michael nega com a cabeça.

— Até meu último suspiro. — Ficamos encarando um ao outro por alguns segundos, entrando no coração e se alojando no lugar em que pertencemos, porque o destino é uma caixinha de surpresas, sempre unindo corações feridos.

Cada toque de suas mãos me faz viajar por sensações únicas. Meu coração bate descompassado ao lembrar de tudo o que vivemos até agora... de tudo o que tivemos que passar, do nosso primeiro encontro, das primeiras palavras trocadas, dos sorrisos dado, das trocas de olhares e do instante em que nos vimos apaixonados até chegar aqui, no momento em que nós, nos entregaremos um para o outro.

Michael se afasta e tira minhas botas, suas mãos fortes sobem por minhas pernas e ele retira o resto das minhas roupas. Mordo meu lábio quando seus beijos vão subindo até chegar na minha pele fervente e pulsante por ele. Curvo as costas sentindo-o me explorar com calma, fazendo-me transbordar de prazer.

Seus lábios percorrem as curvas do meu corpo, mordiscando minha pele, me enlouquecendo e aflorando meus desejos insanos. Michael me pressiona e seu cheiro me invade. Arranho suas costas querendo que nada nos impeça de nos unir como um casal.

Coloco as mãos em seu peito, gotículas de água dos seus cabelos caem em meu rosto, ele as limpa com os lábios, me provocando, desço até segurar seu macacão em um pedido silencioso para que o tire.

Michael me olha com um brilho divertido nos olhos, se arrasta para

fora da cama e me dá o que sempre quis ver, a visão que sempre desejei ter... a visão do seu corpo despido por inteiro... sem pudor. Inspiro fundo quando sem esperar por mais nenhum segundo avança em minha direção, se encaixando entre minhas pernas com seu membro pulsante de desejo.

Engulo em seco e solto um gemido quando mais uma vez me beija como se tudo o que ele precisa fosse me sentir. Sua língua viaja sedutoramente por minha boca em uma dança provocante. Mordo seu lábio inferior, arranhando um pouco mais suas costas quando ele pressiona o membro contra mim, suas mãos apertam minhas nádegas deixando claro que está prestes a explodir, que nada mais o segurará daqui mais alguns segundos de provocações.

Mas Michael não quer que tudo isso acabe tão rápido, ele quer provar cada pedacinho. Seus músculos se contraem e seus beijos descem pelo meu queixo, pescoço e clavícula, arrepiando cada parte de mim. Seus lábios macios e o roçar da barba contornam ao redor dos meus seios, lentos, molhados e sagazes.

Engulo em seco e finco as unhas em seus ombros quando mordisca de leve meu mamilo, fecho os olhos ao senti-lo fazer o mesmo com o outro. É absurdo a maneira que ele desperta em mim, os instintos mais insanos, o prazer que sinto é como as batidas de músicas, vibrantes, empolgantes e envolventes.

Sua língua contorna meu umbigo, deixando pelo caminho arrepios. Sua respiração em minha pele me deixa em brasas. Prendo o ar e agarro os lençóis quando sua língua acaricia minha intimidade pulsante, meu ventre se contrai e mordo meu lábio, reprimindo o gemido ao sentir seus dedos entrarem dentro de mim, me explorando... me conhecendo...

Envolvo minhas mãos em seu rosto e o trago para mim, capturando seus lábios, suas mãos percorrem meu corpo, me apertando forte, arranhando com delicadeza, me sentindo... me provocando...

Nossa respiração se mistura, nossos corações estão em sintonia... tudo é abafado, nossas ressalvas e nossos medos são silenciados, porque nesse instante somos tomados pela paixão avassaladora.

— Sofia... — Mordo seus lábios, sentindo meu interior vibrar por causa

da sua voz rouca e intensa. — Você é linda... — Michael me encara, penteando meus cabelos para tirá-los do meu rosto. — Tão linda que nem acredito que tenho você em minha vida.

— O destino me levou até você vestida de noiva e tudo mais. — Ele solta uma risada, se encaixando entre minhas pernas, Michael beija meu pescoço e segura minha coxa.

— Eu te amo, Sofia Martin. — Sussurra em meu ouvido, um som excitante. Solto um gemido quando me penetra com intensidade, tirando todo o ar dos meus pulmões.

Michael aguarda com beijos sedutores e carinhosos por alguns segundos antes de começar a se movimentar dentro de mim de modo enlouquecedor, intenso, rápido e lento, me levando ao ápice do prazer.

Quero que ele me envolva em seus braços, que se entregue e segure minha mão em todos os momentos, que sinta a energia resplandecente que sai de nós nesse instante, do tesão irradiante por cada parte do meu corpo que pulsa por ele. Essa é a primeira de muitas noites que passaremos nos amando, fugindo do que nos atormenta até o nosso último suspiro...



Caminho em direção ao caminhão, Rubin me olha e recua um passo quando olho para dentro do baú. Se não estivesse com tanto ódio, eu até sorriria ao vê-lo lotado de todos os tipos de armas e munições.

— Como foi? — Pergunto, analisando com cuidado cada detalhe.

— O roubo aconteceu de forma tranquila, já tínhamos tudo esquematizado.

— Temos que levar para Fuentes na fronteira o quanto antes.

— Já está tudo pronto, só esperando a outra remessa da mercadoria que está com Jason. — Informa, inspiro fundo e fecho o baú.

— Se der algo errado, eu mato todos vocês. — Ameaço, andando de volta para minha moto.

Encosto nela e retiro o celular do bolso, fico encarando a foto de Michael que está de papel de parede, desejando que estivesse comigo, não com aquela sonsa. Meu sangue ferve, queria tanto poder torcer seu pescoço quando disse que sabia onde Michael estava, ela tinha tanta confiança que me cegou.

Mordo meu lábio com fúria. Procurei por ele, fui aonde sempre se refugiava, mas Michael não estava lá... porra, então quer dizer que nesse

momento ele deve estar com a Sofia... céus, como quero matá-la por ter tomado meu homem.

Disco o número de Jason e espero que me atenda, esse é outro que está cada dia mais distante e me estressando.

— *Sim?*

— Sim!? Esse é o quarto toque, onde você está? — Jason fica calado por alguns segundos, franzo a testa desconfiada.

— *Estava com a outra carga, pedi para que o Whitney levasse o caminhão.*

— Por que não você? — Silêncio outra vez, desencosto da moto. — Jason, espero que não esteja pensando besteira.

— *Estou tranquilo.* — Responde com cautela. — *Foi como você imaginou, a moto de Michael foi sabotada, me surpreende ele não ter percebido.*

— Ahhh, pode ter certeza que ele desconfia.

— *Eu descobri quem foi que sabotou ela, o mecânico pertence a Avintia, é novato, por isso foi fácil ser comprado.*

— Quem foi o mandante? — Chuto algumas ervas daninhas esperando sua resposta.

— *Um tal de David.* — Sorrio, sabia que esse cara iria me dar trabalho. — *O mecânico disse que ele deu muito dinheiro para fazer o serviço.*

— Certo, o mecânico está com você?

— *Sim...*

— Mate-o.

— *O quê?!*

— Quero que mate esse filho da puta e suma com a sujeira. — Ordeno, fazendo Jason inspirar fundo.

— *Agora?*

— Agora Jason, quero tudo arrumado antes que amanheça, porque nosso dia vai ser longo, não quero que nada dê errado.

— *Vai ter o serviço completo.* — Afirma, roço meus dedos um no outro sem sentir segurança nas suas palavras. — *Vamos levar as meninas também?*

— Não, vou arrumar outro comprador para elas. — Digo, montando na moto. — Fuentes quer as cargas, ele não se interessou pelas garotas, mas também não disse nada sobre a Sofia, o que me diz que ele vai ficar satisfeito com ela.

— *Você está indo longe demais, Stephanie...*

— E quem é você para me dizer o que devo fazer? — Reviro os olhos com impaciência.

— *Você está mexendo com gente perigosa demais...*

— Assim que entregarmos tudo para Fuentes, teremos a sua proteção.

— *Você acredita nisso?*

— Apenas faça a merda do seu serviço. — Finalizo a ligação, coloco o capacete e arranco em direção ao seu apartamento, porque tenho um assunto a resolver antes de tudo acontecer.



Aguardo até que o porteiro do prédio permita minha entrada, ele acena de leve, minutos depois, me deixando passar. Durante todo o caminho até seu andar, fico calculando o que irei fazer. Pedi... pedi não, mandei não mexerem com Michael, ele é meu, somente meu, mas não ouviram, me desafiaram.

Escoro na parede me sentindo ansiosa, David abre a porta, segundos depois de eu bater, seus olhos azuis se estreitam em um olhar desconfiado, mas oculta todos os seus sentimentos com um sorriso bonito, porque esse filho da puta é charmoso.

— Surpresa ver você por aqui. — Diz, desencosto da parede e entro sem que me convide.

— Estava jantando? — Pergunto ao me aproximar da sua mesa.

— Esperando uma pessoa. — Arqueio uma sobrancelha e mordo meu lábio. — Você... quer alguma coisa para beber?

— Liga para quem quer que seja sua convidada e cancele o compromisso. — David franze a testa. — Você vai jantar comigo hoje. — Ele fica me olhando estranho, umedeço meus lábios de modo sedutor, seus olhos se fixam na minha boca.

— Se tivesse me ligado antes, teria preparado algo mais... digno de você.

— Não se incomode. — Retiro minha jaqueta, colocando-a na cadeira, me encosto na beira da mesa e fico observando-o mandar alguma mensagem e preparar minha bebida. — Como andam as coisas?

— Normais como sempre. — David se aproxima com uma taça de vinho. Ele a estende, aceito e bebero o vinho seco.

— Podemos deixar as coisas mais... quentes. — David sorri de lado, se aproximando de mim.

— E como faria isso? — Ele coloca as mãos em cima da mesa ao meu lado, sua respiração toca meu rosto e seu cheiro invade minhas narinas.

— De uma forma divertida, David. — Dou um gole no vinho, lambendo meus lábios logo em seguida, ele fica me encarando por longos segundos.

— O que faz aqui? — Pergunta, pressionando seu corpo no meu. — Vamos direto ao assunto, porque te conheço muito bem, para saber que não está aqui para foder comigo. — Sorrio, porque não seria nada mal tê-lo na cama, saciando meus desejos.

— O que eu falei em relação em não tocar no Michael? — Digo de forma calma e coloco a taça vazia na mesa.

— Que pergunta é essa? — David se afasta, parecendo ter levado um soco.

— Sei que você sabotou a moto dele, e que acabou com sua loja. Não que me importe com essa parte, porque aquela loja era horrorosa. Você

apenas me fez um favor, mas mexeu em um ponto que não me deixou feliz. — Inspiro fundo, olhando para seu apartamento luxuoso, estalo a língua descontente. — Tentar matar Michael não foi uma decisão sábia, David.

— Desde que esse babaca pisou no meu caminho, todos os meus planos foram por água abaixo. — Confessa com a voz furiosa, solto uma risada, encarando as comidas em cima da mesa.

— Sofia viúva, carente e solitária... melhor momento para recuperar seu lugar, hein?

— Michael viúvo, carente e solitário, momento perfeito para você dar o golpe e ficar com tudo sozinha. — Encaro-o com um olhar mortal, inclino a cabeça para o lado, sentindo o ódio pulsando por cada parte do meu corpo que grita por cheiro de morte. — Não tente me enganar, Stephanie.

— Você tem razão. — Digo. David esfrega seu rosto e desvia o olhar, aproveito sua distração e com cautela apanho uma faca ao lado do assado em cima da mesa, escondendo-a atrás das costas sem que perceba minha movimentação. — Se um desses dois acabar morto, um de nós será beneficiado, e é claro que você não vai querer perder.

— Todo esse império é meu, eu ajudei a construir e não deixarei qualquer um, entrar em meu caminho. — Diz, exasperado. — Sofia é minha!

— Michael é meu! — Ficamos encarando um ao outro por longos segundos.

— O dinheiro nem é seu. — Fala, enrugando os lábios de modo enojado. — Quem pensa que é para achar que tem poder a alguma coisa relacionada com a Sofia? — Pergunta me fazendo sorrir, me aproximo dele.

— Tudo em relação ao Michael me pertence.

— Certo! — Balbucia, incrédulo. — Então teremos que tomar providências quanto a isso, po...

— Fica longe do Michael, David, não vou avisar outra vez. — Interrompo-o, fazendo com que rosne de raiva quando paro diante dele.

— E você longe da Sofia. — Estalo a língua e levo minha mão aos seus cabelos, ele vira o rosto, desviando do meu toque.

— Sofia está casada com o homem que eu amo, ela o manipulou fazendo-o se virar contra mim... Michael me abandonou por ela, desprezando a única pessoa que daria a vida por ele. — David franze a testa, me encarando.

— Será mesmo que é a Sofia responsável pelo fim do seu relacionamento?

— Defendendo a mulher que te trocou no altar, David? — Ele me olha irritado. — Viu, estamos no mesmo barco, mas sabe qual é a questão?

— Não há questão. — Estalo a língua.

— A questão é... quem irá se manter dentro do barco? — Dou mais um passo à frente com os olhos fixos nos seus. — Você quer se afogar David?

— Ninguém quer... — Responde, encarando meus lábios.

— Mas você já se afogou. — Ele eleva seu olhar. — No momento em que tocou no Michael, você cavou sua própria cova. — Antes que diga alguma coisa, afasto a mão das costas e enfio a faca em seu estômago, afundando-a com força contra sua pele e rodando-a para que sinta a pior dor... a dor de sentir sua vida se esvaindo.

David solta um gemido, segura meu pulso surpreso e me encara com olhos arregalados. Afundo mais a faca, ele arfa e eu sorrio quando ele tomba sobre mim segundos depois, fraco para se manter em pé. Encosto meus lábios em seu ouvido movimentando a faca e escutando-o gemer de dor.

— Avisei para não mexer com Michael. — Retiro a faca e a enfio mais uma vez, escutando o barulho sutil da lâmina cortando sua carne. Ele arfa de agonia e dor. — Ele é meu, somente meu, e ninguém tem o poder de tocá-lo, nem mesmo Deus, David.

— Você-ê... é... é... lou-u-uca-a... — Murmura, retiro a faca outra vez e a enfio mais fundo, ele tosse quando a lâmina lhe perfura mais uma vez.

— Louca por Michael! — Solto o cabo da faca e o empurro para trás, David cambaleia até bater as costas na parede e escorrega até o chão.

Agacho na sua frente, assistindo-o lutar para respirar, seus olhos estão arregalados, cheios de lágrimas e vidrados, sangue escorre por sua barriga, ele tosse e arfa em busca de ar em uma agonia insuportável, querendo se

manter vivo. Inspiro o cheiro de sangue, ao mesmo tempo, em que um prazer me toma por completo.

— Eu continuo no barco David, agora você... — Estalo a língua, seus olhos vazios se prendem nos meus, sua respiração fica mais lenta até seu peito parar de se mover e seus olhos vão perdendo o brilho. — Urgh que sem graça.

Resmungo, irritada por ele ter morrido tão rápido, eu deveria ter lhe atingindo em um outro local onde demorasse mais a morrer, porém, o que foi feito, está feito, vida que segue!

Encaro minhas mãos e amaldiçoo por estarem sujas de sangue. Me levanto, vou até à pia para lavá-las, depois pego a garrafa de vinho, uma taça e vou até o sofá, me jogando de modo confortável.

Encho minha taça e dou um gole na bebida, sentindo o álcool espalhar por minhas veias, me acalmando e me proporcionando ainda mais prazer. Recosto no sofá e encaro o corpo imóvel de David, uma morte tão insignificante e sem graça, que não surtiu nenhum efeito e muito menos adrenalina, que tédio... urgh!

Fecho meus olhos e começo a gargalhar mesmo assim, lembrando dos seus olhos amedrontados e surpresos vendo sua morte repentina. O ser humano é tão tosco, que até para morrer tem que ter um drama.

Dou mais um gole no vinho e suspiro, essa noite vai ser lenta, mas irei aguardar que acabe, porque amanhã darei um fim em Sofia, tirando-a do meu caminho para ter meu Michael e todo seu império de volta, ou eu não me chamo Stephanie Russell.



Subo as escadas correndo em direção ao quarto, Sofia dorme de bruços, me aproximo e inclino em sua direção, sentindo o cheiro delicioso que irradia de sua pele. Sustento as mãos na cama e assopro seu rosto.

— Ei anjo, acorda! — Sofia não se mexe, afasto seus cabelos do seu rosto e assopro outra vez. — Ei...

— Hum... — Resmungo, sorrio diante de sua relutância.

— Estou entediado. — Digo, beijando seu rosto. — Acorda!

— Humrum... — Sofia se remexe, afundando seu rosto no travesseiro. — Está cedo...

— Está tarde. — Retruco, indo até às cortinas, afasto-as para que os raios de sol entrem pela janela e ilumine o quarto. — Tenho uma surpresa, não quer ver?

— Quero dormir.

— Então não vai querer o livro que comprei para você? — Sofia abre os olhos e me encara com uma sobrancelha arqueada, solto uma risada com quanto é fácil chamar sua atenção.

— Sério?

— Vai ter que descobrir. — Ela inspira fundo e se levanta,

resmungando e indo sonolenta para o banheiro.

— Michael, posso dormir só mais um pouquinho? — Pede, encostando a cabeça no batente da porta.

— Não!

— Só mais um tiquinho...

— Preciso te mostrar algo. — Sofia inspira fundo, entra no banheiro e fecha a porta, aguardo deitado na cama até que esteja pronta.

Sorrio para o nada, pensando na noite incrível em que tivemos, não posso condená-la de estar com tanto sono, até porque mal a deixei dormir. Fecho meus olhos e mordo meu lábio louco para tê-la novamente em meus braços e...

— Ok! — Ela interrompe meus pensamentos sórdidos, meus olhos percorrem seu corpo com o desejo pulsando minhas veias, ela usa um pijama cor de rosa cheio de doce que a deixa ainda mais linda. — O que você tem para mim?

— Você confia em mim? — Pergunto me levantando e lhe entregando uma venda.

— Claro que sim. — Sofia a pega e a coloca nos olhos sem nem protestar. — Confio de olhos fechados, Michael. — Uma emoção toma meu coração e sinto um nó na garganta, seguro seu rosto e roço meus lábios nos seus.

— Prometo cuidar de você. — Seguro sua mão e a guio até a cozinha, posiciono seu corpo no lugar certo, vou para trás e tiro sua venda.

Sofia fica congelada, sem acreditar no que está vendo Sua respiração fica acelerada, e ela arfa de surpresa, sem saber como reagir diante da mesa cheia de pétalas de rosas-vermelhas, com botões cor de rosas em um café de manhã romântico.

— Michael... — Sua voz sai trêmula, me aproximo da mesa e apanho um botão de rosa da cor azul, a única em meio ao vermelho e rosa.

— Obrigado pela noite maravilhosa que me proporcionou. — Digo, lhe entregando a rosa. — Obrigado por entrar na minha vida, e por fazer tudo

retomar o sentido. Obrigado por me pedir em casamento e... — Coloco seus cabelos atrás da orelha. — Obrigado por existir.

— Oh, Michael... — Sussurra com lágrimas escorrendo por seus olhos. — Meu Deus... não sei nem o que dizer.

— Não diga, apenas me ame. — Encosto meus lábios nos seus, em um beijo suave e carinhoso. — Preciso mimar minha esposa.

— Certo. Onde está meu livro? — Solto uma risada e a levo até a cadeira, ela se senta fascinada pelas pétalas.

— Não gostou da surpresa?

— Gostei, mas você disse que tinha um livr... — Ela se cala quando coloco o exemplar de colecionador da Cinderela à sua frente.

— Michael isso não vai dar certo!

— Por quê? — Pergunto, beijando seu pescoço.

— Podemos transar de novo?

— A hora que você quiser. — Sofia pega o livro e sacode a cabeça.

— Então eu vou ganhar surpresas toda vez que a gente fazer amor? — Franco a testa entendendo sua linha de raciocínio e rindo logo em seguida. — Vou ficar mal-acostumada e mimada.

— Desde que seja por mim.

— Onde você arrumou essas rosas?

— Temos um jardim, não se lembra? — Sofia ri.

— É verdade...

Contorno a mesa e me sento à sua frente, lhe entrego seu achocolatado, assistindo seus gestos cada vez mais apaixonado. Meu coração dispara, quando ela sorri falando sem parar. Cada palavra que sai da sua boca, é como uma canção capaz de derrubar qualquer barreira imposta em meu coração.

Quero poder acordar todos os dias e escutar sua voz, ver seu sorriso e encarar seus olhos, porque Sofia se tornou meu mundo. Quero abraçá-la forte, para que nunca saia dos meus braços, pois assim, poderei protegê-la da tristeza e da maldade. Farei de tudo para que seu sorriso nunca desapareça.

— Michael, você vai desistir de correr? — Sofia me olha com medo, nego com a cabeça e ela suspira aliviada.

— Vou continuar.

— Aquele é seu lugar Michael, eu vi sua felicidade ao colocar aquele capacete, e ao ver você correndo como um foguete, sua alma pertence àquelas pistas.

— Desde que sempre esteja me esperando, nunca abandonarei as pistas de novo. — Seus olhos brilham, ela morde seu lábio inferior reprimindo a emoção, estico meu braço sobre a mesa e entrelaço nossas mãos. — Tenho outra coisa que quero te mostrar.

— Mais surpresa? — Seus olhos adquirem um brilho curioso, me levanto e pego o envelope em cima do balcão.

— Não quero que nada fique entre nós, Sofia, principalmente seu dinheiro. — Ela fica confusa com minhas palavras, então lhe entrego o envelope, Sofia analisa cada detalhe.

— Michael isso é...

— Abdiqueei de qualquer direito que tenho sobre seus bens. — Sofia eleva o olhar cheio de surpresa. — Nosso contrato de seis meses também está encerrado.

— E as dívidas? Você precisa desse dinheiro, Michael.

— Darei outro jeito, com a volta das corridas posso conseguir, mas não quero continuar com isso. — Sofia suspira e sorri para mim, aceitando a minha escolha.

— Eu te amo cada dia mais. — Sussurra.

— Eu também. — Ela limpa o rosto quando lágrimas caem de seus olhos. — O que irá fazer hoje? — Mudo de assunto e volto a me sentar, ela inspira fundo colocando mais chocolate quente na sua caneca.

— Hoje terá a manifestação a favor dos animais, os funcionários estarão participando.

— E você? — Sofia beberica sua bebida.

— Vou para a empresa, preciso finalizar alguns contratos e enviar para

os fornecedores. Se terminar a tempo, estarei lá com toda certeza.

— Você não pode deixar isso para amanhã? — Ela arregala os olhos e sacode a cabeça.

— Não, porque meu prazo acaba hoje e... — Sofia solta a respiração e comprime os lábios. — Tenho um encontro com o detetive Nestor, ele disse que tem algumas informações sobre meu caso. Vamos aproveitar que não terá ninguém na empresa para conversamos com tranquilidade, ele quer fazer tudo em sigilo.

— Vou com você.

— Não Michael, você tem reunião com sua equipe, não adie por minha causa. — Ela me lança um sorriso confiante. — Brandon vai estar lá também, não se preocupe.

Impossível não me preocupar, quando está acontecendo tantas coisas ruins. Recosto na cadeira, Sofia volta a conversar animada deixando de lado esse assunto.

Fico observando-a com os pensamentos longe. Preciso dar um jeito de descobrir quem está atrás da minha mulher e acabar com essa perseguição de uma vez por todas.

— Vou me arrumar. — Diz se levantando e vindo em minha direção, ela coloca as mãos em meus ombros e senta em meu colo.

— Tome cuidado, qualquer coisa me liga Sofia, não lide com nada mais sozinha.

— Tenho um esposo agora. — Beijo sua boca, querendo ficar o dia todo amando-a. — E você tem assuntos para resolver.

— Odeio isso. — Resmungo, abraçando-a. — Te amo anjo. — Tiro-a do meu colo e me levanto.

— Muito?

— Demais! — Encosto minha testa na sua, beijando sua boca em despedida. — Mais do que imagina...

— Obrigada pelas surpresas. — Assinto, dando um passo para longe da minha esposa. — Te espero na empresa mais tarde.

— Vou te levar para jantar.

— Um encontro? — Assinto, tirando um sorriso radiante de seus lábios. — Certo, vou te esperar ansiosa.

Respiro fundo e saio de casa pronto para enfrentar meu dia. Monto na moto e arranco com o estrondo rouco do motor, mas freio bruscamente, segundos depois ao avistar uma viatura estacionada na esquina. O policial coloca a mão para fora da janela e com os dois dedos me chama.

Estaciono soltando uma respiração entediada, retiro o capacete e entro na viatura. Brandon me entrega um copo de café sem me olhar.

— Bom dia, Michael!

— Você está aqui como amigo ou policial?

— Estou de farda, estou como policial. — Dou um gole no café, encarando o lado de fora. — Soube o que aconteceu ontem na corrida.

— Acidentes acontecem.

— Estava torcendo por você e lembrando de Marlon, ele com toda certeza deve estar orgulhoso por você ter voltado às pistas.

— Ele está morto. — Retruco, inspirando fundo.

— Estou cuidando das investigações da sua esposa junto com Nestor, ele é um detetive experiente, não vai demorar muito para encontrar o culpado.

— É o que espero, não aguento ficar vendo Sofia correndo perigo sem poder fazer nada.

— Fica fora disso, iremos encontrar o culpado. — Avisa. — Estou fazendo a escolta dela a pedido de Nestor sem que saibam.

— Desde quando?

— Desde a morte de Leopold. — Ficamos em silêncio por alguns segundos, olho para Brandon quando começa a batucar os dedos no volante.

— O que está te incomodando, cara?

— Encontrei mais pistas sobre Marlon. — Meu coração dispara. — Uma pessoa está disposta a abrir o jogo.

— Então foi realmente...

— Queima de arquivo. — Completa. — Mas por quê? O que Marlon descobriu que custou sua vida? — Brandon me encara. — Jason sabe das respostas, Michael.

— Jason? — Pergunto chocado. — O que esse filho da puta tem a ver com o assassinato do meu irmão?

— Ele me ligou ontem, não me deu muitos detalhes, mas está disposto a colaborar. — Esfrego meu rosto, incrédulo. — Tenho um encontro com ele mais tarde, se o que ele tiver a dizer for verdade, saberemos o que realmente aconteceu com Marlon.

— É inacreditável...

— Fica calmo. — Bebo o resto do café em um só gole. — Vamos descobrir o que aconteceu. — Fecho meus olhos, sempre suspeitei que tinha alguma coisa errada, embora várias vezes desconfiasse do dinheiro que Marlon arrumava, nunca o confrontei em buscas de respostas.

— Preciso ir! Obrigado pelo café, e me mantenha informado. — Entrego meu copo vazio a ele e saio da viatura, voltando para minha moto.

Fecho meus olhos controlando minha raiva, querendo descobrir a verdade e me libertar dessa dor de não ter respostas. Quero me livrar da sombra da morte de Marlon, deixar com que ele descanse, após fazer o culpado pagar pelo crime que cometeu contra nossa família.

Meu celular vibra me despertando, monto na moto e olho o identificador antes de atender.

— Fala?

— *Temos um problema, Michael.* — Entro em estado de alerta quando sua voz desesperada soca meu estômago.

— O que ouve?

— *Eles estão aqui...* — Arthur faz uma pausa e amaldiçoa. — *Porra, preciso de você.*

— Quem *mano*? — Meu irmão inspira fundo antes de jogar a bomba.

— *A máfia.* — Calafrios percorrem meu corpo, se eles estão no clube isso não pode ser uma coisa boa... droga!

Finalizo a ligação sem dizer mais nada, e arranco em direção ao Clube preocupado com minha família, e principalmente, furioso com o que Arthur aprontou mais uma vez.

Prendo a respiração e diminuo a velocidade, quando avisto Suvs escuros e homens de preto, armados até os dentes, esparramados sem se preocuparem por estarem tão expostos.

Desmonto da moto e arregalo os olhos, meu coração acelera observando os integrantes do The Sanches ajoelhados e com as mãos na nuca e na mira das armas dos mafiosos.

Olho ao redor paralisado, a cena que vejo parece de filme, eles não se intimidam em mostrar os rostos, ou por estarem com armas de elite nas mãos, estão tranquilos, e alguns até riem em uma conversa sussurrada.

Pânico percorre meu corpo temendo que meus pais estejam na mesma situação que todos aqui fora. Arthur anda de um lado para o outro, as mãos estão na cabeça e ele balbucia maldições, percebendo a merda que nos colocou outra vez.

Me aproximo tão furioso que quando me nota a única reação é de surpresa ao ver meu punho acertar sua cara de merda. Arthur me lança um olhar atordoado, seguro seu colarinho e o encaro com tanta raiva que sou capaz de acabar com ele de tanta porrada.

— Que porra você aprontou dessa vez?

— Merda... — Solto-o com um empurrão e soco mais uma vez, derrubando-o no chão, coloco as mãos na cabeça e percebo que todos estão prestando atenção na briga.

— Céus, como eu queria acabar com você, Arthur. — Confesso com a voz angustiada, ele cospe no chão e se levanta, tirando a poeira das suas roupas sem nem me olhar.

— Não tiro sua razão, acho que dessa vez fui longe demais. — Esfrego meu rosto, paralisado ao ver um homem alto de terno parar na porta de entrada do clube.

Seu olhar frio se encontra com o meu, fecho as mãos em punho, escondendo o tremor que sinto. Seu rosto é como uma folha em branco, não

consigo decifrar o que se passa em seu semblante e não faço a mínima ideia, de quem ele é nessa organização, mas uma certeza eu tenho, esse homem é muito mais perigoso e letal do que qualquer um pode imaginar.

— Arthur? — Pergunto sem desvencilhar do seu olhar. — Que porra você fez? — Rosno apertando as mãos.

— Ela está lá dentro, quer te ver Michael.

— Me ver? — Olho surpreso para Arthur, levo a mão em punho à boca e aperto. — Porra...

Começo a andar, esbarrando nos seus ombros sem me importar. Olho para os integrantes e aceno de leve, para que fiquem calmos que tudo isso vai se resolver. Subo o lance de escadas e paro em frente ao homem que me encara sem desviar.

Ele é muito maior do que eu, o poder que irradia dele é apavorante. Franzo a testa quando ele estende a mão, vacilo por um instante cogitando se eu deveria ou não retribuir, mas acabo cedendo. Seu aperto é firme e confiante, como se nada nesse mundo fosse capaz de afetá-lo.

— Sou Dominic Vargas, estávamos a sua espera, Michael. — Engulo em seco, sua voz forte e rouca é como lâminas afiadas. — Venha comigo.

Dominic volta para dentro como se esse lugar o pertencesse, inspiro fundo e entro. Fico ainda mais nervoso ao ver o bar lotado de homens armados. Ele abre a porta do escritório e aponta com o queixo para que eu e Arthur entremos. Com a respiração funda, não perco mais tempo e entro para enfrentar o seu líder.

A primeira pessoa que olho, é meu pai, sentado à mesa com o rosto pálido, minha mãe está ao seu lado com os braços cruzados. O ar está tenso e com cheiro de cigarro de menta, meus olhos vão em direção à figura de uma mulher vestida com roupas pretas e um sobretudo vermelho.

— Estava esperando por você, Michael. — Ela levanta o rosto e prende seus olhos verdes fascinantes nos meus, me paralisando, não por sua beleza, mas pelo poder que tem no simples fato de ser a líder da máfia. — Sabe quem sou?

— Sim. — Ela traga o cigarro, sorrindo para mim.

— Bom garoto. — Murmura, se inclinando e colocando o cigarro no cinzeiro, cada movimento seu é calculado. Seus olhos recaem em Arthur, parado ao meu lado. — Bom te rever, Arthur.

— No que podemos ajudá-la, Victória? — Pergunta meu pai, tirando sua atenção do meu irmão, ela sorri de lado.

— Me ajudar? — Victória estala a língua, cruza as pernas e recosta na cadeira de forma tranquila. — Em nada senhor Mason, mas teremos uma longa conversa.

— Se você está aqui pessoalmente é algo sério. — Digo olhando para Dominic bloqueando a porta.

— Estou de olho em vocês, faz tempo, admiro muito o senhor por manter seu clube limpo das sujeiras, diferente do seu filho mais velho que está sempre caçando problemas. — Victória lança um olhar divertido para Arthur, que remexe com desconforto. — Fun Day recebe muitas visitas dele, principalmente em dias de jogos.

Ranjo os dentes sentindo meu sangue ferver. Minha mãe descruza os braços e lança um olhar mortal para Arthur, ela está prestes a lhe dar uma surra, mas se contém.

— Então é com os membros da Danger que você aposta? — Pergunto entre dentes.

— Não com meus meninos. — Victória se intromete. — Mas com outras pessoas, que estão dispostas a dar tudo o que tem nos jogos, e quando precisam de dinheiro recorrem ao nosso financeiro.

— Você está devendo a *Danger*, Arthur? — A voz do meu pai sai fraca, seus olhos estão cheios de decepção.

— Então foi você que... deu o aviso? — Seus olhos astutos se prendem nos meus, um pouco confusos, mas logo entende o que quero dizer.

— Não dou avisos, Michael. — Diz com frieza.

— Então... o que faz aqui?

Minha mãe coloca um copo de uísque na sua frente, Victória agradece, dá um gole na bebida e se levanta, deixando todos em alerta.

— Fiquei sabendo que você está casado com Sofia Martin. — Franzo o cenho, observando-a analisar o escritório do meu pai.

— Você pesquisou bem sobre nossas vidas. — Retruco, ela apenas sorri, se sentando na beira da mesa.

— San Diego é minha, quando alguém me chama a atenção, pesquiso a fundo para saber com quem irei lidar no futuro.

— Quanto Arthur te deve? — Minha mãe pergunta, Victória retorna a encará-lo.

— Você esconde muitos segredos de sua família, Arthur. — Ele esfrega a sobrelance sem dizer nada. — Conte a eles, quanto me deve.

Victória incentiva, meu irmão fecha os olhos por alguns segundos e dá um passo à frente, cruza meus braços para evitar socá-lo mais uma vez.

— Sinto muito... — Ele sussurra nos olhando. — Precisei recorrer a Danger quando não encontrei outra saída, eles pagaram quem eu devia, mas ficaram com todas as dívidas e... não consegui o dinheiro no prazo que me deram.

— Seu idiota de merda! — Minha mãe vocifera, Arthur abaixa a cabeça. — Não sei mais o que fazer, céus!

— Devo uma fortuna. — Arthur revela, mamãe aperta os lábios com os olhos cheios de lágrimas.

— O que podemos fazer para quitar as dívidas do meu filho, Victória?

Meu estômago se contorce quando seus olhos se prendem nos meus de maneira intensa, não faço ideia do porque me olha dessa forma, mas fico incomodado a ponto de desviar meu olhar.

— Michael, conhece Stephanie Russell? — Franzo a testa, a sala recai em um silêncio incômodo.

— Ela é minha ex-namorada.

— Hum... — Victória se levanta e coloca o copo vazio em cima da mesa. — Pois bem Michael, sua ex-namorada vem me dando trabalho há algum tempo, mas dessa vez ela passou dos limites.

— Não tenho mais ligação com ela, não posso arcar com as

consequências.

— Ontem à noite ela roubou uma carga milionária, são armamentos de elite que estava prestes a serem transportadas, mas de algum jeito ela foi muito mais esperta que meus meninos. — Ela estala a língua, batucando as unhas pintadas de vermelho na mesa.

— E acha que eu sou cúmplice? — Victória ri.

— Não, querido, mas você vai resolver esse problema para mim. — Congelo quando suas palavras me atingem.

— Eu?

— Stephanie vai vender essa carga para Fuentes, sei que você tem contato com ele e que inclusive comprou suas drogas pessoalmente e vendeu para Devil Angel. — Engulo em seco, o que essa mulher não sabe? — Tudo o que você precisa fazer é recuperar a carga e levar para Fuentes.

— Espera! — Ergo minha mão, confuso. — Mas Stephanie não vai vender para Fuentes?

— Exatamente, o que acontece é que esse homem que você negociou é o Cortez, líder do maior Cartel do México.

— O quê? Você está enganada, ele é apenas o seu braço direito. — Victória balança a cabeça me deixando em choque.

— Ele finge ser quem não é para descobrir quem é de confiança. Por incrível que pareça, você conseguiu a dele, o que é muito raro.

— Certo. Então quer que eu roube a carga, mas finalize a venda?

— Exato! — Ela se aproxima, parando diante de mim. — Ao chegar no ponto de encontro, você irá vendê-la em nome da Máfia Danger. — Congelo quando suas mãos alisam meus cabelos. — Você será nosso intermediário.

— E se ele não quiser? — Victória comprime os lábios e encara Arthur.

— Você quer que eu responda? — Fico calado, não acredito que terei que limpar outra vez as merdas do meu irmão. — Você rouba a carga, vende para Fuentes e a dívida do seu irmão está paga.

Victória se afasta de mim, meu olhar se fixa nos seus scarpins vermelhos com os pensamentos em Stephanie. O que ela tem na cabeça para

enfrentar uma máfia? Quando Jason pediu o contato de Fuentes, pensei que queria apenas para comercializar drogas, mas pelo visto, não passava de um plano para um contrabando.

— Você voltou a pilotar, Michael? — Ela me desperta, assinto confirmando.

— Sim.

— Ótimo, vai precisar de uma moto. — Diz de modo tranquilo. — O ponto de encontro entre Stephanie e Fuentes é na fronteira do México, mas primeiro ela precisará passar pela Angel, o que me diz que uma boa parte da carga ficará com ela, então você terá que pegá-la também, mas não se preocupe, os Davil Angels é por nossa conta.

— Quando isso acontecerá?

— Essa noite, eles vão se encontrar ao amanhecer.

— O que fará com a... Stephanie? — Pergunto, engolindo em seco, Victória umedece seus lábios e dá de ombros.

— Vamos por parte. — Ela diz, rodando o copo vazio. — Dominic entrará em contato com você para te passar o resto das informações.

— Certo.

— Depois que tudo isso acabar, — ela estende um cartão dourado para meu pai — interne seu filho nessa clínica, acredito que esteja na hora dele se tratar. Não espere sua conscientização, porque viciados só prometem, nunca cumprem. Arthur colocou sua família na mira da Máfia. Nem que seja a força, interná-lo é a melhor forma de salvar seu filho, senhor e senhora Sanches.

— Obrigada. — Minha mãe sussurra, Victória olha para mim.

— Está nas suas mãos salvar sua família, Michael.

Assinto de leve, Victória nos olha uma última vez antes de sair do escritório com Dominic logo atrás. Ficamos em silêncio por longos minutos, minha mãe fica encarando a janela. Escuto toda a movimentação de portas, pneus e motores, meu coração está batendo tão acelerado que me sento enterrando meu rosto entre as mãos sem conseguir falar nada.

— Eles se foram. — Mamãe diz.

— Michael... você não precisa fazer isso, filho. — Papai sussurra, mas é em vão, porque se eu não fazer isso, Victória nos mata e... preciso proteger minha família.

— Eu vou te ajudar. — Informa Arthur, solto uma risada gélida, é muito idiota mesmo... céus como eu gostaria de acabar com sua cara, mas não me movo, sou incapaz de dizer alguma coisa, meus pensamentos estão uma bagunça e tudo o que quero na minha vida é um pouco paz.



Desço do carro quando o motorista abre a porta para mim, caminho em direção à viatura estacionada do lado de fora da empresa que vi quando cheguei na Martin. Bato com o dedo no vidro do passageiro, me inclino quando ela é aberta e estendo o café que comprei para Brandon, ele franze a testa e pega a bebida, me fitando estranho.

— Bom dia, oficial.

— Como soube que estava aqui? — Pergunta, dando um gole no café.

— Não sou besta, né Brandon! — Reviro os olhos, descrente como que as pessoas acham que sou sonsa. — Sei que anda atrás de mim desde o assassinato de Leopold, mas não quis acabar com seu barato de me vigiar em segredo. — Ele solta uma risada.

— Você tem que andar com seguranças, senhorita, é um alvo fácil para golpistas.

— E acabar com minha liberdade? — Arqueio uma sobrancelha. — De jeito nenhum!

— Não é questão de liberdade, mas sim de segurança.

— Meu caminho é sempre de casa para Martin, e aqui tem seguranças...

— Onde eles estavam quando te perseguiram naquela noite? — Faço

um bico, realmente não faço ideia, mas o diretor de segurança alegou que foram dispensados a meu pedido, por isso que foram embora.

— Certo, mas agora eles estão me vigiando e até tenho um motorista, *olha que legal!* — Enfatizo as últimas palavras, porque odeio estar sendo vigiada.

— É por tempo determinado até pegarmos o culpado, tenha calma. — Suspiro um tanto derrotada, lanço um olhar desanimado para Brandon que faz uma careta.

— Ótima vigia oficial, preciso ir trabalhar agora.

— Quando Nestor chegar eu subo com ele, enquanto isso vou apreciar essa bela rua e esse esplêndido movimento. — Rio do seu jeito sarcástico, me despeço e vou em direção ao elevador com o segurança atrás de mim.

Ele fica ao meu lado dentro do elevador e aperta o botão do nosso andar. Mordo meu lábio me sentindo incomodada com sua presença, sempre andei sozinha e me senti segura, mas agora, é como se realmente fosse acontecer alguma coisa ruim.

O elevador dá um solavanco fazendo meu coração saltar, meus olhos vão para a luz vermelha sinalizando o nono andar, franzo a testa estranhando a parada.

— Ainda não arrumaram esse elevador? — Resmungo, Dênis fica em silêncio parecendo uma estátua. Solto a respiração e volto a encarar o painel do elevador que depois de dois longos minutos volta a se movimentar.

Já no meu andar, meu coração bate aliviado por estar segura. Avisto outros seguranças e lhes dou bom dia antes de me aproximar da mesa de Jane que se levanta assim que me vê.

— Bom dia, dona Sofia.

— Bom dia Jane, porque os técnicos ainda não arrumaram o elevador? — Lanço um olhar de repreensão para minha secretária.

— Sinto muito dona Sofia, eles estão realmente enrolando, mas já estão trabalhando nesse erro.

— Eles falaram alguma coisa do porque esse elevador sempre parar no

nono andar?

— Não especificaram, mas pode ser por causa de desconfiguração ou algo assim.

— Muito estranho, Jane. — Digo, encarando seus olhos.

— Vou colocar pressão nos técnicos, dona Sofia, não se preocupe.

— Obrigada! Você tem o que pedi?

— Claro! — Ela coloca os papéis e uma pasta no balcão. — Estão todos os documentos que a senhora pediu.

— Ótimo. — Os encaixo em meu braço e sorrio para ela. — Agora você já pode ir, quero que fique ao lado da Leticia na manifestação auxiliando no que ela precisar.

— Pode deixar. — Aceno de leve e caminho até meu escritório, estranhando o silêncio pela falta de funcionários.

Dênis fica do lado de fora fazendo guarda, coloco os papéis em cima da mesa e olho em volta, pelo menos aqui tenho minha liberdade. Meu telefone toca no momento em que ligo o computador.

— Oi, Michael. — Sorrio feito uma boba.

— *Oi, Anjo, está tudo bem?*

— Acabei de chegar e estou cercada de seguranças, Dênis está ali na minha porta, não se preocupe que estou bem. — Michael ri. — E você?

— *Estou aqui na reunião da Avintia, vai demorar algumas horas, quando acabar, vou te pegar.*

— Você está... bem? — Pergunto ao sentir pela sua voz que algo aconteceu.

— *Não, não estou anjo, Arthur aprontou de novo, mas te conto quando for te pegar.* — Inspiro fundo, Michael está ficando sobrecarregado com todos esses problemas.

— Não precisa carregar tudo sozinho...

— *Tenho uma esposa para me ajudar agora.* — Sorrio de novo, só ele mesmo para conseguir me tranquilizar.

— Te espero.

— *Eu te amo, Sofia.*

— Eu também, Michael. — Finalizo a ligação e com uma respiração funda começo meu trabalho.

Durante uma hora e meia esqueço de tudo e foco nos meus projetos. De vez em quando paro para pensar no papai, imaginando como ele era liderando a Martin. Foram poucas às vezes que o vi sentado nessa cadeira, ele era sempre focado no trabalho e amava o que fazia, acredito que puxei isso dele.

Fico encarando a tela do computador. Papai sempre foi minha inspiração, meu orgulho e quando ele terminava algum projeto, sempre citava as mesmas palavras da poetiza Cora Coralina que era tão apaixonado.

— *“Tudo que houver que fazer com suas mãos, que seja bem feito. Se você tiver que fazer um crochê, compre o melhor tipo de linha e faça da melhor forma, se houver que fazer uma costura faça igualmente... Faça com amor, tudo que se faz com amor é digno de ser bem feito e eleva seu nome e eleva sobretudo seu espírito, pela consciência de que fez bem feito...”* — Termino de citar com a voz embargada, inspiro fundo e engulo as lágrimas da saudade que se formou.

Passei tão pouco tempo com ele, deveria ter vindo visitá-lo mais vezes, deveria ter escutado mais suas citações e seus ensinamentos, deveria principalmente, ter o abraçado mais, para sempre ter a sensação de que aproveitei cada segundo de quando estava ao meu lado.

Pisco na tentativa de me livrar das lágrimas. Respiro fundo e volto ao trabalho porque meu tempo é curto e...

— Oh, não! — Resmungo quando o computador desliga do nada, desespero me abate porque eu não... — Bosta, eu não salvei o arquivo! — Sinto vontade de chorar, meu Deus, como pude ser tão burra assim por não ter salvo? Se eu tiver perdido tudo? Foram duas horas de trabalho jogados fora... céus!

Levanto da cadeira, vou até o receptor e tento ligar a luz, mas parece que a energia acabou. Esfrego meu rosto voltando para minha mesa, apanho meu celular e franzo a testa ao vê-lo sem linha.

— Como assim? — Sussurro, assusto com um barulho estranho e olho para porta com o coração palpitando. — Dênis? — Chamo meu segurança e abro a porta. — Dênis, que barulh... — Me calo quando não o vejo, o corredor está vazio e silencioso.

Levo a unha à boca pensando se eu saio do escritório ou fico aqui mesmo. Jane já deve ter ido embora e... onde estão meus seguranças? Decido ir atrás e paro em uma sala logo em seguida, ligo a luz, mas ela não acende, o que quer dizer que estamos realmente sem energia e sem sinal telefônico.

Batuco as unhas na mesa me sentindo nervosa, tiro o telefone do gancho e... nada também, está mudo. Saio da sala e paro aguçando minha audição para tentar escutar algum barulho estranho.

Olho para meu lado esquerdo, um barulho fraco e rouco veio dali. Com passos lentos, sigo os ruídos verificando cada sala vazia a procura de alguns dos seguranças que deveriam estar me vigiando.

O ruído fica mais alto conforme vou me aproximando, a sala de onde vem o barulho é a última do corredor, ela é usada para descanso dos funcionários na hora do almoço.

Com os passos cautelosos e com o coração martelando, me aproximo com cuidado para não assustar quem quer que esteja lá dentro. Inspiro fundo antes de afastar a porta entreaberta, meus olhos percorrem a sala e se arregalam ao ver o que está acontecendo. Salto para trás com as mãos na boca abafando um grito horrorizado.

O corpo de Jane está pendurado pelo pescoço em uma corda presa no teto da sala, ela convulsiona como se ainda estivesse viva, lutando contra a morte. Mais atrás avisto uma silhueta vestida de preto, quem quer que seja pega um machado dentro de uma bolsa e se vira, afasto da porta encostando as costas na parede com o coração acelerado.

Coloco a mão no peito, minha respiração também está tão acelerada que temo que escute as batidas do meu coração nesse corredor silencioso. Engulo em seco e espio pela fresta ao escutar sussurros de conversa, não consigo identificar quem é, mas pela forma é o mesmo que me perseguiu naquela noite aqui na empresa, reforçando a certeza de que era realmente uma pessoa.

Meus olhos analisam o corpo de Jane, seu rosto está ensanguentado como se tivesse apanhado antes de ser pendurada, suas mãos estão amarradas para frente e... céus, eu preciso sair daqui!

A coragem retorna em meu corpo e sem fazer barulho, recuo, afastando da sala com medo de que o homem tenha me ouvido. Viro o corredor e começo a correr em direção à recepção para pedir ajuda aos meus seguranças.

Tampo minha boca enquanto corro, abafando o gemido angustiante de estar aqui sozinha *de novo* e por ter presenciado mais um assassinato. Paro de uma vez, minhas mãos começam a tremer ao ver um rastro de sangue que vai em direção à sala da Camila.

Sobressalto de susto ao escutar um choro sussurrado e involuntariamente meus olhos seguem o rastro, minhas pernas demoram me obedecer, não sei nem se estou respirando. O choro é substituído por um gemido doloroso, olho para baixo e solto um grito horrorizado ao ver Camila sentada no chão com as mãos sobre a barriga onde jorra sangue.

— Meu Deus! — Digo em choque, ela encosta a cabeça na parede e me encara com os olhos perdendo o foco.

— V... você... te-em que i-ir embo... — Camila tosse sangue sem conseguir terminar de falar. Estou congelada sem saber o que fazer.

Calafrios percorrem meu corpo, ela está morrendo... meu Deus, minha prima está *morrendo*! Desperto do meu choque, retiro meu blazer cor de rosa e agacho à sua frente, colocando o pano no rasgo da sua barriga.

— Meu Deus... meu Deus... — É tudo o que digo. Camila solta um gemido mais alto, quando pressiono seu ferimento, lágrimas escorrem por seu rosto retorcido pela dor, e pálido pela perda de sangue. — Lila o que aconteceu? — Ela me fita quando digo seu apelido.

— Eu sinto... tanto! — Sussurra tão baixinho que chego mais perto para ouvir. — Eu... eu errei... me perdoa! — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Eu não deveria ter feito... arf...

— Você não deveria estar aqui. — Camila balança a cabeça.

— Eu preci... precisava de um documento e... céus vi a Jane ser... espancada, ela queria matá-la porque... porque sabia demais e... Urgh... —

Ela arfa, umedece os lábios e fecha os olhos por alguns segundos. — Eu vi... sabia...

— Lila, não precisa falar...

— Não, não... não... — Murmura inquieta. — Eles querem machucar você... sempre quiseram... você não fez nada e eu... eu fiz tanto mal! — Seu corpo estremece.

— Não se force Lila, vai ficar tudo bem, ok? — Ela nega com a cabeça.

— Eu vou morrer, Sof! — Diz com a voz fraca e embargada. — Mas não posso morrer sem seu per... sem seu perdão... Eu... eu quero tanto morrer... eu... eu me odeio tanto...

Lágrimas caem por meu rosto enquanto eu a observo chorar. Camila foi tudo para mim, minha prima, amiga, companheira e irmã, fazíamos tudo juntas, éramos unha e carne, uma amizade destruída pela inveja e pela traição. Não vou mentir, sinto muitas saudades dela, das nossas risadas, dos nossos momentos juntas. Temos tantas histórias e tantas coisas em comum que foram todas jogadas fora por seu erro.

— Sei que está com raiva de mim, mas... por favor... me perdoa. — Aperto mais sua barriga, ela geme e fecha os olhos.

— Não Lila, não vou te perdoar agora, você precisa ficar viva para provar que merece meu perdão, tudo bem?

— Sof...

— Venha, vamos sair daqui. — Tento puxá-la para cima, mas ela solta um grito de dor, paro meu movimento.

— Sof... me escuta... — Ela sussurra, segurando levemente meu pulso. — Saia daqui! — Suas palavras saem como súplica, seus olhos castanhos estão opacos e vidrados. — Saia antes que ela te pegue...

— Ela? — Camila assente, tossindo sangue.

— Vai... — Assusto ao escutar passos. — Vai...

— E você? — Pergunto apavorada, Camila balança a cabeça.

— Eu vou morrer Sof, e eu mereço... tudo bem... eu mereço... — Ela volta a me encarar com os olhos cheios de lágrimas. — Por favor, vá! —

Sussurra e me afasto dela, Camila sorri para mim antes de fechar os olhos, levo as mãos à boca, reprimindo meu choro.

Saio da sala cambaleando a tempo de ver a figura toda de preto virar o corredor. Meu coração acelera e meu corpo entra em estado total de alerta. Camila disse *ela*, então quer dizer que é uma mulher? Dou um passo para trás quando vejo em sua mão um pequeno machado, ergo meus olhos encarando os seus por dentro da touca, segundos se passam antes de girar nos calcanhares e correr em disparada em direção às escadas.

Escuto seus passos atrás de mim, entro na recepção e reprimo mais um grito de terror ao avistar Dênis e mais dois seguranças mortos no meio do lugar. Não fico parada olhando-os, preciso me salvar de quem quer que esteja me perseguindo.

Avisto o botão de emergência, olho para trás vendo-a vindo em disparada. Vou até o botão e aperto várias vezes em desespero, mas nada acontece, nenhum alarme é acionado. Pânico percorre meu corpo, preciso sair daqui... corro em direção às escadas, abro a porta e começo a descer os degraus. Se eu chegar do lado de fora, vou conseguir pedir ajuda... Solto um grito de susto ao escutar um estrondo, olho para trás e lá está ela, mais perto de mim agora, só que de repente ela para, olha para mim e mira o machado em minha direção.

— Oh, não! — Murmuro quando ela o joga, o desespero de ser atingida é tão grande que acabo torcendo meu tornozelo e caio escada abaixo.

Meus ossos estalam a cada degrau, meu queixo colide no chão com o impacto e minha visão fica turva ao bater as costas na parede ao chegar no patamar da escada. Solto um gemido ao sentir dor por todo meu corpo, sinto sangue na boca e tento me levantar para fugir da assassina. Balanço a cabeça, tentando afastar o desmaio que insiste em me levar.

Viro para o lado, minha respiração está falha e choramingo querendo pedir socorro. Seus passos são lentos e calmos como se estivesse apreciando cada segundo. Ela para em minha frente, estou tão fraca que só consigo ver suas botas.

Solto um grito de dor quando chuta meu estômago, lágrimas escorrem por meus olhos, viro de barriga para cima arfando em busca de ar. Seus olhos

frios se encontram com os meus, ela se inclina e coloca um pano em minha boca e nariz.

Me debato em desespero, minhas pernas se mechem desesperadas, arranho seus pulsos sentindo algo ardente preencher meus pulmões. Levanto minhas mãos fracas em direção ao seu rosto, uma luta desesperada por minha vida, agarro sua touca e puxo, tirando-a da sua cabeça e revelando sua identidade.

Seu sorriso mortal me congela e seu rosto tão conhecido é a última coisa que eu vejo antes de desmaiar.



Começo a despertar sentindo uma dor dilacerante percorrer cada centímetro do meu corpo, é como se um caminhão tivesse passado por cima de mim. Pisco quando a luz irradiante me cega, minha garganta e lábios estão secos e machucados. Levo um tempo para organizar minha mente e lembrar do que aconteceu.

Jane enforcada, Camila machucada, meus seguranças mortos e... a assassina atrás de mim, estremeço ao lembrar da minha queda na escada e do seu rosto... levanto a cabeça e fixo meu olhar nela, sentada com a perna cruzada sobre a outra enquanto me encara de forma calculada.

— Não era assim que eu queria que as coisas acontecessem, tinha outros planos. — Leticia estala a língua. — Mas já que apareceu no meu caminho dessa forma, porque não resolvermos nossas pendências de uma vez por todas, não é verdade, Sofia Martin? — Seus lábios se esticam em um sorriso gélido.

Tento me mexer, mas não consigo, ela amarrou minhas mãos para trás e meus tornozelos nos pés da cadeira. Pavor me consome quando Leticia se inclina, sustentando seus braços nos joelhos. Estou tão horrorizada que não consigo nem raciocinar direito.

— Você não faz ideia do quão difícil foi te encarar todos esses anos. —

Diz, fechando os olhos e balançando a cabeça de um lado para o outro. — Ver sua vidinha perfeita me enojava, mas sabe qual foi a melhor parte desse circo todo? Foi ver você sendo enganada por todos, pois, ninguém gosta de você, Sofia. Seu dinheiro é o que atrai as pessoas, você é só... uma pobre garota. — Leticia solta uma risada.

Engulo em seco quando ela se levanta me olhando com fúria, viro o rosto quando sua mão colide com força na minha bochecha em um tapa seco. Minha pele queima, ranjo os dentes evitando xingá-la.

— Você é insuportável... tão insuportável que me dá nojo. — Ela agarra meus cabelos e os puxa para trás. Aperto os dentes reprimindo a dor no meu couro cabeludo. — Tudo em você é perfeito, pele linda, cabelo impecável, sorriso que faz qualquer um se apaixonar, mas por dentro é uma mulher podre, tão podre quanto o pai. — Leticia solta meus cabelos com brutalidade e bate em meu rosto outra vez, lágrimas escorrem por meu rosto.

— Você é louca! — Sussurro com a voz embargada.

— Louca? Eu? — Ela segura meu queixo e finca as unhas na minha pele, aperto minhas mãos evitando reclamar da dor. — Você é igual o Wagner, conquista todo mundo com essa bondade que não existe. É apenas manipulação para ter todos aos seus pés e conseguir o que quer, mas comigo não é assim, não vou aceitar que me enganem dessa forma outra vez.

Leticia cospe na minha cara, meu estômago revira com tamanha humilhação, mas me mantenho calma. Ela está alterada demais, olho por cima do seu ombro notando que estou em meu escritório, as badaladas do relógio na parede disparam meu coração, meus olhos encontram os ponteiros e reprimo o gemido de terror por faltar duas horas para Nestor chegar...

— Isso aqui era para ser tudo meu, Sofia. — Volto a encarar seus olhos frios. — Tudo meu, e não seu!

— O quê? — Murmuro, ela solta meu queixo e se afasta.

— O amor nos cega de tamanha maneira que nos deixa incapazes de raciocinar direito. Eu me entreguei de corpo e alma ao seu pai. — Arregalo os olhos tentando entender o que ela está dizendo. — Wagner era um homem lindo, poderoso e educado, me apaixonei no momento em que você me apresentou a ele. Imagine só, eu, uma linda jovem casada com um dos

homens mais rico do mundo... eu seria uma princesa, nunca mais precisaria correr atrás de dinheiro, sempre teria o que quisesse.

Leticia senta sobre a mesa, encarando o lado de fora com os olhos perdidos nas lembranças do passado. Vendo-a desse jeito nem parece ser uma assassina de sangue-frio.

— Quando me aceitaram aqui na empresa como secretária executiva, eu vi uma chance de conquistar o homem que estava apaixonada. Seu sorriso, seu perfume e sua voz era tudo o que eu mais amava, contava as horas para chegar no trabalho, principalmente as horas para passar o dia ao lado dele.

Ela sorri de modo apaixonado, comprimo meus lábios e começo a remexer minhas mãos, tentando afrouxar a fita ao redor dos meus pulsos, enquanto Leticia está presa nas suas lembranças. Preciso tentar me salvar, ganhar tempo ou senão... congelo quando seus olhos se fixam em mim.

— Então decidi que iria lutar por aquilo que era meu. Wagner era meu, o seu dinheiro era meu e seu coração me pertencia, só precisava provar isso. — Leticia se remexe, passando as mãos em seus braços e fechando os olhos. — Comecei a seduzi-lo aos poucos para não o assustar, chamando sua atenção para a mulher incrível que estava trabalhando ao seu lado, não a esposa de merda que tinha na sua cama.

Prendo a respiração, ela se levanta e vai até à janela se perdendo outra vez nas suas memórias doentes.

— Plantei intrigas no seu casamento, o relacionamento de Wagner ficou instável e ele carente, consegui a atenção pela qual tanto lutei. — Leticia sorri, encostando a testa no vidro. — Ele me tomou aqui nessa sala, foi a melhor transa da minha vida. Depois disso ele reconheceu quem eu era e não nos afastamos mais, e a cada dia mais apaixonada eu ficava. Wagner prometeu me dar o mundo, era carinhoso e sedento por sexo, mas... — Ela se vira para mim com o rosto enfurecido outra vez. — Tinha a esposa e sua filha no caminho, para ele eu era apenas uma amante que abria as pernas quando ele precisava relaxar. Eu queria muito mais que isso, queria ser a esposa dele, mãe de seus filhos e dona de todo o seu dinheiro, entretanto, para Wagner, Sandra era o seu mundo.

Leticia se aproxima, meu coração dispara de medo, ela está louca,

totalmente louca!

— Eu queria Wagner para mim. Nesse meio tempo, conheci Stephanie em um bar, por incrível que pareça ela compartilhava da mesma dor que a minha. Ela era tão apaixonada por um homem quanto eu, ali juntas formulamos um plano para que nos ajudássemos a cada uma ter o homem que amava, mas não adiantou em nada. Seu pai estava decidido que iria voltar para sua esposa e sua filha, terminando comigo para sempre. E as promessas que ele me fez, Sofia? Ele prometeu me dar o *mundo*... ele me iludiu, me humilhou e me machucou. Disse que aceitava ser somente sua amante, mas ele disse que não iria dar certo, porque eu estava sufocando-o... — Ela limpa as lágrimas que escorrem por seu rosto. — Era uma desculpa para se livrar de mim...

— Você era... amante do meu pai? — Estou tão chocada com sua declaração que não sei se tudo o que está dizendo é fruto da sua imaginação ou se é verdade.

Teve uma época em que meu pai estava muito distante da minha mãe, eles mal conversavam. Pensei que estavam brigando por minha causa, pois, meu pai não queria David comigo, e minha mãe discutia com ele por causa disso. Eles até fizeram o documento do divórcio, mas nunca assinaram. Eles se reconciliaram, e foi nessa mesma época que ele contratou David para a empresa depois de “fazerem” as pazes.

— Não, *eu* era a mulher que ele amava, Sofia. — Chia de raiva. — Sandra tirou o homem que eu amava, ela o afastou de mim, e fez com que ele nem sequer olhasse na minha cara. Wagner me iludiu e tirou minha inocência, mas não deixei barato, porque quando você promete, você deve cumprir. A Martin e o dinheiro são meus, seu papaizinho que me deu tudo.... tudo me pertence porque eu era para ser a esposa dele e não a Sandra! — Leticia se cala com a respiração acelerada.

— Você é doente... — Sussurro chocada, ela começa a gargalhar e a chorar ao mesmo tempo.

— Eu doente? — Ela me assusta com a mudança repentina de comportamento, voltando a ficar fria. — Wagner me usou e eu que sou doente? — Leticia inspira fundo e limpa seu rosto molhado. — Stephanie me

ajudou a me livrar deles, a festa foi o momento ideal para eliminar toda a família, mas a puta desgraçada da filha não estava no carro.

Seu olhar me paralisa, suas palavras batucam na minha mente, enquanto tento assimilá-las e acreditar que foi... que foi...

— Você que... céus... você matou meus pais? — Murmuro incrédula, meus olhos ficam nublados pelas lágrimas, a assassina deles estava todo esse tempo ao meu lado?

— Obtive parte da minha vingança. — Revela, estalando a língua. — Mas tinha você no meu caminho, a polícia se intrometeu e tive que esperar.

— Não dá para acreditar... — Leticia gargalha outra vez.

— Porque você é sonsa, inocente e... urgh... boazinha demais. — Fico calada, reprimindo o choro de ódio e dor. — David foi um bom aliado, embora ele não buscasse vingança, mas ele queria o mesmo que eu, nós temos direito a Martin, ela é nossa!

— Martin nunca será de vocês. — Digo entre dentes.

— Só que ele colocou tudo por água abaixo quando fez a mesma coisa com Camila, iludindo a pobre garota e tirando a única pessoa que poderia te influenciar a tirá-lo do caminho. Você não podia ter amigos, porque colocaria em risco a descoberta de nossos planos. Você Sofia, estava em nossas mãos, porém, ele estragou tudo quando não conteve o pau dentro das calças... e melhor, céus o destino é filho da puta mesmo. — Leticia solta uma risada fria, me encarando com desdém. — Você se casou logo com o namorado da minha *melhor amiga*...

Ela vai até minha mesa, pega um papel e uma caneta, voltando a se sentar à minha frente. Leticia cruza as pernas e me encara.

— Foram anos bolando um plano para te ver fora do meu caminho. Era para ter se casado com David, porque assim iríamos ter tudo juntos, mas se casou com Michael, namorado da Stephanie, até que foi bom, pois assim, eu a teria do meu lado.

— Tudo um plano?

— Tudo um plano meu e do David. A morte dos seus pais, o desfalque na Martin, o controle que ele tinha sobre você, a explosão do carro, os

assassinatos... Só queríamos que você morresse, mas isso mudou no momento em que descobri os planos da Stephanie. — Minha garganta aperta sem acreditar em tudo o que está revelando, tem que ser um pesadelo, tem que ser! — Agora não tem mais volta, você terá que assinar esse documento declarando que sou sua única herdeira, porque se você morrer antes de me devolver o que é meu, Stephanie vai ficar com tudo e com Michael. Você não vai querer isso, não é?

— Então tudo deixou de ser pessoal? — Pergunto tirando um sorriso desdenhoso de seu rosto.

— Ninguém se importa com você, Sofia, queremos o que nos pertence: seu dinheiro, o poder e a posição no ranque dos mais ricos do mundo. Você? Bom, você é apenas uma pequena pedra em nosso caminho. — Leticia se inclina. — Assina por bem ou por mal, você escolhe.

— Como... como Stephanie sabe que meus bens podem ir para Michael? — Ela volta a se recostar na cadeira, suspirando pesado.

— Cometi a burrice de roubar os documentos na casa de Eduardo quando estava bêbado, e entreguei a Stephanie. — Revela, rangendo os dentes. — Acabei atijando sua ganância, mas o problema dela nem é o dinheiro em si, mas Michael. Aquela mulher é obcecada por ele, tão doente que seria capaz de fazer qualquer coisa para tê-lo de volta. E se você morrer agora, ela terá Michael e o meu dinheiro, tenho certeza que não vai querer isso Sofia, então assina a porra desse documento.

— Para você me matar? — Aperto minhas mãos com raiva, meu peito está doendo com as batidas aceleradas do meu coração, levanto meus olhos e encaro o relógio, solto um gemido, só se passaram quarenta minutos.

Leticia ri, levanta e bate outra vez no meu rosto. — Para de ser burra, claro que vou te matar, só não vou permitir que Stephanie roube o que é meu. — Calafrio percorre meu corpo, essas mulheres são loucas, céus... preciso sair daqui!

— Não vou assinar nada! — Rosno, me arrependendo logo em seguida quando Leticia me soca. Lágrimas caem novamente dos meus olhos e minha visão pipoca de pontinhos pretos, sinto gosto de sangue.

— Você vai assinar Sofia, ou...

— Ou o quê, Leticia? — Olho para frente, Stephanie está escorada no batente da porta assistindo tudo. Não sei se sinto alívio ou pavor, porque ambas querem me matar.

Leticia fica me encarando sem se mexer, seus olhos estão fervendo de raiva, ela range os dentes e rosna baixinho como um cão prestes a atacar o outro. Engulo em seco, elas nem estão brigando por minha causa, é pelo meu dinheiro.

— Que bom te ver, Stephanie. — Leticia se vira, escondendo a folha nas costas. — O que faz aqui?

— Vim pegar o que é meu. — Ela responde me lançando um sorriso mortal, meu estômago se contorce de medo. — Mas pelo jeito cheguei um pouco tarde, você deixou muita sujeira no caminho.

— Eu fiz o serviço.

— Quando eu disse para eliminar as testemunhas, não me referi a deixar um rastro atrás de você. — Stephanie se aproxima. — Isso só prova o quanto é incompetente.

— Essa é minha vingança, não a sua. — Leticia rosna, parando na frente da Stephanie que a encara com diversão. — Não se meta!

— Eu me meto porque o Michael está envolvido e já que tudo isso é dele... é meu também. — Ela faz um círculo com o dedo, sorrindo triunfante.

— Eu não vou deixar você matá-la para ficar com tudo o que me pertence. — Stephanie me olha sobre o ombro de Leticia, não consigo ler suas intenções e nem quero, porque não tem nada de bom vindo de uma pessoa que nem ao menos tem um coração.

Não sei o que fazer, estou paralisada vendo duas mulheres lutando para ver quem fica com o meu *dinheiro*... dinheiro que meus pais conseguiram através de trabalho árduo.

Papai errou em ter traído minha mãe, não faço ideia se mais alguém sabia sobre isso, e quem sou eu para julgá-lo? Não sei o que aconteceu naquela época, mamãe e papai mantinham a situação do seu relacionamento em segredo e nunca os vi brigando ou discutindo, certo que quase assinaram o divórcio, mas tudo foi pacífico, com respeito.

A cena que está acontecendo é doentia, Leticia é tão obcecada quanto Stephanie, ambas perturbadas e eu no meio de duas psicopatas malucas.

O que acontecerá se Stephanie souber que Michael abriu mão da herança? Fico olhando-a com atenção, ela me dá calafrios, se eu revelar com toda certeza ela irá me matar... mas droga, o que a impede de me matar afinal de contas?

Contorço meus pulsos, preciso me soltar e sair daqui o mais rápido possível... sobressalto quando Stephanie bate na cara de Leticia, nem estava prestando atenção no que discutiam, mas ambas estão fuzilando uma a outra com o olhar.

— Você não fez isso...

— Tenho pena de você, Leticia, por isso decidi te ajudar, mas você só trouxe problemas para mim com sua incapacidade. Por sua culpa essa sonsa parou no meu caminho e tirou meu homem, então não me torra a paciência e saia da minha frente. — Stephanie dá um passo para o lado e vem em minha direção, mas Leticia acaba parando-a ao segurar seu braço.

— Não toca nessa garota. — Ela rosna para Stephanie. — Não vou deixar que me tire o que lutei durante anos para conseguir.

— O que você levou anos, levarei horas para concluir.

— A Martin é minha e o dinheiro também.

— Era seu, mas com o fim da Sofia, tudo vai para Michael e consequentemente é meu. — Fico encarando as duas, chocada, elas estão discutindo com quem fica com meu dinheiro, sério?

— Eu matei Leopold e Jane por eles terem nos ajudado no desfalque da Martin a mando seu... era apenas um plano? Um plano para não sujar as mãos para no fim nos eliminar?

— Onde está David, Leticia? Era para ele estar aqui, não? — Leticia fica imóvel, Stephanie começa a gargalhar.

— Você... você...

— Own... ele deve estar aproveitando o inferno nesse exato momento.

Céus, estou em um manicômio? Pergunto a mim mesma, apavorada

com o que estou presenciando.

— Confiei em você, achei que era minha amiga...

— Besteira!

— Besteira? — Leticia grita. — Sua louca de merda, não vou deixar que tire o que é meu... — Ela se cala quando Stephanie aponta uma arma em sua cabeça. — É isso, vai me matar?

— Sai da minha frente, porque é isso que vou fazer. — Leticia assente e dá um passo para trás, vindo em minha direção.

— Você é minha melhor amiga, foi quem me estendeu a mão quando eu mais precisava, por que isso agora, Stephanie? O que eu fiz para você me odiar a ponto de me matar?

— Estou sem paciência para conversas agora. — Ela diz, gesticulando a arma para o lado. — Me entregue a Sofia.

Leticia olha para trás, seus olhos se prendem nos meus e fica assim por alguns segundos. Meu coração aperta quando vejo um vislumbre de tristeza em seu olhar, será que ela está relembrando dos poucos momentos em que passamos juntas? Do momento em que rimos depois de ter salvo o Billy ou será que foi tudo fingimento?

— Não! — Responde parando atrás de mim. — Você também não pode matar Sofia. — Leticia aperta meus ombros com força, trinco os dentes de dor. — Diga a ela, Sofia, diga o que acontece se você morrer. — Ela fala no meu ouvido, fico congelada querendo que tire as mãos sujas de mim. — Abra a boca, sua desgraçada, e minta! — Sussurra, apertando ainda mais meus ombros.

— Eu... eu... — Engulo em seco sem saber o que dizer. Olho para a Stephanie, ela me encara com desdém. Assusto quando Leticia começa a soltar meus pulsos.

— Anda, ou ela mata nós duas, e não vou deixar que ela fique com meu dinheiro. — Sussurra outra vez, meus Deus... que bagunça!

— Meu dinheiro vai para caridade se algo ruim acontecer comigo. Não vai para Michael e nem para minha família...

— E devo acreditar em você? — Ela me corta. — Estou nem aí se você vai morrer, ou não no final das contas, Sofia. Só quero que desapareça do meu caminho e me devolva o Michael, apenas isso!

— Certo... hum...

— Mas para isso ela tem que morrer. — Leticia declara. — E eu não vou... — Solto um grito quando Stephanie aperta o gatilho, o som do tiro faz meus ouvidos zumbirem, olho para trás com a respiração acelerada e vejo Leticia caída no chão com os olhos arregalados e com um buraco na testa.

— Fim! — Stephanie caçoa, viro para ela e a vejo guardar a arma atrás das costas. — Pronto, agora só falta você.

Começo a me remexer quando ela vem em minha direção com calma, parecendo uma leoa prestes a atacar sua presa, sem pressa de acabar. Seu sorriso me deixa ainda mais apavorada, inclino e tento tirar o mais rápido possível as fitas dos meus tornozelos.

Congelo quando Stephanie agarra meus cabelos, ela não quer me matar, porque se quisesse já tinha feito, isso quer dizer que, ela tem outros planos... reúno todas as minhas forças que me restaram e com o antebraço acerto seu rosto em cheio, pegando-a desprevenida.

Ela cambaleia para trás, levanto de uma vez, pego a cadeira e jogo nas suas costas. Stephanie solta um gemido de dor, rosna antes de olhar para mim com fúria estampada em seu rosto. Recuo um passo, apavorada, mas não deixarei que me leve sem lutar primeiro. Olho para o relógio, meia hora... faltam meia ho... Me calo quando inesperadamente Stephanie bate em meu rosto, me desequilibrando, dou dois passos para trás conseguindo permanecer em pé, escoro nas costas do sofá para me manter firme.

— Sua puta desgraçada, acha que vou deixar você ficar com Michael? — Ela diz, agarrando meus cabelos tão rápido que nem tive tempo de reagir. — Avisei para se afastar... — Stephanie grita quando chuto sua canela, com a palma da minha mão ataco seu pescoço, ela me solta e cambaleia para trás, sentindo falta de ar.

Raiva me consome, ela ajudou a matar meus pais, ordenou que eliminasse Jane e Leopold por serem aliados nesse crime, e especialmente fez Michael sofrer. Vou para cima dela, despejando toda a raiva e mágoa dentro

do meu coração nos tapas que dou em sua cara.

Bato várias vezes em seu rosto, deixando-a desorientada. Agarro seus cabelos cor de rosa e a levo até a parede, jogando sua cabeça contra o concreto. Stephanie urra de dor, não faço ideia de onde estou tirando tanta força para lutar contra ela, mas é ódio demais dentro de mim que precisa ser jorrado para fora.

— Isso é por tudo de ruim que fez, sua víbora cor de rosa. — Afasto sua cabeça só para bater outra vez contra a parede, sangue jorra por seu nariz.

— Vou te matar... — Ela xinga, segura meu pulso de repente, e me puxa para frente. Seu punho colide contra minha boca com tanta força, que recuo dois passos para trás, antes de ser atingida no rosto outra vez. — Não se preocupe, não vou te matar agora, tenho outros planos.

Encaro seus olhos azuis, limpo meus lábios com a costa da mão, não irei deixar que me pegue. Stephanie ri para mim com sua testa vermelha por causa das batidas, nariz escorrendo sangue e cabelos desgrehados parecendo estar se divertindo ao invés de sentir fúria por eu tê-la atacado.

Stephanie leva as mãos às costas sem desgrudar os olhos de mim, preciso sair daqui antes que pegue sua arma. Olho para trás, a porta... preciso ir até à porta! Giro para correr até ela, mas paro com um grito quando Stephanie atira ao lado dos meus pés.

— Acha que vai embora? — Sobressalto com outro tiro, minhas mãos estão nos meus ouvidos e meu corpo treme. — Pegue-a Rubin!

Olho para cima assustada, um homem alto, careca e tatuado vem em minha direção, meus olhos arregalam, e pavor me paralisa. Ele é muito grande, se me pegar não vou conseguir me soltar. Ando para trás, mas acabo tropeçando em alguma coisa e caio no chão, batendo a cabeça no processo.

Lágrimas inundam minha visão, tento me arrastar para trás quando ele segura meu tornozelo e me puxa em sua direção, seu sorriso frio é a comprovação de que estou enrascada.

— Por favor, não, não... — Balbucio, ele se agacha, agarra meu pescoço com uma mão e com a outra coloca um pano sobre meu nariz e boca. Sou fraca demais para conseguir tirar suas mãos de cima de mim, mas me

debato com violência, arranho seus braços, tento gritar, mas tudo é em vão, porque ele é uma rocha e não se move com meus esforços.

Pânico me consome por não saber o que irão fazer comigo, estou com tanto medo de nunca mais voltar. Lágrimas escorrem por meu rosto em um pedido de socorro silencioso, rezando para alguém me salvar, porque sozinha eu não dou conta...

Paro de me debater quando meu corpo fica pesado demais, solto um soluço de desespero, não quero parar de lutar, mas não consigo... não consigo mais me mover, eu queria que tudo fosse um pesadelo do qual irei acordar daqui a pouco ao lado do homem que eu amo, porém, nada disso é um pesadelo, infelizmente, é a realidade que não sei, se conseguirei lidar.



Antônio arrasta o contrato em minha direção, pego uma caneta e fico segurando-a, rodando-a entre meus dedos enquanto encaro o pedaço de papel que poderá mudar minha vida daqui para frente.

O dinheiro que irei receber não só irá ajudar minha família, mas também poderá me ajudar a reconstruir minha loja. Meu coração bate ansioso desejando estar novamente nas pistas, quando acelerarei e ultrapassei meus adversários, chegando perto da vitória, algo dentro de mim se iluminou, foi como se tudo o que perdi fosse devolvido.

Lembro das palavras de Sofia e sorrio “... *Volte para a estrada que sempre pertenceu, Michael, voe como sempre voou e se liberte...*” levanto meu olhar, encontrando com o de Antônio e o resto da equipe técnica, todos estão me encarando com expectativa. Mesmo depois de ter perdido uma corrida eles ainda continuam confiando em mim, acreditando que sou capaz de levá-los ao topo.

Encaixo a caneta em meus dedos, abaixo a cabeça e com uma respiração funda assino o contrato, me tornando o piloto oficial do GP da Avintia Racing.

Coloco a caneta em cima do contrato e levanto a cabeça, eles ainda me encaram com surpresa. Sorrio alegre, me levanto e ergo as palmas das mãos

para cima.

— Feito, estou de volta! — Começo a rir quando todos me aplaudem e assobiam, um por um me abraçam, desejando boas-vindas, uma emoção cresce dentro de mim, querendo que meu irmão estivesse aqui pelo menos mais uma vez, mas sei que aonde ele estiver, estará torcendo por mim.

— *Felicidades mi chico* — Antônio segura meu rosto, seus olhos estão brilhando de emoção. — *Bienvenido de nuevo, Michael*.

— *Gracias hombre* — agradeço, retribuindo o abraço.

— *Necesitamos celebrar, porque tenemos mucho trabajo por delante*.
— Grita, pegando uma garrafa de champanhe.

Sinto minhas bochechas doerem devido ao meu sorriso largo, aqui é onde pertenço, estar de volta era tudo o que faltava para me sentir completo, agora só preciso contar para minha esposa.

Coloco a mão no bolso ao sentir meu telefone vibrar, peço licença e me afasto para atender. Franzo a testa, preocupado ao ver o nome da Magali no identificador de chamada.

— ¿Pasó algo, Magali?

— *Oi Michael, não, não aconteceu é que... Sofia está com você?*

— Não, estou em uma reunião de negócios. — Respondo em alerta.

— *Falou com ela... hum... há quanto tempo o senhor falou com ela?*

— Tem umas duas horas, por quê? — Magali fica em silêncio.

— *É que estou tentando ligar para ela, mas só cai na caixa postal*.

— Tentou ligar na empresa?

— *También, mas nada*. — Fico calado, meu coração começa a bater alarmado. — *Estou com um pressentimento ruim, Sof nunca deixou de se comunicar*.

— Vou até ela, não se preocupe.

— *Não, não Michael, não quero que abandone o que está fazendo...*

— Tenho um encontro com ela, já estou finalizando aqui. — Olho para trás, Antônio me olha com um sorriso alegre, porque para ele sou seu *chico*

de oro. — Te ligo assim que estiver com ela.

— *Certo... obrigada, Michael, fica com Deus.*

— Amém, fique com ele também! — Finalizo a ligação, seleciono o número da Sofia e ligo caindo direto na secretária eletrônica, o mesmo acontece no telefone da empresa.

— *¿Pasó algo, hijo?* — Antônio pergunta, segurando meu ombro.

— Sim, não consigo falar com minha esposa, *estoy preocupado.*

— *¿Por qué no vas tras ella? ¿Hemos terminado aquí!* — Assinto, agradecido por ter me dispensado.

— *Gracias Antônio* — ele me dá um último abraço antes de eu ir embora. Monto em minha moto e corro em direção a Martin.

A ligação de Magali não só me deixou preocupado, mas despertou uma sensação ruim dentro de mim, não posso baixar a guarda, não quando está acontecendo tantas coisas. Freio bruscamente ao avistar carros de polícia, paramédicos e jornalistas em frente à Martin, há também uma faixa amarela cercando toda a empresa e impedindo as pessoas curiosas de se aproximarem.

Minhas mãos começam a tremer, desmonto da moto, tiro meu capacete congelado no lugar, morrendo de medo do que vou encontrar. Demoro alguns segundos a retomar o controle do meu corpo, meus passos começam a acelerar, empurro as pessoas sem me importar se estou sendo rude. Alguns jornalistas me reconhecem e começam a me cercar, não entendo nada que dizem, depois de muita dificuldade consigo me livrar deles e passar por baixo da fita amarela.

Meus olhos começam a procurá-la, mas algo dentro de mim, diz que não irei encontrá-la, céus... que pressentimento é esse?

— Ei, você não pode entrar! — Um policial empurra meu peito com fúria, apenas olho para ele sem conseguir dizer que sou o esposo da dona desse lugar.

— Deixe-o Mikey — repreende Brandon. — Ele é o esposo da senhorita Sofia. — O policial pede desculpas e se afasta.

— Que porra é essa? — Pergunto, Brandon fica me olhando com uma

expressão fria. — Sofia está lá dentro? — Dou um passo à frente, mas ele me bloqueia, fazendo meu corpo inteiro paralisar, meu coração bate acelerado e tudo parece desaparecer quando suas palavras saem da sua boca.

— Sinto muito Michael, mas Sofia foi sequestrada.

Tudo ao meu redor começa a ficar silencioso, cambaleio para trás em choque. Sua declaração ainda dança em minha mente, minha visão está cheia de flashes e é por isso que estou sentindo esse sufoco dentro do meu peito, mas... tem que ser mentira, tudo isso tem que ser a porra de uma mentira!

— Michael, você está bem? — Volto a encarar Brandon, sinto vontade de rir da sua pergunta tosca.

— Como assim bem? Minha esposa foi sequestrada e você quer que eu esteja bem? — Coloco as mãos na cabeça, olhando ao redor. — E os seguranças? Sofia tinha seguranças!

— Eles foram mortos.

— Mortos? Mas que porra é essa? — Brandon abaixa a cabeça, olho por cima do seu ombro quando os paramédicos saem com uma maca da empresa, Eduardo está ao lado da pessoa que recebe os primeiros socorros, seu rosto está apavorado, me aproximo deles.

— O que aconteceu? — Pergunto para os paramédicos tentando reanimar Camila, ela está ensanguentada, Eduardo segura sua mão, balbuciando palavras que não consigo entender.

Diminuo meus passos quando ninguém me responde, estou perdido, me afasto sem insistir. Fico observando-os colocarem-na dentro da ambulância, Eduardo entra junto. Viro para Brandon e Nestor parado à minha frente, o choque de repente é substituído pela fúria.

— Abram a desgraça da boca! — Exijo, impaciente.

— Chegamos no horário combinado, mas só encontramos uma bagunça do caralho. — Nestor explica. — Os seguranças foram mortos com uma bala na cabeça, encontramos também a secretária da Sofia enforcada e a Leticia morta dentro do seu escritório. Não sabemos o que aconteceu, está tudo uma bagunça, Michael, mas quem quer que fez isso, tirou Sofia daqui com vida.

— Meu Deus... — Levo a mão à boca e mordo com força, tentando me

concentrar... me acalmar primeiro antes de agir. — Suspeito... quem é o suspeito? As câmeras... tem câmeras espalhadas por todo lugar, onde estão as filmagens? — Eles ficam me encarando sem dizer nada. — PORRA, que caralho!

Viro de costas e saio caminhando olhando em volta. Tem que ter algo que registrou a saída da Sofia, uma pista para mostrar onde devo começar.

— Michael? — Empurro com violência os jornalistas filhos da puta que se aproximam, estou tão furioso que sou capaz de espancar quem tiver a ousadia de me interromper. — Porra Michael!

Brandon me puxa antes que eu chegue na minha moto, ele me prensa contra um carro com os antebraços no meu pescoço, seus olhos estão fervendo de raiva.

— Você deveria estar vigiando-a, filho da puta! — Rosno, tentando me desvencilhar. — Onde você estava? Hum? Onde?

— Estava com Jason, te falei que iria me encontrar com ele.

— E deixou minha mulher vulnerável? Sozinha? — Pergunto indignado. — Se você estivesse aqui nada disso teria acontecido, essas pessoas não teriam morrido e Sofia estaria a salvo.

— Fica calmo, homem! — Resmungo, me imobilizando com fúria, amaldiçoando e respiro fundo.

— *Ficar calmo* o caralho, como vou ficar calmo? Minha mulher... meu anjo.... porra! — Fecho meus olhos, acalmando minha respiração.

— Jason me contou tudo, Michael, foi a Stephanie, sua ex! — Abro os olhos. — Ela matou David e Leticia, deixou uma sujeira sem nem se importar em esconder suas merdas, ela é perigosa, Michael, além disso ela... porra, foi ela que assassinou Marlon.

Silêncio é tudo o que ouço neste momento, sinto o chão ceder sob meus pés sem acreditar em toda essa merda. Eu estive com ela seis anos, achando que a conhecia e convivendo com a *assassina* do meu irmão? Eu chorei por aquela garota, a amei de todo meu coração e... e...

— Marlon descobriu que ela estava traficando pessoas, ameaçou dizer tudo para você, mas ela armou uma emboscada e matou seu irmão. Tudo foi

armação, Michael. Não foi uma briga de território, não foi por causa de drogas, foi queima de arquivo como suspeitávamos.

— Não pode ser... não, não... ela não seria capaz... porra, eu...

— Fica calmo! — Solto a respiração com violência. — Precisa usar a cabeça e nos ajudar, Michael, porque é com ela que Sofia está.

— O... quê?

— Foi a Stephanie que sequestrou a Sofia e só Deus sabe o que ela fará com aquela garota se não as encontrarmos. — Brandon se afasta. — Stephanie é uma traficante de pessoas e... ela pode estar querendo vender a Sofia, Michael, se isso acontecer, podemos nunca mais encontrar sua esposa.

Minha visão nubla de lágrimas, o ar dos meus pulmões, começa a desaparecer quando pânico me consome. Levo as mãos à cabeça, totalmente atordoado, sem saber o que fazer. Estou confuso, preciso me acalmar... preciso me pôr no lugar de novo, recuperar o controle.

Meu telefone toca e automaticamente atendo, rezando para que seja uma luz para que eu possa encontrar minha mulher.

— *Michael, aqui é Dominic.* — Congelo, porra... é isso!

— Sim, sim, sim!

— *Está tudo pronto para agir, irei com você até Angel para recuperar a outra carga, mas antes você precisa interceptar a outra que estará a caminho do México daqui a três horas.*

— E a Stephanie?

— *Ela receberá a carga no ponto de encontro com Fuentes.*

— Certo!

Fico encarando o pneu da minha moto enquanto entendo os planos da Stephanie. Ela irá vender a carga roubada para Fuentes, assim poderá ter a proteção do homem mais perigoso do México contra a Danger. O que quer dizer que, ela terá uma vantagem, pois Victória pensará duas vezes antes de atacar Fuentes ou alguns dos seus protegidos por ser tão poderoso quanto ela.

Mas não faço ideia se ele trabalha com tráfico humano, porque se ele traficar, Stephanie pode estar pensando em dar Sofia como um agrado pelos

negócios que fizeram e isso... isso é doentio, porque só Deus sabe o que acontece com essas mulheres trancadas naqueles cartéis.

Engulo em seco, afastando as imagens horrorosas que passam por minha mente ao imaginar Sofia no meio desse mundo. Porra, prometi que a afastaria de toda maldade. Aperto minhas mãos e inspiro fundo voltando ao meu foco.

Só que Stephanie não faz ideia que tenho uma vantagem em relação a Fuentes, que de alguma forma bem estranha ele me considerou seu protegido, então tenho a chance de mudar o rumo dos seus planos, virando-o ao meu favor. Preciso calcular de forma fria para não perder a cabeça e para não deixar que minhas emoções estraguem tudo o que planejo fazer.

— *Michael?* — Dominic me desperta com sua voz grave e rouca.

— Eu estou aqui.

— *Traves estará te esperando no ponto de encontro, ele te ajudará.*

— Ok!

— *Te vejo mais tarde!* — Dominic desliga, fecho meus olhos com força, contando de 1 até 10.

— Michael? — Brandon me chama quando monto na moto e coloco o capacete sem dizer nenhuma palavra. — O que pretende fazer? — Olho para ele com intensidade, ocultando qualquer sentimento que possa me atrapalhar nesse momento.

— Estou indo salvar minha mulher.



Com os olhos fechados, escuto o ronco do motor antes da moto sequer aparecer. Durante duas horas e meia, tento acalmar meus nervos. Cada minuto que se passa, é como se eu estivesse perdendo Sofia.

Abro os olhos quando Arthur para à minha frente, ele retira o capacete e inclina no guidão da moto com um arroxeadado na bochecha. O olhar que me lança é sombrio, dentro dele está uma bagunça, mas além de tudo, é a preocupação que o consome nesse exato momento. Ainda não o perdoei pelo que fez.

— O que aconteceu com seu rosto? — Pergunto para manter minha mente ocupada.

— O que acha que aconteceu? — Umedeço os lábios, desviando meu olhar. — Mamãe me atacou quando você saiu, pior de tudo, é que tive que levar uma surra, calado. Um marmanjo apanhando da mãe, porra...

— Um marmanjo que só faz merda! — Retruco, encarando minhas luvas.

— Você sabe como a mão dela pesa, não sabe? — Assinto, se tivéssemos em outro momento, estaria rindo com toda certeza.

— Por favor, vê se aprende dessa vez. — Peço com a voz fraca, fecho os olhos quando o vento da noite bate em meu rosto.

— Vamos trazê-la de volta — ele sussurra, balanço a cabeça e olho para trás ao escutar o motor de uma Lamborghini, em segundos ela para ao nosso lado e um homem vestido de preto, alto e musculoso sai dela.

— Michael? — Seus olhos se prendem nos meus, esse cara, parece aqueles homens da montanha, assustador e mortal.

— Sim — do outro lado desce mais um, só que ele é mais novo e tem um olhar gentil, mas sabe-se Deus o que é capaz fazer.

— Sou Traves e esse é Noah. — Ele aponta para seu companheiro. — Gostou das motos?

— São modificadas, certo? — Traves, assente com um sorriso de lado.

— Victória coleciona muitos brinquedinhos, vai por mim. — Assinto, ele olha em volta da estrada. — Estão preparados?

— Sempre — Arthur responde, soltando a respiração.

— A carga já está em movimento.

— Vocês estão monitorando? — Arthur pergunta curioso, querendo

saber como eles sempre têm todas as informações necessárias.

— Nossas cargas são rastreáveis, burra foi sua ex em pensar que não iríamos descobrir onde ela estaria. — Traves responde me olhando com diversão.

— Ela atirou no próprio pé. — Sussurro, contorcendo a luva.

— Com certeza! — Traves se aproxima e estende uma pistola. — Acho que vai precisar, camarada. — Seguro a arma, confiro se está carregada e a coloco encaixada dentro do macacão.

— Não vou ter dó de atirar. — Ele ri, entregando uma para Arthur.

— Victória está admirada com seu clube, não é comum vermos pessoas limpas nesse mundo de *moto clubes*. — Zomba, encostando no carro e olhando para seu relógio.

— Seria um elogio?

— Aceite como quiser. — Seu sorriso morre, ele levanta o olhar e me encara. — Está na hora garoto, não tenha compaixão. Faça o que tem que fazer, nem que seja se sujando de sangue. — Aceno com a cabeça. — Estarei logo atrás, pode deixar que dos capangas, cuido eu. Só faça o que tem que fazer.

— Ok! — Traves e Noah entram na Lamborghini e partem, olho para Arthur, ele inspira fundo, coloca o capacete e segue o carro.

Fico encarando a estrada sem fim, escura, sombria e solitária, lembrando da tarde em que trouxe Sofia aqui, escutando-a me dizer pela primeira vez o quanto me ama.

Desmonto da moto, me agacho e toco o asfalto com as pontas dos dedos, sentindo a textura do chão. Fecho meus olhos, inspiro fundo numa promessa de que não importa o que aconteça, trarei minha esposa de volta.

Levanto com uma respiração funda, abro os olhos, arrumo meu macacão e calço as luvas, chegou a hora de acabar com isso. Não faço ideia do que encontrarei ou do que enfrentarei, mas sei que salvarei a mulher que amo, nem que para isso eu tenha que perder minha vida.

Não demora muito para alcançar Arthur e Traves, que assim como eu,

cortam os carros e ultrapassam os sinais fechados em alta velocidade, sem se importar com nada.

Entramos na rodovia onde dá acesso à fronteira do México, adiante, avisto um caminhão com três carros fazendo sua escolta. Olho para a Lamborghini, estamos em número menor, não sei se conseguiremos vencer... calo meus pensamentos, assim que mais dois carros se juntam a nós.

Certo! Quem sou eu para duvidar da Danger?

Olho para Arthur quando paro ao seu lado, e com dois dedos sinalizo para aproximarmos do caminhão. Ele assente e acelera, empinando um pouco a moto.

Ultrapasso os carros, meu coração salta ao parar ao lado esquerdo do caminhão. O homem que está no carona, me olha através da janela um pouco confuso, depois seus olhos vão para o retrovisor arregalando-os quando o nosso plano começa a entrar em ação.

Não presto atenção no que está acontecendo atrás de mim, mas escuto tiros, sons de pneus, freadas e gritos. O caminhão acelera, o homem desce a janela, e aponta uma pistola em minha direção. Desacelero um pouco, e começo a me movimentar fazendo zigue zague para fugir dos disparos.

Ele amaldiçoa quando não consegue ter uma mira boa por causa dos movimentos e da alta velocidade. Ele volta para dentro, decerto para recarregar, me dando tempo suficiente para analisar como irei entrar na cabine.

Freio bruscamente ao vê-lo apontar um fuzil em minha direção, meu coração dispara quando ele a posiciona nos braços, leva alguns segundos para eu conseguir ficar na traseira do caminhão, se tivesse demorado mais um pouco não teria escapado das balas daquela arma.

Espero um tempo antes de voltar a ficar ao lado do caminhão, seu motor ronca por estar fazendo esforço demais para correr. O capanga ainda está apontando o fuzil, um sorriso estampa seu rosto ao me ter bem na sua mira, mas dura pouco, suas mãos são perfuradas por balas vindo de trás de mim, ele solta um urro de dor, deixando o fuzil cair e eu desvio, ficando ao lado da cabine.

Acelero a moto sem perder mais nenhum segundo, seguro a escada lateral e salto da moto, colocando meus pés no apoio. A moto perde o controle e vai em direção ao acostamento, desvio meus olhos dela e com um pouco de dificuldade pela instabilidade e velocidade, abro a porta.

Os olhos do capanga se encontram com os meus quando agarro seu braço, suas mãos estão ensanguentadas e seu rosto está refletindo a dor do tiro. Aproveito a oportunidade e o puxo para fora, ele solta um grito aterrorizado antes de cair, escuto seu corpo colidir contra o chão, se morreu ou sobreviveu, não faço ideia e nem me importo.

Seguro firme na escada quando o caminhão começa a fazer zigue zague na tentativa de me fazer cair, bato meu corpo contra a lataria. O motorista freia bruscamente, voltando a acelerar logo em seguida. Xingo, sentindo minhas mãos escorregarem, trinco os dentes abrindo a porta novamente, impulsiono meu corpo para cima e entro na cabine. Meu punho colide de imediato no rosto do motorista, que perde o controle do caminhão, invadindo a contramão.

Seguro o volante e estabilizo o veículo, fecho a porta enquanto o motorista choraminga de dor, pego minha pistola e a encosto na sua têmpora, ele fica imóvel e sem reação. Não faço ideia se ele é um deles ou é apenas um caminhoneiro. Ele levanta as mãos trêmulas do volante, apavorado.

— Coloca a mão na porra do volante. — Grito, ele assente me obedecendo e mantendo o caminhão na estrada. — Você trabalha para eles?

— Não... eu n-não... fui contratado para transportar essa carga... merda, nem me deixaram saber o que tem dentro do baú, aceitei porque era uma grana boa, precisava de dinheiro... Sou apenas um caminhoneiro cara, apenas isso. — Ranjo os dentes, olhando pelo retrovisor.

— Aquele que atirou em mim, quem ele era?

— Ele... ele... — O caminhoneiro engole em seco, seu rosto rechonchudo está encharcado de suor, por um momento sinto pena dele. — Ele que me pagou, cara.

— Ótimo — solto a respiração. — Estaciona o caminhão.

— O qu- u-ê?

— Estaciona a porra do caminhão! — Ele assente quando pressiono a arma com mais força na sua têmpora, ele diminui a velocidade até parar. — O negócio é o seguinte, você vai descer com as mãos para cima e ir em direção ao carro vermelho, um desses caras vai te levar embora.

— V-vão me ma-a-tar? — Seus olhos estão fixos à frente, seu corpo treme de medo.

— Essa carga pertence à máfia, se você ficar com a boca fechada, nada acontecerá. Agora sai!

Ele assente, abre a porta e sai com as mãos para cima conforme foi ordenado. Me ajeito no banco do motorista, retiro o capacete e olho para fora pela janela.

Um dos caras leva o caminhoneiro até o carro, Traves me lança um aceno com a cabeça para que eu prossiga, Arthur para ao meu lado com a moto ligada.

— Vamos para Angel agora. — Grito através do ronco do motor, fecho a porta e coloco o pé no acelerador.

Dirijo por pelo menos uns vinte minutos antes de chegar no complexo dos Evil Angels. Estaciono no acostamento da estrada e desço, encarando o clube lotado de motoqueiros do outro lado.

Arthur desmonta da moto e me segue, olho para trás quando um Suv para ao lado das motos estacionadas antes de eu entrar no clube. As conversas frenéticas e risadas cessam quando notam nossa presença.

Cabeças se viram em nossa direção, a música baixa é o único barulho presente. Todos, sem exceção, ficam eretos e prontos para uma possível briga. São homens perigosos, criminosos e foragidos da lei que não aceitam que invadam seu território e muito menos se importam em matar qualquer um que os desafiem.

Fecho as mãos em punho, estou me fodendo para esses filhos da puta, quero apenas a carga que está com a Angel para poder salvar Sofia. Meus olhos procuram por ela em meio a massa de músculos.

— Quero falar com a Angel — informo, quebrando o silêncio, um dos motoqueiros se aproxima, alto, tatuado e com um colete de couro. Ele esfrega

sua barba comprida e desce seus olhos por meu corpo, solta uma risadinha de deboche antes de fixar os olhos verdes nos meus.

— Roupinha legal! — Caçoa, fazendo os outros rirem.

— Preciso falar com a Angel. — Repito impaciente. — Estou sem tempo, cara.

— Você vem em nosso clube, faz toda essa cena e diz que está sem tempo? Você acha que é o que, *piloto* de merda?

— Quem é você aqui? — Pergunto, dando um passo à frente, desafiando-o. — É o líder ou é apenas um subordinado? — Ele rosna, mostrando os dentes.

— Olha aqu...

— O que está acontecendo? — Ele congela ao escutar a voz da Angel.

— Esse pedaço de merda. É isso o que está acontecendo. — Ele abaixa a cabeça, se afastando para dar passagem a ela. Todos que estavam um pouco mais perto, se afastam como se tivessem medo de ficar próximo demais dela.

— Deve ter uma explicação, não é, *Michael*? — Seus olhos frios me encaram com intensidade, engulo em seco.

— Quero a carga que Stephanie te deu de volta, Angel. — Ela fica me encarando por longos segundos, a música foi desligada deixando apenas o silêncio.

Seus lábios se esticam em um sorriso gélido, ela alisa sua sobrancelha direita, meus olhos encaram seu braço tatuado, analisam suas roupas escuras e voltam a fitar seus olhos.

— Te devolver meu pagamento?

— Essa carga foi roubada, e pertence à pessoas perigosas.

— Certo! — Ela solta uma risada sem humor. — E acha que darei ela assim, de mão beijada?

— Não faço ideia da dívida que Stephanie tem com você, mas a vida da minha mulher depende disso.

— Foda-se, seu merdinha! — Ela se aproxima, dou um passo para trás

colocando distância entre nós, porque se até seus homens morrem de medo de ficar perto dela, quem sou eu para arriscar? Seus olhos brilham com diversão.

— Eu te respeito, Angel, mas se não me entregar, vou ter que tomar outras providências.

— Ah é? Como faria isso? — Angel coloca as mãos na cintura, umedece os lábios e olha em volta, Arthur está congelado ao meu lado. — Porque se eu te entregar, você ficará me devendo, e acredito que seu clube falido não terá o valor para quitar mais uma dívida, não é Arthur?

— Tem pessoas poderosas envolvidas nisso, acho melhor você nos entregar como uma boa menina. — Lanço um olhar de advertência para Arthur, ele é um idiota e apenas me ignora.

— *Boa menina?* — Ela rosna furiosa. — Vou lhe mostrar o que é ser uma b...

— Senhorita Angel? — Seu corpo enrijece, seu olhar encara o homem por cima do meu ombro. — Preciso que entregue a carga aos meninos como foi pedido.

Olho para trás, Dominic está sentado na cadeira assistindo tudo de modo tranquilo. Seu terno escuro e mãos enluvadas deixa-o com um ar sombrio. Sinto calafrios percorrer meu corpo, esse cara é frio, calculista e perspicaz.

Volto a olhar para Angel que está congelada o encarando, o clima fica ainda mais tenso do que antes.

— Por que eu faria isso?

— Porque a carga nos pertence, senhorita. — Apesar da educação de Dominic, sei perfeitamente que por trás da sua máscara há um homem que mataria em segundos todos que estão aqui, inclusive Angel.

— A carga está nos fundos do clube. — Ela declara sem mais delongas e sem deixar de encarar Dominic. — E como fica a minha dívida? Essa carga foi o meu pagamento.

— Recobre da Stephanie, senhorita, não temos nada a ver com essa dívida, estamos pegando apenas o que é nosso de volta. Algum problema quanto a isso? — Dominic pergunta, ela nega com a cabeça. — Pois bem!

Espero que o que aconteceu aqui seja esquecido, os garotos vão pegar a carga e não serão tocados.

— Entendi... — Angel sussurra, fitando meu rosto com uma promessa silenciosa.

— Victória não perdoa quando tocam nos seus protegidos, espero não ter que te rever em uma situação desfavorável para seu clube. — Seu rosto fica pálido diante da ameaça, ir contra a máfia é declarar guerra.

— Só peguem a porra da carga e se mandem daqui. — Ela rosna, olho para Arthur e sinalizo para que siga o motoqueiro para que possa pegar o caminhão, ele assente.

— Tenha uma ótima noite, senhorita Angel. — Dominic se despede, olho mais uma vez para ela antes de sair.

Caminho de volta para o caminhão, me encosto nele e apanho meu celular. Respiro fundo, e envio uma mensagem para Fuentes que responde um minuto depois confirmando.

Levanto a cabeça ao avistar o caminhão um pouco menor do que esse, sendo dirigido por Arthur, ele buzina e entra na rodovia, pesado demais para correr.

Putá merda, onde a Danger arruma tanta arma para contrabandear? Essa carga não deve valer menos que alguns milhões de dólares.

Abaixo a cabeça, e encaro a foto de Sofia no celular antes de partir para o ponto de encontro com Fuentes. Meu coração martela por todo caminho, rezo para que minha garota esteja suportando com garra tudo o que está acontecendo, mesmo que esteja sendo difícil e apavorante, ela precisa se manter firme até eu chegar.

Vinte minutos depois paro o caminhão no meio do deserto. Desligo o motor e fico encarando cinco carros parados um pouco distante de onde estou com os faróis baixos. Minha estratégia foi mudar o ponto de encontro para entregar a carga e obter sua ajuda enquanto Stephanie espera na fronteira.

Desço e ando em direção a eles com as mãos levantadas para mostrar que estou desarmado. Os seus capangas saem dos carros com armas apontadas, Fuentes é o último a sair. Ele ajeita seu terno, olha para os

caminhões e depois para mim com um sorriso.

— *Mi chico dorado!* — Diz, pedindo para que seus capangas abaixem as armas. — *Estoy sorprendido, no tenía idea de que serías tú quien negociaría.*

— Tivemos uma mudança de planos. — Ele me olha sério, esfrego meus lábios com ansiedade. — Quer conferir?

— *Claro chico* — Fuentes fica me encarando com atenção percebendo que algo está acontecendo antes de me seguir, ele segura o ombro de Arthur ao passar por ele, Traves está um pouco distante assistindo tudo com os braços cruzados sem se intrometer. — *¿Qué estás haciendo, Michael?*

— Preciso disso. — Respondo, abrindo o baú do caminhão, Fuentes encara os caixotes.

— *Hola Álvaro, ven aquí!* — Ele grita com os olhos presos nos meus. — *Verifique todas las cajas.*

— *Sí señor* — Álvaro entra no baú e começa a verificar cada caixote, confirmando tudo para Fuentes. Depois de aproximadamente cinco minutos, ele certifica de que tudo está ok e que pode prosseguir com as negociações.

— *Señor, estoy aquí en nombre de Victoria Vargas.* — Fuentes cruza os braços, franzindo as sobrancelhas. — Ela gostaria de fazer negócios com seu Cartel, essa carga é o pouco do que ela tem para você.

— *¿Trabajando con la mafia, chico?* — Ele estala a língua descontente.

— Foi necessário, *señor* — confesso envergonhado, Fuentes se aproxima e segura meus ombros.

— *¿Qué está pasando, hijo?* — Fico encarando seus olhos gentis, me perguntando porque me olha como se eu fosse algo importante para ele.

— Por quê? — Ele inclina a cabeça para o lado. — *¿Por qué me tratas con tanta admiración?* — Fuentes sorri, batendo de leve na minha bochecha.

— *Te acuerdas de mi difunto hijo, el que no pude salvar.* — Diz se afastando, e olhando para Traves. — *Dile a tu señora que me llevaré todo.*

— *Gracias Fuentes.*

— *Prométeme que no harás más esto, no entres en este mundo, Michael.* — Seus olhos suplicam para que minhas palavras sejam a que ele tanto quer, assinto e recebo um sorriso largo e um aperto no ombro. — *Buen niño!*

Ele vai até Traves, fecho as portas do baú e olho em direção à fronteira, onde provavelmente está minha esposa. Meu peito aperta carregado de medo, Arthur se aproxima de mim e me lança um olhar preocupado, sabendo que a nossa hora está chegando ao fim.

— *Necesito ir ahora* — Fuentes diz, fecho minhas mãos em punhos. — *Nos vemos en las pistas Michael, esta vez ganando.* — Ele acena para mim, afasto do caminhão quando um dos seus homens liga o motor.

— Fuentes? — Chamo quando ele começa a voltar para seu carro. — *Preciso da tua ajuda.*

Fuentes se vira, me olhando com seriedade e frieza. Engulo em seco temendo que cobre algum preço por isso, mas a única coisa que recebo é um aceno de cabeça sutil.

— *Mi esposa... está en peligro* — revelo angustiado, porque nesse momento ele é o único que pode me ajudar.

— *Dime Michael, ¿qué planeas hacer?*

Olho para o horizonte, sentindo a sua dor e seu medo, então rezo para que Deus conforte seu coração, dizendo-a que não está sozinha, que aguarde só mais um pouco, que não desista, que tudo isso irá passar para que finalmente possamos recomeçar.



Estou trancafiada dentro do porta-malas a aproximadamente uma hora. contei cada segundo desde o momento em que acordei com a tentativa de me acalmar e manter minha mente focada apenas nos números e não no medo.

Tento enxergar alguma coisa, mas está escuro demais. Tento me mexer, mas tanto meus tornozelos quanto meus pulsos estão amarrados. Engulo em seco ao sentir dor por cada parte do meu corpo, e a amordaça está fazendo meu maxilar doer.

— *Eles estão demorando, era para estarem aqui!* — Stephanie diz distante, pelo timbre da voz parece estar furiosa.

— *Estou tentando entrar em contato com Jason e Wender, mas cai direto na caixa postal.*

— *Porra Rubin, vocês são uns merdas do caralho.* — Escuto passos, e de repente o porta-malas é aberto, Stephanie me encara com o rosto contorcido pela raiva. — Tira essa puta daqui!

O homem de antes reaparece, pavor me toma novamente quando suas mãos se fecham com força em volta do meu braço, me puxando para cima e me tirando de dentro do porta-malas.

Ele me coloca no chão, olho em volta encontrando o nada, apenas escuridão, um nó se forma na garganta, o que eles irão fazer comigo? Volto a

tremer de medo, preciso sair daqui... preciso fugir. Fito as mãos do tal Rubin em volta do meu braço pensando em uma alternativa de me soltar.

— Puta merda! — Stephanie vocifera, andando de um lado para outro.
— Aconteceu alguma coisa, Jason não iria ir contra minha palavra.

— Ele estava muito estranho da última vez que eu o vi.

— E não me falou nada, seu merda?

— Não fico vigiando seus pupilos quando tenho uma porrada de coisa para resolver. — Engulo em seco quando ela para de andar e se vira, se eu fosse ele eu manteria minha boca fechada, essa mulher é doente. Rubin aperta mais meu braço, fazendo-me encolher de dor.

— Está brincando com a minha cara? — Ele rosna, Stephanie se aproxima, mas são meus olhos que ela encara. — Tenho nojo de você... nojo de te olhar, nojo de saber que você ainda respira. — Ela levanta a mão e bate no meu rosto tão forte que desequilibro, Rubin me solta e caio no chão, soltando um gemido quando o cascalho me machuca.

Lágrimas escorrem por meu rosto, olho para frente e me arrasto para longe deles, uma tentativa burra de fugir. Solto um grito abafado quando mãos enormes agarram meus tornozelos e me arrasta para trás. Meu choro se intensifica ao sentir minha pele sendo ralada pelo cascalho. Minha barriga queima de dor, meu corpo convulsiona de desespero... meu Deus me ajuda!

— Deixa ela comigo! — Rubi me gira, coloco as mãos em meu peito, sentindo as batidas frenéticas do meu coração, ele me olha estranho, com maldade.

— Faz o que quiser. — Stephanie diz, olho para ela sentada no capô do carro me encarando, ela sorri para mim e me assusto quando as mãos de Rubin sobem por minhas pernas.

— Vou tirar essa corda dos seus tornozelos e você vai ficar quietinha, ok? — Fico congelada, olhando-o cortar a corda. — Agora ficou mais fácil, boneca. — Meu estômago revira ao perceber suas intenções, ele vai... ele vai... não, não...

Desespero me consome, suas mãos voltam a me tocar, tento me afastar chorando de angústia e pavor, ele solta meu tornozelo e começa a subir, só

que para quando chuto seu rosto nojento. Rubin grita de surpresa, me arrasto com a ajuda dos meus pés, tento chutá-lo mais uma vez, mas ele segura minha perna e me puxa com fúria em sua direção.

Solto um grito me debatendo até ficar sem fôlego, meu corpo fica fraco pelo choro, olho para o lado rezando por ajuda que eu sei que nunca virá.

— Solte-a, Rubin! — Stephanie ordena, fecho meus olhos sentindo suas mãos tocando minha pele exposta. — Mandeí você parar, porra! — Grito ao escutar o tiro sendo soado perto de mim, Rubin congela por alguns segundos antes de se afastar de mim, solto o ar aliviado.

— Mas que caralho! — Ele resmunga, me erguendo e fazendo-me ficar ajoelhada, pedras perfuram meus joelhos.

Olho para ela recarregando a arma, por um momento penso que me salvou de um estupro, mas, na verdade, ela só fez isso porque há um comboio de luzes vindo em nossa direção.

Meu coração acelera em saber que poderei ser salva, mas..., mas... se estivessem vindo para me salvar, Stephanie e Rubin não estariam tranquilos e... felizes? Olho para o rosto de cada um, eles estão sorrindo?

Céus... quando esse inferno vai acabar?

Levo as mãos amarradas ao meu rosto, apertando meus olhos, meu choro silencioso está longe de acabar e dependendo do que irão fazer comigo, prefiro morrer do que suportar tudo isso...

— Não são eles... — Rubin sussurra.

— O quê? — Desço minhas mãos, o comboio para enquanto dois carros e uma moto se aproximam com os faróis baixos. — Claro que são eles, seu idiota.

Eles param um pouco distante, prendo a respiração ao encarar o motoqueiro com roupas escuras se misturando com as sombras. Meu coração dói querendo desesperadamente que fosse Michael. Dois homens saem de um dos carros antes de abrir a porta de trás.

— Cadê a desgraça da carga? — Stephanie pergunta baixinho, um homem alto de terno anda ao nosso encontro, sinto como se eu já o tivesse visto.

Estreito meus olhos tentando reconhecê-lo, tentando lembrar de onde eu o vi... Meu coração salta quando seu olhar se cruza com o meu. Esse homem, é aquele que estava conversando com Michael no dia da corrida, o tal de...

— Fuentes! — Stephanie saúda com alegria, ele continua me encarando. — Tivemos um imprevisto com a carga, mas já estamos resolven...

— ¿*Quién es esa persona?* — Pergunta, apontando com o queixo em minha direção, Stephanie franze a testa sem entender.

Fico encarando-o paralisada, ele fala espanhol? Sinto meus olhos se arregalarem e a possibilidade de ser salva cresce dentro do meu peito, se eu falar português ele vai entender? Se eu pedir ajuda ele vai me salvar?

— Socorro... — Murmuro em português, mas o som da minha voz é abafado pela mordaça, meus olhos voltam a encher de lágrimas, preciso sair dessa situação.

Fuentes olha para meus captores, caindo em si que eles não fazem a mínima ideia do que estamos falando. Franzo a testa quando um pensamento perturbador me atormenta, se ele é um empresário esportivo, o que ele faz aqui? Stephanie parece conhecê-lo... céus, quem são essas pessoas?

— ¿*Estás herido?* ¿*Te tocaron?* — Ele está perguntando se estou bem? Leva alguns segundos, mas assinto de leve com ressalva de quem ele pode ser. — Então essa é a garota que querem me vender? — Fuentes diz em inglês, jogando fora toda a esperança que eu tinha de que ele fosse me salvar.

— É do seu gosto, fiquei sabendo que gosta de brasileiras. — Stephanie fala com satisfação.

— São atrativas. — Ele volta a me olhar. — *Mantén la calma, pequeña.* — Sua voz é doce e tranquila.

— Por favor... — Imploro forçando a garganta e fitando seu rosto através das lágrimas, Stephanie se vira e bate no meu rosto com fúria, caio no chão reprimindo o gemido de dor. Rubin me levanta outra vez com brutalidade, abaixo a cabeça perdendo as forças de lutar.

— Cala a porra da boca, filha da puta! — Ela rosna. — Aperta mais

essa mordada. — Ordena. Rubin vai para trás de mim e aperta com mais força, machucando ainda mais minha boca e tirando um grito de dor.

— Está querendo me vender uma garota ou o resto dela? — Fuentes parece contrariado, ele coloca as mãos nos bolsos. — Essa garota vale muito para ser machucada.

— Vamos lá, aposto que elas não são tratadas como princesas.

— Minhas garotas são minhas princesas. — Ele declara, tirando uma risada incrédula da Stephanie.

— Quem você quer enganar, Fuentes? — Ela estala a língua e me olha com malícia. — Um milhão por ela.

— *Um milhão?* — Fuentes gargalha com vontade, realmente achando graça. — Pensei que eu iria ganhá-la de brinde. — Meu estômago revira com essa declaração, me sinto um pedaço de carne sendo negociada.

— Você tem interesse por ela, eu pelo dinheiro, acho justo chegarmos em uma negociação onde ambos ganharemos.

— *Hijo de puta!* — Ele a xinga. — *Todo estará bien, pequeña, solo tomará unos segundos más.* — Fuentes diz para mim, assinto de leve não suportando mais isso. De relance, vejo o motoqueiro erguer dois dedos e inclinar para frente, segundos se passam e o único barulho que escuto é o corpo de Rubin caindo, olho para trás a tempo de vê-lo colidir contra o chão com uma bala alojada em sua testa.

O que foi que aconteceu? Meu corpo treme com violência, pavor me consome por inteira e quando volto a olhar, dou de cara com a arma da Stephanie apontada para mim. Seus olhos estão arregalados e há uma fúria transluzindo por eles quando uma mira laser aparece em seu peito.

Ela olha para baixo, ficando imóvel, escuto ela rosnar. Stephanie levanta a cabeça, encarando Fuentes com o rosto contorcido de raiva, estremeço com sua frieza.

— Que porra é essa? — Grita indignada, sigo com o olhar a luz vermelha da mira, ela vem dos carros que ficaram para trás.

— A garota tem dono, o que faremos? — Fuentes declara fazendo-me prender a respiração. Será que sabe quem sou?

Minha atenção é atraída para o motoqueiro, ele desmonta da moto e retira o capacete. Sinto como se o tempo parasse, e começasse a se movimentar em câmera lenta. Seus olhos castanhos cruzam com os meus... olhos que foram capazes de enxergar minha alma.

Meu corpo estremece conforme o choro se intensifica, Michael fica me encarando com a expressão ilegível, fria e calma, mas seus olhos estão perturbados e apavorados.

Meus olhos são atraídos para sua boca que se movimenta — *Estou aqui!* — Ele diz, quero poder me levantar e correr para seus braços onde estarei segura.

Balanço a cabeça de leve, Michael desvia os olhos de mim e encara Stephanie sem demonstrar nenhuma ação ou sentimentos.

— Michael? — Stephanie sussurra, tão surpresa quanto eu. — O quê... o quê...

— Larga a arma e vamos conversar. — Ele pede. — É ridículo o que está fazendo.

— Ridículo? — A voz dela sai furiosa, Stephanie dá um passo em minha direção, mas é impedida quando uma bala silenciosa impregna no chão ao lado dos seus pés, impedindo-a de se aproximar. — Sabe o que vou fazer se eu apertar esse gatilho, Michael?

— Mas você não vai fazer isso. — Ele diz tentando se manter calmo.

— Por que não? Ela me tirou você... ela roubou você de mim! — A arma estremece, olho para seu rosto, seus olhos estão cheios de lágrimas. — Eu te amei tanto, Michael, por que você me faz sofrer assim? Por que insiste em afastar a única pessoa que te ama?

— Por que você matou Marlon? — Arregalo os olhos. Stephanie matou seu irmão? Michael dá um pequeno passo para o lado com as mãos levantadas. — Por que fez isso, Stephanie?

— Ele... ele quis te tirar de mim, não podia deixar que isso acontecesse, você é meu Michael, *meu!*

— Stephanie...

— Por que você não quer me amar? Sou perfeita para você, éramos felizes. Por que devo pagar por seus erros, Michael? Eu só quero que fiquemos juntos.

— Você tem que entend...

— NÃO! — Ela grita através do choro e me lança um olhar perdido, como se algo dentro dela tivesse quebrado. — NÃO, NÃO, NÃO, NÃO... Sofia te tirou de mim, assim como Marlon, David e Leticia queriam, eles tentaram fazer com que você se afastasse de mim e tentaram te matar, eu te salvei de todos eles. — Stephanie volta a olhar para Michael. — Eu não consigo... eu não consigo viver sem você, me perdoa... me perdoa, mas eles precisavam morrer, eu te salvei meu amor, eu te salvei!

Michael fica encarando-a abismado, Stephanie me encara com os olhos sem brilho... sem alma.

— Ela precisa morrer...

— Ei, meu amor! — Michael diz, chamando sua atenção. — Estou aqui por você. — Stephanie nega com a cabeça.

— Não, você está mentindo... — Ela desvia os olhos transtornados.

— Não. Eu vim por você, para salvar você.

— Me salvar?

— Sim! Olha para mim, Stephanie. Sou eu, seu Michael! — Solto um soluço quando o choro retorna. — Eu te amo, não estraga tudo. Podemos ser felizes juntos, mas você tem que se conter.

— Ela sempre estará em nosso caminho... ela vai me tirar você, todos querem te tirar de mim, mas eu não vou deixar que isso aconteça, não vou deixar... não vou deixar... — Stephanie fica encarando-o, ambos sem dizer nenhuma palavra, Michael está mais perto de mim, ele se moveu sem que ela percebesse.

— Lembra de quando éramos felizes? — Ela assente. — Você não quer isso de volta?

— Sim...

— Por que não esquece tudo isso, e vamos reconstruir nossa vida? —

Stephanie limpa seu rosto com as costas da mão, olhando ao redor. Fuentes apenas nos assiste com a feição ilegível, alguns de seus homens estão em posição de ataque.

— Você está mentindo... — Ela sussurra — Você os trouxe aqui para se livrar de mim, não é? Você quer me vender, Michael? — Ele fica imóvel, Stephanie está realmente perturbada, o que está acontecendo?

— Não meu amor, vim te levar para casa. — Michael fala com carinho e estende a mão. — Venha, vamos para casa comigo, vou cuidar de você assim como fazia quando estávamos juntos.

— Mesmo? — Ela murmura, lágrimas escorrem por seu rosto. — Você não quer me vender? — Ele nega. — Você veio me buscar?

— Sim. Vem comigo!

Stephanie fica encarando sua mão por alguns segundos, Michael dá mais um passo para o lado, ela não se move. Os segundos parecem levar um século, engulo em seco quando ele me olha.

— Você não me ama! — Desvio meu olhar e fito o rosto da Stephanie transformado em algo mais frio. — Você estava olhando para ela... você não me ama, é tudo mentira... Vocês todos estão me enganando!

— Não, você entendeu errado... — Michael se cala quando ela começa a gargalhar.

— MENTIRA! — Ela grita, se virando para mim e segurando a arma com as duas mãos, seus olhos estão presos nos meus, espalhando calafrios por todo meu corpo.

— Stephanie...

— Ele está mentindo, Michael nunca vai voltar para mim, enquanto você estiver viva!

Inspiro fundo encarando a arma, nada mudará o fato de que irei morrer, seus olhos frios dizem isso. Stephanie vai fazer de tudo para me tirar do caminho e acho que não tenho mais chances. Fecho meus olhos por um momento acalmando meus nervos.

Volto a abri-los e encaro Michael, seus olhos estão arregalados, sua

cabeça balança de um lado para o outro sabendo o que irá acontecer. Lágrimas escorrem por meus olhos lembrando do momento em que o vi pela primeira vez, do nosso primeiro beijo e da nossa primeira vez. Passamos por tantas coisas, juntos... o amei com todo meu coração, sem ressalvas.

Sei que a bala que irá se alojar na minha cabeça vai me levar para sempre, mas pelo menos vou embora com a certeza de que vivi nosso casamento com intensidade, que aproveitei cada segundo que me foi dado.

Michael vai sofrer tanto, será como uma corda se arrebitando e levando sua felicidade para longe. Queria poupá-lo da dor de mais uma perda, mas ele vai se reerguer, superar tudo o que aconteceu. Porque mesmo do outro lado dessa vida, estarei sempre segurando sua mão.

Olho para ele pela última vez, agradecendo pela alegria que me proporcionou, por ter me entregado seu coração, e por ter se tornado mais que um esposo... Quero que saiba através do meu olhar que ele foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida.

Volto a encarar a arma, pronta para meu fim. Lutei com garra, mas tudo foi mais forte do que eu. Fecho meus olhos escutando as batidas do meu coração... inspiro fundo e ouço o disparo do tiro...

Sobressalto ao sentir um peso sobre mim me derrubando, abro os olhos a tempo de ver Michael cair em cima de mim, outro tiro é soado, ele solta um gemido em meu ouvido e seu corpo contrai.

Fico imóvel tentando entender o que aconteceu. Michael pesa, meus olhos se enchem de lágrimas quando minha mente começa a ficar mais clara, ele... ele... Não... não... *Michael...*

O empurro para o lado, tirando-o de cima de mim. Michael solta um gemido fechando os olhos, tento tirar a mordaca, mas não consigo. Remexo meus pulsos tentando afrouxar as cordas do meu pulso, mas ela fica ainda mais apertada, solto um soluço vendo-o se contorcer de dor.

Me aproximo dele através do choro, sem conseguir suportar perdê-lo. Coloco as mãos em seu rosto, fazendo-o abrir os olhos cheios de lágrimas. Michael está ficando pálido a cada segundo, balanço a cabeça sem acreditar que esse pesadelo ainda continua.

— Eu... te amo... — Sua voz sai sussurrada, ele tosse e arfa me apavorando. Desço minhas mãos por seu corpo procurando a ferida da bala. Congelo ao sentir o líquido na sua cintura. Levanto as mãos, sangue... sangue... fico paralisada.

Outra vez... outra vez a morte levando quem eu amo... volto a olhar para Michael, ele luta para respirar, tento tirar a mordaça e com muita dificuldade e dor eu consigo.

— Michael? — Chamo sentindo dor na garganta ao dizer seu nome, seguro seu rosto. — Por favor não feche os olhos...

— Eu te... amo... — Ele sussurra.

— Não me deixa... — Imploro, suas mãos seguram as minhas, seu aperto é fraco, engulo com dificuldade.

— Sempre estarei ao... seu lado... — Michael pisca pesado, perdendo a consciência.

— Michael, olha para mim, não me deixa, eu não... eu não vou aguentar... — Digo perdendo a voz para o choro doloroso, ele fecha os olhos, suas mãos se soltam das minhas, seu peito para de se mover e de repente sou arrancada dele.

Solto um grito e me debato enquanto choro em desespero, alguns homens se aproximam de Michael, tudo fica silencioso, lento e perturbador. Braços fortes me abraçam me impedido de voltar até ele.

— *¡Mantén la calma, pequeña, mantén la calma!* — Fuentes sussurra, me imobilizando, congelo ao ver o corpo de Stephanie caído no chão, e há uma poça de sangue ao seu redor.

— Não, ele não... — Minhas pernas enfraquecem e Fuentes me segura firme, impedindo que eu caia.

Meus olhos encaram o corpo de Michael, um dos homens se vira e encara Fuentes. Ele me abraça mais apertado, um gesto que sei bem o que significa, porque foi assim que Magali me segurou quando meus pais morreram... foi assim que eu soube que eles tinham ido embora da minha vida para sempre.

Encolho-me e enterro meu rosto em seu peito, quando meu choro se

intensifica, solto um grito doloroso, não vou suportar viver de novo... eu não vou suportar ficar sem...

— *Gracias a Dios* — Fuentes sussurra, ele me afasta e corta a fita dos meus pulsos com um canivete, paro de chorar ao vê-lo sorrir. — *Se acabó, mi pequeño*. — Sussurra segurando meu rosto. — *Terminó...*

Ele se levanta me deixando sentada no chão, fico confusa e perdida sem entender o que está havendo. Viro o rosto, meu coração salta quando os homens levantam Michael com o macacão abaixado, seu rosto está contorcido pela dor.

Um dos homens enfaixam a sua cintura, outro, segura um colete escuro. Fico estagnada, assistindo toda a cena sem conseguir emitir nenhum barulho. Eles aparentam ser médicos e... parece que já estavam preparados para isso.

O homem que enfaixou Michael diz algo a ele, meu coração bate acelerado quando seus olhos cravam nos meus, Michael assente, e todos o ajudam a se levantar. Ele solta um gemido, coloca a mão na cintura e inspira fundo se estabilizando.

Michael vem em minha direção, dispensando qualquer ajuda, ele anda com um pouco de dificuldade, fazendo careta por todo caminho. Ao parar à minha frente, ele estende a mão um pouco trêmula, o que me leva para o dia do nosso casamento.

Naquele dia pensei que ele não apareceria, mas ele foi, estendeu a mão e me levou ao altar com a promessa de me amar até a eternidade. Certo que foi tudo uma farsa, mas nem sabíamos que era o destino mexendo os pauzinhos.

Engulo o caroço que formou na garganta, levanto a mão e comprimo meus lábios trêmulos ao sentir sua mão grande e forte se fechar sobre a minha e me puxar para cima, me levando direto para seus braços.

Michael geme quando o abraço apertado, sentindo seu calor e o cheiro de sua pele, chorando aliviada por ele estar vivo. Ele retribui, entrelaçando a mão entre meus cabelos.

— Eu pensei... pensei que tinha te perdido. — Sussurro entre os soluços.

— Shhhh... estou aqui! — Michael me embala, sussurrando o quanto me ama e que nunca iria me deixar. — Acabou, meu anjo... acabou...

Afasto um pouco e deslizo a mão em seu peito, me certificando de que isso é real, de que não estou sonhando.

— Você levou um tiro.

— Estava com colete à prova de balas. — Olho para ele.

— Você... você desmaiou?

— Acho que foi o susto ou o medo de te perder. — Michael sorri, colocando uma mecha atrás da minha orelha e sumindo com o sorriso. — Eles te machucaram...

— Estou bem!

— Tudo bem não está! — Sussurra, assisto uma lágrima solitária escorrer por seu rosto. — Estava com tanto medo...

— Eu também! — Balbucio, balançando a cabeça.

— Nunca vou te deixar!

— Promete? — Ele encosta a testa na minha, soltando um gemido de dor e assentindo.

— Prometo! — Diz, acariciando meu rosto, meus olhos desviam dos seus e vão em direção à Stephanie caída no chão. — Não olha!

— Ela... ela morreu?

— Não sei! — Michael me gira, me levando de volta para seus braços. — Isso não importa! — Fala, beijando minha cabeça. — Vamos embora.

Ele se abaixa e me pega no colo, encosto a cabeça no seu peito, sentindo todo peso sair do meu corpo. Michael me acomoda no banco de trás de um carro e se senta ao meu lado, voltando a me aninhar em seus braços protetoramente.

— Acabou... — Murmuro.

— Eu te amo...

Ele me beija com carinho e com cuidado, enterrando seu rosto entre meu pescoço e me segurando firme. Seu corpo estremece, mas não de dor ou

de medo, mas de alívio por estarmos um nos braços do outro de novo.

Michael encosta sua testa na minha e roça seus lábios nos meus me acordando desse pesadelo. Ele veio por mim e quase morreu para me salvar, sei que tudo o que aconteceu vai nos marcar para sempre, mas não permitiremos que isso nos consuma, pois, iremos mais uma vez superar esse trauma um ao lado do outro até o nosso último suspiro.



Meus batimentos aceleram, minhas mãos estão tão geladas que as esfrego para dissipar a tensão que paira em meu corpo inteiro. Estou tremendo, não de medo, mas de apreensão, de expectativa e de esperança.

Se passaram três meses desde que tudo aconteceu. Demorou para voltarmos ao normal, apesar de que sempre lembraremos desses dias de pesadelo, conseguimos seguir em frente, mas mesmo assim acordo de vez em quando de madrugada com medo de estar presa naquelas horas infernais.

Martin está a cada dia ganhando seu espaço de destaque outra vez. Ainda não acredito que Leticia foi a responsável por tudo o que vinha acontecendo, pior é saber que ela foi amante do meu pai. Cheguei a duvidar, achei que ela estava realmente louca, mas Magali confirmou que tudo isso foi verdade, que minha mãe descobriu e pediu o divórcio, porém, o amor deles ultrapassou barreiras e, principalmente, superaram essa fase ruim. Minha mãe perdoou meu pai pela traição, voltando a ser a família que eram.

É muito difícil saber que meus pais foram assassinados por fúria de uma amante louca e que o homem que amei um dia era seu cúmplice. Não tenho mais dúvidas de como o destino pode nos surpreender. Stephanie de algum jeito tinha uma ligação com a minha família, ajudando Leticia, sua melhor amiga, a cometer essas atrocidades. Agora ela terá que pagar por tudo o que fez trancafiada para sempre.

Foi sorte ela não ter morrido depois do tiro que levou nas costas dos homens de Fuentes, infelizmente fico feliz por estar respirando, a morte seria uma punição muito pouca para todos os crimes que cometeu, principalmente pelo assassinato de Marlon.

Olho para Eduardo parado ao meu lado, abraçado com Magali enquanto encara a Tv. Seus olhos estão tristes e olheiras estampam seu rosto cansado. Camila continua hospitalizada e em coma induzido, não sabemos se ela acordará. Os médicos falam que tudo dependerá de sua força de vontade de viver, embora tenha me traído, quero que acorde e que encontre seu final feliz.

Dois dias depois do ocorrido, Nestor e Brandon provaram que a moto de Michael foi sabotada. Ele tinha desconfiado de algo errado no dia do acidente, porque uma moto não explode do nada, mas Michael permaneceu quieto, só que as circunstâncias dos acontecimentos o fizeram esquecer desse detalhe. Só caímos em si, quando Jason despejou tudo no interrogatório, contando todos os podres da Stephanie e do que fez por ela.

Com David e Leticia mortos, Stephanie na cadeia e a justiça fazendo o seu dever, começamos a respirar aliviados sem medo de ter que passar por tudo isso de novo. Estamos em paz, seguindo com nossa vida, cada dia mais apaixonados um pelo outro.

Estou mais unida com a família Sanches, Mason me trata como filha, e é um pai babão. Arthur continua dando trabalho para Araci, ele ficou internado apenas dois meses em uma clínica de reabilitação e saiu prometendo estar curado, porém, vício não se cura, se controla, só espero que Arthur coloque juízo na cabeça oca que tem.

Olho para ele que tem um corte na testa, resultado do ataque de Araci ao pegá-lo com uma mulher qualquer dentro de casa. Ela detesta ver o filho vagabundeando por aí. Seus olhos se encontram com os meus, um sorriso brota em seus lábios e sei que tudo o que faz de errado é para suprir o vazio que sente em seu coração.

Arthur não é um cara ruim, pelo contrário, ele é maravilhoso, educado e carinhoso, mas busca consolo em lugares totalmente errados. Ele contorna o braço forte em meu ombro me levando para seu peito, beijando o topo da

minha cabeça. Arthur só precisa encontrar seu destino, agora sem nenhuma dívida ou ameaça, está na hora dele escolher um outro caminho a trilhar. Estaremos ao seu lado como uma família deve estar.

Meus nervos voltam ao ver Michael ultrapassando seu adversário em uma curva, surpreendendo a todos da equipe. Meu coração bate mais forte com a chegada da reta final.

Michael voa pela pista, como se ali fosse tudo o que ele mais necessita. Vê-lo na pista, é senti-lo por completo, é ver seus olhos ganharem vida. Ver Michael em cima daquela moto, é como assistir um pássaro alçar voo depois de anos, aprisionado dentro de uma gaiola.

Meus olhos se enchem de lágrimas querendo presenciar sua subida no pódio, depois de superar todos os seus medos, seus traumas e toda a dor impregnada em seu coração. Se somos perfeitos juntos? Talvez não, por isso sempre farei de tudo para sermos o melhor um para o outro, fazendo o possível para que seu sorriso não desapareça e que nunca mais passe por uma tempestade sozinho. Segurarei sua mão e superaremos o insuperável juntos como um casal.

Prendo a respiração quando um dos seus adversários dá um toque na traseira da sua moto, me afasto de Arthur e chego mais perto da Tv. Meus olhos estão fixos em Michael que tenta a todo custo controlar a moto. Coloco as mãos geladas nas bochechas, temendo que caia.

— Vai Michael, se controle, você consegue... — Sussurro, não ouço nada, apenas as batidas aceleradas do meu coração.

Junto as mãos e encosto-as na boca, sussurrando palavras de incentivo como se ele pudesse me ouvir. Engulo em seco, inspiro fundo assistindo-o voltar a ter o controle da moto, mordo o lábio inferior, falta apenas uma volta... apenas uma que o separa da vitória.

Sopro as mãos, Michael se aproxima do piloto que está na liderança, entra na pista reta, e acelera como nunca vi, ultrapassando-o e cruzando a linha de chegada.

— Porra... ele venceu! — Arthur diz, incrédulo.

Fico congelada no meu lugar, assistindo Michael vindo em nossa

direção. O silêncio reina no box, como se o tempo tivesse paralisado, olho para trás, todos estão estagnados encarando a tela da Tv. Araci tem lágrimas escorrendo por seu rosto, Mason tem os olhos arregalados e Arthur penteia seus cabelos para trás com as mãos trêmulas.

Ninguém se mexe, muito menos dizem algo, ninguém está acreditando que depois de anos, Michael conseguiu superar todo seu trauma.

— Antônio? — Seus olhos se movem até encontrarem com os meus. — Michael... venceu! — Informo com a voz falhando. — Merda, ele venceu a corrida! — Falo com mais força, despertando todos.

— *Mi chico ganó* — sussurra, olhando para todos — *Mi chico ganó...* — E então o box de repente é preenchido por gritos, pulos e aplausos, todos abraçando uns aos outros.

Fico tão emocionada que só consigo assistir. Arthur me olha e assente, vindo até mim e me abraçando forte, me levando para o meio de todos que pulam de alegria pela vitória que tanto esperávamos.

Michael está de volta às pistas, e nada nesse mundo o fará desistir. Todos vão para fora, Magali me abraça apertado, chorando junto comigo. Edu, caçoa dela, se arrependendo quando as mãos pesadas dela colide em seu braço, nos fazendo rir, espero que ela não se torne uma Araci da vida!

Ao longe avisto Michael chegar, ele para a moto e é cercado por todos, eu apenas espero meu momento chegar. Michael tira o capacete, fala alguma coisa e fixa os olhos em mim, todos ficam em silêncio e abrem caminho quando ele desmonta da moto.

Parado ali, vestido de macacão escuro e cabelos bagunçados, vejo o homem mais lindo que já vi, aquele que foi capaz de mudar minha história, curando minhas feridas, me fazendo sentir a mulher mais especial e única do mundo.

Nenhuma palavra explicaria o que estou sentindo nesse momento. Se ficaremos para sempre juntos, só o tempo dirá, mas farei o impossível para que sempre estejamos um ao lado do outro, nos amando por inteiro.

Seus olhos estão cheios de lágrimas enquanto fica ali parado me olhando. Michael entrega o capacete para Arthur e caminha em minha

direção, me olhando... sempre me analisando como se eu fosse o centro do seu mundo, e nada mais importasse para ele.

Michael para há alguns metros de distância, sorriu para ele querendo seu toque e ansiando seu gosto. Dou um passo à frente com pressa de tê-lo, mas congelo quando se ajoelha, erguendo uma caixinha em sua mão. Michael a abre, revelando um anel com uma pedra azul.

— Nunca imaginei que um começo errado, daria tão certo. — Michael declara, limpando a garganta. — Mas como discutir com o destino que gosta de nos surpreender? Desde que coloquei meus olhos em você vestida de noiva, Sofia, soube que minha vida mudaria. Ainda me questiono se foi naquele momento em que me pediu em casamento que me apaixonei por você. — Comprimo meus lábios trêmulos, Michael sorri. — Fui um cara idiota, vamos lá... um corno assumido!

— Sim, tenho que concordar! — Solto uma risada, assim como todos que estão assistindo, principalmente os repórteres que começaram a nos filmar.

— Meu problema foi querer ser amado pela pessoa errada. — Michael fecha os olhos por alguns segundos. — Eu me enganei com o amor, amei errado e me permiti ser amado de maneira errada, mas você veio como um anjo iluminar minha vida, reviver meus sonhos e me ensinar que o amor não é doloroso. Ao seu lado, pude me sentir amado da forma que sempre busquei, foi em seus braços que encontrei refúgio e foi em seu coração que encontrei meu lar. Por isso, Sofia, estou aqui ajoelhado à sua frente para fazer o certo. Sem você, sou incompleto, é como cruzar a linha de chegada e não ter ninguém para comemorar. Quero você todos os dias, todas as noites e todos os momentos da minha vida... quero você de corpo e alma, quero te amar da maneira que você merece, quero formar uma família que merecemos, com cinco filhos de preferência! — Aperto meus lábios com os dedos, segurando meu choro e rindo dele. — Sou louco por você, e nada nesse mundo explicaria, por isso, ajoelhado aqui, eu te faço esse pedido: quer passar o resto da sua vida ao meu lado, Sofia Martin? Você aceita se casar comigo?

Lágrimas escorrem por meu rosto, suas palavras preenchem meu coração a ponto de querer explodir. As lembranças dos meus pais me vêm à mente, sinto como se eles estivessem ao lado de Michael me olhando,

vibrando por mim. Sinto tantas saudades que me dói, mas sei que onde quer que estejam, estão torcendo por mim e finalmente poderão descansar em paz.

— Eu... aceito! — Murmuro em resposta fazendo todos gritarem e aplaudirem, Michael se levanta e vem até mim, retira o anel da caixinha e o coloca no meu dedo, limpando meu rosto logo em seguida. — Eu te amo tanto!

Essas palavras são as únicas que consigo dizer, Michael encosta a testa na minha, roçando seus lábios nos meus, suas mãos entrelaçam meus cabelos e um sorriso discreto estampa seu rosto.

— Você estará vestida de noiva... só que para mim! — Levanto as mãos e seguro seu pescoço, sentindo a pulsação acelerada de seu coração.

— Uma noiva em seu caminho.... — Michael ri, capturando minha boca em um beijo apaixonado, pulo em seu colo, entrelaçando as pernas na sua cintura. — Agora vamos pegar seu prêmio, piloto!

Michael desvencilha sua boca da minha, me encara com os olhos incrédulos caindo na real de que ele realmente venceu. Seu sorriso se alarga, ele me coloca no chão e se vira para todos.

— Porra, eu venci! — Ele grita com tanta emoção que sei que está lembrando do seu irmão, Michael se vira para mim, sorrindo. — Nós vencemos!

— Sim, nós vencemos!



Paro em frente aos guardas e estendo meus pulsos para que os algemem, sinto o metal encostar na minha pele me deixando irritada. Um dos quatro guardas segura meu braço e me guia pelos corredores, o portão de grade que dá acesso à sala de visitas é destrancado.

Estar na prisão é uma droga, estou a ponto de enlouquecer por ficar na solitária pela quarta vez, depois de me envolver em brigas com algumas detentas filhas da puta que acharam que eu iria abaixar a cabeça para elas e aceitar suas regras de merda.

Avisto meu pai sentado à mesa com as mãos cruzadas em cima dela. É a segunda vez que ele me visita nos três meses que estou trancafiada aqui.

O guarda me acomoda na cadeira à sua frente e me orienta a permanecer com as mãos à vista, sem tocar em meu pai, muito menos fazer movimentos bruscos. O guarda se afasta um pouco para nos dar privacidade.

Olho para meu pai, ele me encara com um olhar vazio, sem brilho. Umedeço meus lábios e recosto na cadeira, reparando o quanto emagreceu desde a última vez que eu o vi.

— Demorou para vir.

— Você quer que eu venha mais vezes te visitar? — Pergunta arqueando uma sobrancelha.

— Tanto faz, pelo menos tenho algo para me distrair.

— Você foi para a solitária novamente? — Dou de ombros, encarando um policial parado ao lado de uma detenta a poucos metros da gente. — Mau comportamento só aumentará sua pena.

— E você se importa? — Volto a olhar para ele. — Ninguém se importa se ficarei aqui para sempre, então por que devo me importar?

— Você poderia ter chance de sair. — Sorrio sem humor, balançando a cabeça.

— Vou sair daqui você sabe, não é? — Digo com confiança. — Tenho contatos e Michael vai me ajudar.

— Ele vai? — Seus olhos ficam sombrios.

— Michael me ama e não vai me deixar trancafiada aqui. Ele vai acordar e perceber que Sofia não é nada, que nunca vai amá-lo como eu. É questão de tempo.

— Michael não quer nem ouvir falar de você. — Solto uma risada, me inclinando na mesa e cravando meus olhos nos dele.

— Ele está confuso! — Afirmo, passando a língua em meus lábios ao sentir meu coração acelerar. — Michael me disse naquela noite que foi para me salvar, eu estava em perigo, mas atiraram em mim, me machucaram.

— Stephanie, você sequestrou Sofia. — Balanço a cabeça. Não é verdade, ela estava me desafiando, ameaçando tirar Michael de mim, por isso que fiz o que fiz para salvá-lo das mãos daquela sonsa. — E matou Marlon.

— Ele também me queria longe de Michael, pai, eu apenas fiz tudo para protegê-lo. Eu o amo e sei que vai me perdoar, ele só está confuso!

Meu pai esfrega o rosto, me fitando estranho. Não entendo porque as pessoas acham que o que fiz foi algo ruim. Tudo foi para proteger o homem que eu amo. Michael é tudo para mim e eu precisava cuidar dele.

Essas pessoas só querem o seu mal, querem fazê-lo sofrer, não aguento vê-lo iludido e se enganando. Michael me ama, eu sei disso. Sei também que ele vai dar um jeito de me tirar daqui como prometeu.

— Stephanie, hoje o juiz decidiu seu destino antes do julgamento.

— Por que eu não fui? — Pergunto, franzindo a testa. — Eu deveria estar lá, não? E meu advogado? Onde está?

— Não foi necessário, você é considerada perigosa demais para sair daqui. — Responde com a voz fraca, ranjo meus dentes. — Seu advogado estava presente, te representando, mas...

— Mas?

— As provas são concretas e Jason depôs contra você. — Ergo as sobrancelhas sem acreditar que esse filho da puta fez isso. — Foram mais de 100 mulheres traficadas, vários assassinatos, tráfico de armas e sequestro... você nem ao menos limpou suas merdas, não foi difícil descobrir seus crimes.

— E daí? — Pergunto, ficar fingindo que estou confusa não está adiantando porra nenhuma, preciso que acreditem que eu não estou apta a estar nessa droga de prisão.

— *E daí?* — Indaga, incrédulo. — E daí que você pode nunca mais sair da cadeia. — Fico olhando para ele, enquanto absorvo suas palavras. — Céus filha, você matou Marlon, destruiu a vida dos Sanches, e agora? Me diga? Como recuperar a minha dignidade? Como vou permanecer no clube que se tornou minha família sendo que minha própria filha matou o filho do presidente?

— Não sou sua filha, e como falei, Marlon queria me separar de Michael, assim como a Sofi...

— Chega! — Ele enterra o rosto nas mãos. — Chega!

— Michael vai me tirar daqui ele me ama! — Meu pai ergue a cabeça, me encarando. — E aqui não é tão ruim como imaginei.

— *Não?*

— Aqui as pessoas obedecem quem tem poder, consegui o meu. — Ele sacode a cabeça, esfrega a barba e batuca os dedos na mesa, visivelmente ansioso.

— Você não vai ficar aqui. — Sorrio, claro que não vou, que ideia! Será que ele achava que iria ficar aqui como se estivesse de férias? Meu pai olha para trás e depois para o relógio.

— Vai me tirar daqui? — Ele levanta o olhar.

— Apresentei alguns exames médicos e declarações dos psiquiatras alegando que você não está mentalmente bem.

— Como assim? — Pergunto rindo.

— O juiz decidiu que te deixará em um hospital psiquiátrico até sua pena sair. — Choque me atinge, ele só pode estar brincando!

— O quê?

— Você está confusa, é um perigo para qualquer pessoa que fique ao seu lado. Você esfaqueou três detentas e quase matou um guarda. O juiz acredita que você é um perigo para si mesma.

— Não sou louca! — Rosno entre dentes.

— Você não está bem filha, sinto muito.

— Não estou bem? Sério? Vocês que estão malucos em achar que vou aceitar uma coisa dessa. — Minha voz se eleva, raiva volta em cheio e encaro meu pai querendo atacá-lo.

— Foi a melhor escolha, lá você terá um tratamento para controlar sua mente...

— EU NÃO SOU LOUCA! — Grito com tanto ódio que me levanto de uma vez indo para cima dele, seguro sua jaqueta, sua mão segura meus pulsos, assustado com minha agressividade. — Me tira daqui, estou mandando você me TIRAR DAQUI SEU MERDA!

— Essa sua agressividade e obsessão por Michael não é sadio.

— Eu amo Michael, ele não vai me deixar presa em meio a loucos! — Sou puxada para longe do meu pai, o guarda me faz sentar, lanço um olhar mortal para meu pai. — Jason?

— Ele foi condenado a cinco anos de prisão por ser seu cúmplice, mas ele provou que você estava ameaçando-o com sua irmã. Ele entregou todos os lugares onde estavam as garotas, as drogas, as armas... tudo, só que sua irmã foi para um abrigo, já que só tem ele como família e o mesmo está preso.

— Grande merda, eu precisava dela para mantê-lo do meu lado. — Meu pai inspira fundo.

— Você só fez estragos, não sei onde eu errei na sua criação. — Fala decepcionado, abro e fecho as mãos tentando controlar meus nervos, um movimento chama minha atenção, olho por cima do seu ombro quando quatro homens altos, fortes e vestidos de branco vêm em nossa direção.

— Michael, onde está Michael? — Pergunto, ficando nervosa. — Ele não vai deixar isso acontecer! — Levanto quando os homens param atrás do meu pai, eles não são estranhos, estreito os olhos tentando reconhecê-los

— Sinto muito, minha filha, mas isso é para seu bem. — Balanço a cabeça, freneticamente. — Eu te amo, mas você é um perigo para si mesma.

— Não, não... — Dou um passo para trás. — Não sou louca! — Os homens avançam em mim, eu me debato e grito por ajuda, meu coração bate acelerado sentindo suas mãos em mim, me imobilizando. — ME SOLTA!

Olho para meu pai através das lágrimas de ódio. Ele apenas me encara sem nem me ajudar. Por que ele está permitindo que façam isso? Meu pai disse que me amava, que cuidaria de mim, por que está deixando esses homens me pegarem?

— Pai, me ajuda... — Peço quando sou arrastada para fora.

— Sinto muito, meu amor! — Diz, balanço a cabeça tentando me livrar desses homens.

— Você não me ama, nunca me amou, mentiu para mim todos esses anos! — Dou uma cotovelada no cara atrás de mim, escuto ele gemer de dor, mas os outros me seguram com mais força. — MICHAEL? — Chamo com meus olhos procurando por ele, desespero me corrói de uma maneira assustadora. — CADÊ O MICHAEL? ELE VAI ME TIRAR DAQUI! ELE PROMETEU!

— Precisamos sedá-la! — Um dos homens diz depois que acerto seu nariz, olho para ele imediatamente.

— Pai, me ajuda, por favor! Tudo o que fiz foi para proteger Michael, você tem que acreditar em mim, ele vai me tirar daqui, ele vai...

Um deles me abraça por trás enquanto me debato e grito, tento morder seu braço, mas não consigo, pois, um deles segurou minhas pernas.

— PAI! — Grito em desespero, olho para ele através do meu choro,

apavorada com o que vão fazer. — Eu não sou louca... eu não sou...

— Vou te visitar, prometo! — Lágrimas escorrem por seu rosto, mas sei que é fingimento, ele não me ama, Thierry está louco para se livrar de mim e se vingar por tudo o que fiz com ele.

— EU TE ODEIO! — Cuspo as palavras, olho para o lado quando um dos homens de branco segura uma seringa, seu sorriso me aterroriza, porque o reconheço, ele é um dos homens de Victória, céus, eles não vão me levar para um hospital, vão fazer muito pior. — NÃO OUSE ME TOCAR, SEU VERME! — Grito, ele apenas me olha, lançando um sorriso de lado. — EU VOU MATAR TODOS!

— Isso vai te deixar bem mais calminha! — Ele diz com sarcasmo, aproximando a agulha do meu braço, volto a olhar para meu pai.

— Eles são da Danger pai, eles vão me matar, me ajuda! — Declaro com a voz embargada. — Eu só estava protegendo o Michael, estou bem, eu juro! Prometo me comportar, eu prometo... Urgh... — Reclamo quando sinto a agulha penetrar meu braço, lágrimas escorrem por meu rosto quando sinto meu corpo amolecer. — Pai... não deixe que me levem... eu... eu... Michael... por que Michael não está aqui, ele prometeu...

— Você vai ficar bem, meu amor! — Meu pai para à minha frente, e segura meu rosto, sinto suas mãos geladas e trêmulas. — Vou estar com você, ok?

— Eu te odeio... odeio todo mundo, vou matar todos... vou destruir todos vocês... — Eles irão me fazer sofrer, Victória é impiedosa com quem mexe com ela, sabia que não seria fácil enfrentá-la, mas tinha tudo esquematizado, Fuentes iria me dar sua proteção, mas foi tudo por água abaixo por causa de Jason.

Meus olhos encontram com os do meu pai em um pedido de socorro, minha visão fica turva e a última coisa que penso antes de apagar é que passarei meus últimos dias vivendo o verdadeiro inferno nas mãos da Danger.



Ajeito meu terno com os nervos à flor da pele, meus olhos navegam pela igreja lotada, uma mistura de motoqueiros com gente chique abarrotados de dinheiro. Nos fundos, encontro Fuentes com seu terno impecável, ele acena de leve com a cabeça, sorrio agradecido por ter me ajudado a recuperar Sofia sem pedir nada em troca, apenas uma amizade sincera.

Mordo minha mão, apreensivo. Parece que estou nesse altar há dias esperando Sofia cruzar aquelas portas. Olho para Arthur ao lado de France que sorri feito um idiota por eu estar dentro de um terno, um dia ele passará por isso também.

Reviro os olhos e solto uma risada quando mamãe bate em sua nuca, ela está puta com ele, e não é pra menos, cada dia está com uma mulher diferente, deixando Araci soltando faísca. Tenho certeza que se um dia ele morrer, vai ser pelas mãos da nossa mãe.

Solto um suspiro longo e tento me acalmar, nem acredito que esse dia chegou. A música de repente começa a tocar, meus pelos eriçam e levanto meus olhos assistindo as portas se abrirem. Tudo desaparece no momento em que coloco os olhos na noiva segurando o braço do meu pai.

Meu coração bate descompassado quando começam a caminhar em minha direção, vê-la vestida como um anjo, é a prova de que Deus a colocou

em meu caminho com um propósito de me fazer o homem mais feliz do mundo.

Lágrimas escorrem por meu rosto, estou sem palavras para descrever esse momento ou o que estou sentindo. O queixo de Sofia treme por causa do choro reprimido, não choro de tristeza como da última vez, mas de felicidade por estar se casando com um homem que a ama com todas as suas imperfeições.

Ela pediu que meu pai a levasse, representando Wagner, seu pai. Mason não sabia o que dizer no momento do pedido, a emoção tomou conta dele, porque sei que deve imaginar como estaria Grace hoje. Ele e minha mãe, ganharam uma filha e eu uma mulher para amar a vida inteira.

Sofia vem em minha direção sob o tapete vermelho decorado com pétalas de rosas brancas. Seu vestido se ajusta através do corpete e, em seguida, brilha abruptamente na cintura fazendo-a parecer uma verdadeira princesa com uma coroa e um véu transluzindo vida e paixão.

Eles param, desço os degraus do altar, e me aproximo com meus olhos cravados nos seus cheios de lágrimas. Meu pai beija sua testa e me entrega a sua mão trêmula. O buquê de rosas vermelhas e um terço em volta, dá um destaque esplêndido ao vestido branco.

— Oi Michael... — Sussurra, emocionada.

— Oi...

Sofia sorri quando encosto minha testa na sua sem acreditar que isso tudo é real. Beijo seus lábios com delicadeza sem me importar se está na hora ou não. Me afasto e a levo ao altar, seguro sua mão enquanto o padre profere as palavras, lembrando de tudo o que vivemos até chegar aqui.

Me viro quando o padre pede as alianças, chego um pouco mais perto querendo tirá-la daqui e levá-la para o nosso quarto para que eu possa arrancar cada parte desse vestido que está me enlouquecendo de desejo.

Sorrio e aponto para porta, indicando que não estou com as alianças. Sofia franze a testa confusa e olha para o corredor. Ela solta minha mão a levando até a boca para abafar o soluço de surpresa, seu rosto volta a inundar de lágrimas quando vê Billy entrando vestido com um terno.

Foram dias treinando esse cachorro teimoso de como deveria entrar na igreja. Embora Sofia estivesse procurando um novo lar para ele, sabia o quanto ela o queria, só que o medo, a estava impedindo de reivindicá-lo, então dei um jeito de todos os selecionados serem recusados, até a chegada desse dia.

Sofia se agacha recebendo seu amigo com tanto amor visível a cada carícia, me junto a eles e esfrego a cabeça peluda de Billy. Sofia o beija e me olha emocionada.

— Michael o que significa?

— Significa que somos uma família agora. — Respondo, observando Sofia pegar as alianças presas no pescoço de Billy que lambe seu rosto, tirando uma risada dela.

— Essas alian... — Sua voz desaparece ao reconhecê-las. Ela solta um soluço. — Essas alianças são dos meus pais... — Seus olhos se fixam nos meus, incrédulos.

— Eu tive uma ajuda especial da Magali para obtê-las. — Retiro as alianças da sua mão e a levanto. — Quero que você carregue a lembrança do verdadeiro amor, pois, eles te ofereceram a vida, te apoiaram e te amaram. Você foi a razão deles sorrirem, você os completou. Infelizmente, seus pais não estão presentes, para que eu possa agradecê-los pela mulher incrível que colocaram no mundo. Então essas alianças são a prova que a família é o amor, quero que quando olharmos para elas, nos lembremos que, não importa o que aconteça, sempre venceremos qualquer barreira.

Sofia fica me olhando por longos segundos, seguro sua mão e a levanto, ela sorri fazendo meu coração acelerar outra vez.

— Isso é real? — Pergunta. Balanço a cabeça, colocando a aliança em seu dedo, fazendo-a minha esposa, aquela que foi capaz de tirar toda a minha escuridão, e me transformou no homem mais completo e feliz do mundo. Inclino e toco seus lábios com os meus, sentindo um turbilhão de sentimentos, sorrio e assinto com a cabeça.

— Sim, isso é muito real...



Agradecimentos

Quero deixar aqui a minha mais pura gratidão à Carina e Mariana, minhas amigas que estão sempre comigo, me ajudando na construção de cada personagem. E esse livro foi ainda mais especial, porque juntas, eu e Mariana, criamos uma trama do nada, com apenas ideias, animação e entusiasmos, com toque essencial da Carina por me divertir demais com seus surtos... e que SURTOS – até que nesse não teve tanto puxão de orelha, né amiga?

Obrigada por estarem aqui comigo, eu amo tanto vocês que não fazem ideia o quanto.

Quero agradecer a Deus, porque sem Ele nada disso estaria acontecendo, minha família por me apoiarem, todos os meus leitores que embarcaram em mais uma história bombástica com muitos assassinatos, né, porque não pode faltar! Espero ter dificultado um pouquinho o mistério :)

Quero agradecer também aos leitores do wattpad que acompanharam cada postagem, que comentaram, interagiram, que participaram dos nossos desafios... vocês deixaram isso tão especial que sinto que meu coração pode explodir a qualquer momento!

Espero que tenham gostado de Michael e Sofia, peço desculpas para você que infelizmente não se conectou com a história, isso é normal, não se preocupe, mas prometo que darei o meu melhor no próximo.

Muito obrigada a todos por estarem aqui comigo e até a próxima!

Beijocas da Jhenny!!!

Redes Sociais:



Leitoras da Jhenny



autora jenniffer alves

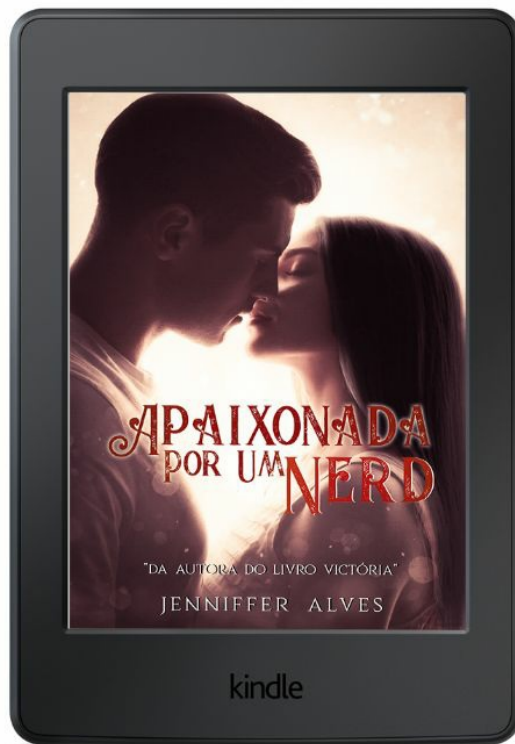


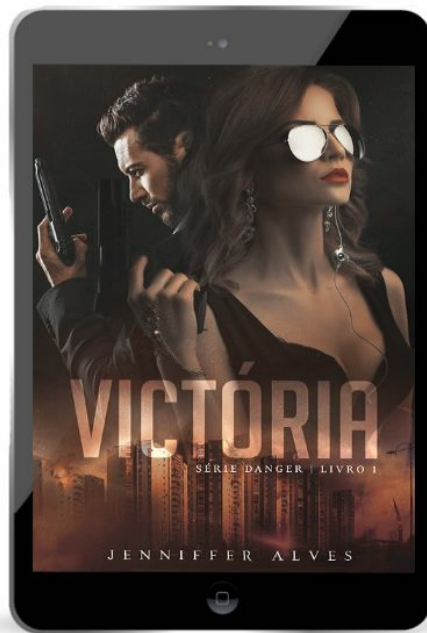
Autora Jenniffer

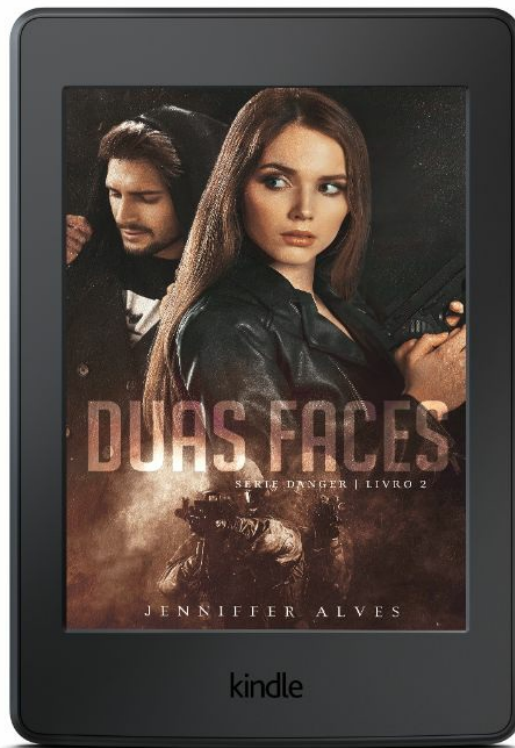


Grupo Leitoras da Jhenny

Leia também







-
- [\[1\]](#) Você é um bom garoto, mas não parece se encaixar.
- [\[2\]](#) Eu vivi muito tempo para dar esse conselho, este mundo não tem nada a ganhar ... apenas se perde, Michael.
- [\[3\]](#) Vá enquanto houver tempo, porque uma vez que você entrar neste mundo, nunca sairá, a menos que seja morto.
- [\[4\]](#) Anjos de patas